



Universidade Federal do Pará – UFPA
Instituto de Letras e Comunicação – ILC
Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL

MARCOS JAIME ARAÚJO

**TOPONÍMIA DE ORIGEM TUPINAMBÁ DO MUNICÍPIO DE BRAGANÇA/PA:
alguns resultados**

BELÉM

2019

MARCOS JAIME ARAÚJO

**TOPONÍMIA DE ORIGEM TUPINAMBÁ DO MUNICÍPIO DE
BRAGANÇA/PA: alguns resultados**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Letras e Comunicação – ILC, Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Análise, Descrição e Documentação das Línguas Naturais.

Orientador: Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes.

BELÉM

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)**

A658t ARAÚJO, Marcos Jaime
Toponímia de origem Tupinambá do município de
Bragança/PA : Alguns resultados / Marcos Jaime ARAÚJO. —
2019.
316 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade
Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Toponímia. Tupinambá. Língua Geral Amazônica. I.
Título.

CDD 410

MARCOS JAIME ARAÚJO

**TOPONÍMIA DE ORIGEM TUPINAMBÁ DO MUNICÍPIO DE BRAGANÇA/PA:
alguns resultados**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Letras e Comunicação – ILC, Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Linguística.

Data: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Sidney da Silva Facundes (Presidente)
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Professora Dr^a Gessiane de Fátima Lobato Pincanço (Membro interno)
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Professora Karylleila dos Santos Andrade (Membro externo)
Universidade Federal do Tocantins (UFTO)

DEDICATÓRIA

A minha família: Raélida, Marcos, Vítor e Yohana, por se constituírem membros de um mesmo pensamento, e que são belos e admiráveis em essência, estímulo que me impulsiona a buscar vida nova a cada dia, e por terem aceito se privar de minha companhia pelos estudos, concedendo a mim a oportunidade de me realizar profissionalmente.

Aos meus pais, Seu Moacyr e Dona Benilda, pela educação que me proporcionou melhor visão do mundo e por estarem sempre ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu guia, por que nada acontece sem a sua permissão. Pela oportunidade e pela força de vontade, privilégio que me foi dado para que eu pudesse, finalmente, terminar esta pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Sidney Facundes, por ter aceito uma ideia de *alius magister*. Ainda, pela orientação e discussões sobre o desenvolvimento desta Dissertação.

Especialmente à Professora Carmen Lúcia Rodrigues, pela ideia da pesquisa e pelas primeiras orientações.

Ao Sr. Raimundo Ramos de Lima (conhecido como Manga, meu sogro), 73 anos, radialista e ex-vereador do Município de Bragança/PA, primeiramente por ter me acompanhado na visita aos seis distritos do município (sede, Almoço, Nova Mocajuba, Tijoca, Caratateua e Vila do treme) e me apresentado aos moradores dos distritos estudados, e também por me contar um pouco da história de Bragança/PA e validar os dados coletados, uma vez que é um profundo conhecedor do local de estudo.

Ao maranhense de Carutapera, mas autodenominado bragantino, Sr. Avis de Castro, 75 anos, conhecido por ser não apenas um autodidata sobre o Município de Bragança/PA, mas também em teatro e poesia, por isso *abaeté* e de autoridade no assunto, possuidor de um vasto acervo sobre a história do município, pela contribuição em relação à elaboração do texto referente à história de Bragança/PA, assim como pela disponibilidade de acesso ao seu acervo e validação dos dados coletados.

Ao Sr. Célio Francisco Jesus Ramos, 67 anos, morador da Vila Tipitinga, Município de Santa Luzia do Pará, lugar vizinho a Almoço (distrito de Bragança/PA), pela validação dos dados coletados. Ressalta-se que esse informante vai à Bragança/PA uma vez por semana, sempre aos sábados e, portanto, o distrito de Almoço é seu caminho obrigatório.

Ao meu amigo Tavico, Otávio Agenor de Freitas Osmar, que em nenhum momento fez qualquer objeção em ceder os croquis da Funasa, referentes ao município de Bragança/PA, emprestados até o término desta pesquisa.

Ao Programa de Integração Mineral em Municípios da Amazônia – Primaz, da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM, integrada ao Ministério de Minas e Energia, por disponibilizar o Mapa político de Bragança.

A todos os colegas da Uepa que me incentivaram a dar continuidade aos estudos.

Aos meus familiares, pela compreensão e paciência em tolerar minha ausência.

EPÍGRAFE

Os nomes comuns e os topônimos são as aquisições mais naturais quando os falantes da língua receptora não têm nomes em sua língua para objetos culturais ou seres vivos que lhes são completamente estranhos, nem para os lugares que passam a conhecer.

(Rodrigues, 2010, p. 31)

RESUMO

O principal objetivo desta pesquisa foi produzir conhecimento sobre a toponímia de origem Tupinambá em Bragança/PA, localizada na Microrregião Bragantina e pertencente à Mesorregião do Nordeste Paraense, com base em 146 topônimos coletados nos seis distritos do município, Bragança (sede), Caratateua, Tijoca, Nova Mocajuba, Almoço e Vila do Treme. Isso se justifica não apenas pela falta de pesquisas sobre os topônimos de origem Tupinambá no estado do Pará, especificamente no município de Bragança, mas também como uma importante contribuição para a memória bragantina, além de conhecimentos relevantes para auxiliar o linguista na compreensão da constituição do espaço e da cultura local, e como uma maneira de destacar o papel da fauna e flora locais em nomear os acidentes geográficos na região. Os dados foram coletados (i) no Mapa Político do município, proveniente do Programa de Integração Mineral em Municípios da Amazônia (Primaz), do Ministério de Minas e Energia, (ii) em 120 croquis, cedidos pela Fundação Nacional de Saúde (Funasa) do município, e, posteriormente, (iii) validados por 12 informantes, sendo dois de cada distrito. A fundamentação teórica baseia-se na *Lexicologia*, com Vilela (1994), Turazza (2005) e Abbade (2011); na *Morfologia*, com Silva e Koch (2001), Kehdi (2006) e Câmara Jr (1977); na *Semântica Lexical*, com Ullmann (1961) e Marques (2001); na *Toponímia*, com Dick (1992), Almeida (2011) e Isquerdo (2008). A análise, descrição e classificação dos dados coletados estão alicerçadas nos dicionários e vocabulários da LGA e da LGP, com Stradelli (2014), Cunha (1978), Sampaio (1987), Seixas (1853), Vocabulário na Língua Brasileira (1938), Dicionário Anônimo da Língua Geral do Brasil (1896) e Dick (1992). O resultado obtido no estudo foi a constatação de que: (1) A Língua Portuguesa (LP) foi usada como instrumento de nomeação da toponímia bragantina de origem Tupinambá, com evidentes empréstimos junto à Língua Geral Amazônica (LGA); (2) Houve uma considerável preferência à nomeação por acidentes geográficos de natureza antro-po-cultural (humana), evidenciando 73 (50%) e 5 (3,42%) designativos para o acidente *Comunidade* e *Vila* (espaço físico habitado), respectivamente, seguidos pelos de natureza física, como *Rio* e *Igarapé*, com 30 (20,54%) e 13 (8,90%) ocorrências, respectivamente; (3) A taxonomia da toponímia Bragantina de origem Tupinambá evidenciou elevada classificação para designativos relacionados à flora, com 56 ocorrência relacionadas à taxa dos *fitotopônimos* (38,33%), seguida pelos designativos ligados à fauna, com 32 ocorrências relacionadas à classe dos *zootopônimos* (22,58%); (4) Todos os topônimos apresentam-se, hoje, opacos, sendo referenciados apenas por seu significado atual, o que os tornam fossilizados; (5) As mudanças fonéticas da toponímia indígena bragantina de origem Tupinambá evidenciaram os fenômenos da anteriorização (y>i) em relação à posteriorização (y>u), além da consonantização (i>j e u>b), que auxiliaram na identificação da LP como língua de nomeação; (6) A composição morfológica mais evidente foi a do formante simples em LGA, seguida pela composição composta em LGA/LGA e simples com sufixação de *tyba*.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia. Tupinambá. Língua Geral Amazônica. Língua Portuguesa. Taxonomia. Morfologia. Opacização.

ABSTRACT

The main objective of this research was to produce knowledge about the toponymy of Tupinambá origin in Bragança/PA, located in the Bragantina Microregion and belonging to the Mesoregion of Northeastern Pará, based on 146 toponyms collected in the six districts of Bragança, Bragança, Caratateua, Tijoca, Nova Mocajuba, Almoço and Vila do Treme. It is justified not only by the lack of research on Tupinambá toponyms in the state of Pará, specifically in the Municipality of Bragança, but also as an important contribution to the Bragantine memory, as well as relevant knowledge to assist the linguist in understanding the constitution of space, and local culture, and as a way to highlight the role of local fauna and flora in naming places in the region. The data were collected (i) from the Political Map of the municipality, of the Ministry of Mines and Energy's Mineral Integration Program in Primate, (ii) from 120 sketches, donated by the National Health Foundation (Funasa) of the municipality, and later, (iii) validated by 12 consultants, two from each district. The theoretical basis is based on Lexicology, with Vilela (1994), Turazza (2005) and Abbade (2011); in Morphology, on Silva and Koch (2001), Kehdi (2006) and Câmara Jr (1977); in Lexical Semantics, on Ullmann (1961) and Marques (2001); in Toponymy, on Dick (1992), Almeida (2011) and Isquerdo (2008). The analysis, description and classification of the data collected are based on the LGP and LGA dictionaries and vocabularies, with Stradelli (2014), Cunha (1978), Sampaio (1978), Seixas (1853), Vocabulary in the Brazilian Language (1938), Anonymous Dictionary of the General Language of Brazil (1896) and Dick (1992). The results obtained in the study were that (1) the Portuguese Language (LP) was used as an instrument for naming the Bragantina toponymia of Tupinambá origin, with evident loans from the General Amazonian Language (LGA); (2) there was a considerable preference for names of anthropogenic (human) nature, showing 73 (50%) and 5 (3,42%) designative for the accident Community and Villa (inhabited physical space), respectively, followed by those of physical nature, such as Rio and Igarapé, with 30 (20.54%) and 13 (8.90%) occurrences, respectively; (3) The taxonomy of the Bragantina toponymy of Tupinambá origin evidenced a high classification for designatives related to the flora, with 56 occurrences related to the phyto-taxa (38,33%), followed by designations related to the fauna, with 32 occurrences related to the zootopony class (22,58%); (4) all toponyms are today opaque, being referenced only by their current meaning, which makes them fossilized; (5) the phonetic changes of the native Bragantina toponymia of Tupinambá origin evidenced the anteriorization phenomena (y>i) in relation to the posteriorization (y>u), in addition to the consonantization (i>jeu>b), which aided in the identification of LP as the language of appointment; (6) the most evident morphological composition was that of the simple formation LGA, followed by the composite formation in LGA / LGA and simple with tyba suffixation.

KEY WORDS: Toponymy. Tupinambá. General Amazonian Language. Portuguese language. Taxonomy. Morphology. Opacization.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1: Taxeonomias de natureza física	59
Quadro 2: Taxeonomias de natureza antro-po-cultural	59
Quadro 3: Diferenças dialetais entre Tupinambá, LGA e Nheengatu.....	102
Quadro 4: Ficha lexicográfico-toponímica, de acordo com Dick (2004).....	112
Quadro 5: Quadro descritivo usado na análise, classificação e descrição dos topônimos de origem Tupinambá do município de Bragança/PA.....	114
Quadro 6: Os topônimos de origem Tupinambá no município de Bragança/PA, validados pelos moradores do município	118
Quadro 7: Topônimos com terminação em <i>-teua</i> , indicador de nomeação em língua portuguesa	125
Quadro 8: Topônimos com terminação em <i>-inho</i> , <i>-al</i> e <i>-eiro</i> , indicadores de nomeação em língua portuguesa	125
Quadro 9: Topônimos iniciados com palavras da língua portuguesa	126
Quadro 10: mudanças fonéticas ocorridas nos topônimos de origem Tupinambá de Bragança/PA indicadoras de nomeação em Língua Portuguesa	127
Quadro 11: Acidentes geográficos oriundos de nomes de rios e de igarapés	127
Quadro 12: Critérios empregados à definição da língua usada na nomeação dos topônimos de origem Tupinambá de Bragança/PA (reformulados).....	128
Quadro 13: Topônimos de origem Tupinambá de Bragança/PA, lexicalizados em LP	130
Quadro 14: A classificação toponímica e seus critérios.....	135
Quadro 15: As taxeonomias da toponímia bragantina de origem Tupinambá do município de Bragança/PA.....	136
Quadro 16: Composição morfológica dos topônimos de origem Tupinambá em Bragança/PA.....	149
Quadro 17: Análise, descrição e classificação dos topônimos de origem Tupinambá do distrito-sede, Município de Bragança/PA.....	177
Quadro 18: Análise, descrição e classificação dos topônimos de origem Tupinambá de Caratateua, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.....	230
Quadro 19: Análise, descrição e classificação dos topônimos de origem Tupinambá da Vila do Treme, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.....	240
Quadro 20: Análise, descrição e classificação dos topônimos de origem Tupinambá do Almoço, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.....	249
Quadro 21: Análise, descrição e classificação dos topônimos de origem Tupinambá de Nova Mocajuba, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.....	263
Quadro 22: Análise, descrição e classificação dos topônimos de origem Tupinambá do Tijoca, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.....	274

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Cidade e fortificações do Estado do Grão-Pará e Maranhão.....	25
Mapa 2: Estado do Grão-Pará e Maranhão (séc. XVIII)	26
Mapa 3: Mapa político do Estado do Pará	26
Mapa 4: Mesorregiões do Estado do Pará.....	28
Mapa 5: Microrregiões do Estado do Pará.....	29
Mapa 6: Capitânicas hereditárias do Estado do Maranhão e Grão Pará.....	32
Mapa 7: Município de Bragança/PA, e sua divisão distrital.....	37
Mapa 8: Distrito de Bragança (sede).....	42
Mapa 9: Distrito de Caratateua.....	42
Mapa 10: Distrito de Vila do Treme.....	43
Mapa 11: Distrito do Tijoca.....	43
Mapa 12: Distrito de Nova Mocajuba.....	44
Mapa 13: Distrito do Almoço.....	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Classificação toponímica, de acordo com sua distribuição qualitativa...	58
Tabela 2: Ocorrência dos acidentes geográfico físicos e antro-po-culturais observados na toponímia bragantina de origem Tupinambá	132
Tabela 3: Taxeonomia toponímica de origem Tupinambá do município de Bragança/PA	139
Tabela 4: Fenômenos fonéticos na toponímia de origem Tupinambá do município de Bragança/PA.....	145
Tabela 5: Estrutura morfológica da toponímia de origem Tupinambá do município de Bragança/PA.....	152
Tabela 6: Tipos de estrutura morfológica da toponímia de origem Tupinambá do município de Bragança/PA.....	152
Tabela 7: Topônimos de origem Tupinambá de Bragança/PA (sede), validados junto aos moradores do local.....	174
Tabela 8: Topônimos de origem Tupinambá de Caratateua, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.....	174
Tabela 9: Topônimos de origem Tupinambá de Vila do Treme, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.....	174
Tabela 10: Topônimos de origem Tupinambá de Almoço, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.....	175
Tabela 11: Topônimos de origem Tupinambá de Nova Mocajuba, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local	175
Tabela 12: Topônimos de origem Tupinambá de Tijoca, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.....	175
Tabela 13: Topônimos de origem tupinambá do Município de Bragança/PA, por cada distrito, a partir da validação dos moradores dos distritos estudados.....	176

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: Recorte do Mapa Etnolinguístico, de Curt Nimuendaju, com representação das etnias que habitavam a região do Caeté, em Bragança/PA	31
Fig. 2: Monumento histórico, representando a importância de Álvaro de Azevedo para a história de Bragança/PA.....	36
Fig. 3: Período histórico do uso hegemônico da LGA em Bragança/PA	119
Fig. 4: O contato entre etnias na região do Caeté (Séc. XVII-XIX)	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentual de ocorrências por critérios empregados à definição da língua usada na nomeação.....	130
Gráfico 2: Acidentes geográficos na toponímia bragantina paraense de origem Tupinambá	133
Gráfico 3: Classificação taxonômica da toponímia bragantina de origem Tupinambá.....	140
Gráfico 4: Período entre os sécs. XVII-XX e seu percentual em relação à percepção da motivação toponímica de origem Tupinambá, município de Bragança/PA.....	143
Gráfico 5: Período posterior ao séc. XX e seu percentual em relação à percepção da motivação toponímica de origem Tupinambá, no município de Bragança/PA.....	143
Gráfico 6: Percentual das variações fonéticas na toponímia de origem Tupinambá de Bragança/PA.....	145
Gráfico 7: Estrutura morfológica da toponímia de origem Tupinambá, no município de Bragança/PA.....	152
Gráfico 8: Tipos de estrutura morfológica da toponímia de origem Tupinambá, no município de Bragança/PA.....	153

LISTA DE ABREVIATURAS

AH	Acidente humano
AF	Acidente físico
ATB	Atlas Toponímico do Brasil
ATEMS	Atlas Toponímico do Mato Grosso do Sul
ATITO	Atlas Toponímico de Origem Indígena do Tocantins
CPRM	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
EI.	Elemento
GR	
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGP	Língua Geral Paulista
LGA	Língua Geral Amazônica
LP	Língua Portuguesa
MA	Maranhão
N	Norte
N. Moc.	Nova Mocajuba
PA	Pará
PE	Português europeu
Primaz	Programa de Integração Mineral em Municípios da Amazônia
S	Sul
S1	Situação sociolinguística inicial
S2	Situação sociolinguística final
s.f.	Substantivo feminino
s.m.	Substantivo masculino
T	Tupinambá
W	Oeste

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	O CONTEXTO DA PESQUISA	25
2.1	O ESTADO DO PARÁ.....	25
2.1.1	ÁREA, POPULAÇÃO, LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E LIMITES.....	27
2.1.2	DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA.....	27
2.1.3	RELEVO, VEGETAÇÃO, HIDROGRAFIA E CLIMA.....	29
2.1.4	O MUNICÍPIO DE BRAGANÇA/PA.....	30
2.1.4.1	Área, localização geográfica e limites.....	30
2.1.4.2	Bragança e sua história.....	31
2.1.4.3	Os índios Tupinambá.....	38
2.1.6	OS PONTOS LINGUÍSTICOS.....	41
3	REFERENCIAL TEÓRICO	45
3.1	A TOPONÍMIA E SUA INTERFACE COM A LEXICOLOGIA.....	45
3.2	TOPONÍMIA: A CIÊNCIA DOS NOMES PRÓPRIOS DOS LUGARES	49
3.2.1	OS ESTUDOS TOPONÍMICOS.....	50
3.2.2	A CLASSIFICAÇÃO TAXEONÔMICA.....	57
3.2.2.1	Algumas regras de classificação.....	61
3.2.3	A MORFOLOGIA TOPONÍMICA DE ORIGEM TUPINAMBÁ.....	62
3.2.4	A SEMÂNTICA E SUA RELAÇÃO COM A TOPONÍMIA TUPINAMBÁ.....	65
3.3	EMPRÉSTIMO LINGUÍSTICO: LGA E PORTUGUÊS.....	71
4	BRASIL-COLÔNIA: CONTEXTO SÓCIO-POLÍTICO E LINGUÍSTICO	74
4.1	LÍNGUA E POLÍTICA: RELAÇÃO DE PODER (I).....	78
4.1.1	LÍNGUA GERAL PAULISTA (LGP).....	85
4.2	LÍNGUA E POLÍTICA: RELAÇÃO DE PODER (II).....	89
4.2.1	LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA (LGA).....	94
4.2.1.1	O Nheengatu como estágio linguístico da LGA.....	102
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	105
5.1	BASE TEÓRICA.....	105
5.2	PROBLEMATIZAÇÃO, HIPOTETIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	106
5.3	ETAPAS E OBJETIVOS.....	107
5.3.1	Etapa 1	108
5.3.2	Etapa 2	108
5.3.3	Objetivos	109
5.3.3.1	Geral	109
5.3.3.2	Específicos	109

5.4	COLETA DO <i>CORPUS</i>	109
5.5	ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS.....	111
6	ANÁLISE, DESCRIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS	117
6.1	A LÍNGUA PORTUGUESA (LP) COMO INSTRUMENTO DE NOMEAÇÃO DA TOPONÍMIA BRAGANTINA DE ORIGEM TUPINAMBÁ E A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA (LGA).....	119
6.2	OS ACIDENTES GEOGRÁFICOS NA TOPONÍMIA BRAGANTINA DE ORIGEM TUPINAMBÁ.....	131
6.3	A TAXEONOMIA DA TOPONÍMIA BRAGANTINA DE ORIGEM TUPINAMBÁ.....	134
6.4	A PERDA DA SIGNIFICAÇÃO ESPECÍFICA: A FOSSILIZAÇÃO DO SIGNO TOPONÍMICO.....	141
6.5	AS MUDANÇAS FONÉTICAS DA TOPONÍMIA INDÍGENA BRAGANTINA DE ORIGEM TUPINAMBÁ	144
6.6	A COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO BRAGANTINO DE ORIGEM TUPINAMBÁ.....	147
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
8	REFERÊNCIAS	158
9	ANEXO	168
10	APÊNDICE	169

1 INTRODUÇÃO

A história dos estudos linguísticos tem mostrado que a língua de um determinado povo pode ser estudada sob várias perspectivas, as quais dependem, obviamente, do investigador e da área do saber humano a ser utilizada para estudo, como Lexicologia, Sociolinguística, Dialetologia, Análise do Discurso, Morfologia, Sintaxe, Linguística Textual etc.

Nesse sentido, o pesquisador, ao se debruçar sobre um fenômeno linguístico, que retrata a realidade sociolinguística de um determinado lugar ou de uma determinada comunidade, procura descrevê-lo a partir de sua área de conhecimento, isto é, se seu conhecimento está fundamentado na Terminologia, sua atenção voltar-se-á, por exemplo, para a seleção de palavras de uma determinada área profissional; se for de caráter etimológico, preocupar-se-á com a origem das palavras.

Assim, delimitando-se o olhar investigativo a respeito do vocábulo de uma determinada língua, é lícito afirmar que se delimita, também, a linha de investigação, ou seja, se o objeto de estudo for a passagem de um ditongo para uma vogal apenas, o olhar linguístico poderia voltar-se, especificamente, para a variação fonética, em uma perspectiva sociolinguística variacionista. A pesquisa poderia estar voltada, também, para a origem, forma e sentido do vocábulo. Sendo assim, tal estudo poderia ser realizado com base na Lexicologia, disciplina que se constitui da Onomástica, Etimologia, Morfologia e Semântica lexical.

Nesse caso, especificamente em relação aos topônimos de origem Tupinambá, do município de Bragança/PA, a delimitação do objeto de investigação poderia ir mais adiante, pois cada uma dessas áreas do saber pode ser tomada como ponto de referência linguística, a partir das quais surgem alguns questionamentos: *qual é a língua de nomeação do topônimo? Que mudanças fonéticas são observadas na sua história? Que taxa é mais predominante? Que estrutura morfológica é mais recorrente: simples, composta ou híbrida? Qual é o seu significado atual e pretérito? Qual é a sua função?*

Trata-se de um estudo intrigante e persuasivo, que sinaliza não apenas para questões puramente linguísticas, mas também evidencia abordagens extralinguísticas, como História, Geografia e Antropologia, por exemplo.

Quando se obteve conhecimento um pouco mais detalhado a respeito da língua portuguesa falada no Brasil, de sua história de convívio com outras línguas distintas, como as indígenas, escolheu-se a Toponímia de origem Tupinambá do município de Bragança/PA, como objeto de estudo desta pesquisa, em razão de esse município apresentar inúmeras palavras relacionadas a essa etnia — falantes da língua indígena usada na região à época da colonização —, assim como apresentar, também, traços da cultura dos Tupinambás, especialmente acerca da gastronomia, como a produção de farinha d'água e de alimentos com o caldo de tucupi, extraído da raiz da mandioca, o que, certamente, sinaliza uma identidade particular. Trata-se de designativos de acidentes geográficos de natureza física ou antro-po-cultural, a exemplo de Praia de *Ajuruteua*, Rio *Caeté*, Vila *Cuéra*, Vila de *Caratateua*, Rio *Jejuí*, Vila de *Bacuriteua* ou Bairro do *Samaumapara*.

Há várias literaturas sobre a língua geral na Amazônia, como Rodrigues (1996, 2010), Freire (2011), Borges (1991), Stradelli (2014), entre muitas outras obras de referência em LGA, as quais retratam o uso dela em terras paraenses. Infere-se, assim, ser indiscutível que a cidade de Bragança paraense se mostre como cenário relevante às pesquisas linguísticas, visto que fez parte não apenas do processo de formação sociocultural, mas também linguística da Região Norte, porque, na área onde esse município está localizado, formou-se uma linguística nativa de transição: respectivamente o uso da língua Tupinambá, seguido da Língua Geral Amazônica (LGA), a qual, posteriormente, passou a ser chamada de Nheengatu. É importante salientar, neste ponto, de acordo com Câmara Jr. (1965, p. 105), que *o tupinambá sofreu uma evolução; o que é fatal, porque, uma vez que uma língua franca se torna a língua nativa, fica sujeita às contingências da língua como "fato histórico"*.

A LGA (ou Nheengatu) foi amplamente usada, na região bragantina, à época da colonização europeia, como principal instrumento de comunicação por todos que habitavam nessa área, a exemplo de índios da nação tupinambá e índios tapuios¹, europeus, brasileiros e escravos africanos. Uso difundido pela criação do aldeamento de São João Batista, à margem esquerda do rio Caeté, onde foi erguida a Vila de

¹ Segundo Monteiro (2001, p. 182), seria "uma raça indígena desprezada pela ciência moderna e pelos defensores do progresso". Ressalta-se, também, que esse termo foi utilizado, ao longo dos séculos, no Brasil, para designar os índios que não falavam a língua Tupinambá.

Bragança, em um intervalo de tempo de, aproximadamente, 119 anos, de 1634 (fundação da Vila Souza do Caeté) e 1753 (fundação da Vila de Bragança).

Nesse sentido, como o objetivo desta pesquisa foi estudar os topônimos de origem Tupinambá presentes no município de Bragança/PA, a partir de sua imbricação morfossemântica, faz-se necessário um percurso lexicológico pelos domínios da Toponímia, Morfologia, Semântica e Etimologia. Ressalta-se, desde já, que se considera a Toponímia (estudo onomástico) um ramo da Lexicologia, já que os topônimos são lexias que apresentam forma, sentido e origem. Além disso, este trabalho constituiu-se em uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo.

Foi bibliográfica, uma vez que as informações inerentes à LGA foram obtidas em vasta literatura sobre o assunto, a qual versa sobre sua origem, uso e destino, a partir de um cenário político-linguístico, principalmente no contexto do Brasil-colônia. Outras informações de cunho bibliográfico foram obtidas a respeito da Onomástica, principalmente, e da Lexicologia, visto que a Onomástica é a disciplina-base para esta pesquisa, por apresentar os topônimos como foco de estudo. Também a Lexicologia é importante, pois trata da forma e do sentido que os topônimos apresentam.

A pesquisa foi, também, documental, porque algumas informações sobre o Município de Bragança/PA, sua origem e constituição geopolítica, foram obtidas a partir de documentos do arquivo público do município. Além disso, a coleta dos topônimos analisados foi realizada, em parte, do mapa político do município, resultado da pesquisa planejada e executada pelo Programa de Integração Mineral em Municípios da Amazônia – Primaz, da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM, integrada ao Ministério de Minas e Energia, assim como dos croquis², fornecidos por ex-funcionário da Funasa³ de Bragança/PA. É importante salientar que, primeiramente, dados do IBGE acerca do município em estudo foram analisados, no entanto, mostraram-se defasados, por isso não foram utilizados.

Finalmente, fez-se a pesquisa de campo, que possibilitou a confirmação dos dados registrados, oriundos da coleta feita diretamente do mapa e dos croquis da Funasa.

² Houaiss e Villar (2009) o definem como substantivo masculino, esboço à mão de pintura, desenho, planta, projeto arquitetônico; esquisso.

³ Fundação Nacional da Saúde.

Na nomeação toponímica, aparentemente, há um agente que nomeia a partir de algo que está a sua volta, com o qual se relaciona. Pode-se dizer, assim, que o topônimo tem uma representação real no mundo, uma significação que sinaliza, portanto, para a Semântica, mais precisamente, a do léxico. Continuando nessa perspectiva, pode-se ainda dizer que, se há um topônimo, há, também, uma forma, o que corresponde a uma estrutura linguística, cuja formação perpassa os caminhos da Morfologia. Se o topônimo tem guarida no sistema linguístico, isso pode ser resultado da junção de suas partes constituintes: os morfemas. A consequência dessa junção (de fonemas, de morfemas) é a utilização do topônimo na interação verbal, ou seja, é o uso da palavra no ato comunicativo e que, por sua vez, denota sentido.

Vê-se, assim, de um lado, que Morfologia e Semântica se imbricam numa só estrutura, uma vez que o topônimo possui forma e sentido. Por outro, o topônimo pode ser estudado na perspectiva de sua origem, isto é, do campo da Etimologia, por meio de seu percurso histórico, não esquecendo, contudo, que o topônimo faz parte do léxico de uma língua, o que justifica a abordagem pelo viés da Lexicologia.

Dessa forma, esta pesquisa denota uma relação interdisciplinar, que abarca não somente a Toponímia em si, mas também outras áreas do saber linguístico que se mostram importantes para melhor entendimento da estrutura toponímica. Ressalta-se, todavia, e isso é importante, que o desvelamento da lexia toponímica apresenta, como já mencionado, relações com os limites extralinguísticos. É o caso da Geografia, História, Cartografia, Psicologia, além da Sociologia e da Antropologia, porque o topônimo faz parte do mundo real, está inserido no cotidiano de uma comunidade, o que se constitui em uma história. Tal comunidade é formada por indivíduos falantes de uma mesma língua (ou não) e que, por isso, podem a qualquer instante, conscientemente ou não, nomear o que está a sua volta, a partir da história do lugar e, especialmente, de sua própria história.

No que se refere ao corpo textual, esta pesquisa dividiu-se em cinco seções, a saber: 1) O contexto da pesquisa; 2) Brasil-colônia: contexto político-linguístico; 3) Referencial teórico, 4) Metodologia e 5) Análise, descrição e classificação dos dados.

Na seção *O contexto da pesquisa*, apresentam-se o lugar onde estudo ocorreu, o estado do Pará, além do município de Bragança e sua constituição distrital, assim

como seus primeiros habitantes e o contato entre os índios e os colonizadores, a partir de Oliveira (2008).

Na seção *Brasil-colônia: contexto político-linguístico*, apresentou-se a relação entre língua e política em todo período de colonização das terras brasileiras até o fim do século XVIII, abordando a língua Tupinambá e o processo de sistematização que a ela foi engendrado, além de sua importância no período de catequização e desbravamento do território brasileiro. Posteriormente, foram abordadas as línguas gerais *Paulista* (LGP) e *Amazônica* (LGA), denominadas *Abanheenga* (fala de gente) e *Nheengatu* (fala boa). Para encerrar a seção, foi abordado outro momento político, que interferiu no uso da língua usada na Amazônia e em todo território brasileiro. Tal abordagem foi fundamentada nos trabalhos de Mariani (2004), Freire & Rosa (2003), Freire (2003), Noll & Dietrich (2010), Hartt (1938), Edelweiss (1969), entre outros.

Na seção *Referencial teórico*, apresentou-se a área do conhecimento sobre a nomeação de pessoas e de lugares, da *Onomástica* como parte da Linguística Geral, desde seu aparecimento na segunda metade do século XIX, com os linguistas Auguste Lengnon e Albert Dauzat, ambos franceses, considerados os precursores desse estudo.

É importante salientar que os estudos de Dick (1992) serviram de base à realização desta pesquisa, especial e especificamente acerca da Toponímia, os quais abordam não apenas as origens dos estudos nessa área de investigação, mas também a motivação e a estrutura, além da classificação das categorias distributivas (as *taxes*), elaborada pelo linguista norte-americano George Stewart, para a geografia norte-americana, e que foi adaptada e amplamente utilizada para a realidade brasileira. Esta linguista é considerada uma das mais importantes pesquisadoras dos estudos sobre Toponímia no país, e, atualmente, é coordenadora do Atlas Toponímico do Brasil – ATB. No entanto, há outros nomes importantes, como o general Armando Levy Cardoso e as linguistas Patrícia Carvalinhos e Aparecida Negri Isquerdo.

Ainda na seção sobre o referencial teórico, salienta-se não apenas a importância da Linguística Histórica, especialmente em relação ao método histórico-comparativo e à regularidade das mudanças de som, na tentativa de demonstrar o percurso histórico dos topônimos coletados, mas também da Sociolinguística, no que se refere às línguas de contato e aos empréstimos linguísticos, como forma de

auxiliarem na identificação da língua usada na nomeação dos topônimos em Bragança/PA.

Apresenta-se, também, nessa seção, a estrutura formal do topônimo, estudada na Ciência Onomástica, que exerce representação no mundo real e tem um percurso histórico, que pode ser descrito em função de sua formação e mutação ao longo da história. Tal relação, entre a representação no mundo e sua história, faz parte de um estudo maior e antigo que já foi ponto de discussão na Grécia antiga, quando naturalistas e convencionalistas discutiram sobre a palavra ser nomeada de maneira natural ou convencional. Isto é, a palavra teria sua correspondência semântica natural, pois a nomeação ocorria em razão da relação entre o som e o objeto, algo semelhante às onomatopeias, representando o ideal natural.

Em relação ao ideal convencional, não se observa essa relação entre *som* e *objeto* quando se nomeia algo, uma vez que a nomeação se dá em função de um acordo tácito que acontece na comunidade linguística. Esse conflito de ideias denota a preocupação com a origem da palavra, o que pertence à Etimologia.

Para a fundamentação dessa seção, portanto, autores como Dick (1992), Gabas Jr. (2005), Galucio (2010), Calvet (2002), Mello et al. (2011), Andrade (2006, 2011), Oliveira & Isquerdo (2001), Turazza (2005), Vilela (1994), Abbade (2011), entre outros, serviram de referências à abordagem.

Na seção *Procedimentos metodológicos*, apresentam-se objetivos e as hipóteses da pesquisa, assim como a fonte de coleta dos dados, a forma de organização deles, e também o método científico a ser utilizado na análise.

A organização dos dados será feita a partir de quadros e tabelas, os quais serão apresentados separados por distrito e por fonte de coleta, além de esses quadros registrarem informações sobre os topônimos, como: etimologia, acidente geográfico, fonte bibliográfica, verbete, estrutura morfossemântica, classificação taxonômica, morfologia, língua de nomeação, mudança fonética e abonação.

Na última seção, *Análise, descrição e classificação dos dados*, os topônimos foram apresentados levando-se em conta (a) a distribuição taxonômica, (b) a estrutura de composição, (c) as mudanças fonéticas, (d) os acidentes geográficos e (e) a estrutura morfossemântica, tendo por base a fossilização do topônimo.

2 O CONTEXTO DA PESQUISA

2.1 O ESTADO DO PARÁ

Segundo Tavares (2008, p. 59), quando, no início do século XVII, holandeses, franceses e ingleses tentaram invadir os estados do Maranhão e Pernambuco, a coroa portuguesa tomou a decisão de ocupar e defender o território. Esse acontecimento é considerado o fator preponderante para a fundação de São Luiz do Maranhão (1612), de Belém do Pará (1616), de Macapá (1636) e de Manaus (1665), espaços geográficos que se constituíram em núcleos de apossamento de território. Esses apossamentos, feitos pela coroa portuguesa, configuram-se como uma política de confirmação do exercício de sua soberania nas terras descobertas.

Sendo assim, tal medida assegurou a conquista da região, o que foi possível em razão de duas iniciativas portuguesas: a) ocupação militar, com construção de fortificações, ação denominada de *Política de fortificações*, a qual tem como comprovação os Fortes do Presépio (Belém, PA), de São Luiz (São Luiz, MA), de São José do Rio Negro (Manaus, AM) e de São José de Macapá (Macapá, AP); e b) criação de unidades político-administrativas: os estados. Assim, em 1612, criou-se o estado do Maranhão e Grão-Pará, com sede em São Luiz, cuja extensão ia de leste a oeste, conforme o Mapa 1, a seguir:



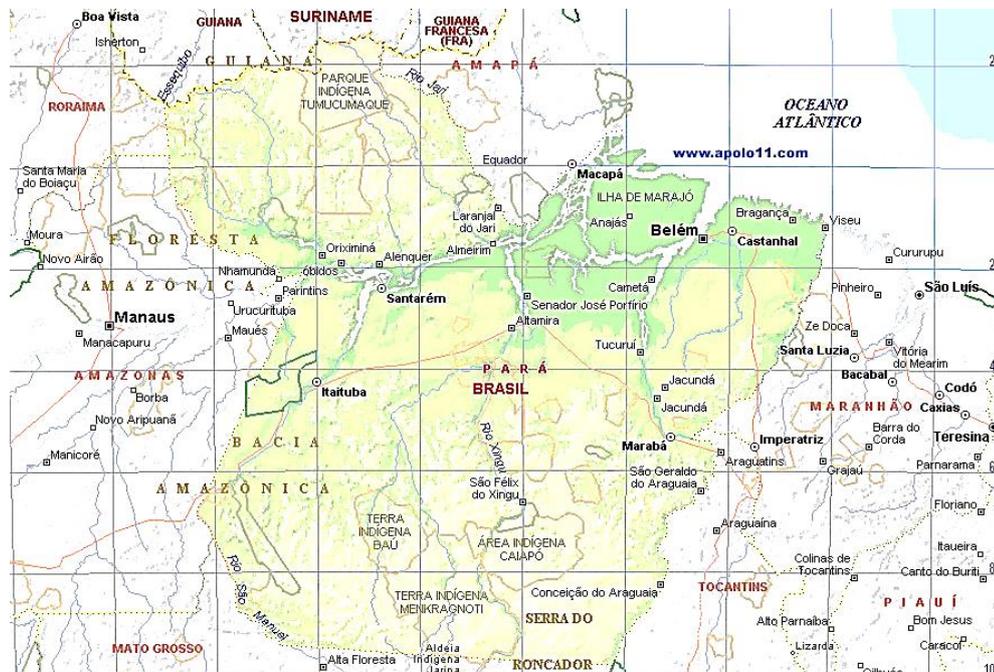
Mapa 1: Cidade e fortificações do Estado do Grão-Pará e Maranhão.
Fonte: Google (Adaptado).

Em 1751, em razão da importância política e econômica de Belém, criou-se o estado do Grão-Pará e Maranhão, com sede em Belém (Mapa 2, abaixo).



Mapa 2: Estado do Grão-Pará e Maranhão (séc. XVIII).
Fonte: Google (Adaptado).

Em 1774, o estado passa à condição de Capitania, como parte do estado do Brasil. Criou-se, assim, o Estado do Pará, cuja capital é Belém (TAVARES, 2008). Hoje, no entanto, o Pará apresenta-se bastante modificado, conforme se observa no Mapa 2, a seguir:



Mapa 3: Mapa político do Estado do Pará.
Fonte: Google imagens⁴.

⁴<http://www.biamapas.com.br/portfolio/para-%E2%80%93politico-%E2%80%93rodoviario>.

2.1.1 ÁREA, POPULAÇÃO, LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E LIMITES

Segundo o IBGE (2010), o Estado do Pará, cuja capital é Belém, é o segundo maior estado do Brasil em extensão territorial, com uma superfície de 1.247.954,6 km², o que representa, aproximadamente, 15% do território brasileiro. As pessoas que habitam o estado são consideradas a população total, que pode ser medida, levando-se em conta a relação entre a população e a superfície do território, sendo o resultado expresso em habitantes por quilômetro quadrado (Km²). Em 2010, ainda segundo o IBGE, o estado apresentava uma população estimada em 7.969.655 indivíduos, com densidade demográfica de 6,07 habitantes por km².

O estado possui 144 municípios e se localiza na Região Norte do país, entre os paralelos 2 N e 5 S e entre os meridianos 56 e 48 W. GR, cortado pela linha do equador em seu extremo norte. O Pará faz parte da Amazônia Legal, cujas fronteiras, de acordo com o Mapa 2, acima, limitam-se (1) ao norte, com o Estado do Amapá, Guiana francesa e Suriname; (2) ao sul, com o estado do Mato Grosso; (3) a oeste, com o estado do Amazonas; (4) a sudoeste, com os estados do Amazonas e Mato Grosso; (5) a sudeste, com o estado do Tocantins; (6) a noroeste, com o estado de Roraima e Guiana francesa; (7) a nordeste, com o Oceano Atlântico e (8) a leste, com o Estado do Maranhão.

2.1.2 DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA

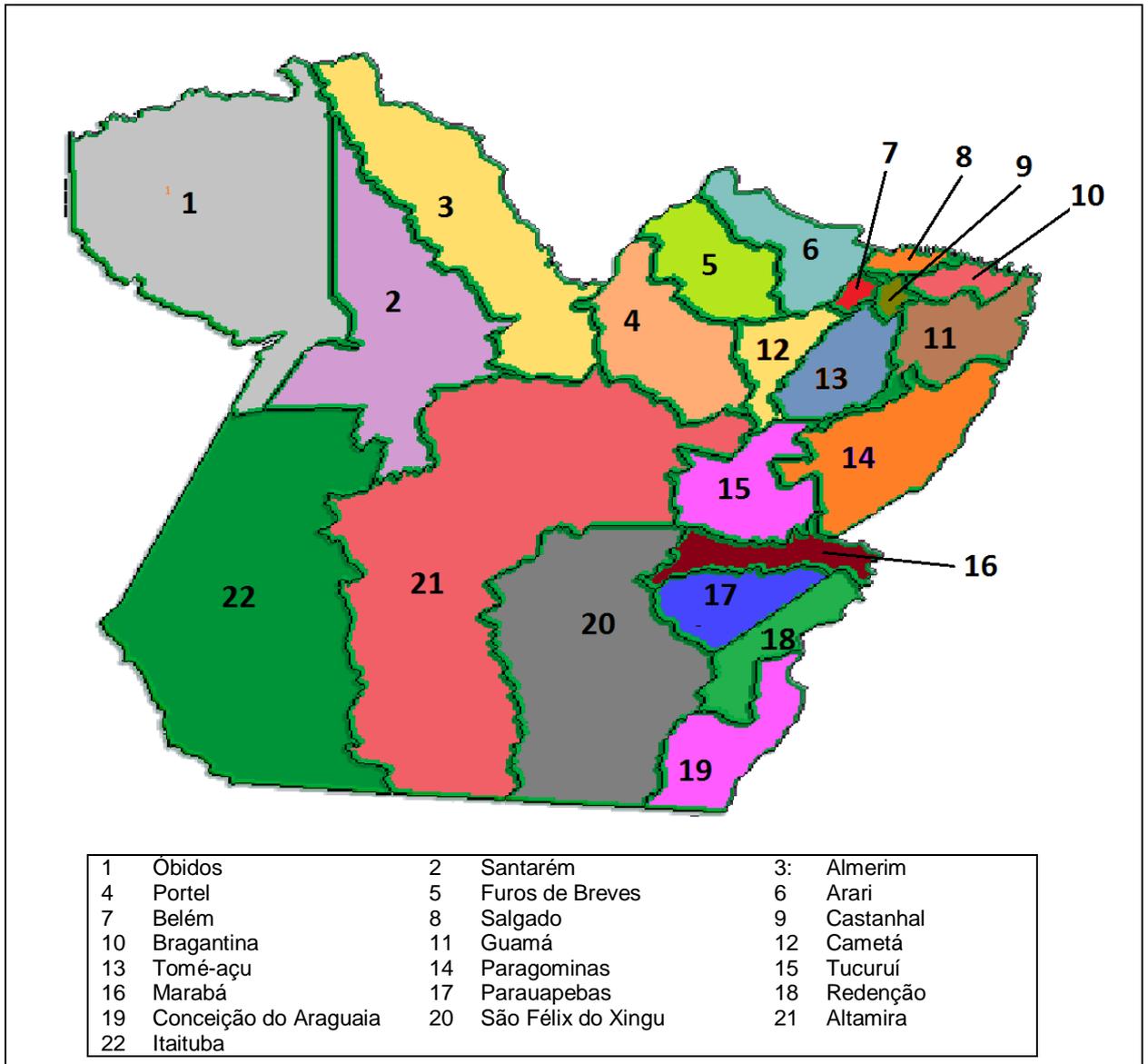
Em se tratando de sua divisão político-administrativa, o Pará é composto por 144 municípios, organizados em seis mesorregiões: (1) Baixo Amazonas; (2) Marajó; (3) Metropolitana de Belém; (4) Nordeste Paraense; (5) Sudeste Paraense e (6) Sudoeste Paraense, conforme Mapa 4, a seguir:



Mapa 4: Mesorregiões do estado do Pará.

Fonte: Google imagens.

O estado ainda conta com 22 microrregiões, cuja formação está ligada, principalmente, à estrutura produtiva de cada comunidade econômica. Na mesorregião do Baixo Amazonas, têm-se três microrregiões: Óbidos, Santarém e Almerim. Na do Marajó, também há três: Portel, Furos de Breves e Arari. Na Metropolitana de Belém, duas: Belém e Castanhal. Na do Nordeste Paraense, cinco: Salgado, Bragantina, Cametá, Tomé-Açu e Guamá. Na do Sudoeste Paraense, duas: Itaituba e Altamira. E, por último, na mesorregião do Sudeste Paraense, tem-se sete microrregiões: Tucuruí, Paragominas, São Félix do Xingu, Parauapebas, Redenção e Conceição do Araguaia. As microrregiões apresentadas podem ser observadas no Mapa 4, a seguir:



Mapa 5: Microrregiões do estado do Pará.

Fonte: Google imagens (modificado).

2.1.3 RELEVO, VEGETAÇÃO, HIDROGRAFIA E CLIMA

Mesmo com a presença de algumas elevações (planaltos residuais) e com a presença, também, de chapadas como a do Cachimbo, onde está localizado o complexo de Carajás, o relevo paraense apresenta predominância de terras baixas. Sua vegetação forma um grande complexo de ecossistemas terrestres e aquáticos, com grande variedade de espécies. Não se pode deixar de mencionar a hidrografia do estado, que conta com inúmeros rios, igarapés e lagos. Quanto ao clima, é quente e úmido, variando entre períodos de maior e menor índice pluviométrico.

2.1.4 O MUNICÍPIO DE BRAGANÇA/PA

2.1.4.1 Área, localização geográfica e limites

Pesquisar a influência linguística indígena na sociedade amazônica, especificamente, acerca dos topônimos de origem tupinambá, observados em nomes de rios, lugares, igarapés, ilhas, praias etc., do município de Bragança/PA, representa, para os estudos linguísticos da Amazônia, um dos desafios que o pesquisador tem a sua frente neste primeiro quartel do século XXI e do terceiro milênio.

Significa não somente dar voz à importância da LGA na região Amazônica, como também analisar a taxonomia a partir de uma visão mais sintonizada com o pensamento científico contemporâneo. Sendo assim, a taxonomia dos topônimos bragantinos será estudada tendo como base exclusivamente os formantes da nomeação toponímica, isto é, seus elementos-núcleo, os quais terão respaldo na morfologia da LGA. Dessa forma, crê-se que a toponímia possa ser mais um modo de pesquisa, já que muitos topônimos em LGA fazem-se presentes em Bragança/PA, como *ajuruteua*, *camutá*, *caeté*, *acarajó*, *boissucanga*, entre outros topônimos bragantinos.

Segundo o IBGE (2010), a cidade de Bragança/PA é carinhosamente conhecida como a Pérola do Caeté e está localizada na latitude 01°03'13" Sul e longitude 46°45'56" Oeste, estando à altitude de 19 metros. Sua população residente, em 2010, é estimada em 113.227 habitantes, distribuídos em seus seis distritos, a saber: sede (87.371), Tijoca (8.430), Caratateua (6.693), Vila do Treme (4.363), Nova Mocajuba (3.918) e Almoço (2.452)⁵.

Bragança faz parte da Mesorregião do Nordeste Paraense, que compreende, também, a Microrregião Bragantina, composta por 13 municípios: Augusto Corrêa, Bragança, Tracuateua, Capanema, Bonito, Santa Maria do Pará, Igarapé-açu, Nova Timboteua, Peixe-boi, Primavera, Quatipuru, Santarém Novo e São Francisco do Pará. Com área total de 8.710,774 km², a Microrregião Bragantina apresenta uma população estimada em 374.907 habitantes⁶.

⁵ Os números entre parênteses representam a população residente nos distritos.

⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010).

Fala-se, assim, que a política de povoamento da região bragantina teve início, em 1612, começo do séc. XVII, no Estado do Maranhão, quando os portugueses lutaram contra os franceses, em razão de estes terem criado a França Equinocial e terem fundado a Vila de São Luís. Diante da ameaça de perda do território maranhense, a Coroa Portuguesa enviou seus soldados, auxiliados por índios e missionários, para enfrentarem os franceses e reconquistarem o território.

Após a reconquista, o estado do Maranhão e Grão-Pará, segundo Carvalho Júnior (2005, p. 44), fora dividido em capitanias hereditárias: no Maranhão, três foram entregues aos capitães donatários: Cumã, Caeté e Vigia. A capitania do Grão-Pará, por sua vez, tinha sobre sua jurisdição outras capitanias secundárias, quais sejam: do Gurupá, de Joanes, do Cameté, do Cabo do Norte e do Xingu, conforme se observa no Mapa 6, abaixo:



Mapa 6: Capitâncias hereditárias do Estado do Maranhão e Grão-Pará.

Fonte: Adaptado de Oliveira (2008, p. 40).

Depois de o Estado ter sido dividido em capitanias hereditárias, a do Caeté foi doada a Gaspar de Sousa, governador do Brasil. Essa capitania produzia algodão, açúcar, pescado e sal, integrando-se à economia colonial. Todavia, em função dos vários conflitos travados à época da reconquista do território e, posteriormente, à da expansão e colonização, a mão de obra indígena foi ficando escassa.

A iniciativa por dividir o território em capitanias, que, segundo Chambouleyron (2010, p. 85), deu-se em razão da necessidade em povoar todo o estado do Maranhão

e Grão-Pará, uma vez que o número de europeus que se dirigia à Amazônia era limitado. Isso fez com que a Coroa Portuguesa, por meio do Marquês de Pombal, adotasse algumas medidas que resolvessem esse problema.

Uma delas foi, para Oliveira (2008, p. 7), o envio de 30 famílias açorianas que estavam em Belém, como forma de povoar o lugar que, no dizer do governador Mendonça Furtado, não prosperava. Aliada a essa iniciativa, outra também foi importante: a criação de aldeia de índios, o que, nas palavras de Chambouleyron (2010, p. 85), significava pensar a constituição de aldeias de índios livres às proximidades das comunidades portuguesas, decorrentes dos chamados descimentos⁸, organizados principalmente por missionários. Essa segunda medida possibilitaria mão de obra suplementar para os colonos da região, além de auxiliar no transporte de mercadorias para Belém por meio de canoas.

O referido autor ainda afirma, sobre a questão do povoamento da Amazônia, que se deu a partir de três tipos de migrações: primeira, em função do voluntariado, que consistia no pedido do indivíduo para ser mandado para a Amazônia; segundo, porque as classes dos soldados e dos degredados eram enviadas à Amazônia para manter a ordem e proteger o território; terceiro, caracterizava-se por ser uma seleção a partir da qual um número bastante elevado de pessoas, principalmente de açorianos, foi mandado para a região de Bragança/PA. Todos esses movimentos reforçam a ideia de que o Estado do Maranhão e Grão-Pará tinha área muito extensa que precisava ser habitada.

Pode-se dizer que os jesuítas, conforme Chambouleyron e Neves Neto (2011, p. 62), se instalaram no Estado do Maranhão e Pará a partir da década de 1650, com a chegada do famoso padre Antônio Vieira. Embora alguns jesuítas tivessem estado na região em ocasiões anteriores – período em que o padre Luís Figueira assumira o governo da frágil missão no Maranhão e Grão-Pará –, é somente em 1653 que, de fato, se pode falar de uma presença sistemática e definitiva da Companhia de Jesus, até a sua expulsão no final da década de 1750.

Com a chegada dos missionários jesuítas à capitania do Caeté, por exemplo, a organização social e econômica das fazendas passou para as mãos dos padres da

⁸Expedições não militares, realizadas por missionários, com propósito de convencer os índios a "descerem" de suas aldeias de origem para novos aldeamentos.

Companhia de Jesus. Para Reis (*apud* Monteiro, 2001, p. 20), *a catequese teve papel importante na colonização, já que, sem ela, a empresa da Amazônia teria sido apenas uma aventura colonial, sem qualquer estabilidade.*

A Coroa portuguesa, na Amazônia, teve como objetivo central construir missões (aldeamentos) indígenas, como parte de sua obra maior de cunho civilizador: político e evangelizador. O objetivo dessas missões foi o de criar uma sociedade com os benefícios e qualidades da sociedade cristã europeia e isenta dos seus vícios e maldades. Nesse sentido, o aldeamento de São João Baptista foi transferido das proximidades do Rio Gurupi (MA) e erguido às margens do Rio Caeté, logo após a criação da Vila de Souza do Caeté (MORETTI, 2014). Esse foi o local onde os padres reuniram os índios tupinambás e construíram a igreja de São João Baptista.

No que se refere aos aldeamentos ocorridos na Amazônia, de acordo com Freire (2003):

Milhares de índios foram retirados de suas aldeias de origem, transferidos de seus territórios e integrados ao chamado sistema de "aldeias de repartição" e neste caso eram considerados como "livres"; ou ainda foram inseridos diretamente na produção e na prestação de serviços como escravos, o que era permitido pela legislação. (FREIRE, 2003, p. 10)

Nesse momento, os padres jesuítas, ainda não tinham o controle total sobre esses aldeamentos, uma vez que a repartição, o aluguel, a concessão de índios para a necessidade dos colonos dependia de um morador português, chamado de *capitão-de-aldeia*, o qual detinha o controle temporal. No entanto, com o Regimento das Missões, em 1686, os padres consolidam o controle não só espiritual como também temporal sobre os índios (FREIRE, 2003).

Tal fato confirma a iniciativa do processo de territorialização da Amazônia, isso porque se criavam núcleos de povoamento, denominados de aldeamentos, justamente para a fixação de pessoas em áreas predeterminadas.

A partir desse viés, formou-se o aldeamento de São João Baptista, considerado importante iniciativa ao processo de formação da cidade de Bragança, uma vez que, de acordo com Barros (2003, p.89), em se tratando da colonização brasileira, os aldeamentos constituíam-se, também, como depósito de mão de obra indígena tanto para as missões como para os colonos da região. Sendo assim, a sociedade colonial de Bragança deve ser pensada como heterogênea, miscigenada, já que foi formada por portugueses, brasileiros mestiços, Indígenas e africanos, traços comprovados na

cultura bragantina, a exemplo da (i) imagem de São Benedito, erguida na entrada da cidade, a qual representa a cultura africana, assim como a dança da Marujada; (ii) arquitetura de alguns prédios de estilo português, com decoração de azulejos lusos, e muitas ruelas estreitas, lembrando a Europa portuguesa; (iii) os nomes de diversos lugares do município, que delatam a influência indígena de origem tupinambá, como *Ajuruteua* (vila, praia e estrada), *Caeté* (rio e baía), *carimã* (comunidade), entre outros traços culturais.

Acerca de o nome do município ser Bragança, Siqueira (2008, p. 35) afirma que a nomeação está relacionada com os franceses, chefiados por Daniel de La Touche. Isso porque, em 4 de julho de 1612, esses franceses foram expulsos do Maranhão por Jerônimo de Albuquerque Maranhão, capitão-mor da Coroa Portuguesa. La Touche, explorando o Rio Caeté, chegou com seus homens à aldeia dos Tupinambá, onde se localiza o atual bairro da Aldeia, em 8 de julho de 1613, e, em razão de terem sido bem recebidos pelos índios, chamou o lugar de *Benquerença*.

De acordo com Rodrigues (2006, p. A-11), em 1763, transformou-se em freguesia, sob o nome de Nossa Senhora do Rosário. Mais tarde, Francisco Xavier Mendonça Furtado, governador do Estado do Maranhão e Grão-Pará, elevou a freguesia à categoria de vila, chamando-a, então, Vila Nossa Senhora do Rosário de Bragança. Têm-se, assim, duas versões para o nome de Bragança.

Segundo Oliveira (2008, p. 188), a Vila de Bragança surgiu do projeto de territorialização, planejado, no século XVII, para ocupação da extensa capitania do Maranhão e Grão-Pará. Ainda, segundo a referida autora, as primeiras vilas fundadas nessa extensa região foram São Luiz (1612), Belém (1616), Caeté (1634), Cameté (1635).

A política utilizada foi de ocupação, uma vez que essas vilas foram erigidas próximas a aglomerados de pessoas e representariam a coroa portuguesa, por meio de sesmarias (terras destinadas à produção) e do povoamento, com a finalidade de garantir, em um grande espaço de tempo, o processo de territorialização da Região Norte do Brasil. Exemplo disso, foi a aldeia de São João Baptista, na região do Caeté, localizada às proximidades da Vila de Bragança. A partir dessa iniciativa, a Coroa portuguesa considerava que as aldeias não eram o local ideal para súditos e vassalos

e, desse modo, foram criadas as vilas, lugares e comunidades que deveriam funcionar segundo modelos administrativos portugueses.

Assim, em uma das diversas medidas adotadas por Portugal, algumas das várias vilas foram rebatizadas e tiveram sua toponímia indígena modificada, perdendo seus nomes em LGA e passando a adquirir nomes portugueses, como foi o caso de Caeté (Bragança), Procatuba (Fonte Boa), Mariuá (Barcelos) entre diversas outras modificações (FREIRE, 2011).

Siqueira (2008, p. 36) assegura que a capitania do Gurupi, da qual a do Caeté fazia parte, foi doada por Felipe III, Rei da Espanha, a Gaspar de Souza, Governador Geral do Brasil, por meio de carta, datada de 9 de janeiro de 1622. Essa capitania, posteriormente, foi repassada ao filho de Gaspar de Souza, Álvaro de Souza, que, em 1634, fundou na margem direita do Rio Caeté a Vila Souza do Caeté⁹, considerada o primeiro povoamento da região que viria ser denominado, posteriormente, de Bragança. No lugar onde a Vila Souza do Caeté foi erigida, há um monumento representativo da importância histórica, não somente de Álvaro de Azevedo, mas também de Bragança, como se observa na Figura 2, abaixo:



Fig. 2: Monumento histórico, representando a importância de Álvaro de Souza para a história de Bragança/PA.

⁹ Hoje, conhecida como Vila Cuera, de Cuera (nome tupinambá para *antigo, que não mais existe*).

No entanto, segundo Oliveira (2008, p. 189), havia um problema com a Vila Souza de Caeté, o de localização. Isto é, por encontrar-se à margem direita do rio, não havia perfeita interação com a Vila de Santa Maria de Belém do Grão-Pará. Nesse caso, o Rio Caeté apresentava-se como barreira à integração das duas vilas.

No século seguinte, mais precisamente em 1753, ao constatar que a vila Souza do Caeté não prosperava econômica e demograficamente, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Governador do Grão-Pará, decidiu transferi-la para a outra margem do rio, local onde, hoje, se encontra a sede do município, conforme afirma Bordallo:

Álvaro de Souza fundou então a primeira comunidade sobre o Caeté, margem direita, como sede de sua capitania, dando-lhe o nome de Vila Souza do Caeté. Pouco tempo depois [...] sem dúvida devido à maior facilidade de comunicação com Belém, ao que se presume, entre 1634 a 1640, estabeleceu-se definitivamente a sede da capitania à margem esquerda do rio, na mesma área em que hoje está a cidade de Bragança. O Antigo local, um pouco mais a jusante, é conhecido como Vila-cuéra. (BORDALLO, 1981 p. 11).

Nesse novo lugar, a vila criada recebeu o nome de Bragança. No mesmo ano, foi elevada a município e revertida à Coroa. Ressalta-se, aqui, que esse processo de criação é resultado do projeto de territorialização, implementado pelo ministro Marquês de Pombal (OLIVEIRA, 2008).

A partir da Lei Provincial Nº 252, de 02 de outubro de 1854, sancionada pelo Presidente da Província, conselheiro Sebastião do Rego, Bragança foi elevada à categoria de cidade. Tornou-se distrito sede e, atualmente, conforme IBGE (2010), pela divisão territorial datada de 2005, o município passa a ser constituído por 6 distritos: Bragança, Almoço, Caratateua, Nova Mocajuba, Tijoca e Vila do Treme, conforme se observa no Mapa 7, a seguir:



Mapa 7: Município de Bragança/PA, e sua divisão distrital. **Fonte:** Adaptado (CPRM, 1998).

Vê-se que o município de Bragança/PA, tem uma importante história na formação política do Estado do Pará, território que foi se constituindo com o passar de, aproximadamente 200 anos (1622-1854), durante o período colonial amazônico. Nessa história, portanto, entre colonos e padres portugueses, há outro personagem, também, muito importante no processo de formação, não só sociocultural dessa região, mas também de toda a Região Amazônica: o índio tupinambá.

2.1.4.3 Os índios Tupinambá

Sampaio (2011, p. 63) afirma que, em meados do séc. XVI, havia comunidades indígenas na região do Caeté (Bragança/PA), as quais mantinham comércio intertribal de produtos manufaturados e primários. Tal afirmação pode ser confirmada no mapa etnolinguístico, de Curt Nimuendaju (p. 21), no qual se observa que, no início do séc. XVII, a etnia Tupinambá habitava a região do Caeté à época da colonização da região. Provavelmente, foi essa etnia que compôs, inicialmente, o aldeamento de São João Baptista, erguido às proximidades da Vila de Bragança/PA. Ou como afirma o professor e historiador Dário Benedito:

Álvaro de Souza, filho e sucessor de Gaspar, que erigiu a vila de Souza do Caeté foi incansável em tentar manter o controle da capitania para sua família, permitindo a fundação do aldeamento missionário de São João Batista, quando os padres aldearam os índios tupinambás daqui. Álvaro conseguiu de Felipe IV da Espanha a posse definitiva do território onde hoje é Bragança. Assim, imediatamente ele fundou a Vila Souza do Caeté, hoje Vila-que-era, ao lado direito do rio Caeté, que tinha diversas dificuldades de acesso e comunicação com a capital do Estado, mas com uma possibilidade de intercessão muito grande com o Maranhão¹⁰.

Essa etnia, por falar o Tupinambá, língua com inúmeras afinidades com a língua brasílica, nome dado, segundo Freire (2011, p. 59), à língua Tupinambá usada na catequese pelos padres jesuítas em todo litoral brasileiro, ajudou inconscientemente a política da Coroa portuguesa: de aspecto produtivo, a partir de diversas exigências laborais, e de cunho catequista, que funcionava, de certo modo, como processo de recrutamento de mão de obra. Assim, tanto para um motivo quanto para outro, a língua foi fundamental. Isto é, para o colono mandar, o índio obedecer e o padre catequizar, foi necessário estabelecer uma língua de comunicação entre eles: a Língua Geral Amazônica, como assim ficou, posteriormente, conhecido o resultado

¹⁰ <http://profdariobenedito.blogspot.com/2010/10/braganca-11-de-outubro-de-1753.html>

da mistura entre as línguas geral paulista (brasílica), africana, portuguesa, Tupinambá e demais línguas indígenas não tupi na região Amazônica à época da colonização do Caeté. Lembrando Rodrigues (2003, p. 21), a LGA foi um produto da interação entre os povos que viviam na Amazônia:

Os filhos de mestiços de homens portugueses e mulheres tupinambá, que logo passaram a constituir a maior parte da população não indígena da nova colônia, falavam a língua de suas mães, a qual, fora do contexto social e cultural indígena, foi-se diferenciando mais e mais do Tupinambá falado pelos índios e no século XVIII já se distinguiu nitidamente como uma nova língua. (RODRIGUES, 2003, p. 21)

Ou, retomando Freire (2011, p. 59):

A língua tupinambá acabou, portanto, exercendo a função inicial de língua de comunicação entre os portugueses e os diferentes povos tupis da região [...] No processo histórico de sua constituição e expansão, essa língua passou a ser conhecida no período colonial como língua geral e “foi progressivamente reajustando-se e diferenciando-se do tupinambá falado pelos índios que sobreviveram até meados do século XVIII”.

Observa-se, assim, que, na medida em que os padres e colonos portugueses percebiam a grande variedade linguística, uma vez que havia, na Amazônia, de um modo geral, grande variedade de línguas indígenas (tupi e não tupi), foi necessário que se selecionasse uma dessas línguas para ser usada por todos como instrumento de comunicação. Isso porque não seria, de acordo com Freire (2003, p. 13), viável para um missionário ou colono, encarregados por uma aldeia de repartição, aprender todas as línguas indígenas existentes na Amazônia.

Nesse contexto, é fácil entender que a LGA se tornou, de modo lento e gradual, a língua comum à população mestiça e não mestiça, tanto nos núcleos urbanos como nos estabelecimentos do interior amazônico, de modo que também passou a ser a língua das missões religiosas, locais onde eram reunidos índios originalmente falantes de muitas outras línguas. Ou seja, na missão de São João Baptista, na Vila de Bragança/PA, em razão da prática cotidiana, falava-se a LGA.

Barros (2003, p. 90) fala do fenômeno da *tupinização*, processo no qual índios não-tupi aprendiam a LGA ao serem incorporados às missões jesuíticas, por meio da política dos descimentos. Esse fenômeno consistia em três momentos: composição

dos *embaixadores*¹¹, confecção de catecismo em língua tapuia e agrupamento de índios tupi e não-tupi, o que culminava com o uso da LGA.

Entende-se, dessa forma, que o índio tupinambá (e todos os demais) da Amazônia, de um modo geral, e, especificamente, de Bragança/PA, exerceu determinante influência na concretização da LGA, já que o Tupinambá, já modificado pelo contato com outras línguas indígenas, por sua proximidade com a LGP, foi usado por padres e colonos (recém-chegados à Amazônia). Por essas similitudes entre as duas variedades do tupinambá, definiu-se a Língua Geral como língua a ser usada na Amazônia, uma língua franca, que se constitui como tal quando

O indivíduo entra em contacto com um povo de outra língua e se preocupa em obter um meio-térmo linguístico para se comunicar mais estreitamente com êle. Daí a tendência a deixar de lado tudo aquilo que atrapalha muito e não prejudica, por sua falta, essencialmente a comunicação [...] isto é, de intercurso prático, em que se suprimem dificuldades, às vezes até insuperáveis para o estrangeiro. (CÂMARA JR, 1965, p. 101)

Frisa-se, assim, que a língua Tupinambá dos primeiros contatos linguísticos com a língua portuguesa não pode ser considerada a que os indígenas falavam em suas comunidades de origem. Posteriormente, no séc. XIX, a LGA ficou conhecida como Nheengatu.

Ressalta-se, também, que a cultura e os conhecimentos dos indígenas de Bragança/PA acabaram por influenciar parcialmente a região, no que tange à arte (pintura corporal), à culinária (pratos derivados da mandioca, por exemplo), à religião (pajelança das benzedadeiras), ao folclore (lenda do curupira), à agricultura (coivara, técnica de corte e de queima), à medicina (uso do óleo da andirobeira como anti-inflamatório) e ao uso de objetos como utensílios domésticos (alguidares de barro). Trata-se de procedimentos vistos no cotidiano bragantino, seja no centro urbano ou na zona rural.

Há de se levar em conta, também, que, na missão de São João Baptista, como em todas as demais missões, segundo Freire (2203, p. 11), os índios tupi e não-tupi tinham que realizar tarefas tradicionais, como remar, trabalhar nos engenhos de açúcar, coletar de drogas do sertão, cultivar o tabaco e, conseqüentemente, derrubar árvores, limpar o terreno, plantar, entre outras tarefas específicas da agricultura.

¹¹ Índios intérpretes responsáveis por aprender a língua tapuia, como forma de convencer índios a irem para as missões jesuíticas.

Outra influência de suma importância e que substancia e justifica esta pesquisa diz respeito à toponímia da região, uma vez que se origina, em grande parte, da LGA falada na região que constitui, hoje, o município de Bragança/PA. Trata-se de nomes dos distritos que compõem o município, em que o termo *distrito* configura-se como Rede de Pontos ou Pontos Linguísticos, os quais representam os locais de onde foram coletados os dados desta pesquisa.

2.1.5 OS PONTOS LINGUÍSTICOS

Os pontos linguísticos desta pesquisa, como já anteriormente mencionados, são os distritos do município de Bragança/PA: Bragança (sede), Caratateua, Vila do Treme, Tijoca, Nova Mocajuba e Almoço. Trata-se dos locais onde foram coletados os topônimos de origem tupinambá, a partir das pesquisas de campo e documental.

Para a seleção dos pontos linguísticos desta pesquisa, ressaltam-se dois fatores: o primeiro, relacionado à proximidade do pesquisador com a cidade de Bragança/PA, uma vez que sua esposa é bragantina; o segundo, pela importância histórica que o município tem em relação à formação do Estado do Pará. Tais fatores justificam a seleção do *locus* à realização da pesquisa. Nesse caso, os pontos linguísticos fazem parte de um conjunto que representa o município de Bragança/PA, e que, portanto, devem ser levados em consideração.

O município de Bragança surgiu a partir da Lei N.º 252, de 2 de outubro de 1854. Sua extensão, pela divisão territorial de 31 de dezembro de 1936, apresentava seis distritos: Bragança (sede), Almoço, Alto Quatipuru, Benjamim Constant, Emboraí e Urumajó. No entanto, muitas mudanças aconteceram em relação a essa divisão, de tal modo que o município, em 1959, passou a ser constituído por dez distritos. Hoje, constitui-se de seis: Bragança (sede), Caratateua, Vila do Treme, Tijoca, Nova Mocajuba e Almoço, conforme se observa no Mapa 6 supracitado.

A sede Bragança tem população, aproximada, de 113.227 habitantes residentes (IBGE, 2010). Limita-se ao norte, com o oceano atlântico; a leste, com o Rio Caeté, Vila do Caratateua e Vila do Tijoca; a oeste com o município de Tracuateua; ao sul, com a Vila do Almoço, conforme se observa no Mapa 8, abaixo:



Mapa 8: Distrito de Bragança (sede).
Fonte: Adaptado (CPRM, 1998).

A Vila de Caratateua tem população, aproximada, de 6.693 habitantes residentes e limita-se ao norte e oeste, com o distrito de Bragança; a leste, com a Vila do Treme; a sul, com a Vila do Tijoca, conforme se observa no mapa 9, a seguir:



Mapa 9: Distrito da Vila do Caratateua.
Fonte: Adaptado (CPRM, 1998).

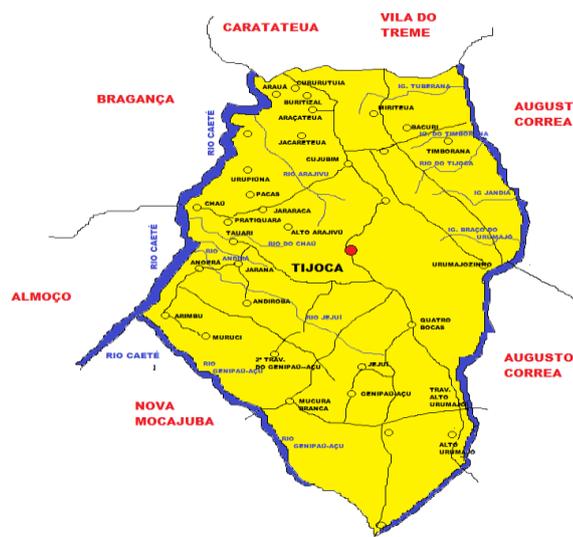
Ao lado da Vila do Caratateua, há a Vila do Treme, recém-elevada à categoria de vila, com população, aproximada, de 2.452 habitantes residentes e limita-se ao

norte, com o distrito de Bragança; a oeste, com a Vila do Caratateua; a leste, com o município de Augusto Correa; ao sul, com o distrito de Vila do Tijoca, conforme se observa no Mapa 10, abaixo:



Mapa 10: Distrito da Vila do Treme.
Fonte: Adaptado (CPRM, 1998).

Outro distrito da pesquisa é a Vila do Tijoca, com população, aproximada, de 8.430 habitantes residentes e limita-se ao norte, com a Vila do Caratateua; a oeste, com os distritos de Bragança e Vila do Almoço; ao sul, com a Vila de Nova Mocajuba; a leste, com o município de Augusto Correa, conforme se observa no Mapa 11, a seguir:



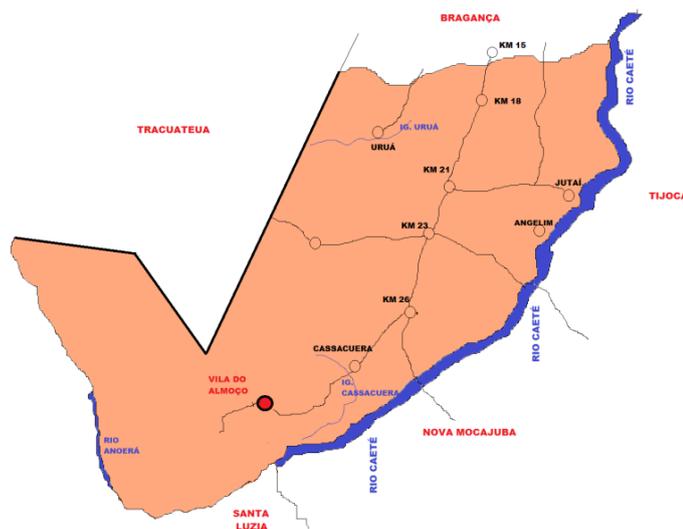
Mapa 11: Distrito da Vila do Tijoca.
Fonte: Adaptado (CPRM, 1998).

O distrito da Vila de Nova Mocajuba, com população, aproximada, de 3.918 habitantes residentes, limita-se ao norte, com a Vila do Almoço e Bragança; a leste, com a Vila do Tijoca; a oeste, com o município de Santa Luzia; ao sul, com o município de Augusto Correa, conforme se observa no mapa 12, abaixo:



Mapa 12: Distrito da Vila de Nova Mocajuba.
Fonte: Adaptado (CPRM, 1998).

O último distrito, Vila do Almoço, segundo Moreira Pinto (1884, p. 197) teve início, em 1876, com a emigração cearense, que ali formou um núcleo. Com população, aproximada, de 2.452 habitantes residentes, limita-se ao norte, com Bragança; a leste, com a Vila do Tijoca e Vila de Nova Mocajuba; a oeste, com o município de Capanema; ao sul, com o município de Santa Luzia, conforme se observa no mapa 13, a seguir:



Mapa 13: Distrito Vila do Almoço, Bragança/PA.
Fonte: Adaptado (CPRM, 1998).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, intenciona-se mostrar não apenas aspectos linguísticos baseados na Sociolinguística, como suporte teórico à explicação da toponímia bragantina de origem Tupinambá, a partir da dialeção pela qual passou a língua que se convencionou denominar de Tupinambá do Maranhão e Grão-Pará, posteriormente conhecida como LGA (Nheengatu), mas também (e principalmente) a Lexicologia e Onomástica, especialmente no que diz respeito à história dos estudos já realizados sobre Toponímia, e também sobre a formação e classificação dos topônimos. Para isso, como principal referência a ser adotada nesta pesquisa, cita-se Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, em seu trabalho sobre Antroponímia e Toponímia no Brasil: coletânea de estudos, de 1992.

Como abordagens ancilares, adotar-se-ão os textos de Calvet (2002), Mello et al. (2011), Noll (2008) e Galucio (2010), referente ao contato entre línguas; Aryon Rodrigues (2010), acerca do Tupinambá, ressaltando que, segundo Dietrich e Noll (2011, p. 85), este autor foi o pioneiro na aplicação de métodos linguísticos modernos no estudo das línguas indígenas, principalmente do Tupinambá.

3.1 A TOPONÍMIA E SUA INTERFACE COM A LEXICOLOGIA

Qual é a relação entre Toponímia e Lexicologia? Eis uma boa questão para se refletir. Por ser mais abrangente, a abordagem dessa questão inicia-se com a Lexicologia.

Lexicologia é uma ciência recente que estuda, de maneira científica, o vocabulário de uma língua. Inicialmente, dentro das concepções estruturalistas, a Lexicologia não era, ainda, reconhecida como ciência, em razão de o significado da palavra ser observado apenas a partir da relação que a palavra possui com outra, dentro de um nível sintagmático.

Em uma abordagem moderna, a Lexicologia define a palavra como unidade de significação, (1) caracterizada pela inseparabilidade dos diversos elementos que a realizam foneticamente e (2) definida por suas possibilidades de comutação na unidade linguística que lhe é imediatamente superior, sintagma ou frase (DUBOIS *et al.*, 2004).

Retomando a relação Toponímia-Lexicologia, afirma-se que ambas as ciências têm relação com a estrutura da palavra de uma língua, por isso fazem parte dos estudos linguísticos, os quais podem ser realizados a partir de um fenômeno linguístico observado, como é o caso dos topônimos de Bragança/PA, de origem tupinambá, ressaltando a especificidade da Toponímia em tratar apenas de nomes de lugares, enquanto a lexicologia trata das palavras, em geral.

Sendo assim, é importante salientar que, de acordo com Abbade (2011, p. 1332), língua e cultura são indissociáveis, uma vez que a língua é um conjunto de palavras, as quais se organizam em frases para formar o discurso. Se o discurso é um conjunto de palavras, cada palavra empregada terá correspondência nos aspectos sociais, econômicos, políticos, etários, culturais de quem a profere. Nesse sentido, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que o utiliza. Para Celina Abbade, Lexicologia é uma ciência que abrange muitas outras ciências, ou como ela própria afirma:

a Lexicologia enquanto ciência do léxico estuda as suas diversas relações com os outros sistemas da língua, e, sobretudo as relações internas do próprio léxico. Essa ciência abrange diversos domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, relacionando-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica. (ABBADE, 2011, p. 1332)

Vê-se, assim, que a Lexicologia é uma área da linguística que se dedica ao estudo científico do acervo dos vocábulos que compõe determinado idioma, ou seja, é uma abordagem detalhada do léxico, a partir da qual se descreve as origens, formas e significados das palavras. Corroborando essas ideias, Vilela (1994, p. 10) afirma: ... *a lexicologia tem como objeto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações*. A síntese dessas ideias, para Barbosa (1990 *apud* Xavier, 2011, p. 2), é a concepção de que a *Lexicologia estuda o universo de todas as palavras, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança*.

Nesse sentido, a partir da estrutura da palavra, tendo-se a Lexicologia como suporte a uma análise mais detalhada, pode-se chegar à origem das palavras, sua formação e significado primário e secundário. Trata-se, portanto, de um estudo detalhado e atento da composição das palavras e de suas variações fonéticas, com objetivos claros, ou como afirma a professora Jeni Turazza:

Lexicologia compreende um discurso científico modalizado pelo *fazer-saber* e tenta analisar, descrever, explicar e reduzir a modelos teóricos os fenômenos do universo lexical e, ainda, procura falsear tais modelos num procedimento de revalidação e superação. (TURAZZA, 2005, p. 56)

Nota-se, assim, que se trata de um modelo de investigação linguística que estuda o léxico, a partir de vários pontos de vista, uma vez que cada estrutura lexical remete a particularidades diversas, como aquelas que se relacionam ao período histórico em que foi nomeada, à região geográfica à que pertence, à sua realização fonética e aos morfemas que a compõem, assim como ao seu uso sociocultural, institucional e político.

Nesse caso, em se tratando desta pesquisa, a etimologia mostra-se oportuna, uma vez que auxiliará na verificação das possíveis mudanças fonéticas dos topônimos de origem Tupinambá do município de Bragança/PA. Tal afirmação é confirmada por Câmara Jr., quando analisa a definição de Etimologia:

Disciplina linguística que nos dá os métodos para descobrir os étimos dos vocábulos primitivos de uma língua. Essa pesquisa apoia-se: a) nos conhecimentos de variações fonéticas sistemáticas, b) na possível ação da analogia, c) no exame das formas anteriores documentadas; d) nas relações de significado entre o vocábulo dado e o da língua originária; e) nas informações históricas. (CÂMARA JR., 1977, p. 112)

Entende-se, assim, que a Etimologia se preocupa com a origem da palavra e, a partir dela, pode-se descrever sua formação e estrutura fonética. Nesse caso, é um ramo da Lexicologia, o qual tem como objetivo o estudo científico de todas as palavras de um determinado idioma (seu léxico), tendo como ponto de partida vários aspectos. Isto é, procura-se por meio dela determinar o étimo, a forma e o significado das palavras (não necessariamente nessa ordem), assim como seu uso na comunidade linguística. Nesse sentido, por meio da Lexicologia, torna-se possível analisar e descrever, cientificamente, as unidades léxicas de uma língua.

Partindo-se desses pressupostos teóricos, pode-se afirmar que a Toponímia – ramificação da onomástica¹² – faz parte dos estudos lexicológicos de uma língua, ou seja, a Onomástica é um ramo da Lexicologia, uma vez que a Toponímia se preocupa com os topônimos, nomes dos acidentes geográficos de um determinado lugar. Nesse tipo de estudo, as particularidades apresentadas, referentes aos estudos lexicológicos, como variação morfológica e fonética, além de mudança de sentido e

¹² Ramo da Lexicologia que estuda a origem dos nomes próprios. Para Dubois *et al.* (2005, p. 441), divide-se em *Antroponímia* (disciplina que estuda os nomes próprios de pessoas) e *Toponímia* (disciplina que estuda os nomes próprios de lugar).

origem da palavra, podem ser empregadas, sem maiores complicações, no estudo do léxico toponímico.

Avaliando-se a Lexicologia sob as concepções do estruturalismo, deve-se fazer um adendo: a palavra não é o elemento de análise da Lexicologia. O elemento de análise desta ciência é a *lexia*, que pode ser entendida, segundo Dubois et al. (2005, p. 361), pautado em Pottier, como:

[...] unidade de comportamento léxico. Opõe-se a morfema, menor signo lingüístico, e à palavra, unidade mínima construída. É, portanto, a unidade funcional significativa do discurso. A *lexia* simples pode ser uma palavra: cão, mesa, cegetista (membro da C.G.T.). A *lexia* composta pode conter várias palavras em via de integração ou integradas: quebra-gelo. A *lexia* complexa é uma seqüência estereotipada: a cavalo, C.G.T. (acrescentar-se-ão os provérbios (...) etc.). B. Pottier propõe que a distinção tradicional das partes do discurso tome por unidade a *lexia* e não mais a palavra. Com efeito, o comportamento sintático de máquina de costura, desde que encoraja a classificar essas *lexias* nas categorias gramaticais respectivas: substantivo, conjunção.

Têm-se, assim, as *lexias* simples, compostas e complexas. As primeiras, as simples, têm merecido acurados estudos por parte dos estudiosos do léxico, enquanto as duas últimas: compostas e complexas, não têm sido estudadas de maneira mais dedicada. Isso pode ser confirmado nos dicionários de língua portuguesa, pois a *lexia* complexa, por exemplo, entendida como um conjunto lexicalizado de dois ou mais vocábulos, contíguos, indissociáveis e monossêmicos, na maioria das vezes, não dispõem de entradas destinadas a esse tipo de estrutura.

Vê-se, pela sua estrutura, portanto, que *lexia* não pode ser confundida com palavra, já que ambas apresentam suas particularidades ou, dizendo de outra forma, há uma relação com a sociedade, ou seja,

Dizer que *lexias* são as palavras de uma língua, estaríamos tornando-a sinônimo da palavra. Então, qual a diferença entre esses termos? É que a *lexia*, diferente da palavra, é a unidade significativa do léxico de uma língua, ou seja, é uma palavra que tenha significado social.

A palavra é uma unidade significativa, mas a sua significação não é só lexemática, pode também ser morfemática, isto é, gramatical. A *lexia*, ao contrário, tem significação externa ou referencial, ou seja, apenas lexemática. A sua referência pode ser as coisas concretas ou abstratas. (ABBADE, 2011, p. 1334)

Pottier (1968 *apud* Turazza, 2005, p. 56) instaurou a *lexia* como objeto de estudo da Lexicologia, mas afirma, também, que *lexia* é objeto de outra ciência bem próxima: a Lexicografia. A diferença entre ambas as ciências é que a Lexicografia é instrumental, tem preocupação voltada para a confecção de dicionários. A Lexicologia, por sua vez,

analisa e descreve uma lexia. Ressalta-se, entretanto, segundo Dubois et al. (2005, p. 372), que a Lexicografia é uma disciplina bem antiga amplamente anterior à Lexicologia.

Mencionou-se, anteriormente, que a lexia pode ser simples, como em *mesa*, *micro*; pode ser composta, como em *guarda-roupa*, *palavras-chave*; complexa, como em *venda d'água*, *político corrupto*. Pode ser ainda textual, como se vê nos provérbios *para bom entendedor, poucas palavras bastam* e *tudo posso naquele que me fortalece* (KEHDI, 2006).

Esse autor ainda afirma que a lexia não pode ser separada, pois apresenta a particularidade da não-separabilidade. Essa característica da lexia pode ser observada na palavra *guarda-roupa*, que pode, por exemplo, aparecer antecedita ou seguida pelo adjetivo *novo*: *novo guarda-roupa* ou *guarda-roupa novo*; contudo, nunca com esse adjetivo intercalado, como *guarda-novo-roupa*.

Nesse sentido, *lexia* é uma unidade lexical memorizada e, como estrutura linguística, pode ser analisada sob os aspectos fonético-fonológicos, morfológico, semântico e etimológico.

Outra área imprescindível para melhor conhecimento da lexia toponímica se refere a sua representação no mundo real, que passa a considerar não apenas a forma, como também seu sentido, o que se relaciona, direta e concomitantemente, com a Morfologia e a Semântica. Nesse sentido, o léxico, de acordo com Basílio (2006, p. 8), possui alto teor de regularidade, considerado um componente fundamental da organização linguística do sentido, e seus diferentes processos derivacionais de mudança e extensão de classe servem a funções pré-determinadas, traduzidas em estruturas morfológicas lexicais. Tais particularidades do léxico serão abordadas a seguir, tomando-se como referência a toponímia de origem tupinambá.

3.2 TOPONÍMIA: A CIÊNCIA DOS NOMES PRÓPRIOS DOS LUGARES

Entende-se que Toponímia, conforme Dubois et al. (2005, p. 590), é *a parte da Linguística que se ocupa da origem dos nomes de lugares, de sua relação com a língua do país, com as línguas de outros países ou com línguas desaparecidas*. Tem, para esses autores, origem no grego *TÓPOS* (lugar) e *ONOMA* ou *ONYMA* (nome),

que significa nome de lugar, e pertence à Onomástica, do grego *ONOMA* ou *ONYMA* (nome) e *ZEIN* (ato, o agir), ou seja, é o ato de nomear. Sendo assim, quem faz pesquisa em Toponímia está estudando a Onomástica, um ramo da Lexicologia. Nesse tipo de estudo, trabalha-se com uma ficha que registra informações sobre o topônimo coletado, denominada de Ficha Lexicográfico-Toponímica¹³ (DICK, 2004).

3.2.1 OS ESTUDOS TOPONÍMICOS

Segundo Dick (1992, p. 1), a Toponímia, como corpo disciplinar, teve início na França, por volta da segunda metade do século XIX, época em que Auguste Lengnon estudou os nomes de lugares da França e os introduziu na *École Pratique des Hautes-Études* e no Colégio de França. A autora afirma ainda que, com a morte de Lengnon, seus alunos publicaram a obra *Les noms de Lieu de la France*, resultado de suas pesquisas em onomástica sobre os nomes dos lugares habitados. Em 1922, surgiu Albert Dauzat, também linguista francês, que aproveitou as pesquisas de Lengnon e publicou *Crônica de Toponímia*, na qual apresentou os topônimos, dividindo-os em categorias de nomes de acordo com suas causas históricas, cujos resultados o ajudaram a sistematizar a pesquisa em Toponímia.

Segundo Pereira (2017, p. 9),

Dauzat dividiu o mecanismo de nomeação em séries lógicas e em categorias históricas, estabelecendo um método de investigação toponímica. Assim, ao estudar os topônimos a partir desses dois ângulos, o pesquisador dá uma atenção especial às investigações, classificando-os segundo a ordem histórica de suas formações. Nesse sentido, focalizou a questão da denominação geográfica do ponto de vista da formação externa e dos sentidos intrínsecos ao nome.

Sendo assim, o reconhecimento sobre o mecanismo de nomeação toponímica decorre da análise acerca dos fatores motivacionais externos e internos, isto é, o acidente geográfico (F/H) pode ser nomeado a partir de designações espontâneas ou sistemáticas, representando a motivação externa (PEREIRA, 2017). No primeiro caso, mostra-se sem uma motivação consciente, sem que se reflita sobre a realidade do acidente geográfico; no segundo, já se percebe uma consciência designativa, observada, por exemplo, no ato de nomear um lugar tendo como base uma autoridade

¹³ Seção 5.

(Conjunto *Jaderlândia*¹⁴ [AH], Ananindeua/PA); um fundador de uma cidade (*Ulianópolis*/PA¹⁵ [AH], do sobrenome Uliana); ou de proprietário de um lugar (*Rio do Ferreira*¹⁶ [AF], Bragança/PA).

Nas motivações internas, as designações surgem da própria realidade geográfica do lugar, de modo que deixam transparecer as particularidades do ambiente físico, como *rio Samaumapara* ou *bairro Samaumapara*, ambos referentes à presença de árvores samaumeiras. Podem ser, também, originadas por uma questão histórica, a exemplo de *Córrego da Bandeira* (PEREIRA, 2017)

Posteriormente, em 1938, Dauzat organizou o I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia, que contou com a participação de 21 países, no qual se discutiu amplamente as práticas e metodologias da Toponímia, o que difundiu o estudo onomástico nos Estados Unidos, Canadá e Europa Rússia.

Segundo Dick (1992, p. 2), nos EUA, por exemplo, a revista *Names* (publicação oficial da American Name Society) foi fundada em Detroit, em 1951, com objetivo de estudar a etimologia, a origem, o significado e a aplicação de todas as categorias de nome: geográfico, pessoal, científico, comercial e popular. Um segundo objetivo da revista *Names* foi divulgar os resultados das pesquisas, e também conscientizar o povo americano da importância dos nomes em todos os campos do saber humano.

Desenvolvendo um estudo onomástico nos Estados Unidos, cita-se o linguista George Stewart, um dos nomes mais importantes da Toponímia americana, que estudou os meios ou mecanismos pelos quais o homem nomeia os acidentes geográficos de uma região, o que ficou conhecido como categorias discriminativas. Essas categorias são representadas em nove motivações: 1) *Descriptive names*; 2) *Possessive names*; 3) *Incident names*; 4) *Commemorative names*; 5) *Euphemistic names*; 6) *Manufactured names*; 7) *Shift names*; 8) *Folk etymologies* e 9) *Mistake names*.

¹⁴ Conjunto habitacional de Ananindeua/PA, que faz referência ao ex-governador do Pará, o atual senador Jader Barbalho)

¹⁵ Município leva o nome de uma das famílias que vieram para a Amazônia atraídas pelos grandes projetos implantados na década de 60, que facilitava a aquisição de terras na região. Famílias como a dos Uliana que ocuparam a área onde, hoje, está localizado o município de Ulianópolis.

¹⁶ Rio que assa nos terrenos do Sr. Ferreira, morador de Bragança/PA.

Em relação ao Canadá, essa autora faz referência a um grupo de estudos de Coronímia e de Terminologia Geográfica, associado ao departamento de Geografia da Universidade Laval, de Quebec, que, desde 1966, se preocupa com a onomástica local.

Na Rússia europeia, Pospelov cita três modelos de orientação temática, em relação à onomástica: 1) problemas gerais de teoria toponímica e de métodos de pesquisas geográficas; 2) os nomes geográficos da URSS; 3) os nomes geográficos de países estrangeiros, salientando, entre os centros linguísticos existentes, o papel desenvolvido pelo Instituto de Linguística da Academia de Ciências da Ucrânia e pela Sociedade Geográfica Russa, onde funcionam 11 Comissões Toponímicas (DICK, 1992).

Segundo Di Tizio (2008, p.11), em Portugal, destacou-se o trabalho do filólogo José Leite de Vasconcelos, com a obra *Opúsculos, Vol. III: Onomatologia*, de 1931. Trata-se de uma obra que apresenta considerável pesquisa sobre a onomástica portuguesa. Nessa obra, o autor concebe a Toponímia como [...] estudo dos nomes de sítios, povoações, nações, [...] rios, montes, vales, etc.

No Brasil, segundo Dick (1994, p. 435), a pesquisa onomástica teve início em 1934, na Universidade de São Paulo (USP), vinculada às disciplinas Etnografia e Língua Tupi, isto é, o estudo era delineado pelas disciplinas História e Geografia. A Toponímia, no entanto, desvinculou-se desse caráter etnográfico e passou a ser trabalhada em um aspecto mais linguístico, uma vez que a língua tupi começou a ser alvo de investigações dialetológicas. Tem-se, assim, uma dialetologia indígena tupi, com dois objetivos: um que se relaciona com o ensino de seus fundamentos básicos, de acordo com o modelo europeu; a outra, com a apresentação da função instrumental de um marcador vocabular brasílico, isto é, o estudo etimológico dos topônimos tupi, presentes na geografia brasileira, com o propósito de explicar sua origem.

Uma obra muitíssimo importante para os estudos onomásticos, no Brasil, é a *Toponímia Brasílica* (1961), do general Armando Levy Cardoso, cuja finalidade foi esclarecer alguns étimos da Toponímia brasileira não tupinambá. Esse autor afirma que, embora a influência do tupinambá na Toponímia brasileira tenha sido considerável, há, também, que se levar em conta a influência de outras línguas

indígenas não pertencentes a família Tupi-Guarani. Foi a Toponímia não tupinambá que Armando Cardoso pesquisou em sua obra, ou como ele próprio afirma:

Estudar e reviver essa quase ignorada Toponímia, reminiscência das velhas tribos tapuias, foi a tarefa que me propus realizar, a fim de que se não perdessem, como prevejo para o futuro não remoto, a denominação e o significado de um grande número de locativos brasileiros, que revelam, na sua tradução, a admirável lucidez de nosso silvícola nas suas denominações geográficas. (CARDOSO, 1961, p. 19)

Destaca-se, também, a obra *Contribuição do Bororo à Toponímia brasileira* (1965), do Dr. Carlos Drummond. Nela, o autor põe em evidência nomes correntes na Toponímia brasileira, especificamente da região do norte de Mato Grosso, que têm origem não tupinambá, assim como pesquisou o general Armando Cardoso. Ele ainda ressalta que a história das transformações dos nomes de lugares, sua evolução fonética, sua permanência ou desaparecimento, sua relação com as migrações, com a colonização, com os índios são alguns dos aspectos que merecem a devida atenção (DRUMMOND, 1965).

Não poderia faltar a esta pequena referência a obra *Estudos Tupinológicos* (1967), do professor Dr. Plínio Ayrosa, ex-professor da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, da extinta cadeira de Etnografia e língua Tupi-Guarani e que iniciou, na Universidade de São Paulo (USP), os estudos linguísticos do tupinambá. Tal obra apresenta verbetes e indicações bibliográficas a estudos sobre fonética.

Mais à frente, em 1980, segundo Mendes (2010, p. 38), a Dra. Maria Vicentina do Amaral Dick, orientada pelo professor Dr. Carlos Drummond, defendeu sua tese de doutorado, publicada em 1990, intitulada *A motivação toponímica e a realidade brasileira* (Arquivo do Estado de São Paulo), trabalho muito elogiado por Drummond, em razão de sua relevância do ponto de vista estrutural e científico. Desde essa época, a Toponímia vem sendo prestigiada pela professora Maria Vicentina Dick, que tem se dedicado, nesses últimos 28 anos, ao trabalho de elaborar o Atlas Toponímico do Brasil – ATB.

Recentemente, em razão da seriedade dos estudos onomásticos que acontecem no Brasil, sob orientação da professora Maria Vicentina Dick, destacam-se Patrícia Carvalinhos (USP), Aparecida Isquerdo (UFMS) e Karylleila Andrade (UFTO).

Carvalinhos possui extensa colaboração à Toponímia brasileira, como as publicações *Denominaciones en el espacio público brasileño: algunas palabras sobre São Paulo* (2013); *Instituto Previdência, São Paulo: memória(s) e topônimos* (2012); *Aplicações da teoria dos signos na Onomástica* (2011); *As Origens dos Nomes de Pessoas* (2007); *A onomástica e o resgate semântico: as Antas* (2004); *Caminhos das águas: os hidrotopônimos em Portugal* (2003); *Onomástica e Lexicologia: o léxico toponímico como catalisador de fundo de memória* (2003); *Antroponímia: um velho caminho, um novo instrumental de análise lingüístico-literária* (2002), entre muitas outras pesquisas. Também participou dos projetos *Memória Toponímica de São Paulo, bairro a bairro (fase 1, 2 e 3)*; *Atlas Toponímico de Portugal (Fase 1 e 2): variantes lexicais na Toponímia portuguesa* e *A questão do genérico (aglomerados humanos)*. Criou também *um banco de topônimos paralelos na cidade de São Paulo (Fase1): Instituto de Previdência, Butantã, Zona Oeste*.

Negri Isquerdo, também, possui extensa colaboração à Toponímia, uma vez que participou como coordenadora do projeto de *Atlas Toponímico do Mato Grosso do Sul – ATEMS* (2002-2005), e do *ATEMS II* (2007-2013). A referida pesquisadora tem, também, vários outros trabalhos em toponímia, como *Workshop: estudos onomásticos – a questão da Toponímia* (2002), *Léxico e toponímia: o nome próprio como signo lingüístico* (2005), *Historiografia toponímica: tradição e modernidade* (2006). *Um estudo etnolingüístico e sócio-histórico na toponímia sul-matogrosense* (2009), *A categoria dos animotopônimos na designação de lugares: uma discussão teórica* (2009), entre muitos outros trabalhos em Toponímia.

Karylleila Andrade, por sua vez, desenvolve, atualmente, projeto de pesquisa intitulado *Toponímia e ensino: propostas pedagógicas* (2013-atual), e também pesquisou a *toponímia tocantinense no contexto da Belém-brasília: estudo dos nomes dos municípios localizados à margem da rodovia* (2007-2009) e está trabalhando no *Atlas Toponímico do Tocantins – ATT* (2006-2020), além de inúmeros artigos na área toponímica, como *A grafia dos topônimos registrados pelos viajantes naturalistas na Província de Goiás* (2008), *O estudo dos nomes no contexto da BR Belém-brasília: análise das fichas lexicográfico-toponímicas* (2009), *O mito Paraupava na toponímia* (2011), entre vários outros estudos onomásticos, especialmente toponímicos.

Nesse contexto de pesquisa onomástica, no Brasil, que se evidencia pela coleta de dados, pode-se ressaltar que outro tipo de contribuição é bastante representativo, como os vocabulários da LGA e da LGP.

Destacam-se, para a LGA, as obras: 1) *Vocabulário da língua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez, precedidos de um esboço de Grammatica nheênga-umbuê-sáua mirí e seguidos de contos em língua geral nheêngatú poranduua* (1929, com nova edição de 2014), de Ermano Stradelli, que aborda vasto vocabulário Português-Nheengatu e Nheengatu-Português, além da gramática e lendas nheengatu; 2) *Vocabulário da Língua Indígena Geral para uso do Seminário Episcopal do Pará* (1853), do Padre Manoel Justiniano de Seixas, com vocabulário restrito e desconhecido até mesmo aos índios, de Nheengatu-Português, que apresenta um pouco da gramática Nheengatu; 3) *Estudos sobre o Nheengatu* (1942), de Vicente Chermont de Miranda, com abordagens, principalmente, acerca da fonologia e dicionário Nheengatu-Português da fauna amazônica; 4) *Diccionario anonymo da Língua Geral do Brasil* (Vocabulário Anônimo, 1896), publicado de novo com seu reverso por Julio Platzmann. Edição fac-similar. Este dicionário apresenta verbetes Português-Brasiliiano e Brasiliiano-Português.

Para a LGP, citam-se: 1) *O tupi na geografia nacional* (1987), de Theodoro Fernandes Sampaio, importante estudo que aborda a expansão da língua Tupinambá e do seu predomínio no Brasil, mostra de forma resumida os principais aspectos fonético-fonológicos e morfológicos da gramática Tupinambá, além do vocabulário geográfico brasileiro; 2) *Pequeno vocabulário Tupi-Português* (1955), do padre Antônio Lemos Barbosa, que apresenta a estrutura da língua tupi, a formação das palavras compostas e o vocabulário tupi-português, além de algumas mudanças fonéticas que ocorreram no tupinambá; 3) *Vocabulário na Língua Brasílica* (1938), manuscrito Português-Tupi do séc. XVII, coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa, 4) *Dicionário etimológico das palavras portuguesas de origem tupi* (1978), de Geraldo da Cunha.

Assim, pode-se ressaltar que a Toponímia brasileira vem sendo estudada em nosso país de forma científica, o que evidencia sua importância, mas, ao mesmo tempo, evidencia-se, também, a necessidade de implementação de um plano conjunto de estudos toponímicos em território nacional, haja vista que esse campo de estudo é

visto somente em alguns estados brasileiros, destacando-se três frentes principais de investigação, após a sistematização da disciplina no século XIX: 1) a perspectiva inicial, etimológica – ou seja, a Toponímia como ferramenta para a reconstituição de línguas antigas; 2) o trabalho conjunto da Toponímia com a geografia e cartografia, no sentido da criação de comissões normatizadoras para a terminologia geográfica; e 3) a mescla das duas perspectivas anteriormente descritas. Tal percurso de estudo evidencia que as pesquisas em Toponímia realizadas no Brasil, pertencentes à Linguística Geral, estão entrelaçadas a outras áreas do saber, como: História, Dialetoologia, Sociolinguística, Lexicologia, Terminologia, Cartografia, Geografia (CARVALINHOS, 2008).

Fazendo-se alusão às ideias dessa autora, cita-se Andrade (2011, p. 105), a qual afirma que a pesquisa em Onomástica continua sendo realizada no Brasil. Trata-se de um ramo da linguística muito abundante, já que os estudos, são, ainda, de certa forma, incipientes, quando se pensa no território nacional, mas que possibilita penetrar em diversas áreas, como Geografia, História, Antropologia, Cartografia, Psicologia.

É, certamente, um conjunto de saberes que pode ser representado por um estudo linguístico-cultural, que reflete a atividade do homem, uma vez que a assimilação de uma língua específica depende da absorção da capacidade linguística e intelectual (e cultural) do falante, o que permite a (1) abstração, no sentido de refletir, por exemplo, sobre um determinado fenômeno linguístico, e a (2) categorização, que seria sua competência em organizar a língua, de tal modo que se faça entender. Por isso, o homem é o fator principal nesse processo, pois é ele quem produz, reflete, elabora, expressa e, assim, fomenta a produção linguístico-cultural de uma comunidade (ANDRADE, 2011).

A nomeação dos lugares sempre foi uma atividade exercida pelo homem, desde os primeiros tempos alcançados pela memória humana. Obras antigas da história e da civilização mundial colocam essa prática como costumeira, ainda que distinta, em certos pontos, do processo denominativo vivido modernamente (DICK, 1992, p. 5).

Em se tratando desse assunto, Bernales Lillo (1978, *apud* Isquierdo, 2008, p. 36) destaca que a Toponímia *compreende aspectos de psicologia social que se*

relacionan con las etapas de la civilización, con el valor del terruño, con las conquistas del territorio, con las migraciones de los pueblos, con la historia de la lengua, etc.

Vê-se, nesse contexto de nomeação de acidentes geográficos, que o homem é o responsável direto pela formação e evolução dos nomes. É ele que atribui não somente o papel de comunicação e expressão à linguagem, mas também a função de referenciais à realidade e aos aspectos físicos, visto que é ele quem nomeia. Nesse sentido, o falante usa a língua para interagir com outro, podendo expressar seus sentimentos por meio das palavras, ao mesmo tempo em que passa a ser interlocutor, ouvindo o que o outro tem a dizer. Assim, o falante da língua usa a palavra para nomear o que está a sua volta, seja um acontecimento social ou uma estrada, por exemplo.

Diante disso, em se tratando da nomeação de lugares ou acidentes geográficos (foco deste estudo), deve-se levar em conta: o falante da língua e o processo de escolha do nome, que terá como resultado sua representação no mundo, uma vez que, de acordo com Bernales Lillo (2002 *apud* ISQUERDO, 2008, p. 36), observam-se três fatores que individualizam a Toponímia em relação a outras disciplinas: *el factor humano, el factor lingüístico e el factor histórico-físico.*

3.2.2 A CLASSIFICAÇÃO TAXEONÔMICA

Retomam-se, nesta subseção, as ideias de George Stewart (subseção 4.2.1), as quais, segundo Dick (1992, p. 25), devem ser vistas com atenção especial, quando se leva em conta a realidade da toponímia brasileira, porque *parece-nos que sua aplicabilidade, em termos abrangentes de um maior número de casos, pode não satisfazer a todos.*

Ressalta-se que, em uma relação binômica, sobressaem-se elementos genéricos (relativos à entidade geográfica que receberá a denominação) e elementos específicos (sobre a noção espacial). Essa particularidade ocorre no topônimo, de maneira justaposta (rio dos urubus, urubuí) ou aglutinadas (Taperaçu).

Nesse sentido, Dick (1992) cria um modelo taxionômico, Tabela 1, abaixo, que cataloga o produto gerado, o topônimo, no nível sincrônico, diferente de George Stewart, que trabalhava a questão histórica da motivação, deixando os mecanismos de

nomeação e o levantamento histórico e diacrônico para o “estudo descritivo das taxes isoladamente consideradas” (p. 26).

Tabela 1: Classificação toponímica, de acordo com sua distribuição qualitativa.

	Natureza da lexia toponímica	
	Antropo-cultural	Física
Classificação	Animotopônimo	Astrotopônimo
	Antropotopônimo	Cardinotopônimo
	Axiotopônimo	Cromotopônimo
	Corotopônimo	Dimensiotopônimo
	Cronotopônimo	Fitotopônimos
	Ecotopônimo	Geomorfotopônimo
	Ergotopônimo	Hidrotopônimo
	Etnotopônimo	Litotopônimo
	Dirrematotopônimo	Meteorotopônimo
	Hierotopônimo	Morfotopônimo
	Historiotopônimo	Zootopônimo
	Hodotopônimo	
	Numerotopônimo	
	Poliotopônimo	
	Sociotopônimo	
	Somatotopônimo	

Fonte: Dick (1992, p. 31-34).

Levando-se em conta as considerações da referida autora, a nomeação ocorre tanto pela intenção humana consciente como pela característica do referente espacial. Ou seja, em uma circunstância social real, o falante de uma língua tende a dar nomes a uma situação ou fato para os quais não há nomeação existente, ou lhe é desconhecida. É a explicação dada, por exemplo, para a ocorrência da palavra de origem tupinambá *igarapé*, que representa um lugar onde há uma porção de águas calmas, que se encontra em meio a árvores, no meio do mato, em que: *i* é água; *gara* é canoa; *pé* é caminho; tem-se, assim, *igarapé*: caminho de canoa, onde só passa a canoa (CUNHA, 1978, p. 151). Vê-e que, nesse exemplo, a nomeação foi motivada pela realidade que se percebe num igarapé.

Assim, a partir dos dados da Tabela 1, acima, pôde-se compor dois quadros (2 e 3), referentes à definição de cada taxonomia toponímica, os quais definem as particularidades de cada topônimo nomeado: um, para as de natureza física; outro, para as de natureza humana.

Quadro 1: Taxeonomias de natureza física.

Taxeonomia	Referenciação	Exemplo
Astrotopônimo	Corpos celestes em geral	Travessa da Estrela (Belém, PA)
Cardinotopônimo	Posições geográficas em geral	Norte brasileiro (Belém, PA)
Cromotopônimo	Escala cromática	Águas Brancas (Ananindeua, PA)
Dimensiotopônimo	Características dimensionais	Acarajó Grande (Bragança/PA)
Fitotopônimos	De índole vegetal	Ajuruteua (Bragança/PA)
Geomorfotopônimo	Formas topográficas	Bairro do Morro (Bragança/PA)
Hidrotopônimo	Hidrografia	Urubuí (Bragança/PA)
Litotopônimo	Setor mineral	Distrito do Tijoca (Bragança/PA)
Meteorotopônimo	Fenômenos atmosféricos	Serra do Vento (PB)
Morfotopônimo	Formas geométricas	Triângulo Mineiro (MG)
Zootopônimo	Setor animal	Jacareteua (Bragança/PA)

Fonte: Dick (1992, p. 31-32) – adaptado.

Quadro 2: Taxeonomias de natureza humana.

Taxeonomia	Referenciação	Exemplo
Animotopônimo	Vida psíquica e espiritual	Lago da Saudade (TO)
Antropotopônimo	Nomes próprios individuais	Vila Fátima (Tracuateua, PA)
Axiotopônimo	Títulos e dignidades	Duque de Caxias (RJ)
Corotopônimo	Nomes de cidades, estados	Pará (PA)
Cronotopônimo	Indicadores cronológicos	Nova Mocajuba (Bragança/PA)
Ecotopônimo	Habitações em geral	Casa da Telha (BA)
Ergotopônimo	Elementos da cultura material	Ponte do Sapucaia (PA)
Etnotopônimo	Elementos étnicos	Rua dos Tamaiois (Belém, PA)
Dirrematotopônimo	Enunciados ou frases	Vai Quem Quer (AM)
Hierotopônimo	Nomes sagrados das crenças	Natal (RN)
Historiotopônimo	Movimentos histórico-sociais	Vila dos Cabanos (Barcarena, PA)
Hodotopônimo	Vias de comunicação	Estrada do Bacuriteua (Bragança/PA)
Numerotopônimo	Adjetivos numerais	Quatro Bocas (Bragança/PA)
Poliotopônimo	Vocábulo vila, aldeias	Vila de Ajuruteua (PA)
Sociotopônimo	Atividades profissionais	Sapateiro (SP)
Somatotopônimo	Parte do corpo humano /animal	Ilha Boissucanga (PA)

Fonte: Dick (1992, p. 32-34) – adaptado.

Nesses termos, o vocábulo *taxeonomia*, usado por Dick (1992), relaciona-se à palavra *taxonomia*, sendo esta emprestada à Onomástica da Biologia, significando, segundo Houaiss e Villar (2009, p. 1820),

Ciência que lida com a descrição, identificação e classificação dos organismos, individualmente ou em grupo, quer englobando todos os grupos (biotaxonomia), quer se especializando em algum deles, como ocorre no caso da fitotaxonomia e da zootaxonomia.

Conhecida também como *taxionomia* (DUBOIS et al., 2007), aplicada aos estudos da Toponímia, entende-se que é o enquadramento dos topônimos em grupos, a partir de sua motivação. Por exemplo, *tuberana* é um designativo toponímico que desvela em sua estrutura morfológica uma motivação representada pela própria forma: *tube* (tipo de abelha) e *rana* (semelhante), ou seja, *semelhante à abelha*. Nesse caso, enquadra-se esse designativo no grupo da fauna brasileira, por isso classificado como *zotopônimo*. É importante salientar que é, no elemento específico do designativo toponímico, que o tal enquadramento é pensado.

Caso um designativo represente um acidente geográfico (físico ou humano), deve-se enxergá-lo como resultado de uma análise mental, a qual permite a descoberta de dois elementos, denominados por Dick (1992, p. 10) de genérico e de específico, os quais, por sua vez, evidenciam uma relação binômica. É o elemento específico que particularizará a noção do acidente geográfico, especificando-o dentre outras noções semelhantes. Por exemplo, *Cutitinga* (cutia branca)¹⁷ é diferente de *Utinga* (água branca)! Ou seja, o elemento específico é o topônimo propriamente dito. O genérico, por outro lado, é o acidente geográfico (rio, lago, fazenda etc.) que receberá a designação. Sendo assim, o processo de nomeação é perceptível nas motivações que interferem na seleção do nome, evidenciando um vínculo entre quem nomeia e o que é nomeado. Se tem filiação com a vegetação, diz-se *fitotopônimo*; se, com o reino animal, *zootopônimo*; se, com o solo, *litotopônimo*.

Para Andrade (2006, p. 177), *as taxes toponímicas permitem interpretar os nomes dos lugares com maior segurança do ponto de vista semântico, partindo de sua natureza física ou antro-po-cultural*, de modo que a classificação em taxes reflete a organização científica necessária à pesquisa toponímica. É uma espécie de catalogação do que é gerado, ou seja, do próprio designativo, o qual condiciona e estrutura os estudos em Toponímia em uma investigação dos agrupamentos macro-estruturados, a partir das classificações (DICK, 1992).

Isse é possível estruturando-se morfológicamente um vocábulo técnico, no qual são percebidas duas partes: uma, posterior, constituída pelo termo *topônimo*; outra, anterior, adjacente ao segundo termo, que particularizará o topônimo e, conseqüentemente, sua categoria, termo que deverá ser emprestado do grego e

¹⁷ Rio de Bragança/PA.

estará filiado a acidentes geográficos físicos ou humanos. Por exemplo, no topônimo *Arapiranga*¹⁸, temos um *zootopônimo*, em que o formante *ara* (*arara* em Tupinambá), pertence à fauna brasileira. Assim, *zoo*, do grego, é entendido como termo nuclear da classificação, cuja função é justamente enquadrar o designativo toponímico em um determinado conjunto de particularidades¹⁹.

3.2.2.1 Algumas regras de classificação

Levando-se em consideração, exclusivamente, o topônimo em seu aspecto atual, pode-se determinar uma regra para ser usada na classificação toponímica, a qual terá como parâmetro o termo nuclear do designativo, observado no elemento específico. Sendo assim, os topônimos podem ser representados, independentemente da língua usada na composição, por formas simples (*Pacas*), compostas (Braço do *Urumajó*, Rio *Jejuí*) e híbridas (comunidade *Acarajozinho*).

Ressalta-se que o topônimo deve ser classificado tendo como base de análise o registro documentado e o vocábulo-núcleo. Por *registro documentado*, refere-se ao designativo que representa o topônimo; em relação ao vocábulo-núcleo, é o termo mais nuclear do designativo, aquele que receberá a classificação, ressaltando que, em ambos os casos, o que está em análise é a forma particular do topônimo, isto é, o seu elemento específico.

Por exemplo, em *Pacas* (comunidade), o registro é apenas do vocábulo *Pacas*, mesmo sendo antecedido pelo vocábulo *comunidade*. Entende-se, nesse caso, que o vocábulo-núcleo é o próprio termo *Pacas*, sendo assim, filiando-se à fauna brasileira, deve ser classificado como *zootopônimo*.

Em *Vila de Bacuriteua*, registrada dessa forma, o termo *vila* é, aqui, considerado como vocábulo-núcleo, portanto, é a partir dele que a classificação deve ser planejada. *Vila*, nesse topônimo, remete à ideia de aglomeração de pessoas, que, no grego, é representada pelo vocábulo *polis*. Assim, a taxa escolhida é *poliotopônimo*. Ressalta-se que o vocábulo *Bacuriteua* representa o topônimo em sua forma pretérita (lugar de bacuris).

¹⁸ Comunidade de Bragança/PA.

¹⁹ Mediante Quadros 2 e 3 (p. 78-79).

Braço do Urumajó apresenta *Braço* como vocábulo-núcleo, tendo relação à hidrografia, já que significa uma ramificação de rio, nesse caso, do Rio Urumajó²⁰, por isso deve ser classificado como *hidrotopônimo*. Nesse topônimo, especificamente, entende-se que seja oriundo do nome do rio (urumajó), o que, nesse caso, o elemento específico *urumajó* cede lugar a *braço*, de modo que o elemento genérico *braço* passa a ser específico.

Percebe-se que os vocábulos *Pacas*, *Bacuriteua* e *Urumajó* não são mais reconhecidos como elementos específicos (da motivação pretérita), de modo que passam a ser considerados termos fossilizados, que, em razão do desaparecimento de suas causas motivadoras, de acordo com Dick (1992, p. 20), mostram-se como *fonte de conhecimento, não apenas da língua falada na região em exame apenas, como também de ocorrências geográficas, históricas e sociais, testemunhadas pelo povo que a habitou, em caráter definitivo ou temporário*.

São as 27 taxes propostas por Dick (1992) que enquadram, por vezes, os topônimos de origem Tupinambá estudados nesta pesquisa, tornando-se um meio científico de ordenamento, de forma sistemática, que auxilia o pesquisador nas investigações dos topônimos, especialmente para classificá-los e agrupá-los.

No entanto, em se tratando especificamente da toponímia analisada nesta pesquisa, houve necessidade de formulação de um conjunto de critérios taxonômicos que dessem conta de auxiliar na classificação, o qual será apresentado na discussão sobre taxonomia (subseção 6.2.3, p. 289) mais à frente.

3.2.3 A MORFOLOGIA TOPONÍMICA DE ORIGEM TUPINAMBÁ

Ao se considerar que o topônimo é uma estrutura lexical, pode-se determinar como se compõe morfologicamente. Nesse sentido, pode-se perguntar como a lexia toponímica é formada? Ou seja, que elementos teóricos se manifestam, implicitamente, no ato de se nomear um lugar?

De acordo com Câmara Jr. (1970, p. 22), sobre o português, o vocábulo pode ser analisado e decomposto em formas mínimas constituintes, denominadas morfemas (lexicais ou gramaticais), o que, para Martinet (1973, p. 17) são monemas,

²⁰ Banha tanto os Municípios de Bragança e de Augusto Correa, na microrregião paraense.

que correspondem à primeira articulação da linguagem, constituindo um inventário fechado, como os elementos gramaticais. Sendo assim, morfema e monema são as mesmas partes mínimas portadoras de significado.

Se o topônimo apresenta significação, é porque se trata do resultado da articulação dos elementos que o constituem (morfemas gramaticais e lexicais). Em língua portuguesa, essas articulações entre fonemas e, posteriormente, entre morfemas, possibilitam a formação das palavras, que pode ocorrer por derivação e composição (BASÍLIO, 2005).

É importante salientar que, de acordo com Rodrigues (1958, p. 2), para se aventurar em uma pesquisa etimológica das palavras brasileiras, deve-se conhecer a estrutura morfológica da língua-fonte. Nesse sentido, como o topônimo é uma estrutura formal, constitui-se pela sintaxe dos fonemas e das sílabas, que deixa transparecer, por vezes, os morfemas lexical e gramatical da palavra. Geralmente, o topônimo indígena se forma pelo processo de aglutinação (RODRIGUES, 1951).

Para Rodrigues (1951, p. 4), distinguem-se duas espécies de composição: a) composição propriamente dita e b) incorporação.

No que se refere à composição propriamente dita, entende-se que seja aquela em que se reúnem dois ou mais temas para formar um novo substantivo, que se comporta na frase como qualquer substantivo simples, os *determinativos* e os *atributivos*. Os determinativos são constituídos por temas de substantivos, dos quais o primeiro é o determinante e o segundo, o determinado, como nas formas a seguir: *urubuquara*²¹ (toca do urubu), em que *urubu* (*ave de rapina*) e *quara* (toca, buraco); *caeté*¹³ (mato ilustre, mato bom), em que *ca* (mato) e *eté* (ilustre).

A essa composição, Rodrigues (p. 5) afirma haver a possibilidade de junção de mais um tema, que determinará a forma: *ataendyuru*²² (recipiente de luz de fogo, candeeiro), em que *ata* (fogo), *endy* (luz) e *uru* (recipiente).

No que se refere aos compostos atributivos, tem-se que o primeiro elemento é o determinado, e o segundo, o determinante, o qual exprime um atributo ao primeiro. O determinado sempre é um tema de substantivo, o determinante pode ser um tema

²¹ Bairro do município de Bragança/PA.

²² Termo usado para ilustrar a morfologia Tupinambá, relevante para se entender a morfologia dos topônimos de origem Tupinambá, os quais compõem os dados desta pesquisa.

de substantivo ou um tema verbal. Quando o determinante é tema do substantivo, o composto pode ser apositivo ou possessivo.

No atributivo apositivo, o determinante funciona como simples aposto do determinado, ou seja, faz referência ao determinado, como em *ybakamusí*³⁰ (fruta-pote), em que *yba* (fruta) e *kamusí* (pote).

No composto possessivo, indica-se que o determinado possui ou contém em si o determinante, ou que tem o determinante com alguma particularidade especial. Por exemplo, *cutitinga*²³ (rio das cutias brancas), em que *cuti* (cutia) e *tinga* (branco); *cassacuera*²⁴ (fortificação antiga), em que *cassa*, de cayssá (espécie de cercado) e *cuera* (o que se foi, já não existe).

Fazendo-se referência à Dick (1992, p. 10), o topônimo surge constituído estruturalmente de uma ideia biparte, que se liga à realidade social e histórica do lugar em uma relação binômica entre o topônimo e o acidente geográfico que ele identifica: os elementos *genérico* e *específico*, uma questão morfossemântica.

O elemento genérico é o referencial espacial, ou dito de outra forma, é o acidente geográfico, como os relacionados a povoamentos (vilas, vilarejos, cidades, bairros, municípios, estados, países), à água (lagos, rios, igarapés, mares, oceanos, córregos), ao tipo de relevo (montes, montanhas, planaltos, vales, planícies, depressões), às propriedades (fazendas, sítios, chácaras), assim como outros referentes, os quais, de forma natural, recebem nomes.

O elemento específico é o próprio topônimo, particularizado e singularizado pela nomeação e, dessa forma, apresenta significação distinta de outros designativos. Por exemplo, em *Ilha Boissucanga*, de um lado, temos o lugar, a terra circundada por água (a ilha), representando o elemento genérico. Por outro, temos outro elemento, o específico, que particulariza o lugar, pois revela que, nele, havia um esqueleto de uma cobra, que era grande. Então, *boia* (cobra), *ssu* (grande) e *canga* (esqueleto). *Boissucanga* e não *Boicanga*, para exemplificar a singularidade toponímica.

³⁰ Termo usado para ilustrar a morfologia Tupinambá, relevante para se entender a morfologia dos topônimos de origem Tupinambá, os quais compõem os dados desta pesquisa.

²³ Rio do município de Bragança/PA.

²⁴ Comunidade do distrito de Almoço, Bragança/PA.

Aprofundando-se mais nessa questão morfossemântica, é oportuno esclarecer que o topônimo pode ser representado por uma forma simples (igarapé *Mucura*), composta (rio *cutitinga*, de *akuti+tinga*) ou híbrida (vila do *bacuri-prata*, de *yacuri* (tupinambá) + *prata* (português)).

O topônimo de composição *simples* é aquele que se define apenas por um só formante, de preferência substantivo ou adjetivo, e essa composição pode ser feita por afixação, como em *ajuruteua* (ajeru + tyua) – (distrito Sede, Bragança/PA).

Na formação composta, entende-se que seja aquele que se apresenta com mais de um elemento formador, de origens diversas entre si, do ponto de vista do conteúdo, a exemplo *Jejuí*, de jeju+i (distrito de Nova Mocajuba, Bragança/PA) ou Caeté, de ka'a + eté (distrito Sede, Bragança/PA)

Em se tratando da formação híbrida, ocorre quando o topônimo recebe em sua composição formantes de origem diversa, como portuguesa-indígena ou indígena portuguesa, tais como *Cajueiro*, de akaiu (T) + eiro (P) (distrito Sede, Bragança/PA) ou *Vila Cuera*, de vila (P) + kuera (T) – (distrito de Caratateua, Bragança/PA).

3.2.4 A SEMÂNTICA E SUA RELAÇÃO COM A TOPONÍMIA TUPINAMBÁ

Por Semântica entende-se, de um modo geral, a disciplina que se preocupa com o significado das palavras. Para Câmara Jr. (1977, p. 215), pode ser histórica ou descritiva. Na primeira, a preocupação é com a mudança de significado das palavras de uma língua no decorrer do tempo; na segunda, estuda-se a significação atual das palavras.

Há, também, um estudo mais atual que se preocupa com a frase, por isso *semântica da frase*, e outro, com o discurso, conhecido como *semântica do discurso*. Os estudos semânticos, assim, estariam divididos em semântica da palavra (lexical), semântica da frase (sintática) e semântica do discurso (discursiva). Ou como considera Maria Helena Marques:

[...] os estudos do significado costumam distribuir-se em três domínios básicos: o da semântica lexical, o da semântica da sentença (independente de condicionamentos contextuais ou situacionais) e o da semântica do texto (relativo ao uso concreto da língua em textos falados ou escritos, contextual e/ou situacionalmente condicionados).

A distinção desses três domínios básicos reflete a evolução da semântica ao longo do tempo. Por isso, os domínios lexical, gramatical e textual têm

recebido tratamentos diferentes, que variam de acordo com as diretrizes teórico-metodológicas de cada fase ou escola de pensamento e com os problemas nelas considerados relevantes. (MARQUES, 2003, p. 16-17)

Além dessas especificações, há outras como semântica da enunciação, cognitiva, formal. No entanto, a Semântica, aqui, selecionada é a do léxico, que é, como já foi comentado, apresenta-se como uma vertente dos estudos semânticos, ligada à Semântica Formal. Trata-se da concepção voltada para a estrutura da palavra, ou seja, sua parte interna, a partir da qual se extrai o sentido. Nessa concepção, o sentido da palavra origina-se da relação que as partes constituintes mantêm umas com as outras numa estrutura morfológica. É o estudo dos significados dos léxicos, mantendo uma relação com o significante e o significado, que resultará no signo linguístico. Por exemplo, o topônimo *igarapé*, segundo Cunha (1978, p. 151), significa: 1. “Pequeno rio que corre entre duas ilhas ou entre uma ilha e a terra firme”; 2. “Canal natural que liga dois trechos mais ou menos próximos de um mesmo rio”. Do tupi *ygara* (canoa), *pe* (caminho).

O trabalho com a semântica lexical requer o conhecimento de uma nomenclatura particular: a lexia, formada por vocábulos, a partir da relação entre morfemas, constituído por lexema e gramema, em que o lexema é a unidade constitutiva de significação e o gramema indica a função. Por exemplo, no topônimo *boissucanga*²⁵, os lexemas são *boi* e *canga*, marcam o sentido básico da palavra (cobra e esqueleto); o gramema é *ssu* (grande), marca a função de tamanho.

Nesse caso, o resultado dessa relação evidencia o semema, composto por três segmentos: (a) os específicos: relacionam-se ao sentido mais próximo; (b) os genéricos: indicam a classe gramatical; (c) os virtuais: estão na consciência do falante. Todas essas particularidades semânticas, mesmo inconscientes, são ativadas pelo falante no ato comunicativo.

Sabe-se, assim, que a interação comunicativa, em uma sociedade, pode ocorrer por meio das linguagens verbal e não-verbal. É importante ressaltar, no entanto, que, para a análise proposta para este estudo, o que interessa é a linguagem verbal. A partir dela, apesar de a morfossintaxe ser importante para a linguagem, é a semântica que possibilita o entendimento das estruturas mórficas, já que estas só

²⁵ Ilha do município de Bragança/PA (sede).

ocorrem por meio dos sentidos que emergem dos signos linguísticos usados pelo falante e entendidos pelo interlocutor (ou leitor). Esse sentido pode, dependendo do uso, ser literal ou figurado e estará relacionado, diretamente, com aquele que recebe a mensagem.

Assim, já que a lexia toponímica representa algo no mundo real, ou seja, tem significação, é relevante destacar a discussão entre analogistas e anomalistas, pois se observa, particularmente nos topônimos, a ocorrência contundente da motivação no ato da nomeação.

Os analogistas, segundo Marques (2001, p. 26), enfatizam as regularidades nas formas linguísticas, tanto no plano de variações do corpo fônico quanto do significado, isto é, a relação entre nome-coisa é direta e natural, enquanto, para os anomalistas, essa relação é indireta e arbitrária, convencional. Tais correntes, segundo Ullmann (1961, p. 167), ficaram conhecidas como *naturalistas* e *convencionalistas*, as quais são referenciadas por Lyons (1980, p. 429),

[...] a relação semântica que liga as palavras às coisas é a de "denominar"; e a questão que daí decorre é a de saber se os "nomes" dados às "coisas" eram de origem "natural" ou "convencional" [...]. No curso do desenvolvimento da gramática tradicional, tornou-se hábito distinguir entre o significado da palavra e a "coisa" ou as "coisas" por ela "denominadas". Retomando a distinção formulada pelos gramáticos medievais: a forma de uma palavra (vox — parte duma dictio) significava "coisas" em virtude do conceito associado a essa forma no espírito dos falantes; e o "conceito", olhado desse ponto de vista, era o significado da palavra (a sua significatio). Consideremos essa a visão tradicional da relação entre palavras e "coisas".

O que se entende é que, para os naturalistas, a palavra tem sua origem em princípios eternos imutáveis fora do próprio homem, havendo a correspondência intrínseca entre som e sentido. Por outro lado, a corrente representada por Aristóteles crê que a relação semântica entre objeto e palavra decorre de um acordo tácito ou, como diz o autor, um "contrato social" entre os homens. Percebe-se, nesta segunda posição, uma relação com o que Saussure formulou, no século XIX, como arbitrariedade do signo.

Para Saussure (2005 p. 83), a nomeação é sempre arbitrária, ou seja, convencional, já que o significante não guarda nenhuma relação natural com o significado. Por exemplo, Houaiss e Villar (2009, p. 305) denominam determinado *mamífero (Bos taurus)*, *amplamente distribuído pelo mundo devido à domesticação, us. para trabalhos diversos e produção de carne, couro, leite [Dele existem diversas*

raças.], com a palavra *boi*, em português, *buey* em espanhol, *boeuf* em francês, *ox* em inglês etc., ou seja, diferentes significantes para um mesmo significado.

Importante, no entanto, é o caso das onomatopeias. Saussure (ibid, p. 83) adverte que esse fenômeno só acontece em uma mesma língua, não entre línguas. Tomemos o latido do cachorro, em português, *au-au-au*. Se analisarmos a questão em português, diremos que há relação natural entre significante e significado, já que a forma *au-au-au* se assemelha ao som emitido pelo cachorro. No entanto, isso não poderia ser afirmado quando analisada entre línguas, já que, em espanhol, é *guau-guau*; em francês, é *ouaoua*; em alemão, é *wauwau*. Nesse caso, para Ferdinand de Saussure, nem as onomatopeias podem ser consideradas imotivadas.

De acordo com Marques (2001, p.33), o francês Michel Bréal, no final do séc. XIX, preocupou-se em estudar o sentido das palavras, em que a mudança de sentido está condicionada a uma diretiva historicista, a partir da qual a palavra mudava de sentido. Isto é, esse autor percebeu que o sentido de uma palavra poderia mudar com tempo, ou como afirma Maria Helena Marques:

Toda mudança de sentido é uma inovação semântica, que deve ser interpretada como um acontecimento histórico particular, que tem suas causas linguísticas próprias, ocorre num momento histórico e num dado meio social, condicionada por um conjunto de circunstâncias que não só lhe dão origem, mas propiciam a sua difusão e generalização no uso da comunidade (MARQUES, 2001, p. 35).

Todavia, nesse campo discutível, sem uma acepção definitiva, naturalista ou convencional, deve-se admitir que todas as línguas, de acordo com Ullmann (1961, p. 169), contêm certas palavras arbitrárias e opacas, nas quais não se percebe nenhuma relação entre som e sentido. Outras há, no entanto, que se mostram transparentes e motivadas. Por exemplo, tendo o topônimo *Acarajó*²⁶ como referência à compreensão da nomeação ser arbitrária ou motivada, entende-se que o vocábulo é o resultado da justaposição de *acará* (peixe) e *yo* (procedente, de onde se apanha). Mas poderia ser *Acaraí*²⁷, em que *acará* (peixe) e *í* (água). Nesse caso, nomear *Acarajó* ou *Acaraí* não seria arbitrário, pois a nomeação depende do contexto: ou se quer dizer “lá, onde se apanha acará” ou “o rio dos acarás”. Ser arbitrário seria negar um ou outro, mas isso dependeria da circunstância. É essa circunstância que motiva

²⁶ Sentido de *onde se apanha o peixe acará*, comunidade do município de Bragança/PA (sede).

²⁷ Rio dos acarás.

o falante a selecionar uma ou outra forma, o que, para Ullmann (1961, p. 190), caracteriza a motivação morfossemântica.

Nesse sentido, o signo toponímico evidencia forte relação com a semântica ou, como afirma Meillet (*apud* Martinet, 1973, p. 411-435): há cinco causas de mudanças de sentido (nomeação): 1) linguísticas, 2) históricas, 3) sociais, 4) psicológicas e 5) influências estrangeiras.

Vê-se, assim, que a nomeação toponímica se fundamenta na motivação ou como afirma Dick (1990 *apud* Andrade, 2011, p. 130):

o topônimo, em sua estrutura [...] é uma forma de língua, ou um significante animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão; a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que é arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo do lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo.

Nesse sentido, é fácil entender que a nomeação toponímica leva em conta aspectos antro-po-culturais, históricos e sociais, e isso está claro em Sampaio (1987, p. 174), quando alerta para o encapsulamento do topônimo, em que os elementos se envolvem uns aos outros, o que permite sua decomposição. Entende-se esse encapsulamento não apenas em relação aos elementos mórficos, mas também a significação que tais elementos expressam. Por exemplo, em *abaeté*, a composição por justaposição se dá com as palavras *aba* e *eté*, cujo resultado é a forma *Abaeté*, a qual significa *homem ilustre*, já que *aba* é representada por *homem* e *eté* sinaliza para *ilustre*, *bom*. Tal particularidade evidencia que a Morfologia e a Semântica mantêm entre si uma relação de interdependência, que denota a particularidade de a nomeação toponímica ser motivada, uma vez que um lugar, por exemplo, recebe um nome em função do nomeador e de sua história, assim como da história desse lugar. *Acarájó* e não *acaraí*, porque a circunstância, provavelmente, remeteu à ideia de procedência, representada pela forma tupi *yo*.

Outro ponto relevante ao signo toponímico é o fato de ele perder seu sentido específico. Isso porque é natural que esse sentido específico do topônimo, entendido como fator circunstancial causador da nomeação, esvazie-se, obviamente, não somente em função do tempo, mas também pelo uso.

Dick (1992, p. 10), em relação ao signo toponímico, fala de uma espécie de bloco único que aglutina o genérico e o específico, de tal forma que não mais se

distingue as causas motivadoras da nomeação toponímica. Isso ocorre em decorrência de vários motivos, como quando a língua corrente exclui de seu uso o vocábulo formante ou as partes formadoras dele. Para exemplificar essa ideia, tem-se o topônimo *Ajuruteua*, que apresenta como significação original a *abundância de ajirus*. Atualmente, no entanto, quando se quer fazer referência a esse lugar, diz-se *ajuruzal*, sendo *ajuruteua* usado apenas para se referir ao litoral bragantino.

Tal particularidade da realidade toponímica bragantina paraense sinaliza para a real função dos topônimos: a de mostrar uma realidade presente ou pretérita do espaço para o qual a nomeação foi utilizada. Isso mostra que a estrutura toponímica evidencia algo para além de um contexto puramente linguístico, de tal forma que a sua função significativa está atrelada à ideia de um signo toponímico, lembrando o signo linguístico saussuriano, com a condição de que o signo em toponímia é marcado duplamente: por uma motivação e por uma arbitrariedade, necessariamente nessa ordem, em virtude, obviamente, de sua composição morfossemântica, selecionada em face de uma circunstância física ou antro-po-cultural. Entretanto, essa ideia – de que a nomeação toponímica é motivada – precisa ser colocada à prova.

Essa linha de raciocínio, de que a nomeação segue a sequência *motivado-arbitrário*, parece não ser adequada. Veja-se porque.

No ato da nomeação, diante de uma realidade determinada, como a de um lugar onde se apanha o arimã (tala do paneiro), o que ocorre? Pensa-se, evidentemente, na planta, relacionando-a ao lugar de onde ela provém, não em outra realidade. Reflete-se no fato que se apresenta ao indivíduo: algo relacionado à tala de arimã. Se o indivíduo não tem a intenção de nomear o lugar onde o fato ocorre, fica por isso mesmo e ponto final. Ele apenas contempla a realidade e vai embora, simplesmente.

No entanto, caso a intenção seja nomear o lugar, é necessário pensar em outra linha de raciocínio: (1) o indivíduo tem uma ação pré-determinada de nomear ou (2) não? Isto é, ele sai com a intenção de dar nomes ou esse desejo surge naturalmente, a partir da observação acerca da realidade do lugar?

A sequência mais lógica para o ato de nomear parece ser a da arbitrariedade, seguida da nomeação. Por exemplo, *urumajó* (rio) quer dizer *onde se apanha o arimã*. O que ocorre é que o indivíduo decodifica a realidade para depois surgir a ideia de

nomeação. Não é comum ter-se, primeiramente, a intenção de nomear um lugar e somente depois analisá-lo para desvelar sua realidade, de modo que a motivação toponímica, em um primeiro momento, é arbitrária.

Em *cutitinga*²⁸ (akuti + tinga), por exemplo, temos uma intencionalidade que anima o denominador, a partir de uma realidade arbitrária e opaca (à propósito de a eleição ser uma e não outra), a eleger o referido nome topônimo. Isto é, se alguém se refere a um rio, no qual há grande número de cutias brancas, poder-se-ia dizer em LGA apenas o designativo *cutitinga*, de forma que se percebe, nesse signo, a arbitrariedade e amotivação, concomitantemente. Isso porque *cutitinga* refere-se às ideias de *cutia* (animal silvestre) e *tinga* (referente à cor do animal) e não à ideia de uma *cobra branca*, que seria representada pela forma *mboytinga*, mostrando, assim, a relação entre arbitrário e motivado.

3.3 EMPRÉSTIMO LINGUÍSTICO: LGA E PORTUGUÊS

O cenário sócio-político e linguístico entre a LGA e o Português, que se observou na Amazônia à época da colonização, precisamente a partir do século XVII, decerto, confirma o fenômeno de bilinguismo no solo brasileiro, o que permite inferir que uma língua pode ter influenciado a outra em todos os níveis gramaticais, com maior incidência do léxico de origem tupinambá no português, afirmativa justificada em Neto e Santiago-Almeida (2010, p. 120) ao afirmarem que palavras de origem indígena registraram-se no português desde os primeiros escritos referentes ao Brasil. Sabe-se que o Tupinambá amazônico emprestou ao português inúmeras palavras, principalmente ligadas à fauna e à flora brasileira típicas da região, como *açaí*, *jacaré*, *caju*, *mutum* etc. (GALUCIO, 2010).

Tal aceção é confirmada em Dietrich e Noll (2010, p. 89), pois, no campo dos empréstimos, o português brasileiro apresenta inúmeros elementos das línguas indígenas que não aparecem no português europeu. Ressaltam eles que a influência da língua indígena no português do Brasil se dá com maior veemência no vocabulário e nos nomes próprios, ou seja, nos antropônimos e topônimos, evidenciando, de fato, uma direção do tupinambá para o português, especialmente nessas áreas.

²⁸ Rio de Bragança/PA.

Para Elia (2003, p. 52), que confirma essa ideia, a contribuição é indubitável e generosa, mesmo se restringindo os topônimos a aspectos mais naturais, o que é fácil de entender, já que os nativos, assim como os colonizadores e demais habitantes da nova terra, vivenciaram muito de perto a natureza, o que justifica a nomeação motivada, tendo como base a história do local, como nomes de rios, igarapés, praias, cidades etc.

Quanto à possível influência do Português na LGA, Freire (2011, p. 69) ressalta a incorporação das consoantes oclusivas sonoras /b/, /p/ e /g/ e a exclusão lenta e contínua das consoantes nasais. Observa-se, também, na LGA, não somente reduções das várias formas dos demonstrativos para apenas duas, assim como simplificação do sistema de flexão verbal. No que se refere ao léxico, esse autor ressalta o uso, em LGA, de certas palavras portuguesas, modificadas fonética e fonologicamente, como *curusá* (cruz), *cauarú* (cavalo), *purucu* (porco), entre outras palavras. Além delas, Sampaio (1987, p. 85) elenca papéra (*papel*), *surara* (soldado), *pana* (pano).

É oportuno ressaltar que essa influência ia se fazendo presente e constante na sociedade Amazônica e, à medida que a política de intervenção se efetivava, o português mostrava-se mais próximo do falar do povo. Essa mudança de uso da língua como instrumento de comunicação social pode ser compreendida a partir da política adotada pela coroa portuguesa, visto na seção 3, discutida acima.

Carvalho (2009, p.36) afirma que as línguas mudam pela sua própria natureza, numa mudança contínua e paulatina dentro do próprio sistema, mas o empréstimo, pelo contrário, resulta do contato com outros sistemas, evidenciando um tipo específico de fenômeno: o *empréstimo íntimo*, proveniente da convivência de duas línguas no mesmo território, como, por exemplo, aconteceu, na Amazônia, entre a LGA e o Português e, aproximadamente 100 anos depois, a LGA continuou o contato com o Português com outro nome: Nheengatu.

Entende-se, assim, que os empréstimos da LGA (posteriormente Nheengatu) ao português são íntimos, resultantes da adaptação à língua dos colonizadores, principalmente em relação aos nomes designativos de um meio físico diverso e de realidade desconhecida. Ou seja...

Os nomes comuns e os topônimos são as aquisições mais naturais quando os falantes da língua receptora não têm nomes em sua própria língua para objetos culturais ou seres vivos que lhes são completamente estranhos, nem para os lugares que passam a conhecer. (RODRIGUES, 2010, p. 31)

Nesse caso, é importante ressaltar, por exemplo, que não somente o sufixo da LGA *-tyua* sofreu variações fonéticas até chegar à forma portuguesa *-teua*, mas também que foi amplamente utilizado na região do Caeté por portugueses e brasileiros que falavam a língua portuguesa, não por falta de um termo equivalente, mas sim por uma questão de importância da LGA.

É o que afirmam Dietrich e Noll (2011, p. 90),

A motivação dos falantes do português para adotarem termos da língua brasílica, da língua geral paulista, da língua geral amazônica ou do nheengatu é dada pela necessidade de dominarem objetos e realidades desconhecidas na tradição portuguesa, mas típicas da natureza e da vida no Brasil. Assim é natural que a grande maioria dos termos de origem tupi pertença à linguagem setorial da fauna, flora, natureza e cozinha [...]

Ressalta-se, no entanto, que, para esses autores, a toponímia brasileira, em sua grande maioria, não tem origem direta em uma das línguas gerais da época colonial, isto é, rios, praias, serras foram designados com nomes de origem Tupinambá, o qual deve ser entendido como fonte virtual de formação de alguns nomes no Brasil.

4 BRASIL-COLÔNIA: CONTEXTO SOCIO-POLÍTICO E LINGUÍSTICO

O objetivo, nesta seção, é apresentar o contexto brasileiro em seu aspecto social, histórico, linguístico e político à época da colonização, entre os séculos XVII até meados do século XX, de modo que se perceba o percurso das línguas indígenas, variantes do Tupinambá genuíno, falado na costa litorânea e no Maranhão, as Língua Geral Paulista (LGP) e Língua Geral Amazônica (LGA), respectivamente.

De acordo com vários autores, que se debruçaram, de uma maneira ou de outra, sobre a história dessas línguas em solo brasileiro, como Edelweiss (1969), Elia (2003), Freire (2011), Freire & Rosa (2003), Hartt (1938), Mariani (2004), Noll & Dietrich (2010), Sampaio (1987), Cunha (1978, 2011), Stradelli (2017), Rodrigues (1985), entre muitos outros, havia inúmeras nações indígenas na nova terra, que falavam línguas distintas. No entanto, uma era bem mais usada por várias tribos, em toda a costa litorânea e, ainda, no centro oriental, e em parte da Amazônia: o Tupinambá, que, conforme Rodrigues (1996, p. 57), deu origem a várias denominações linguísticas, como, por exemplo, Língua Brasília, Língua Geral Paulista (LGP), Língua Geral Amazônica (LGA), além de ter sido uma das línguas da família Tupi-Guarani.

Em relação à família Tupi-Guarani, Rodrigues (1985, p. 29) entende que, mediante o critério genético, as línguas do mundo são classificadas em famílias:

De acordo com esse critério, uma família linguística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior [...] Para a maioria das famílias linguísticas, porém, as línguas ancestrais são pré-históricas, não se tendo delas nenhuma documentação.

Nesse caso, quando não se tem o dado escrito, recorre-se à linguística histórica e ao método histórico-comparativo, que, para o supracitado autor (p.29), é realizado a partir de correspondências regulares (de sons, de palavras, de formas gramaticais) entre duas ou mais línguas, tal como aconteceu com as línguas neolatinas em relação ao latim, nos estudos comparativos de Diez.

De acordo com Câmara Jr. (1965, p. 116), *família linguística é um agrupamento classificatório de determinadas línguas cognatas, por serem todas provenientes de uma outra anterior, documentada ou não, dita em relação a elas*. Isto é, as línguas de

uma determinada família são manifestações diversas e alteradas pelo tempo de uma língua ancestral comum.

Dessa concepção de família de línguas, é que se inferiu que a língua Tupinambá pertence ao subconjunto III da família Tupi-Guarani, do tronco Tupi, juntamente com as línguas gerais: Nheengatú e a LGP (Anexo 1).

Em relação à diversidade linguística encontrada em solo brasileiro, Freire (1983, p. 8-9) comenta que as expedições de Orellana — que saíram da atual Amazônia Equatorial e desceram o Rio Napo em um bergantim e, após 8 meses, chegaram ao Atlântico, no final da primeira metade do séc. XVI —, e de Ursúa/Aguirre — composta inicialmente por 370 espanhóis e cerca de 2 mil índios que, saindo da atual Amazônia Peruana, veio a dar, também, no Atlântico, no início da segunda metade do séc. XVI —, encontraram enormes dificuldades de comunicação com os índios. Ainda, segundo esse autor, tamanha diversidade de línguas levou o Pe. Antônio Vieira, no séc. XVII, a denominar o Amazonas de *Rio Babel*. Bessa Freire (2011), afirma que eram, aproximadamente, 1.273 línguas indígenas faladas na Amazônia, no séc. XVI. Sobre essa diversidade linguística, ainda, deve-se levar em conta o que diz Bethânia Mariani:

desde o início da colonização, vários fatores contribuíram para a existência de uma diversidade linguística, que incluía, além das múltiplas línguas indígenas existentes, o tupinambá, ou como foi denominado, posteriormente, pelos colonizadores, de língua geral, línguas européias - como o espanhol, o francês [...], o latim, as línguas africanas, bem como a própria língua portuguesa e, com o passar do tempo, um nascente português brasileiro. (MARIANI, 2004, p. 22).

Tal constatação originou a iniciativa de estabelecimento de uma única língua, a qual permitisse a realização do projeto de doutrinação dos índios. Foi o que aconteceu nas terras brasileiras:

Defrontados com um contexto de grande fragmentação linguística, os religiosos empenhados na catequese adotaram a partir do séc. XVI a política da língua geral. Fala-se em línguas gerais, no contexto da colonização, sempre que os conquistadores, ao encontrarem nas terras conquistadas várias línguas diferentes entre si, forçam as populações submetidas a adotar, no contato com os colonizadores, uma única língua entre as efetivamente faladas, ou uma língua artificial, que é uma mistura dessas línguas. (ILARI e BASSO, 2009, p. 62).

Entre línguas nativas e europeias, a que interessa nesta pesquisa é a nativa, denominada Tupinambá, e a europeia, conhecida como portuguesa. Por Tupinambá, entenda-se as muitas línguas semelhantes usadas na costa brasileira, das quais uma

foi a escolhida pelos padres para estudo e posterior instrumento de catequização, o Tupinambá de São Vicente.

A LGP, no séc. XVI, surgiu do contato entre índios tupinikins de São Vicente e do Planalto de Piratininga (posteriormente, também, com os tupinambás da costa brasileira) com os portugueses, a partir do qual foi criada uma gramática dessa língua. A LGA, por sua vez, no séc. XVII, entre os tupinambá do Maranhão e Grão-Pará e os portugueses, a partir de um processo natural. Não se pode esquecer, no entanto, que a Amazônica, também, recebeu influência não somente de outros povos indígenas (tapuias), assim como dos escravos africanos e de línguas europeias.

É importante frisar que houve certa facilidade de comunicação, na Amazônia, entre os índios locais, os padres da Companhia de Jesus e os índios vindos do litoral brasileiro, uma vez que a língua de comunicação apresentava uma base comum: o Tupinambá, que, mesmo não sendo mais genuíno, estava presente tanto na LGA como na LGP.

Evidencia-se, assim, que as duas variantes do Tupinambá foram usadas juntamente com a portuguesa, no período colonial: aquelas serviram de instrumento de comunicação do dia a dia, no seio familiar; esta foi usada na administração portuguesa da colônia e no contato com a metrópole, isto é, foi a língua do governo. Nesse sentido, é oportuno registrar que ambas as línguas, indígena e portuguesa, conviveram juntas, em um processo de bilinguismo. É fácil inferir, portanto, que houve o contato entre as línguas nativas e a portuguesa, ou como afirma a professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick:

O PE, ao entrar em contato, no país, com tantas coisas novas, como diz Silva Neto, conservou os princípios fundamentais da língua estabelecida na origem, desde a formação do galaico-português [...] porém, na América, inovou-se na mobilidade lexical, à medida que a conquista da terra dependia também da fixação da língua transplantada [...] Estabeleceram-se, assim, através da linguagem, contatos efetivos entre os habitantes e os outros, fossem portugueses, estes, principalmente, ou franceses, espanhóis ou holandeses. Instalava-se, assim, paulatinamente, o sistema bilingüe na colônia, embora cada um dos grupos em presença continuasse monolingüe em suas relações internas. (DICK, 2002, p. 133)

Sobre isso, Sampaio (1987, p. 122) afirma

As duas línguas, português e tupi, em contato, no Brasil, por um largo período de anos, experimentaram, ao calor uma da outra, quer no vocabulário, quer na fonologia, uma ação idêntica ao que em calorimetria se denomina *equilíbrio móvel* de temperatura de dois corpos em presença. As duas línguas, em níveis diferentes, foram-se, com efeito, alterando, trocando entre

si elementos, assimilando palavras, segundo a fonética peculiar a cada uma, até o aparecimento de um *idiomageral*, médio, uma língua *brasílica*, falada pela maioria da população da colônia nos dois séculos que seguiram ao descobrimento.

Nesse processo de bilinguismo, do Tupinambá com o Português, deve-se levar em conta que os portugueses mantiveram relações amistosas com as comunidades indígenas. Por conseguinte, o que é muito natural, em razão da grande diferença de falantes, os portugueses foram aprendendo a usar a língua autóctone e, a partir dela, nomeavam os acontecimentos típicos do novo ambiente (RODRIGUES, 2010).

Nesse processo de intercâmbio cultural, segundo Mariani (2004, p. 23), há dois processos que se sobressaem, quando se leva em conta a colonização do Brasil: 1) as ações da Igreja Católica, a partir dos padres jesuítas e da língua sistematizada, que ficou conhecida como língua brasílica e, também, língua geral; 2) a revolução tecno-linguística, que se relaciona à produção de dicionários e vocabulários e à descrição da língua Tupinambá, procedimento amplamente divulgado na Europa. Sendo assim, a catequização dos índios só foi possível em razão da descrição gramatical feita para o Tupinambá, cuja denominação de *língua geral* ocorreu, posteriormente, somente no final do século XVI.

Trata-se de uma iniciativa política, herdeira de dois fatores: a) necessidade de evangelização; e b) gramaticalização, o que, para Calvet (2007, p. 62), é uma espécie de *equipamento*, utilizado para equipar as línguas, uma vez que, embora sejam semelhantes em seus princípios, apresentam parâmetros distintos, o que justifica a iniciativa da coroa portuguesa em sistematizar o Tupi para o êxito de suas metas em relação ao Brasil. Equipar uma língua, portanto, é descrevê-la fonologicamente, com posterior padronização da escrita.

Retomando-se a questão do multilinguismo na colônia brasileira da costa litorânea, é fato que as comunidades indígenas falavam línguas distintas, mas que apresentavam certas particularidades em comum. Nesse sentido, em se tratando das similaridades, poder-se-ia dizer que essas línguas pertenciam à mesma família linguística.

Pode-se afirmar, assim, que a sistematização do Tupinambá ocorreu a partir de estudos no âmbito da descrição, método subsidiário, de certa forma, do estudo aplicado no Brasil, e que permitiu observar ocorrências de alguns aspectos gramaticais comuns entre as línguas dos nativos.

Com essa acepção, afirma-se que algumas das diversas línguas encontradas pelos portugueses em terras brasileiras, mais precisamente no litoral, pertencem à família denominada de *Tupi-Guarani*. No século XVI, as línguas dessa família eram faladas, também, na bacia do rio Paraná. Atualmente, essa família de línguas é encontrada no Maranhão, Pará, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Espírito Santo, e também fora do Brasil, na Guiana Francesa, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina (GOMES, 1998).

4.1 LÍNGUA E POLÍTICA: RELAÇÃO DE PODER (I)

Segundo Hartt (1938, p. 307), a família *Tupi-guarani*, em época muito remota, migrou pela América do Sul e dispersou-se em inúmeras tribos que, vivendo separadas umas das outras, com o passar do tempo, desenvolveram costumes e línguas mais ou menos diferentes, como os *Guarani*, do Paraguai e do Sul do Brasil; os *Apiacá*, da província de Goiás; os *Mundurucu*, *Maué* e *Omágua*, do Amazonas; os *Tupinambá*, da costa do Brasil e do Amazonas, além de outras línguas indígenas.

Elia (2003, p. 48) comenta que, além dos índios tupis, encontrados pelos portugueses em terras brasileiras, à época do descobrimento, havia outros grupos indígenas, como tapuias e caribes. Esse fato evidencia a diversidade linguística no Brasil e corrobora a afirmação de Frederick Hartt acima. Dentre essas várias línguas, os missionários jesuítas elegeram as denominações *tupis* e *tapuias*. Em relação à língua selecionada pelos colonizadores, há uma observação a ser feita: denominação não somente *tupi*, mas também *tupinambá*. Entende-se que, segundo Rodrigues (2010, p. 29), há duas variedades de uma mesma língua, muitíssimo parecidas, filiadas à família tupi-guarani, com as quais a língua portuguesa manteve contato à época da colonização: o *tupi*, de São Vicente, e o *tupinambá*, do Rio de Janeiro, da Bahia e do Grão-Pará.

Sobre o termo *tapuia*, por fazer referência aos índios que não falavam a língua Tupinambá, indica certo binômio, o qual pode ser considerado como primeira classificação linguística de base empírica nas terras descobertas, já que não houve estudos sistematizados para isso. Posteriormente, definiu-se a classificação *tupis-guaranis*, *jês*, *caráibas* e *nuaruaques*. Essa iniciativa deixa transparecer a intenção do

homem português em relação à língua, com o propósito de entendê-la para, então, usá-la como instrumento de poder, o que foi, certamente, uma intervenção política na língua.

De acordo com Dietrich e Noll (2010, p. 81), na primeira metade do século XVI, a língua mais falada no Brasil era o Tupinambá, chamada de língua brasílica pelos portugueses, isto é, trata-se de uma língua de uso em uma extensa faixa territorial, que nos dizeres do Padre José de Anchieta ia

Desde o rio Maranhão, que está além de Pernambuco para o norte, até a terra dos carijós, que se estende para o sul, desde a Lagoa dos Patos até perto do rio que chamam de Martim Afonso, em que pode haver 800 léguas de costa, em todo sertão dela que se estenderá com 200 ou 300 léguas tirando o dos carijós, que é muito maior e chega até as serras do Peru há uma só língua. (ANCHIETA 1584 *apud* ALTMAN, 2003, p. 60)

No processo de colonização, essa língua passou a ser estudada e assimilada pelos padres jesuítas, que, juntamente com os colonizadores vindos para o Brasil, como já mencionado, eram minoria diante da população indígena (MARIANI, 2004).

Não é demais, entretanto, ressaltar que a noção de colonização remete para a coexistência de povos com histórias e línguas distintas, em um dado momento histórico, e que se dá a partir de um contato entre diferenças, que acontece em meio a tensões e conflitos.

De maneira lenta, gradual e contínua, o uso da língua nativa sistematizada²⁹ intensificou-se e generalizou-se de tal forma que passou a ser falada por quase toda a população que integrava o sistema colonial brasileiro. Ressalta-se que a vinda contínua dos colonos europeus para a nova terra ajudou esse fenômeno a se concretizar, já que eles vinham sem mulheres e acabavam tendo filhos com as índias, de modo que a língua nativa era a língua materna dos seus filhos e, portanto, era cada vez mais usada e mantinha-se quase que inalterada (RODRIGUES, 2010).

Nesse contexto sociopolítico e linguístico, foi necessário nomear as línguas que serão discutidas nesta pesquisa, ou seja, para a língua do colonizador, definiu-se como *Português*; à indígena, como *Tupinambá*, mesmo que o termo *tupi* tenha sido cogitado, em um primeiro momento, em razão do contato com os índios tupininkins de São Paulo, para representar a língua dos tupinambás. Além disso, o termo *tupi* se fazia presente em vários nomes de tribos indígenas: Tupinambá, Tupiniquim, Tupinaé,

²⁹ O Tupi de São Vicente, que foi estudado fonologicamente, com posterior elaboração de uma gramática.

Tupinabarana (TUFFANY, 1994). Por isso, esse termo se credenciava a nomear a língua dos índios da costa litorânea do Brasil, haja vista ser o *tupi* a nomeação mais genérica para as línguas desses indígenas. Corroborando com essa afirmação, citam-se as palavras de Edelweiss:

De grande auxílio à generalização do termo *tupi*, por mais patente, foi certamente o fato de entrar o étimo na composição de vários nomes tribais da mesma família, dando assim a impressão de *tupi* ter designado possivelmente o tronco da geração. A presença do étimo *tupi* nos gentílicos compostos foi um dos elos étnicos mais palpáveis entre as tribos costeiras em eterna desavença. (EDELWEISS, 1969, p. 69)

Nomear, nesse caso, foi um ato extremamente político, já que a língua, de um modo geral, é um instrumento que os homens desenvolvem para que haja comunicação entre eles. Isto é, se uma língua qualquer é usada por uma comunidade qualquer como meio de comunicação, é evidente que não precisa receber nomeação para que seu objetivo seja concretizado: a comunicação interpessoal ou social. Nesse caso, a nomeação de uma língua é, essencialmente, uma questão política. Essa relação entre *política* e *língua*, no processo de colonização do Brasil, foi observada por Freire:

A expressão "política de língua" vem sendo usada pela Sociolinguística com o intuito de designar um conjunto de medidas, explícitas ou implícitas, adotadas predominantemente pelo Estado - mas também por outros agentes sociais - para ordenar as línguas faladas em determinado território. (FREIRE, 2011, p. 93)

Esse é um procedimento inerente ao homem, que sempre procurou interferir na língua.

Corroborando com a relação língua-política, Calvet (2007, p. 11) afirma que esse procedimento do homem junto à língua, ou no uso dela, não é novidade, uma vez que sempre houve indivíduos tentando legislar, ditar o uso correto ou intervir na forma da língua. Da mesma maneira procede o Estado, quando escolhe ou impõe uma língua a uma determinada comunidade.

Bagno (2011, p. 355), ao refletir sobre as línguas, de um modo geral, questionou-se sobre o que é uma língua e chegou à conclusão de que não é fácil defini-la. O referido autor lembra que essa mesma pergunta foi feita a 18 renomados linguistas brasileiros e constatou que as respostas foram muito distintas entre si, como (1) atividade e trabalho, (2) meio de comunicação, (3) multissistema governado por um dispositivo sociocognitivo, (4) complexa realidade semiótica, (5) condensação de todas as experiências históricas de uma dada comunidade, (6) produto de um trabalho

social e histórico, (7) capacidade biológica, inata à espécie humana, (8) domínio público de construção simbólica e interativa do mundo, (9) fenômeno social por excelência, vinculado a um território e a uma população (BAGNO, 2011).

Tais respostas evidenciam o posicionamento de cada um sobre o que é uma língua. Isso é a manifestação de uma ideia, que surge a partir de uma opinião individual (ou coletiva, já que é possível ser a opinião sobre algo o pensamento de muitos) e representa o homem em seu caráter sociocultural e, principalmente, político. Isso quer dizer que a definição de algo é resultado de um posicionamento político. Ao nomear uma língua, por exemplo, o homem se posiciona como um ser político, que manifesta seu desejo e evidencia a tríade relação: língua, política e poder.

Nesse sentido, ao refletir sobre as línguas Tupinambá e Portuguesa, em sua história no território brasileiro, observa-se que sempre houve, a partir do descobrimento, intervenção humana na língua ou nas situações de uso dela, de tal forma que é a vontade do homem que dita o uso da língua, como a determinação do uso do português na colônia brasileira ou do prestígio de uma modalidade de língua sobre outra, ou ainda na escolha de um alfabeto para uma determinada língua (CALVET, 2007). Isso é política interferindo na língua, isso é *política de línguas*, lembrando a expressão usada por Freire (2011, p. 93).

No Brasil-colônia, essa intervenção foi efetivada pela coroa portuguesa, na condição de poder público institucionalizado e força política organizada, por meio dos padres jesuítas, os quais se defrontaram com problemas comunicativos e que, com o objetivo de solucionar esses problemas, interferiram diretamente na seleção da língua, delimitando o lugar onde seria usada e definindo sua funcionalidade. Sendo assim, essa iniciativa gerou inúmeras mudanças linguísticas e transformou experiências individuais e coletivas, o que influenciou as formas de uso da língua na comunidade (FREIRE, 2011).

Deve-se entender que havia diversas línguas no território brasileiro, a maioria com traços estruturais que as identificavam como línguas de uma mesma família, já que os portugueses observaram, pela costa brasileira, inúmeras comunidades indígenas que, apesar de apresentarem certas peculiaridades de uso, falavam de maneira semelhante. Todas essas línguas, pela similaridade, foram consideradas pertencentes à família Tupi-guarani, o que evidencia, mais uma vez – mesmo que o

critério tenha sido linguístico – a relação entre política e língua, uma vez que foi o colonizador quem fez a determinação por uma nomeação tupi ou tupinambá.

O uso dessas variedades de línguas é confirmado por Gândavo (1980 *apud* Navarro, 2006, p. 11) quando afirma: *A língua de que usam, toda pela costa, é uma, ainda que, em certos vocábulos, difira em algumas partes, mas não de maneira que se deixam uns aos outros de entender.*

No dizer de Borges (1994, p. 112), os colonizadores depararam-se, pelo menos, com quatro línguas: (1) na costa, o *Tupinambá*; (2) no que é, hoje, a região de São Paulo, o *Tupi Austral*; (3) na região Sul, o *Guarani*; (4) no Norte, o *Tupi Setentrional*.

Entende-se, assim, que a língua denominada *Tupinambá* pelos padres não representa uma única língua, mas o conjunto das línguas encontradas em solo brasileiro, ou como afirma Edelweiss:

Se, em seu conjunto não correspondia exatamente a nenhum dialeto, a sua boa compreensão também não oferecia dificuldades a qualquer tribo, porque foram muito reduzidas as discrepâncias dialetais e os jesuítas não criaram formas novas, mas apenas oficializaram, por assim, dizer as mais correntes. (EDELWEISS, 1969, p. 73)

A partir das considerações de Gândavo, Borges e Edelweiss, é oportuno ressaltar que a língua indígena Tupinambá foi usada como instrumento de comunicação, uma vez que sua finalidade maior era estabelecer a troca de informações entre seus falantes. Entretanto, não se deve esquecer de que a Língua Portuguesa convivia com o Tupinambá, em uma espécie de bilinguismo, e que este foi estudado e sistematizado pelos padres jesuítas para atender aos interesses da igreja e da coroa portuguesa. Nesse caso, o que se percebe por trás dessa necessidade é uma forte questão de poder, uma vez que:

A situação linguística no território brasileiro traz à tona a tensão constitutiva do processo colonizador, realizado tanto pelo governo português quanto pela catequese jesuítica: para fazer frente à diversidade de línguas e culturas existentes, era necessário impor uma unidade. (MARIANI, 2004, p.95)

Trata-se, antes de tudo, de um planejamento linguístico que, segundo Calvet (2007, p. 61), é uma ação planejada sobre a língua ou sobre as línguas que se mostram em determinadas situações: (1) situação sociolinguística inicial (S1), que depois de analisada é considerada como não satisfatória, e a (2) situação que se deseja alcançar (S2).

O que o autor quer dizer, em se tratando do Tupinambá, é que houve a necessidade de uma intervenção dos padres jesuítas, uma vez que se quis definir as diferenças entre o Tupinambá genuíno (S1) e o Tupinambá sistematizado (S2), e que a passagem de S1 para S2 ocorreu em função do planejamento linguístico. Isso foi concretizado quando Portugal, por meio dos padres jesuítas, procurou intervir na língua nativa em razão de seus objetivos políticos, econômicos, religiosos, sociais e culturais. Trata-se de uma iniciativa que se origina da constatação de que

[...] uma língua ágrafa não pode ser veículo de uma campanha de alfabetização, que se terá dificuldades em ensinar informática em uma língua que não se disponha de vocabulário computacional, ou ensinar gramática em uma língua que não disponha de uma taxonomia gramatical, que uma língua falada por uma ínfima minoria da população de um país dificilmente poderá ser escolhida como língua de unificação desse país etc. (CALVET, 2007, p. 62).

Ressalta-se que o Tupinambá era uma língua ágrafa, e por isso não poderia ser instrumento utilizado pelos padres jesuítas para a obtenção de seus objetivos político-religiosos. Isto é, como ensinar a oração do *pai nosso* aos índios na própria língua deles ou ensinar novos modos de convivência social, se não se conhecia os verbos nem os nomes em Tupinambá? Para que o Tupinambá fosse utilizado como veículo de catequização e evangelização, ou seja, para que exercesse essas funções específicas, seria necessário descrevê-lo e sistematizá-lo: fonológica, fonética, semântica e morfossintaticamente.

Trata-se de meios que o homem lança mão para intervir nas questões linguísticas. Dizer, por exemplo, que a língua encontrada em terras brasileiras, à época da colonização, é o Tupinambá, ou qualquer outra, não passa de uma questão política, realizada pelo homem, a partir de seus interesses.

Com o passar do tempo, paralela a essa consciência política, a grande diversidade de línguas originou as três Línguas Gerais da América do Sul, entre os séculos XVI e XVII: Guarani Crioulo, Língua Geral Paulista e Língua Geral Amazônica (CABRAL, 2000). Nesta seção, no entanto, apenas as línguas gerais serão abordadas, com especificações mais detalhadas acerca da LGA.

Ressalta-se, antes disso, que não é de estranhar que, nos dias atuais, após esse convívio lado a lado, do Português com a Língua Geral Amazônica (Nheengatu), tendo sido por muito tempo a língua indígena o instrumento de comunicação entre as

peçoas, algumas palavras portuguesas usadas no Brasil soassem estranhas ao português europeu, uma vez que não houve relação de contato entre a língua indígena e o Português em terras europeias. Sendo assim, não haverá dúvidas de que o Português, trazido pelos europeus, e o que hoje é falado apresentam inúmeras diversidades, tanto fonológicas quanto lexicais, como é o caso, por exemplo, da pronúncia de certas vogais e o uso de nomes de acidentes geográficos.

É fácil deduzir, portanto, após, aproximadamente, seis séculos de uso da Língua Portuguesa em terras brasileiras, que houve inúmeras situações peculiares a ela, uma vez que se mesclou à língua falada pelos nativos, como a aceitação de empréstimos, considerada, sem dúvidas, a forma mais direta de interferência linguística. Nesse caso, não se deve esquecer da pronúncia, já que o Português brasileiro é mais cadenciado que o europeu, justamente pela influência exercida pela língua Tupinambá (ELIA, 2003) e, principalmente, no que diz respeito ao léxico, chamado por Dietrich e Noll (2010, p. 89) de *tupinismos*, explicado, decerto, a partir da difusão histórica do Tupinambá. Para eles:

É no vocabulário e nos nomes próprios (Toponímia, hidronímia, coronímia, Antroponímia) que a influência da língua brasílica no português brasileiro comum é indiscutível, assim como a do nheengatu, no português regional amazônico [...] No entanto, muitas vezes é difícil saber com certeza a origem de uma determinada palavra, se vem da língua brasílica, da língua geral paulista, da língua geral amazônica ou do nheengatu.

Contudo, as diversidades mais estruturais entre o Tupinambá e o Português, no caso da morfologia, por exemplo, somente foram observadas e conhecidas mais claramente quando se deu o bilinguismo, já que, para uma e para outra, a língua do outro era desconhecida, ou seja: não somente o índio desconhecia o Português, assim como o colonizador europeu desconhecia o Tupinambá.

Entende-se, assim, que as diversidades apareceram somente quando os colonizadores portugueses, especificamente os padres jesuítas, aprenderam a língua nativa e a sistematizaram, fundamentados na concepção de semelhança, ou seja, a apreensão do mundo se dava a partir do concreto, daquilo que já se sabia, se conhecia.

Nesse caso específico de sistematização da língua nativa, foi a estrutura morfossintática do idioma latino que serviu de modelo à estrutura Tupinambá, originando o que ficou conhecido como *língua brasílica*. Isto é, uma língua comum a portugueses e a suas mulheres indígenas, e também aos filhos mestiços deles, mas

que, certamente, com a efetivação da catequização e da aproximação dos índios à civilização europeia não mais designava o legítimo Tupinambá da época do descobrimento.

Evidencia-se, também, que a organização gramatical do Tupinambá se deu não somente em razão da necessidade de evangelização, mas também da nova tradição tecnolinguística que circulava no cenário europeu: a descrição das línguas por meio de gramáticas e de dicionários (MARIANI, 2004).

Tal iniciativa, que possibilitou maior conhecimento morfossintático sobre a língua Tupi, foi, seguramente, auxiliada pela questão religiosa, visto que os padres jesuítas usavam a teologia como espelho do mundo concreto e, assim, buscavam marcas e sinais em terras brasileiras que pudessem orientá-los, de tal forma que religião e língua passaram a ser os instrumentos de materialização da proposta católica: a de utilizar o Tupi como instrumento de catequização, o que se observou durante todo o processo de colonização nas terras brasileiras. Desse modo, conforme afirma Barbosa (1956, p. 9):

a língua vulgar prevalente nos primeiros tempos da colônia, falada na catequese e nas bandeiras, instrumento das conquistas espirituais e territoriais da nossa história, o seu conhecimento, sequer superficial, faz parte da cultura nacional. Adotada como língua "geral" ou "comum" por índios de outros grupos étnicos e lingüísticos, pelos próprios portugueses e, ao que parece, até por muitos negros, tornou-se laço de união entre os vários povos que formaram o Brasil [...]

Entende-se, nesse caso, que essa língua geral foi usada como língua de comunicação em São Paulo, mais especificamente em São Vicente e no Vale do Piratininga, que, em contato com outras línguas indígenas e com o português, passou a apresentar suas particularidades e a ser denominada de Língua Geral Paulista (ou LGP) e que será assunto a ser apresentado na próxima subseção.

4.1.1 *LÍNGUA GERAL PAULISTA (LGP)*

No processo de colonização, os padres jesuítas aprenderam a língua nativa e a transformaram em um instrumento de catequização indígena, o que a fez ser bastante divulgada na colônia (NOLL & DIETRICH, 2010). A consequência dessa atitude católica foi a impressão, em 1595, de uma gramática da língua que ficou, posteriormente, conhecida como Língua Geral, baseada no modelo grego-latino,

intitulada *Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*, escrita pelo Pe. José de Anchieta (ELIA, 2003).

De acordo com Altman (2003, p. 67-68), o padre José de Anchieta, quando saiu da Bahia, foi para o sudeste brasileiro, especificamente para o Planalto de Piratininga e São Vicente, onde permaneceu por 11 anos, até 1565. Foi nesse período que aprendeu a língua indígena, o Tupi de São Vicente (ou tupiniquim; não se deve esquecer que havia um número elevado de variedades tupi), língua em que, provavelmente, escreveu a primeira versão da gramática. Para Rodrigues (2010, p. 37),

[...] Piratininga, em São Paulo, primeiro território interior para o qual se deslocou a ação colonizadora. Aí o número de mestiços, chamados então de mamelucos, cresceu tanto usando a língua tupi (ligeiramente modificada pelo convívio com a portuguesa) que esta foi difundindo-se e passou a ser chamada *língua geral*, hoje mais especificada como *língua geral paulista* (LGP).

É fácil entender, nesse percurso, que essa língua já não poderia ser mais considerada o genuíno Tupi de São Vicente, mas uma forma modificada pela descrição gramatical e uso.

Foi esse Tupi de São Vicente que teria dado origem à chamada LGP, usada na expansão bandeirante do sul e sudeste do país: São Paulo, Minas Gerais, Sul de Goiás, Mato Grosso, norte do Paraná, entre os séculos XVII e XVIII (RODRIGUES, 2010). Tal aceção foi observada, anteriormente, por Edelweiss (1969, p. 74), que afirmou ser *o dialeto tupiniquim, de São Vicente, o falar que o intérprete Antônio Rodrigues aprendeu e ensinou quando chegou à Bahia, em meados do século XVI*.

Isto é, deve-se pensar que essa língua Tupi já não servia apenas a uma sociedade indígena específica; pelo contrário, passou a ser usada por uma sociedade e cultura dos mestiços (mamelucos), com afinidades à cultura europeia (CABRAL, 2000).

Como se observou acima, essa língua Tupi foi descrita em uma gramática. Aparece, assim, o primeiro documento escrito sobre o Tupi: a gramática de Anchieta. Posteriormente, ainda no séc. XVI, surge o segundo documento, intitulado *Vocabulário na Língua Brasílica*, dicionário português-tupi compilado, também, pelo colonizador (padres jesuítas), mas que somente foi publicado em 1939 (FREIRE &

ROSA, 2003). De acordo com Hartt (1938, p. 307), há também catecismos, orações, missas e hinos, escritos em Tupi por Anchieta e outros jesuítas da época.

Além desses registros, há, segundo os autores supracitados, inúmeras descrições e relatos, nos quais se descrevem não somente a fauna brasileira, a flora brasileira e a geografia, como também os povos indígenas encontrados na viagem.

É importante ressaltar que, na situação de contato, as línguas influenciaram-se a ponto de uma adquirir determinadas particularidades da outra. Nesse caso, como o contexto social favorecia a língua nativa, certamente foi o Tupi que influenciou o português de maneira mais contundente. Isso pode ser confirmado, supostamente, nos diversos topônimos, nomes dados aos lugares, pois, se não há, em uma língua, palavra para ser atribuída a uma determinada situação, como, por exemplo, dar um nome a um lugar com grande quantidade de açazeiros (palmeira nativa da Amazônia), é mais fácil emprestá-la de outra língua para que a nomeação seja feita. Nesse caso o português emprestou junto à LGA as palavras *asay-yua* e *tyua*³⁰, que, por metonímia, formou *açaiteua*. Isso é possível, de acordo com Dick (1992, p. 9), porque a nomeação tem dois lados: o antroponímico e o linguístico, isto é, o homem nomeia em função do ambiente físico que tem amparo nas palavras.

Entende-se, assim, que, após a chegada dos colonos europeus, o Tupi de São Vicente já modificado em LGA, por circunstâncias cronológicas, continuou como língua materna e mais usada na colônia. Isso porque já havia, pela miscigenação elevada, número considerável de mestiços – filhos de pais portugueses e mães indígenas – que falavam a língua das mães, não a dos pais europeus. Esse processo era, certamente, proporcionado pela presença das mães, já que cabia a elas a tarefa de organizar as atividades domésticas, assim como transmitir e preservar a língua materna (CABRAL, 2000; RODRIGUES, 2010).

Retomando a ideia de similitude defendida por Gimenes (2003, p. 25), uma vez que os padres jesuítas tinham o latim como protótipo de língua a ser seguida, em se tratando da língua Tupi, a ideia foi sistematizá-la a partir de um advento de ideal gramatical, fundamentado na estrutura da língua latina, pois o latim era, à época,

³⁰ Stradelli (2014, p. 327, 508).

considerado o modelo, o protótipo do que deveria ser uma língua, rigorosamente, pautada numa gramática (CÂMARA JR., 1965).

Quanto a essa acepção, Edelweiss (1969, p. 193) afirma que os jesuítas compuseram a gramática Tupi à base da estrutura morfossintática clássica, embora muitos usos idiomáticos da língua indígena Tupi terem ficado de fora, justamente por não conseguirem representá-los nos moldes clássicos, até porque a ideia foi de um uso mais pragmático da língua nativa. Teve-se, portanto, uma língua intensamente usada na catequese, de acordo com certos ideais, em São Vicente e no Planalto de Piratininga (Estado de São Paulo), por um longo período de, aproximadamente, dois séculos, e que levou o índio a disciplinar-se religiosa e, até certo ponto, linguisticamente.

O autor supracitado (1969, p. 73) indaga sobre a língua indígena em questão:

Que vem, então, a ser a língua brasílica ou língua tupi?

É aquele acervo de formas léxicas, preceitos gramaticais e textos, que os jesuítas deixaram consignados em seus compêndios e produções até ao fim do século dezoito.

A língua brasílica não era, portanto, o dialeto específico de uma tribo, mas uma uniformização léxica racional de vários.

Esse novo modo de falar, ao ser sistematizado e registrado, para a evangelização dos índios, tornou-se uma língua nivelada à da metrópole, haja vista possuir gramáticas e dicionários (MARIANI, 2004). Sendo assim, a LGP, conhecida por Abanheenga (aba=homem; nhẽenga=língua), língua de gente, naturalmente foi usada pelos bandeirantes expansionistas e amplamente difundida por eles.

Quanto a essa questão, segundo Sampaio (1987, p. 69), os bandeirantes foram importantes no processo de expansão da LGP, uma vez que, ao saírem do litoral em direção ao centro, em busca de novos descobrimentos, geralmente, a usavam. Por meio dessa LGP, designavam as novas descobertas, como os rios e as montanhas, além dos próprios comunidades que fundavam e onde a língua nativa passava a ser usada como meio de comunicação, o que, certamente, ajudou a difundi-la.

Coube, assim, aos bandeirantes paulistas, por meio das conhecidas expedições bandeiras (via terrestre) e monções (via fluvial), adentrarem em terras ainda desconhecidas dos colonizadores em busca de escravos índios, com o

propósito de substituírem a mão de obra africana, porque, nessa época, o deslocamento de escravos da África já apresentava elevados custos.

De acordo com Rodrigues (2010, p. 37-38), a LGP vigorou da segunda metade do século XVI até segunda metade do século XIX. A partir desse momento, a LGP começou a declinar em função de diversos fatores, como a progressiva extinção dos indígenas, a introdução de escravos africanos e de mestiços de outras áreas do Brasil, e também de novos colonos europeus.

No entanto, o fato mais contundente em favor de uma mudança direta e intensa no uso da língua em solo brasileiro foi a intervenção do Marquês de Pombal, por meio de decreto que proibia o uso da língua geral que, segundo, Raymundo (2006, p. 6), ficou conhecido como Diretório dos Índios, que será mais especificado na subseção 3.2.4. Mostra-se oportuno e imprescindível a esta pesquisa, nesse percurso histórico do uso da língua indígena em terras brasileiras, fazer-se um estudo sobre a língua nativa usada na Amazônia, o que será feito na subseção seguinte.

4.2 LÍNGUA E POLÍTICA: RELAÇÃO DE PODER (II)

Como se observou nas abordagens anteriores, a língua geral era usada em diferentes situações sociais e religiosas, tais como as de conversação cotidiana no seio familiar e as de tradução necessária em meio às confissões, tanto por portugueses quanto por índios (MARIANI, 2004).

É sabido que índios tupinambás, juntamente com vários grupos de portugueses, estavam espalhados em grande número na costa litorânea brasileira, de Norte a Sul. É sabido, também, que, por esse contexto sociolinguístico, havia o bilinguismo entre o Tupinambá – não mais genuíno, transformado em língua geral – e o Português, relação que perdurou por muito tempo, com a prevalência de uso da língua indígena.

Esse predomínio da língua geral sobre o português, no âmbito amazônico, deu-se, também, em razão de uma intervenção política iniciada pelos padres missionários. Essa política consistiu em duas medidas: (1) a standardização do Tupinambá jesuítico e (2) a tupinização dos índios tapuias.

A primeira se origina da observação de que havia, nas aldeias jesuíticas, duas modalidades do Tupinambá jesuítico: uma, que representa o Tupinambá sistematizado nas gramáticas e catecismos, ambos escritos pelos padres das missões; outra, que representa o Tupinambá coloquial, falado pelos índios fora das situações religiosas. A standardização, portanto, ocorre quando há o processo de disciplinarização, com a tentativa de se impor a variedade sistematizada a toda uma população: índios tupinambás, índios tapuias, colonos, mestiços (BARROS, 2003).

A segunda consistiu na assimilação e aprendizado da língua geral pelos índios tapuias. Esses índios eram não tupis e passaram a incorporar as aldeias das missões em razão dos descimentos. Tal empreendimento teve sucesso, porque os padres jesuítas o estruturaram em três fases: a) *estabelecimento de um quadro de intérpretes tapuia*, uma espécie de negociadores, que praticavam o convencimento junto aos índios para que aceitassem descer para as missões; b) *produção de catecismos breves em língua tapuia* para agilizar a catequização do índio não tupi. Isso ocorria em ocasiões de batismo, em perigo de morte e na extrema-unção, somente em suas aldeias, uma vez que descidos, passavam a usar a Língua Geral Amazônica (LGA); c) *política do descimento*, que surge como uma forma de solidificar a ideia de standardização da língua. Trata-se, como apresentado na subseção 2.1.5.2 (p. 27), de expedições não militares, realizadas por missionários, e seu propósito maior era convencer as comunidades indígenas a "descerem" de suas aldeias de origem para viverem em novos aldeamentos, especialmente criados para esse fim.

No entanto, tal atitude missionária tinha outro objetivo, o de concentrar os índios, de nações e culturas diferentes, em um local de fácil acesso, onde pudessem aprender a língua geral e, assim, serem catequizados e "civilizados". Dessa forma, aprenderiam os princípios da religião cristã e certos valores como obediência e disciplina, que os tornariam aptos para serem integrados ao sistema colonial como força de trabalho. Barros (2003, p. 89), também, chama a atenção para esse fato ao afirmar que:

um dos principais locais responsáveis pela expansão do tupi foram as aldeias de descimento, as quais eram missões situadas em locais próximos das cidades e dos fortes, destinadas a ser depósito de mão-de-obra tanto para as missões como para os colonos.

Esses aldeamentos missionários ficaram conhecidos como "aldeias de repartição", ou seja, estavam integrados ao sistema colonial, funcionando como uma

espécie de "armazém" onde os índios, uma vez descidos, eram catequizados. Em seguida, eram distribuídos e repartidos entre colonos, missionários e Serviço Real da Coroa Portuguesa, para quem deviam, obrigatoriamente, trabalhar em troca de um pagamento, por um determinado período que variava de 2 a 6 meses, findo o qual deveriam ser devolvidos à aldeia.

Todavia, essa situação, segundo Mariani (2004, p. 101), na segunda metade do século XVII, começa a mudar, uma vez que uma postura indígena de oposição à prática jesuítica de domínio sobre a mão de obra nativa tomava corpo dentro das colônias, situadas na Amazônia, ou seja, começava-se a discutir sobre a postura dos padres, uma vez que se aproveitavam de seu poder sobre os índios para empregá-los em atividades de interesse particular. Tal situação foi a razão para que fosse publicada a declaração de *Liberdade dos Índios*, que foi uma política indigenista para tirar das mãos da igreja o poder sobre os índios (RAYMUNDO, 2006).

Além dessa atitude político-econômica, houve, ao mesmo tempo, duas importantes medidas da coroa: (a) implementação da perda do poder temporal dos religiosos, que se efetivava na política e na economia; e (b) fomento à produção e ao comércio, a partir da possibilidade de os colonos da região promoverem o empreendimento comercial. Além disso, é importante ressaltar que, nesse contexto sociopolítico e econômico, havia uma tensão que se instalou no território amazônico, a partir e durante a colonização: hegemonia do tupi em relação ao português.

Esse confronto linguístico passa a ser visto como algo a ser combatido pela coroa portuguesa. É nesse contexto de tensão que uma segunda intervenção política linguística, até certo ponto velada³¹, apoiada na necessidade de promover uma unidade linguística, é implantada no Brasil: a imposição da Língua Portuguesa como forma de domesticar e absorver as diferenças entre os portugueses e nativos que não se enquadravam na civilização europeia.

Faraco (2016, p. 98-99) evidencia a relação entre o Diretório dos Índios e a LGA, observada no texto de 1757:

Sempre foi maxima inalteravelmente praticada em todas as Naçoens, que consquistaraõ novos Dominios, introduzir logo nos Póvos conquistados o seu proprio idiõma, por ser indisputavel, que este he hum dos meios mais efficazes para desterrar dos Póvos rusticos a barbaridade dos seus antigos

³¹Porque, segundo Noll (2010, p. 111), apenas os parágrafos 6, 8 e 9, de 95 artigos, mencionam a questão linguística, sendo o parágrafo 6 o único com instrução de vulgarização do português.

costumes; e ter mostrado a experiencia, que ao mesmo passo, que se intoduz nelles o uso da Lingua do Principe, que os conquistou, se lhes radica tambem o affecto, a veneração, e a obediencia ao mesmo Principe. (...) será hum dos principaes cuidados dos Directores, estabelecer nas suas respectivas Povoaçoes o uso da Lingua Portugueza, não consentindo de modo algum, que os Meninos, e Meninas, que pertencerem ás Escólas, e todos aquelles Indios, que forem capazes de instrucção nesta materia, usem da Lingua propria das suas Naçoens, ou da chamada geral; mas unicamente da Portugueza, na forma, que Sua Magestade tem recõmendado em repetidas ordens, que até agora se não observáraõ com total ruina Espiritual, e Temporal do Estado.

Essas iniciativas culminaram com a secularização das aldeias, ou seja, o poder sobre elas sai das mãos da igreja e passa para a coroa. Raymundo (2006, p. 6) afirma que, por meio da secularização, insere-se nas aldeias, antes governadas espiritual e temporalmente pelos religiosos, a figura de um funcionário civil, um diretor, que foi instruído como proceder em relação à administração dos índios, considerados, ainda, inaptos a se autoadministrar. Assim se fundou a política de uma administração civil, que ficou conhecida como Diretório dos Índios.

Esse processo de mudança, observada no estado do Grão-Pará e Maranhão, a partir de uma atitude política, influenciou, diretamente, a língua falada na região. Mas não se deve imaginar que somente essa questão política determinou, de maneira plena, o que viria acontecer no Brasil, em se tratando das línguas gerais e portuguesa.

É natural de todas as línguas sofrerem alterações em sua estrutura fonético-fonológica e morfossintática, em razão não apenas de influências internas (aspectos linguísticos) como também de externas (aspectos extralinguísticos). Nesse sentido, as línguas de origem Tupinambá, a LGP e a LGA, e a portuguesa iam se modificando, contínua e lentamente, alterando o contexto linguístico do Brasil, especialmente na costa litorânea e na Amazônia, de modo que a hegemonia da língua geral foi, aos poucos, sendo suplantada pela portuguesa. Todavia, o contato entre elas, notadamente entre a LGP e a portuguesa, posteriormente entre a LGA e a portuguesa, resultou não apenas em mudanças gramaticais³² (a concordância pode ocorrer apenas com os determinadores, não com os nomes nem com os qualificadores/Estes livro azul são belo), como também no léxico português, com o implemento de inúmeras palavras que designam lugar, como o topônimo *Ajuruteua*, por exemplo.

Com o passar do tempo, a língua Portuguesa, auxiliada pela política de língua implantada no Brasil, prevaleceu. Isso não aconteceu somente na região Norte, uma

³² Baseado em Rodrigues (2010).

vez que a relação entre as línguas Geral e Portuguesa já apresentava um novo cenário em todo o Brasil. Tal observação é corroborada por Silva Neto (1963 *apud* Elia, 2003, p. 51), ao mencionar o padre Antônio Vieira (1657) que, em um de seus sermões, observa: *[...] sobretudo o testifica o mesmo uso, de que nos lembramos os velhos, em que a nativa língua portuguesa não era mais geral entre nós que a brasílica. Isto é o que alcancei, mas não é isto o que vejo hoje [...]*

A língua da coroa portuguesa foi a língua da elite administrativa, das autoridades jurídica e eclesiástica. Tal afirmação é corroborada por Ilari e Basso (2000, p. 63), que afirmam ter sido *o português, desde o período colonial, a língua usada na administração portuguesa da colônia e nos contatos com a metrópole: foi a língua do governo e da justiça*. Por isso, é consenso que a língua Portuguesa tenha tido maior espaço de uso na colônia brasileira, porque medidas externas à língua foram sendo adotadas. Essa prática possibilitou que o Português fosse, aos poucos, se equivalendo ao uso da Língua Geral, o que é visto, portanto, dentro de uma normalidade sociolinguística, em se tratando de línguas em contato, como o Português e as Línguas Gerais.

Fica evidente, assim, que a intervenção política da coroa portuguesa na colônia brasileira alterou a vida das pessoas, no que tange, especificamente, ao uso da Língua Geral, uma vez que ela foi perdendo sua hegemonia, fato comprovado, também, nas palavras do professor Serafim da Silva Neto³³, que, em carta ao Colégio da Bahia, observa: *[...] e que direi eu ao colégio da Bahia, ou o que me dirá ele a mim, quando nesta grande comunidade é já tão pouco geral a língua chamada geral do Brasil, que são mui contados aqueles em que se acha [...]*

Tal fenômeno, também, é observado por Noll (2010, p. 109), quando alerta para um fator importante que aconteceu, no final do século XVII, no Sudeste brasileiro: os bandeirantes paulistas falavam mais o Português do que a Língua Geral. Subentende-se com essa afirmação que a língua dos índios tupinambás era usada na região. Isso pode ser comprovado pelas inúmeras ocorrências de topônimos indígenas nas áreas percorridas por esses bandeirantes.

Observa-se, assim, que a forma modificada e sistematizada do Tupinambá começou a ser suplantada pela língua Portuguesa em razão das diversas políticas

³³ Ibid, p. 81-82.

direcionadas, direta ou indiretamente, na colônia, uma vez que o Diretório representou uma ideologia econômico-linguística que incentivou a aprendizagem do Português na colônia brasileira. Todavia, é certo que, no período da colonização, o uso da Língua Geral foi privilegiado como forma de não só promover a evangelização e catequização dos índios, assim como efetivar os interesses da coroa portuguesa na colônia brasileira.

Nesse contexto, Mariani (2004, p. 95) ressalta a tensão que se instalou no território brasileiro, durante a colonização: hegemonia da língua geral em relação ao português. Esse confronto linguístico passou a ser visto como algo que devesse ser combatido pela coroa, o que justificou a implantação de uma política, apoiada na necessidade de promover uma unidade linguística. Essa iniciativa mostrou-se como um exercício de uma política unitária de imposição da língua portuguesa e representou a possibilidade de domesticar e absorver as diferenças entre os povos e culturas distintas que se encontravam fora dos padrões do que se entendia como civilização na época.

Sendo assim, o regimento das missões da Região Amazônica – que organizava a população indígena – foi substituído pelo Diretório dos Índios, em 3 de maio de 1757, no Estado do Grão-Pará e Maranhão, e, posteriormente, em todo Brasil. Para Freire (2011, p. 126), essa medida

[...] foi o instrumento legal responsável pela formulação da política de línguas na Região Amazônica, cujo o eixo principal era oficializar a língua portuguesa e transformá-la na língua de comunicação interna de todos os moradores, tanto portugueses como mestiços e índios.

4.2.1 *LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA (LGA)*

Entende-se como Língua Geral Amazônica (ou LGA) a língua de origem tupinambá da Região Norte, modificada pelo contato com as: (1) outras línguas nativas da região, (2) língua geral da costa (LGP), (3) língua dos africanos, além das (4) línguas europeias, em especial, e mais profundamente, a portuguesa, o que obviamente justificou a proposta política, religiosa e linguística do governo português para colonizar a Amazônia (RODRIGUES, 2010). Nesse sentido, a LGA tem fundamental importância na formação cultural e histórica do povo amazônico.

Para Altman (2003, p. 68), a língua dos Tupinambá do Maranhão, onde a colonização, efetivamente, só se iniciou em meados do século XVII, foi o ponto de partida para a formação de outra língua geral, a amazônica (LGA), conhecida séculos depois como Nheengatu, que se desenvolveu na Região Amazônica, falada pelos filhos de pais portugueses com mães indígenas, em especial as da tribo tupinambá do Pará, pelos demais índios tapuios, não apenas em vilarejos, mas também nas aldeias de repartição.

É muito natural, no contato linguístico ocorrido em terras brasileiras, a partir do processo colonizatório português, que sejam observadas consideráveis distinções em uma mesma língua, em um processo histórico de uso. Tupinambá e Português, obviamente, podem ser mostradas em etapas dialetais, as quais têm ligação direta com o processo de contato que houve no Brasil, até porque a mudança, seja ela de influência interna ou externa, é inerente às línguas.

Nesse sentido, em se tratando, especificamente, da língua Tupinambá, é importante salientar que, de acordo com Rodrigues (2010, p. 30), foi um etnônimo usado pelos portugueses para referir-se a três referenciais espaciais: Rio de Janeiro, Bahia e Grão-Pará e Maranhão. No que diz respeito à LGA, importa reafirmar que se trata de um processo de formação linguístico-histórico totalmente lógico, em razão do plurilinguismo da Região Amazônica, especialmente em relação às terras paraenses e amazonenses. Isto é, o tupinambá do Norte modificou-se naturalmente em LGA.

Todavia, para o pesquisador Denny Moore

Durante esse processo, um grande número de nativos foi realojado e obrigado a aprender a língua do mestiço, Língua Geral ou Nheengatu (Nhengatu), uma língua Tupi-Guarani originalmente falada na costa que foi modificada por efeitos do substrato e empréstimos do português. (MOORE, 2011, p. 217)

Há, nessas duas últimas acepções, de Aryon Rodrigues e Denny Moore, certa controvérsia. Teria a LGA se originado do tupinambá da Região Norte ou do Tupinambá da costa brasileira, já modificado em LGP?

Entende-se que a formação da LGA se inicia com a chegada dos portugueses ao Pará, em 1616, que se defrontaram com o falar tupinambá na região do Salgado (FREIRE, 2011). Nesse caso, o Tupinambá referido não seria outro, senão o da Região Norte do Brasil.

Isso é confirmado em Edelweiss (1969, p. 109), que, mesmo se referindo ao tupinambá do Pará pelo nome *tupi*, afirma que desse tupi, *foi surgindo o brasileiro*³⁴, *precursor do nheengatu*. Ele afirma que *os elos indispensáveis à reconstituição do desenvolvimento histórico do tupi* acontecem em função das missões do antigo território do Maranhão e Grão-Pará.

Ademais, salienta-se que os nomes oriundos da LGP encontrados no Pará, como *abaeté*, *cotijuba* ou *camburupi* são explicados pela presença de mestiços, índios mansos oriundos da costa litorânea brasileira que falavam a Língua Geral Paulista, vindos com os primeiros colonizadores portugueses (MIRANDA, 1942).

Câmara Jr. (1965, p. 105) afirma que *uma Língua Geral passou a ser usada no Norte do Brasil e modificou-se com o tempo, o que é muito natural às línguas*. Essa língua de origem tupinambá passou a ser conhecida como Nheengatu (nhẽẽ=língua; katu=boa), língua boa. Esse fato está relacionado à presença da Companhia de Jesus na região, que ocorreu em meados do século XVII.

Este autor afirma que ambas as línguas gerais, LGP e LGA, são distintas. Essa distinção seria de nível, já que a paulista era a modalidade escrita pelos missionários e estudada pelos tupinólogos, enquanto a amazônica foi mais desprovida de normas e estilos. Ressalta-se, ainda, que a paulista foi sistematizada, formalizada em uma gramática, usada na evangelização e ensinada aos filhos mestiços e colonos portugueses. É oportuno salientar que a LGP ficou conhecida como abanheenga, enquanto a LGA, como nheengatu.

Os estudiosos posteriores se dividiram no estudo do abanheenga e do nheengatu. Naquele fêz-se essencialmente uma exegese dos textos missionários da literatura religiosa, dando-se-nos o que se pode chamar de filologia tupi [...]. Da mesma sorte que uma filologia grega [...] ou uma filologia sanscítica [...]. Quanto ao Nheengatu, a principal preocupação foi consignar a sua "deturpação" em face do Abanheenga, muito menos que um estudo científico de seu comportamento. (CÂMARA JR., 1965, p. 105-106).

De acordo com Harrt (1938, p. 308), as línguas gerais *paulista* e *amazônica* não são as mesmas, já que na pronúncia e na estrutura se diferem ainda mais que o português do espanhol. Para confirmar sua opinião, o referido autor afirma que as orações e hinos dos padres jesuítas não são entendidos pelos índios da Amazônia.

³⁴ O brasileiro (Edelweiss, 1969) é a Língua Geral Amazônica (LGA) de origem tupinambá tribal (Borges, 1994).

Isso quer dizer que, embora ambas as línguas gerais fossem de origem comum, o Tupinambá, são bastante distintas uma da outra.

Quanto a isso, Miranda (1942, p. 19-20), por exemplo, explica que o som labial [b] é raro em Nheengatu e, nas palavras, em que a LGP o intervala, como em *apaiaba* (homem), *caba* (vespa) e *quissaba* (rede de dormir), o Nheengatu usa, respectivamente, *apaiaua*, *caua* e *quissaua*. Isto é, o som [b] passa a [u].

Quanto a essa particularidade fonética, tem-se que

É possível que o uso do botoque, *tembétara*, tivesse dado origem a esse metaplasma. Aos doze ou treze anos, quando lhe apareciam os seios [...], o *curumin* sofria a operação do tembecuára, buraco do beijo, feito com um osso pontudo de veado. O *tucháua*, ou chefe da maloca, sentado sobre um banco, geralmente de cedro, assistia ao ato, verificando se o operador furava o beijo na altura apropriada, nem muito baixo nem muito em cima [...] (MIRANDA, 1942, p. 20).

A Língua Geral Paulista surgiu pela sistematização do Tupinambá em face de certa homogeneidade encontrada pelos portugueses na costa litorânea brasileira; enquanto a Amazônica, pelo contato, como supracitado, entre diversas línguas indígenas, as quais, segundo Loukotka (1968 *apud* Freire, 1983, p. 8), chegavam a 718 línguas faladas na Amazônia brasileira: tupi (130), Karib (108), Aruak (83), Pano (34), Tukano (26), Gê (66) e não classificadas (271). Foi esse contexto linguístico que motivou, no séc. XVII, o Padre Antônio Vieira a afirmar que o rio Amazonas era o “rio Babel” (FREIRE, 1983). Ressalta-se que, além dessas línguas, havia, também, as africanas e as europeias: portuguesa, espanhola, holandesa, inglesa e francesa. Ademais, à situação de contato linguístico, o Tupinambá apresentou, como qualquer língua, o fenômeno da dialeção cronológica.

Na formação da LGA, observam-se duas situações: (a) tribal e (b) colonial. A primeira, seria aquela modalidade que, mesmo sob domínio da política de colonização, permaneceu sendo falada pelos tupinambás em seu ambiente tribal, denominado, assim, *Tupinambá Tribal*, que estava sujeito às regras e aos rituais próprios da comunidade, além do condicionante tempo. Esta desapareceu juntamente com a extinção dos tupinambás. A segunda, denominada *Tupinambá Colonial*, modalidade usada pelos colonos, missionários e demais indivíduos envolvidos na colonização, considerada o instrumento de colonização da Amazônia e que se expandiu para muito além dos limites do grupo tupinambá, foi destribalizada e passou

a uma condição de língua supraétnica³⁵ (BORGES, 1994). Por um longo período, foi essa a língua de todos os falantes que habitavam a Amazônia.

Tal concepção parece lógica, isso porque não haveria necessidade de os jesuítas sistematizarem novamente a língua Tupinambá, pois a ideia era catequizar e, como os indígenas da Amazônia entendiam (apesar das diferenças dialetais), a língua da costa do Brasil, o código usado foi o Tupinambá Colonial, caso contrário, o intento português poderia não ter êxito. Todavia, mesmo não mais intervindo, diretamente, nas questões estruturais da língua, os missionários jesuítas tiveram papel importantíssimo no conhecimento, na difusão e na imposição do Tupinambá modificado como língua genérica da Amazônia (BORGES, 1994).

É oportuno registrar que, na colonização da Amazônia, no momento em que os primeiros colonos chegaram à região, vindo da costa litorânea, se depararam com a língua Tupinambá do Grão-Pará e Maranhão, tendo sido possível, portanto, a comunicação, uma vez que os colonos já estavam familiarizados com a língua geral da costa, também de origem tupinambá, que surgiu no litoral brasileiro, usada pelos jesuítas na catequese do sudeste e nordeste. Por esse motivo, a língua Tupinambá foi eleita como língua de comunicação entre os colonizadores que chegaram à Amazônia. Ademais, é necessário salientar, como forma de uma marcação temporal, que, segundo Rodrigues (*apud* Noll e Drietrich, 2010, p. 38),

essa língua, qe se tornou corrente nos comunidades e nas missões do Estado do Grão-Pará – cada vez mais heterogêneas pela inclusão de índios de diferentes línguas – ao longo do Rio Amazonas e de seus principais afluentes, foi-se diferenciando da língua dos tupinambás, aquela que então era chamada língua brasílica. No final do séc. XVII e início do séc. XVIII já eram compilados pelos missionários vocabulários e gramáticas da língua geral [...] sensivelmente mudada em relação à das obras escritas para os índios tupinambás.

Entende-se, assim, que a Língua Geral Amazônica (LGA) já estava afirmada na região que se conhece por Bragança/PA, o que pode ser confirmado com base na sua fundação como Vila, em 1753, na margem esquerda do Rio Caeté. No entanto, é oportuno ressaltar que já havia habitantes não indígenas nessa região desde 1634, quando a Vila Souza do Caeté (hoje Vila Cuéra) foi fundada na margem direita³⁶. Isto

³⁵ Língua usada por diferentes etnias.

³⁶ Seção 2.1.5.2 (p.30).

é, não se refuta a ideia de os habitantes da região não usarem mais o Tupinambá genuíno, mas sim o resultado da modificação que passou: a LGA.

Referente à interferência eclesiástica, observa-se que os padres missionários foram os principais agentes formuladores e executores de um projeto de catequização e evangelização indígena na Amazônia, uma vez que se defrontaram com problemas de ordem comunicativa mais sérias do que foi encontrada na costa brasileira, em razão das várias situações de multilinguismo, de modo que, com o objetivo de esses problemas serem solucionados, foi necessário a iniciativa de uma intervenção política eclesiástica na língua tupinambá (FREIRE, 2011). Isso resultou, a partir de um processo contínuo, a formação de outra língua, a LGA, o que é confirmado pelo padre João Daniel

[...] como os primeiros, e verdadeiros topinambares já quase de todo se acabaram, e as missões se foram restabelecendo com outras mui diversas nações, e línguas, se foi corrompendo de tal sorte a língua geral topinambá, que já hoje são raros, os que a falam com a sua nativa pureza [...] de sorte está viciada, e corrupta que parece outra língua diversa. (Daniel, 1757 *apud* Noll & Dietrich, 2010, p. 107)

Sendo assim, têm-se duas línguas gerais, que, com o passar do tempo e em virtude de diferença cronológica de uso (LGP, da segunda metade do séc. XVI até a segunda metade do séc. XIX; LGA, do séc. XVII até o séc. XIX), em razão de sua abrangência territorial, apresentaram certas distinções, o que é de se esperar, já que assimilaram particularidades regionais distintas. Ressalta-se que, além dessas diferenças internas entre elas, outra língua, também, importante emergiu dentre as duas, em uma espécie de contato, que as ia influenciando e recebendo influência direta de ambas as línguas gerais: a língua portuguesa.

Nesse contexto, é importante ressaltar a influência das línguas gerais no léxico brasileiro, já que elas foram faladas nos três primeiros séculos da colonização, no recesso dos lares e, certamente, foram as línguas mais faladas na maioria das famílias. No entanto, não se deve pensar que elas foram as únicas do solo brasileiro, uma vez que, conforme Rodrigues:

[...] Aliás, o contato linguístico de uma e outra foi não só com o português, mas também, em distintas situações e proporções, com várias línguas indígenas. A LGP teve contato mais bem conhecido com a língua bororo (da família linguística bororo), mas provavelmente também com outras, como a kaingang no oeste paulista e no norte de Paraná e a panará (kayapó do sul) no sul de Goiás, sudeste de Minas Gerais e oeste de São Paulo (ambas da família linguística jê). A LGA, em seu deslocamento para o oeste, desde o Baixo até o Alto Amazonas, terá tido múltiplas situações de contato

linguístico, sendo que as mais recentes e as mais intensas foram com as línguas das famílias aruak e tukano, mais particularmente o baré, o baniwa e o tukano, no Alto Rio Negro. (RODRIGUES, 2010, p. 40)

Mesmo em situações de contato com outras línguas indígenas diferentes da estrutura morfossintática da família tupi-guarani, as línguas gerais mantiveram suas principais características estruturais e quase todo o léxico original (RODRIGUES, 2010). Sendo assim, segundo Elia (2003, p. 50), durante muito tempo, o português e falares tupi-guarani conviveram em nossa terra, mesmo com a maior utilização e com maior abrangência territorial dos falares nativos.

Por exemplo, na Amazônia, a LGA expandiu-se entre XVII e XVIII, mantendo contato, em um primeiro momento, com línguas indígenas de origem tupinambá e não tupinambá (aruak, tukano, pano e karib), faladas por índios descidos. Posteriormente, o contato deu-se com a língua portuguesa, falada por colonos, militares e missionários. O terceiro momento ocorreu entre a LGA e outras línguas europeias, como o francês, espanhol, holandês e o inglês. Por último, houve a convivência com línguas africanas, faladas pelos negros vindos da África (FREIRE, 2011).

Entende-se, assim, que a LGA se tornou a língua de comunicação na Amazônia, principalmente entre os séculos XVII, XVIII e primeira metade de XIX. Porém, fatos históricos relevantes de perdas demográficas contribuíram imensamente para o futuro da LGA, já que no espaço onde era intensamente usada, ocorreram dois fatores de grande relevância: a Guerra da Cabanagem, em 1840, com perda de, aproximadamente, 40 mil falantes da LGA, do Pará e do Amazonas; a Guerra do Paraguai, entre 1865 e 1870, que recrutou cerca de 2 mil *soldados* da floresta amazônica, principalmente do Amazonas, dos quais perto de 1.250 falantes de LGA morreram no conflito (FREIRE, 2011). Esses acontecimentos criaram inúmeras áreas desabitadas, de tal forma que foi necessário reabitá-las com nordestinos que falavam o português, que se ocuparam, principalmente, da extração do látex.

Salienta-se, portanto, que o Tupinambá Colonial (LGA) representa a segunda etapa do processo dialetal sofrido pelo Tupinambá, a qual, a partir de sua dialeção, de sua modificação, de seu empréstimo ao português, passou a ser chamada de Nheengatu. É essa a Língua Geral, que, por um longo período, foi a língua de todos os falantes que habitavam a Amazônia. Linguisticamente falando, pela convivência mais tardia e intensa com o português, mostra-se como parte importante de formação do vocabulário do português brasileiro, visto que emprestou inúmeras palavras, as

quais foram usadas na denominação de lugares, conhecidos como topônimos, a exemplo de alguns nomes encontrados no município de Bragança/PA, como ajuruteua (uaieru+teua), cutitinga (acuti+tinga), urubuquara (urubu+quara), jandiaí (iandia+i), caeté (ka´a+ete), camutá (ka´a+mutá), boissucanga (mboy+assu+canga) etc.

Esses topônimos confirmam a importância da LGA e suas raízes para a composição do léxico do português brasileiro.

4.2.1.1 *O Nheengatu como estágio linguístico da LGA*

Como já fora discutido, considera-se que o Tupinambá amazônico inicia seu processo de destribalização antes mesmo da chegada dos portugueses, no começo do séc. XVII, à Amazônia brasileira. O Tupinambá, de forma lenta, contínua e gradual, passa a apresentar-se não mais genuíno, a exemplo da forma tupinambá *acan* (cabeça, em português), a qual apresentou uma variante na forma *acanga*, demonstrando que o Tupinambá já apresentava certa dialeção (EDELWEISS, 1969). Ver também Quadro 1 (p. 72).

Utilizando-se essa ocorrência para discussão, no sentido de que o Tupinambá passou a apresentar certa dialeção, Borges (1994, p. 64) defende que houve um processo de *tupinização* na Amazônia, ou seja, o Tupinambá modificado pelo uso e pela influência de outras línguas foi imposto como modelo étnico e linguístico para unificar a colônia. É a marcação temporal para a denominação de uma Língua Geral Amazônica, a LGA, que vai até a metade do séc. XIX com esta denominação.

Nesse sentido, Cruz (2011, p. 4-5) demarca o período de transição entre o Tupinambá, a LGA e o Nheengatu. Para ela

Tupinambá– foi a língua falada na costa do Brasil, no século XVI. As principais fontes sobre essa língua são as gramáticas de Anchieta (1990[1595]) e Figueira (1880[1621]).

Língua geral brasílica – língua geral falada na província de Maranhão e Grão-Pará, de 1616 até o final do século XVIII.

Nheengatú – variedades de línguas gerais faladas na região amazônica no século XIX até o momento atual.

O Nheengatu, termo empregado pela primeira vez, em 1853, pelo Pe. Seixas, no *Vocabulário da Língua Indígena Geral*, é, para Edelweiss (1969, p. 189), a *terceira fase da língua tupinambá* falada na região Amazônica. Para este autor,

O nheengatu desenvolveu-se (do tupi médio, ou seja, do brasileiro, um dialeto tupi, a tal língua-geral, que se formara entre os colonos, mestiços e índios aculturados), de fins do século dezoito em diante e ainda subsiste em alguns rincões amazônicos mais afastados, como língua de intercâmbio. (EDELWEISS, 1969, 204)

Freire (2011, p. 247) corrobora essa ideia, defendendo que *em meados do século XX, A LGA entrou em declínio, perdeu falantes e funções e passou a ser a língua apenas dos tapuios e caboclos*. É nesse momento que a LGA passa a ser conhecida como Nheengatu (FARACO, 2016). Frisa-se, também, que

Paradoxalmente, no período em que a língua geral entra em declínio surge um movimento romântico nativista que pretendia registrar a língua e as histórias tradicionais transmitidas em língua geral. Variedades de língua geral foram descritas em *O Selvagem* (1876), de Couto de Magalhães; em notas sobre língua geral de Hartt (1938[1872]); e ainda no dicionário Nheengatú-Português e Português-Nheengatú de Stradelli (1929). Além de estudos descritivos, narrativas foram coletadas por Barbosa Rodrigues (1890) e Brandão de Amorim (1857).

Uma das possíveis consequências desse movimento romântico é o surgimento do termo Nheengatú, pelo qual a língua passa a ser designada (CRUZ, 2011, p. 12)

A língua-boa, como o Nheengatu, também, é conhecido, é um estágio posterior à LGA, a qual perdeu força na boca do povo amazônico, constituído, principalmente, por tapuios, mestiços, índios e negros. Ressalta-se que, na primeira metade do século XIX, o contingente branco, segundo Barros, Borges e Meira (1996, p. 201), ainda era minoria, e a LGA era falada pelos demais habitantes da Amazônia, mas que se modificou em razão de relevantes mudanças sociopolíticas e econômicas ocorridas na região, especialmente nos estados do Amazonas e Pará (cf. 3.2.1).

Em relação à transição tupinambá>LGA>nheengatu, Rodrigues (2010 p. 41), usa para efeito de comparação três momentos históricos: séculos XVII, XVIII e XX. Isto é, de catecismos coletados dessas épocas, o professor selecionou três estruturas sintáticas com o mesmo significado, representativas dessa transição, de modo que as estruturas pudessem ser comparadas. Confirma-se isso no Quadro 1 a seguir:

Quadro 3. Diferenças dialetais entre Tupinambá, LGA e Nheengatu.

Língua	Frase	Século
Tupinambá	Abá pe erima'é Tupã o-i-monháng-ypý ybý-pór-amo? <i>quem int antigamente Deus fazer-primeiro terra-morador-comum</i>	XVII
LGA	Abá pe erima'é Tupána o-i-monháng-ypý ybý-póra rama? <i>quem int antigamente Deus fazer-primeiro terramorador para</i>	XVIII
Nheengatu (LGA)	Aw ta'á Tupánau-munhã kuxi'ima iwi púra aráma? <i>quem int antigamente Deus criou primeiro como/para morador da terra?</i>	XX

Fonte: Rodrigues (2010, p. 41).

Sobre o Nheengatu, ressalta-se que pertence à família linguística tupi-guarani, cuja formação decorre de um contexto sociopolítico e linguístico criado pela colonização portuguesa, entre os séculos XVII e XIX, (BORGES, 1991). Isto é, os aldeamentos instalados na Amazônia brasileira mais ao norte, onde o Tupinambá já atropiado no léxico e abastardado na construção das frases, de acordo com Edelweiss (1969, p. 110), passou a ser usado por diversas etnias.

Nesse sentido, um fato histórico essencial e perfeitamente plausível, para que se compreenda o surgimento do estágio LGA, certamente, foi o de a língua Tupinambá ter extrapolado os limites de sua própria comunidade de uso, de modo que passou a ser falada por diversas etnias não-tupis, escravos africanos e colonizadores brasileiros e portugueses (BORGES, 1991). Ressalta-se ainda que o Tupinambá – o que é muito natural às línguas do mundo – já se encontrava modificado pela ação do tempo e, com a diversidade de uso exercida por falantes de diversas origens, a dielatação foi mais consistente, de forma que os grupos de falantes a usavam a seu modo, mesmo dentro de uma visível unicidade, semelhante ao latim imperial do período da romanização da Europa ocidental, no séc I d.C., que, mesmo levado a diversas regiões e apresentando modificações fonético-fonológicas peculiares, ainda era compreendido por todos seus falantes. Essa nova maneira de falar a língua dos índios tupinambá passou a ser denominada de LGA, posteriormente de Nheengatu.

Alicerçado não apenas nessa ideia de formação, mas também de tupinização, Borges (1994, p. 109) afirma que: "[...] *O Nheengatu é uma língua natural, resultado de uma evolução linguística, sobre a qual atuaram, também, diversos fatores de natureza histórica e étnica [...]*". É relevante ressaltar que nheengatu é um estágio posterior da LGA.

É oportuno salientar, também, a relevância que o Nheengatu possui em relação à Amazônia brasileira, especial e principalmente em relação aos estados do Amazonas e Pará. Sobre isso Miranda (1942, p. 17) afirma que

De todos os estados brasileiros são os dois do extremo norte, Pará e Amazonas, os que mais conservam na designação dos rios, dos igarapés, das ilhas, das serras, dos lagos, as denominações já existentes no começo da colonização, e também os que procuram na língua geral as vozes com que apelidaram as suas cidades, as suas vilas, os seus sítios ou os saltos dos seus encachoeirados paranás.

É visível que há uma gama relativamente considerável de designativos indígenas em relação aos acidentes geográficos, especialmente, do município de

Bragança/PA, ponto linguístico desta pesquisa, juntamente com nomes portugueses e que, ainda hoje, figuram no cenário lexical brasileiro, como é o caso dos dados de origem tupinambá, coletados nesse município.

Em relação ao Quadro 1 (apresentado acima), nota-se que o Nheengatu apresenta diferenças estruturais em relação à LGA, pois, de acordo com Rodrigues (2010, p. 42), a consoante [b] passou a [w] (abá>awa), as vogais [o] em [u] (monháng>munhã), [y] em [i] (yby>iwi).

Sabe-se que a oficialização da língua portuguesa na Região Amazônica, no séc. XVIII, promoveu, com o tempo, inúmeras mudanças na sociedade paraense, como o apagamento do Nheengatu em várias áreas onde era francamente usado. No entanto, em determinadas regiões fora do Pará, a *língua boa*, como é conhecido, mostrou-se resistente às mudanças exercidas pela política adotada e permanece viva nessas áreas, como é o caso da cidade amazonense de São Gabriel das Cachoeiras, onde o Nheengatu é língua co-oficial.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, como forma de sistematizar o estudo sobre os topônimos de origem Tupinambá do Município de Bragança/PA, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados para a elaboração desta dissertação. Esses procedimentos envolveram (1) Base teórica, (2) Problematização e Justificativa, (3) Etapas e objetivos, (4) Coleta de dados, (5) Organização dos dados, (6) Análise, classificação e descrição dos dados.

5.1 BASE TEÓRICA

Nesta pesquisa, levou-se em consideração a abordagem, os objetivos e os procedimentos adotados (GERHARDT e SILVEIRA, 2009). Trata-se de elementos que constituíram o estudo sobre a Toponímia bragantina de origem Tupinambá no estado do Pará.

Considerando-se as orientações de Rodrigues (2003), Borges (1994), Freire (2011) e Stradelli (2014), os quais são unânimes ao definirem a Língua Geral Amazônica como a que foi falada na região Norte, o que permite a inferência de que essa língua indígena foi usada na região que compreende o município de Bragança/PA, decidiu-se usar a sigla LGA (Língua Geral Amazônica) na descrição dos dados desta pesquisa.

Ressalta-se que Rodrigues (2010, p. 38) afirma que a LGA foi usada em documentos jesuítas portugueses, entre a segunda metade do séc. XVII e primeira do séc. XVIII, designando o falar dos filhos de portugueses com índias, sobretudo do Pará, a qual foi se tornando heterogênea em face das demais línguas nativas que eram, também, faladas na região. Essa concepção de Aryon Rodrigues é referenciada por Stradelli (2014, p. 39) ao defender o surgimento da LGA como produto espontâneo de afinidades, que foram influenciadas pelo meio, uso, costumes, circunstâncias espaciais vivenciadas em uma mesma região. Sendo assim, LGA é a língua a ser definida nesta pesquisa para efeito de análise e descrição.

Em relação ao *corpus* desta pesquisa, como foi preciso realizar a coleta de dados, fizeram-se os registros desses dados para posterior análise, classificação e

descrição. Nesse caso, a abordagem sinaliza para a quantidade e para a qualidade do tratamento dos dados coletados.

De acordo com Fonseca (2002 *apud* Gerhardt e Slveira, 2009, p. 33), de um lado, entende-se que, na abordagem quantitativa, o resultado pode ser quantificado, o que caracteriza a objetividade. Por outro, Goldenberg (1997 *apud* Gerhardt e Slveira, 2009, p. 31-32), afirma que a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização. Nesse sentido, as duas abordagens mostraram-se importantes à análise, classificação e descrição dos dados desta pesquisa.

5.2 PROBLEMATIZAÇÃO, HIPOTETIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

Não apenas os decedentes dos índios tupinambá, mas também todos aqueles que usavam a LGA como meio de comunicação, a exemplo dos europeus, brasileiros, africanos e outras etnias, eram pessoas que se relacionavam com a natureza, de modo que ela passava a ser verdadeira extensão da própria existência deles. Essa relação gerava sentimentos e expressividade, materializados na língua, às vezes, por meio da nomeação. Isso permitiu com que o ato da nomeação transcendesse a arbitrariedade e desse espaço à motivação pela existência concreta pela qual o signo toponímico se justifica.

No entanto, os topônimos em LGA de Bragança/PA carecem de um cuidado linguístico, isto é, não há, de fato, uma preocupação científico-linguística acerca deles. É como se estivessem esquecidos na imensidão de pesquisas das variações fonéticas sincrônicas, dialetais, sintáticas, entre muitas outras ciências linguísticas.

A Toponímia, enquanto ramo científico linguístico, no Pará, foi apenas registrada com sua significação direta, nos dicionários em língua portuguesa, por exemplo, sem ser minuciosamente descrita. Nessa acepção, entende-se que a Toponímia tupinambá paraense, de um modo geral, carece de uma descrição mais detalhada, a qual se preocupe em apresentar não somente o significado, mas também a língua usada na nomeação, o processo de formação morfológica pelo qual o topônimo passou, as variações fonéticas diacrônicas sofridas, a taxonomia

classificatória, a representação no mundo real como acidente geográfico e a perda do elemento específico. Essa falta de dizer em relação ao topônimo tupinambá paraense e, talvez, brasileiro evidencia-se como um problema a ser resolvido.

Assim, postula-se que os topônimos de origem Tupinambá no município de Bragança/PA têm relação direta com a Língua Portuguesa, com evidente presença da LGA e da LGP, esta mais discreta; caracterizam-se por representarem, possivelmente, em um número considerável, as taxonomias do tipo zootoponímia, fitotoponímia e hidrotoponímia, em face da geografia local; atualmente, já perderam o significado original e não mais são reconhecidos pelos traços específicos de nomeação; podem ser descritos a partir das mudanças fonéticas ocorridas em seu percurso histórico.

Nessa concepção, pesquisar a Toponímia tupinambá em Bragança/PA foi muito mais do que apenas registrar e dar significado a formas que, muitas vezes, são associadas diretamente aos acidentes que nomeiam, sem gerar qualquer reflexão sobre sua representação pretérita. Trata-se de uma forma de produzir conhecimento científico acerca de um assunto ainda pouco explorado.

Esta pesquisa possibilitou novo olhar para a Toponímia de origem Tupinambá em terras bragantinas, dando a ela um novo momento: ser o foco de pesquisas científicas mais descritivas. Nesse sentido, este estudo mostra-se como embrião de um novo trabalho a ser realizado, o de coletar a Toponímia da Microrregião bragantina, que está à espera de um pesquisador em seus 12 municípios restantes.

5.3 ETAPAS E OBJETIVOS

Nas seções anteriores, mostrou-se que vários fatores estão relacionados, diretamente, com a formação dos topônimos de origem Tupinambá encontrados na Região Amazônica. Isto é, observa-se que esses fatores influenciaram, desde o período colonial, o contexto linguístico-cultural da região, especificamente o do município de Bragança/PA.

Sabe-se que a nomeação dos acidentes geográficos de um lugar está integrada à cultura local. Sendo assim, por meio de designativos, pode-se observar uma história, que expressa a memória de uma sociedade, porque o ato de dar nomes, de acordo

com Dick (1992, p. 6), *sempre foi atividade exercida pelo homem, desde os primórdios tempos alcançados pela memória humana, o que corresponde à sua experiência de vida, constantemente utilizada para nomear o que está a sua volta.*

Pensando nesta pesquisa, como forma de estudar os topônimos da LGA de Bragança/PA, procederam-se as seguintes etapas:

5.3.1 Etapa 1

Realizou-se pesquisa bibliográfica sobre o(a): (i) município de Bragança/PA: sua história de formação sociocultural e linguística; (ii) contexto sociolinguístico e político das Línguas Gerais no Brasil; (iii) Onomástica, especialmente a Toponímia, assim como sobre Lexicologia, especificamente acerca da Morfologia, Semântica Lexical e Etimologia, e também sobre Linguística Histórica e Sociolinguística, com base no contato linguístico. Essas etapas compuseram o referencial teórico da pesquisa.

5.3.2 Etapa 2

Fez-se: (i) seleção das fontes de dados a serem usadas nesta pesquisa: mapa político de Bragança/PA e croquis da Funasa; (ii) visita à Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM), onde foi conseguido o Mapa Político do Município de Bragança (1998); (iii) contato com funcionário aposentado da Funasa, acerca dos croquis confeccionados em campo, momento em que o mesmo cedeu ao pesquisador 120 croquis do município de Bragança/PA; (iv) pesquisa documental para a obtenção de informações acerca da Toponímia do município de Bragança/PA; (v) análise e seleção dos dados do Mapa Político do Município de Bragança (1998); (vi) análise e seleção dos topônimos de origem Tupinambá dos dados dos 120 croquis da Funasa; (vii) visita a todos os distritos, com o objetivo de conversar com os moradores e obter informações referentes à Toponímia local, de modo a validar os dados coletados no mapa e nos croquis; (viii) registro dos topônimos de origem Tupinambá, selecionados do mapa e dos croquis, assim como decorrentes das visitas a campo, por meio de tabelas; (ix) análise, classificação e descrição da Toponímia bragantina de origem Tupinambá por meio de quadros e de texto. Ressalta-se que o mapa político do

município de Bragança/PA do IBGE não foi satisfatório em função de apresentar um número reduzido de topônios em comparação com o mapa da primaz.

5.3.3 Objetivos

Definiu-se como Geral e Específicos:

5.3.3.1 *Geral*: estudar os topônimos de origem Tupinambá do município de Bragança/PA.

5.3.3.2 *Específicos*: (i) compor quadros descritivos para cada topônimo de origem Tupinambá selecionado nas fontes de dados; (ii) registrar os topônimos nos quadros descritivos; (iii) analisar os topônimos coletados; (iii) descrever os topônimos, com base na Morfologia, Semântica Lexical, Taxeonomia, Etimologia e Estrutura; (iv) classificar os topônimos com base na taxeonomia; (v) apresentar as modificações fonéticas observadas nos topônimos, a partir da forma registrada em dicionários; (vi) mostrar os topônimos em documentos históricos.

Por meio desta pesquisa, fez-se registro de informações linguísticas, étnicas, geográficas e históricas dos antigos habitantes da região.

5.4 COLETA DO CORPUS

Para a coleta dos dados, como composição dos *corpora* desta pesquisa, pensou-se em quatro etapas, as quais consistem em realizar pesquisa no(s): 1) arquivo público do município; 2) mapa político do município; 3) croquis feitos pelos agentes da Funasa e 4) visita aos distritos que compõem o município, com seleção de dois moradores de cada distrito, num total de 12 colaboradores, com o intuito de não apenas confirmar os dados coletados, mas também de informar novos topônimos.

A coleta a partir do arquivo público da Prefeitura de Bragança foi prejudicada, uma vez que considerável parte dos documentos históricos foi danificada por falta de uma acomodação adequada (os documentos estavam contaminados, de acordo com documento oficial do Corpo de Bombeiros/PA). Isso porque não houve preocupação

na manutenção desses documentos, já que mais da metade deles ficou trancada por anos em uma sala, documentos por cima de outros documentos, acumulando sujeira e insetos, o que os danificou por completo. Ressalta-se que a sala onde os documentos foram acomodados era muito úmida, por causa de goteiras que havia no prédio da prefeitura. Essas circunstâncias inviabilizaram a pesquisa projetada para ser realizada nesses documentos.

A coleta de dados por meio de mapas surgiu a partir da leitura do trabalho de Andrade (2006), que pesquisou os topônimos de origem indígena do Estado do Tocantins (Projeto ATITO). Para a realização da pesquisa, a referida autora utilizou mapas para a obtenção do seu *corpus* de investigação. Esse procedimento de coleta, portanto, foi usado nesta pesquisa.

Primeiramente, o mapa selecionado foi o Mapa do IBGE, de 2010, de Bragança/PA, todavia, mostra apenas os distritos e uns poucos nomes de rios, o que não representa, certamente, a realidade do município.

Por esse motivo, a busca por outra fonte de dados mostrou-se relevante. Fez-se, assim, visita à Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM, do Ministério de Minas e Energia, onde se conseguiu o Mapa Político do Município de Bragança (1998), resultado de estudo feito pelo Programa de Integração Mineral em Municípios da Amazônia – Primaz, planejado e executado pelo Serviço Geológico do Brasil, setor da CPRM.

A base cartográfica do mapa foi elaborada a partir de imagens de satélite LANDSAT TM5, na escala 1:250.000 e 1:100.000 (1986). Utilizaram-se, também, imagens digitais, diversas bandas, de satélite LANDSAT TM5 (1988), cartas imagens radargramétricas do DSG, na escala 1:250.000 (1984), além de folhas SA.23-V-A, SA.23-V-B, SA.23-V-C, e SA.23-V-D.

Quanto aos limites intermunicipais, foram traçados em conformidade com a Lei Nº 0158, de 31/12/48.

No que se refere aos complementos e avaliação cartográfica e demais informações, as informações foram obtidas por meio de trabalhos de campo, executados pelos geólogos Herbert G. de Almeida e Expedito J. da S. Costa, e técnicos em mineração, José de Arimatéia da Cruz e Rosinete Borges Cardoso.

Quanto à pesquisa com base nos croquis da Funasa, salienta-se que o funcionário aposentado desse órgão, o Sr. Otávio Agenor de Freitas Osmar, conhecido por Tavico, disponibilizou 120 croquis para estudo.

No que diz respeito à visita de campo, todos os seis distritos que formam o município de Bragança/PA, além da sede, foram visitados, nos quais foram selecionados 12 moradores, sendo dois de cada distrito. Ressalta-se que eles têm como característica principal o conhecimento do local onde moram, independente de faixa etária. São eles: do distrito sede, Raimundo Ramos de Lima (72) e Avis de Castro (75); da Vila de Ajuruteua, Lázaro Amorim Fernandes (60) e Moisés Melo Fernandes (65); do distrito do Almoço, Célio Francisco Jesus Ramos (67); do distrito Nova Mocajuba, Nizete Maria da Silva (43) e Noemia Francisca Ribeiro (80); do distrito de Tijoca, Antônio Monteiro de Lima (57); do distrito de Caratateua, Raimundo da Luz Carrera (84); do distrito de Vila do Treme, Benedito Rosa de Athaíde (87)³⁷.

5.5 ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS

Em um primeiro momento, os topônimos de origem Tupinambá, coletados no mapa político do município de Bragança/PA, e nos croquis da Funasa foram cotejados, originando um *corpus* final, o qual foi, posteriormente, validado na visita de campo.

Explica-se melhor: os dados foram registrados em tabelas, separadas por distrito (seis tabelas ao todo para cada tipo de fonte de coleta). Por meio do mapa da Primaz, compuseram-se seis tabelas (2-7), nas quais foram registrados os topônimos que compõem o município de Bragança/PA, por distrito e por acidente geográfico, mais a Tabela 8 que registrou o número total de topônimos do município. E o mesmo procedimento foi adotado com os croquis da Funasa como tratamento de dados, resultando nas Tabelas 9-14 (referente aos acidentes de cada distrito), mais a Tabela 15 (indicando o total de topônimos do município).

Ressalta-se, no entanto, que houve topônimos que apareceram no Mapa da Primaz, mas não ocorreram nos croquis da Funasa, nem tampouco foram confirmados

³⁷ A numeração entre parênteses representa a idade do informante.

pelos moradores. Todavia, o inverso, também, foi comprovado: há topônimos nos croquis que não estão no mapa nem foram validados pelos moradores.

O conjunto de Tabelas (2-7 e 9-14) foi objeto de validação junto aos moradores dos distritos estudados, o que resultou na elaboração de mais um conjunto de sete tabelas, sendo seis referentes aos distritos e aos acidentes geográficos, uma referente ao número total e real dos topônimos, as Tabelas 16-21 e 22. As Tabelas 16-21 são mostradas no Apêndice I e serviram de base para a composição dos quadros descritivos 6-11 (Apêndice II), utilizados na análise.

No segundo momento, mediante o conjunto de Tabelas 16-21 (a partir da validação dos moradores), deu-se prioridade à composição de quadros descritivos, um para cada distrito, nos quais se fez a catalogação dos topônimos coletados, com base na ficha lexicográfico-toponímica proposta por Dick (2004)³⁸, a qual sugere os itens a serem registrados, tais como: (1) *Município*, (2) *Localização*, (3) *Topônimo*, (4) *Acidente Geográfico (F/H)*, (5) *Taxeonomia*, (6) *Etimologia*, (7) *Entrada Lexical*, (8) *Estrutura Morfológica*, (9) *Histórico*, (10) *Informações Enciclopédicas*, (11) *Contexto Situacional*, (12) *Fontes*, (13) *Nome do Pesquisador*, (14) *Nome do Revisor*, (15) *Data da Coleta dos Dados*, conforme Quadro 4, a seguir. Ressalta-se que a ficha serviu de modelo para a descrição dos topônimos, que, por sua vez, está diretamente relacionada com os objetivos específicos desta pesquisa:

Quadro 4: Ficha lexicográfico-toponímica, de acordo com Dick (2004).

- | | |
|---------------------------------|----------------|
| 1. Município: | |
| 2. Localização: | |
| 3. Topônimo: | |
| 4. Acidente Geográfico (F/H): | 5. Taxeonomia: |
| 6. Etimologia: | |
| 7. Entrada Lexical: | |
| 8. Estrutura Morfológica: | |
| 9. Histórico: | |
| 10. Informações Enciclopédicas: | |
| 11. Contexto Situacional: | |
| 12. Fontes: | |
| 13. Nome do Pesquisador: | |
| 14. Nome do Revisor: | |
| 15. Data da Coleta de Dados: | |

³⁸ Frisa-se que a Ficha lexicográfica-Toponímica de Dick (2004) serviu de modelo à elaboração do Quadro 5, o qual, por sua vez, está relacionado aos objetivos específicos desta pesquisa.

Essas informações são discriminadas da seguinte forma:

Localização e Município: remetem à localização geográfica do município e tem por objeto de estudo os nomes dos lugares de origem indígena tupinambá;

Topônimo: nomeação dos acidentes geográficos de origem indígena tupinambá;

AH: representa os acidentes humanos, os quais fazem parte do objeto da pesquisa;

Taxonomia: permite interpretar os nomes dos lugares com maior segurança do ponto de vista semântico, partindo de sua natureza física ou antropocultural³⁹;

Etimologia: relacionada à origem dos topônimos coletados, evidenciando a composição e evolução histórica;

Entrada Lexical: elemento linguístico de base / entrada do topônimo.

Estrutura Morfológica: descreve-se a estrutura morfológica do topônimo, caracterizando-o em unidades mínimas de significação: morfemas lexicais e gramaticais;

Histórico: informações sobre o distrito de onde o topônimo foi coletado;

Informações Enciclopédicas: informações oriundas em outros materiais de apoio: livros, dicionários, pesquisa na internet.

Contexto Situacional: compreende os elementos extralinguísticos comuns entre locutor e interlocutor na situação cultural e psicológica, as experiências e conhecimentos de cada um;

Fonte: bibliografia utilizada para a análise dos dados;

Nome do Pesquisador(a): responsável pela pesquisa;

Nome do Revisor(a): responsável pela revisão;

Data da Coleta dos Dados: data em que se fez a coleta das informações.

Tal ficha lexicográfica é vista como um conjunto sistematizado de informações que tem por finalidade a análise e a classificação do topônimo, na qual serão registrados 3 topônimos de cada distrito e apresentados no Apêndice I.

No modelo proposto nesta pesquisa, baseado na ficha lexicográfica supracitada, adotam-se os seguintes itens: Topônimo, Etimologia, Acidente geográfico, Fonte bibliográfica, Verbetes, Estrutura toponímica, Classificação

³⁹ De acordo com Dick (1999, p. 142), as taxonomias não são exaustivas em suas ocorrências e, sim, exemplificativas, podendo ser ampliadas em seus catálogos, à medida que novas estruturas vocabulares se constituam, respeitando sempre o modelo originário: adoção de um prefixo nuclear, de característica nocional, relativo a um dos dois campos de ordenamento cósmico, o físico e o humano: acréscimo do termo “topônimo” ao elemento prefixal, para dar a justa medida do campo de atuação da unidade onomástica criada.

taxeonômica, Morfologia e Língua de nomeação, Mudança fonética e Abonação, conforme o protótipo do quadro descritivo (Quadro 5), a seguir:

Quadro 5: Quadro descritivo usado na análise, classificação e descrição dos topônimos de origem Tupinambá do município de Bragança/PA

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico:		
Elemento Específico:		
Sentido atual:		
Classificação taxeonômica		
Morfologia e Língua de nomeação		
Mudança fonética		

Em que:

Topônimo: de origem Tupinambá, coletado nas fontes dos dados (mapa da Primaz e croquis da Funasa), validado junto aos moradores dos distritos estudados e, posteriormente, registrado nas Tabelas 16-21.

Etimologia: dado de origem Tupinambá, apresentados em LGA e LGP, com possibilidade de hibridismo com a língua portuguesa.

Acidente geográfico: representa o lugar com características físicas ou antropoculturais, como vila, sítio, bairro, cidade, igarapé, rio, lago, comunidade etc. Ressalta-se que os acidentes humanos referentes a habitantes de um determinado lugar foram representados ou pelo termo *Comunidade* (conjunto de habitantes cujos elementos vivem numa dada área) ou por *Vila* (povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia)⁴⁰. Nesta pesquisa, *Vila* sinaliza para uma quantidade maior de habitantes, e *Comunidade*, para as demais ideias de lugar habitado por pessoas (comunidade, vilarejo, arraial, povoamento, lugarejo, localidade etc.).

Fonte bibliográfica: dicionários ou vocabulários que confirmam a lexia toponímica.

⁴⁰ Houaiss e Villar (2009).

Verbetes: são as informações oriundas do dicionário ou do vocabulário sobre a morfologia e significado do topônimo ou de sua composição.

Estrutura toponímica: relaciona-se aos elementos genérico e específico, assim como aos sentidos original e atual do topônimo.

Classificação taxonômica: categoria que enquadra o topônimo em características físicas ou antro-po-culturais. É importante salientar que tal classificação tem por base não apenas a designação pretérita, ou seja, a original, mas também a atual, levando-se em conta o elemento específico que motivou a nomeação.

Morfologia e Língua de Nomeação: a forma do topônimo é importante para relacionar o formante a uma língua indígena, LGA ou LGP, ou à LP, como forma de dar subsídios para a identificação da língua usada na nomeação.

Mudança fonética: são as alterações fonéticas que o topônimo apresenta em seu percurso histórico, levando-se em conta a transição LGA>LP;

Sendo assim, os topônimos foram analisados, classificados e descritos a partir de cinco aspectos do saber acadêmico: toponímico, fonético-fonológico, semântico, morfológico e etimológico. Justifica-se essa iniciativa em face de o topônimo constituir-se a partir de uma relação binômica, a qual envolve a natureza e o saber humano, materializados a partir de um processo de formação, em que as partes que a constituem têm uma origem e uma significação no mundo real.

É importante frisar que a análise e a descrição se fundamentaram apenas nas formas de origem Tupinambá, não se levando em conta as palavras em língua portuguesa, como *vila*, *rio*, *igarapé*, entre outros nomes portugueses. Nesse sentido, os dados coletados foram dispostos em quadros, conforme os itens de registro supracitados, e apresentados no Apêndice III.

Para esse estudo analítico-descritivo, foram utilizados alguns autores, a saber: em se tratando da língua de base Tupinambá, a etimologia e o Verbetes fundamentaram-se em Cunha (1978)⁴¹, Miranda (1942), Seixas (1853), Moreira Pinto (1884), Sampaio (1987), Stradelli (2014) e Houaiss e Villar (2009); a respeito da língua

⁴¹ Referência que se fundamente em textos do séc. XVI ao XX, portanto, escritos em LGP e em LGA.

portuguesa, usou-se Houaiss e Villar (2009); em relação à taxonomia e à estrutura morfossemântica, Dick (1992); quanto às variações fonéticas, a descrição fundamentou-se em Viaro (2011). Ressalta-se que, em virtude de o signo toponímico poder ser constituído de vocábulos da Língua Geral Paulista (LGP), foram utilizados, especificamente, Sampaio (1978) e Cunha (1978).

É oportuno salientar que o uso das referências em língua de base Tupinambá, supracitadas, na análise e descrição dos dados, se justificou não apenas em razão de elas registrarem o uso do vocábulo em LGA ou em LGP, com o propósito de que a comprovação pudesse ser feita, mas também de possibilitar que essas mesmas formas fossem confrontadas com os dados coletados, o que possibilitou, também, a análise acerca das mudanças fonéticas que determinados topônimos apresentaram, levando-se em consideração o tempo de uso, baseando-se, para essa nova análise, em Viaro (2011).

Ademais, acerca da ideia de fossilização toponímica, em que há a permanência do nome e a perda do significado que o motivou, Dick (1992) foi a referência-chave, utilizada para mostrar não apenas esse fenômeno, mas também as discussões sobre as taxes, físicas e antro-po-culturais, e a estrutura dos topônimos, com elementos genérico e específicos.

Ressalta-se que tais quadros figuram como apêndice (II) da dissertação, em virtude de representarem um número grande de topônimos coletados.

6 ANÁLISE, CLASSIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS

Tendo como parâmetro o conjunto de Tabelas 17-22 do Apêndice II, defende-se que o número de topônimos de origem Tupinambá no município de Bragança/PA, a partir das fontes de coleta dos dados e, posteriormente, validados pelos moradores dos distritos analisados, é 146. No entanto, para a composição do Quadro 6, abaixo, levou-se em consideração o fato de acidentes geográficos distintos apresentarem o mesmo termo grafado em LGA, a exemplo de:

- ✓ No mesmo distrito:

Bragança: *Ajuruteua* (vila, praia e estrada); *Caeté* (baía e rio);

Caratateua: *Una* (comunidade e rio);

Vila do Treme: *Aciteua* (igarapé, porto e comunidade);

Almoço: *Cassacuera* (comunidade e rio), *Uruá* (comunidade e igarapé), *Jutaí* (igarapé e comunidade);

Tijoca: *Araçateua* (rio e comunidade), *Chaú* (rio e comunidade), *Jejuí* (rio e comunidade), *Mucura Branca* (rio e comunidade), *Tijoca* (distrito e rio), *Timbora* (igarapé e comunidade), *Jenipaú-açu* (rio e comunidade), *Cururutuia* (igarapé e comunidade).

- ✓ Entre os distritos:

Caeté (sede, Caratateua, Vila do Treme, Almoço, Nova Mocajuba e Tijoca);

Aciteua (sede e Vila do Treme);

Jacareteua (sede e Tijoca);

Jejuí (Tijoca e Nova Mocajuba);

Una (Vila do Treme e Caratateua);

Jandiá (Vila do Treme e Tijoca)

Essas e outras repetições reduziram os topônimos bragantinos de origem Tupinambá para o número de 94, conforme se observa no Quadro 6, abaixo:

Quadro 6: Os topônimos de origem Tupinambá no município de Bragança/PA, excetuando-se as repetições.

Topônimo de origem Tupinambá				Qtd.
Acarajó	Acarajó Grande	Acarajozinho	Açaiteua	94
Aciteua	Anauerá	Andirá	Anoerá	
Alto Urumajó	Andiroba	Anhangateua	Araçateua	
Arapapucu	Arapiranga	Araúá	Arimbu	
Arimã	Bacaba	Bacuri	Bacuri-Prata	
Bacurizinho	Boissucanga	Buritizal	Br.Tracuateuzinho	
Br. do Urumajó	Caeté	Caiaçá	Cairara	
Cajueiro	Cajueirinho	Chauí	Camutá	
Caratateua	Cariateua	Cariperana	Carnaúba	
Caraná	Cassacuera	Cipó-Apara	Cujubim	
Curí	Cutitinga	Curuatá	Curuçá	
Curuperé	Cururutua	Inambucuí	Jacareteua	
Jandiá	Jandiaí	Japetá	Japim	
Jarana	Jararaca	Jejuí	Jenipaú-açu	
Jenipaú-mirim	Jiquiri	Jutaí	Jurutizal	
Maniteua	Mititeua	Mucunã	Muçum	
Mucura branca	Muruci	Nova Mocajuba	Pacas	
Piaba	Piquiá	Ponta de Bacuriteua	Pratiquara	
Samaumapara	2ª Tv Curí	Sapucay	Tacuandeuá	
Taicy	Taíra	Tamatateua	Tapera-açu	
Tauari	Tijoca	Timborana	Tuberana	
Tucum	Ubim	Una	Uruá	
Urubuí	Urubuqura	Uruçu	Urumajó	
Urumajozinho	Urupiúna			

A partir da análise realizada acerca dos dados validados (Tabelas 7-12, do Apêndice II), foram elaborados quadros (17-22, do Apêndice III) para cada distrito, nos quais os topônimos foram registrados, descritos e classificados, basendo-se, para isso, nas ideias de Dick (2004) a respeito da *Ficha Lexicográfico-toponímica*, que serviu de modelo para o tratamento dos dados, como forma de auxiliar na obtenção das respostas aos seguintes questionamentos: (i) *Qual é a língua de nomeação dos topônimos indígenas bragantinos: tupinambá, LGA, LGP ou portuguesa?* (ii) *Quais são os acidentes geográficos mais frequentes: humano ou físico?* (iii) *Quais foram as taxonomias toponímicas mais recorrentes?* (iv) *Qual é a composição da morfologia dos topônimos?* (v) *Quais são as mudanças fonéticas na história dos topônimos em LGA mais recorrentes?* Tais questionamentos são respondidos nas subseções 6.1, 6.2, 6.3, 6.4, 6.5 e 6.6, respectivamente, a seguir:

6.1 A LÍNGUA PORTUGUESA (LP) COMO INSTRUMENTO DE NOMEAÇÃO DA TOPONÍMIA BRAGANTINA DE ORIGEM TUPINAMBÁ E A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA (LGA)

Para efeito de descrição, toma-se como base a Figura 3, abaixo, a qual ilustra o percurso sociohistórico e linguístico na região do Caeté:



Fig. 3: Período histórico do uso da LGA e da LP em Bragança/PA.

É relevante salientar, primeiramente, considerando-se o Mapa Etnográfico-Histórico de Curt Nimuendaju (1981) acerca dos muitos índios que se encontravam na região do Caeté no início do séc. XVII (1613), que a etnia Tupinambá foi a que inicialmente habitou a região. Ressalta-se, entretanto, que, nesse século, a genuína língua Tupinambá já não era tão original, em razão do tempo e, principalmente, pelo contato com outras línguas da região, visto que havia, no referencial espacial compreendido entre o Maranhão e o Rio Caeté, um número elevado de etnias, como Tembé, Apotianga, Tabajara, além dos próprios Tubinambá e que estabeleceram contato entre si, o que deu origem a um processo inicial de dialeção do Tupinambá, que resultou na formação de uma língua geral, posteriormente denominada de Amazônica (LGA), contexto comprovado na Figura 4, a seguir:

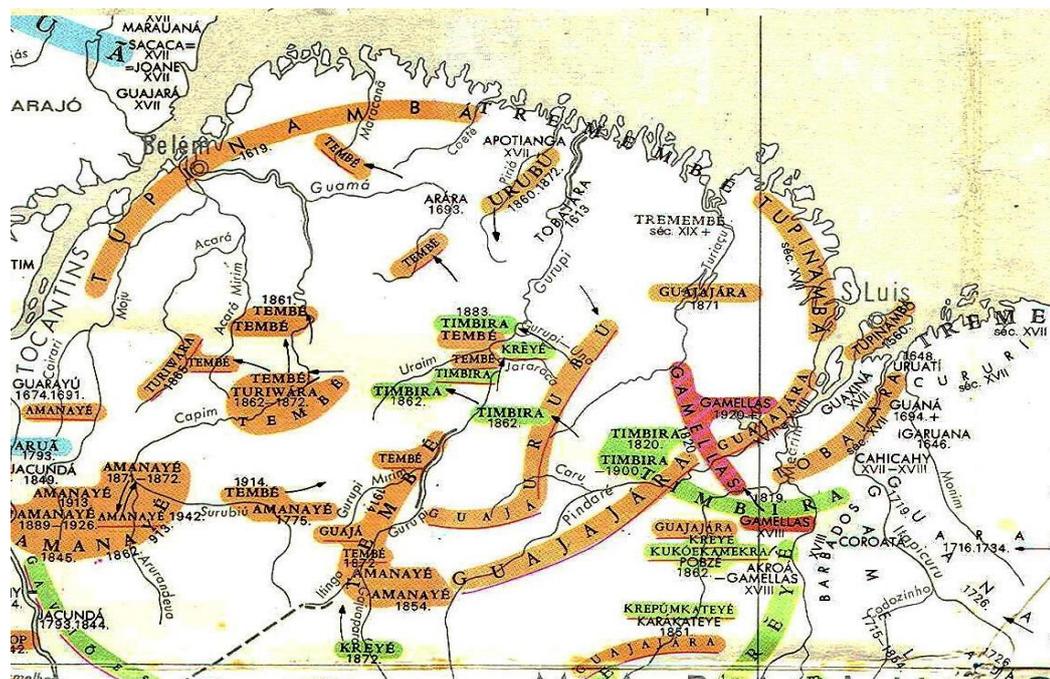


Fig. 4: O contato entre etnias na região do Caeté (Séc. XVII-XIX).

Nesse sentido, são defendidos dois marcos históricos para a demarcação temporal do uso da LGA e da LP pelos habitantes da região do Caeté: o primeiro tem como referência a fundação da Vila Souza de Caeté, em 1634 (primeira metade do séc. XVII), o que está, de certa forma, em consonância com a afirmação do professor Aryon Rodrigues, de que a LGA começou a ser usada no Pará na segunda metade do séc. XVII⁴². O termo modificador do topônimo *Villa do Caeté* é a confirmação dessa teoria, expressão toponímica que aparece grafada no Mapa *Do Rio Turi até a entrada do Grão-pará*, de 1640⁴³.

Tal afirmativa corrobora-se nas ideias de Edelweiss (1969), defensor de a LGA ser a segunda fase do Tupinambá genuíno, chamada por este autor de *brasiliano*, dialeto falado no estado do Maranhão e Grão-Pará, em 1700, posteriormente conhecido, no Amazonas, por *Nheengatu*. O referido autor ressalta o motivo de padres franciscanos comporem vocabulários em LGA, o que, de fato, comprova o uso desta língua geral, também, na região do Caeté, onde se localiza o município de Bragança/PA.

⁴² Rodrigues (2010, p. 38).

⁴³ ALBERNAZ, João Teixeira. *Do Rio Turi ate a entrada do Grao Para* / [por Joao Teyxeira]. [1640].

Poucos frades capuchos estudavam o tupi original, segundo assevera o pe. Monteiro. É a essa aversão que devemos os vocabulários citados, coligidos ao vivo, que nos mostram o verdadeiro estado da língua-geral do Norte, na época. Já não pode mais ser confundida com o tupi nos compêndios jesuíticos divulgados, ou com os dialetos das tribos puras da família [...] (EDELWEISS, 1969, P. 110)⁴⁴

Borges (1994, 2000) afirma que uma variedade colonial do Tupinambá foi destribalizada e tornou-se uma língua supraétnica, chamada de LGA e falada por um longo período por todos que habitavam a Amazônia, em um espaço linguístico, histórico e discursivo polissêmico, estabelecido pelo processo colonizatório.

Entende-se que a destribalização do Tupinambá tribal é retratada por Barros (2003), a partir da *tupinização*, processo que consistiu no uso da LGA por índios tupis e não tupis nos aldeamentos jesuítas de descimento, que consistia em missões situadas em locais próximos às comunidades.

Um exemplo da dimensão desses “descimentos” é o que ocorreu entre 1687 e 1690, quando desceram 184 mil grupos indígenas [...] As aldeias de descimento apresentavam uma população flutuante, em razão da contínua ida de sua população para trabalhar para os colonos e dos numerosos casos de morte por epidemias e maus-tratos. Uma das regras das aldeias sob jurisdição dos missionários era que, quando tivessem sua população reduzida, estariam autorizados a reagrupá-las ou a descer outros grupos indígenas, a fim de compor sua população. (BARROS, 2003, p. 89)

Essas assertivas são alicerçadas nas palavras do professor e historiador bragantino, Dário Benedito, quando afirma que Álvaro de Souza fundou, em 1634, na margem direita do Rio Caeté, a vila de Souza do Caeté e permitiu, também, a fundação do aldeamento missionário de São João Batista, quando os padres aldearam os índios da região.

Entende-se que tais fatos dão credibilidade à ideia de que a LGA foi amplamente usada como língua de comunicação a partir desse marco histórico, e, portanto, foi, de um modo geral, a língua de base à composição da toponímia indígena bragantina paraense. Isso porque, na colônia brasileira, observa-se a implementação da ideologia de um Estado dinástico, na qual a língua atrela-se apenas à intencionalidade de poder, usada, por exemplo, no campo administrativo, sem o objetivo de imposição do português na Amazônia. Foi nesse espaço ideológico de dinastia que o objetivo da Coroa portuguesa em conquistar o território e catequizar o

⁴⁴ Os vocabulários das missões do estado do Maranhão e Grão-Pará evidenciam o desenvolvimento histórico do tupinambá em brasileiro (LGA) sob influência de outras línguas indígenas e do português. São eles: Vocabulário Português e Brasileiro (VPB), Dicionário Português e Brasileiro (DPB), Dicionário Brasileiro-Português (DBP) e Caderno de Língua (CL).

índio foi implantado, de modo que a LGA se tornou, sem muitos obstáculos, a língua de comunicação na região do Caeté (BORGES, 2000).

As palavras de Frederico Edelweiss, Luiz Carlos Borges e Cândida Barros confirmam o período 1653-1757, ilustrado na Fig. 3 acima, no qual a LGA foi hegemônica por 104 anos e que, provavelmente, consubstanciou a nomeação toponímica de Bragança, eivada de nomes de origem Tupinambá.

O segundo marco histórico é representado por alguns fatos ocorridos em Bragança, como a partida do tenente Luiz Sabino e um contingente de voluntários, em 1836, para o resgate da Vila de Ourém das mãos dos cabanos, o assentamento de 574 famílias imigrantes, entre 1897 e 1900 (OLIVEIRA, 2008). Neste segundo marco, fica evidente que a língua portuguesa já se mostrava mais usada que a LGA. É importante salientar que esse episódio, uso da LP em detrimento da LGA, já se mostrava previsto, mesmo que velado, em 1823, com a adesão do Pará ao território brasileiro (FREIRE, 2011).

Segundo esse autor, o desuso da LGA e a hegemonia da língua portuguesa têm outros três fatores motivadores: a Revolução da Cabanagem, a Guerra do Paraguai, a Escolarização em língua portuguesa e a Imigração interna. Na Cabanagem (1835-1840), morreram 40 mil amazonenses e paraenses, quase todos falantes da LGA; na Guerra do Paraguai (1865-1870), houve diversos recrutamentos violentos de índios aldeados, em um total de, aproximadamente, 2.070 homens, dos quais apenas 55 retornaram com vida a Manaus; nas escolas, a LGA foi proibida, e a língua portuguesa foi ganhando espaço, expandindo-se na Amazônia, a partir da obrigação do ensino da língua portuguesa aos falantes da LGA, tornando-os bilíngues, em razão da iniciativa político-econômica que interferiu linguisticamente na região, denominado de *Diretório dos Índos*, em 1757; por último, tem-se a imigração interna (1872-1910), a qual trouxe para a Amazônia cerca de 500 mil nordestinos, falantes apenas da língua portuguesa, para ocuparem as vilas e os povoados (FREIRE, 2011). Assim, tem-se o ano de 1757 como referência para o uso da língua portuguesa no Pará, especificamente em Bragança/PA.

A partir dessa acepção histórica, entende-se que a toponímia indígena bragantina (PA) foi tecida em língua portuguesa com base na LGA. Isto é, os 149 topônimos da pesquisa foram nomeados em língua portuguesa, por empréstimo junto

à LGA, notadamente em razão da percepção do falante do português, principalmente em virtude de um contexto, muitas vezes, desconhecido, e também dada a relevância da LGA, mesmo em sua fase de menor prestígio. De acordo com Rodrigues (2010, p. 90), a motivação para os empréstimos junto à LGA *é dada pela necessidade de denominarem objetos e realidades desconhecidas na tradição portuguesa, mas típicas da natureza e da vida no Brasil.*

Tomemos um deles para uma primeira análise: *Praia de Ajuruteua*. De acordo com a descrição apresentada no quadro 1 (Apêndice III), acerca do elemento específico *ajuruteua*, observa-se que Sampaio (1989, p. 89, 236) registra as formas portuguesas *Guajerú* (frutos em penca) e *tyba* (abundância), ambas da LGP. Em Stradelli (2014, p. 222, 691), que faz registro em LGA, há referência para ambos, fruto e quantidade (*uaierú* e *tyua*), respectivamente. Frisa-se, no entanto, não haver registro sobre essa fruta em Miranda (1942) nem à abundância dela, vista no sufixo *tyba*, o que sinaliza para uma formação em língua portuguesa, observada nas formas aportuguesadas *ajuru* e *teua*. Isso pode ser confirmado na cadeia de mudanças que a palavra *ajuruteua* apresenta. Considera-se que, em LGA, *ajuruteua* seria grafada *uaierutyua**, em que *ajuruteua* < *uaieru+tyba*.

Primeiramente, é importante salientar o que afirma Miranda (1942) acerca das consoantes *g* e *b* em LGA: a consoante *g* é de uso frequente em LGP, quer esteja no início ou no meio da palavra, mas, em LGA, o uso dela não acontece, a exemplo de *guassu/uassu*⁴⁵ ou *tagua/taua*⁴⁶ (p. 22). A consoante *b*, também, não é comum em LGA: o som labial *b* é raro em nheengatu. Nas palavras em que a LGP o tem intercalado, o índio amazônico o substitui por um *u*. Ex.: *apiaua/apiaba*; *peua/peba*; *caua/caba* etc. [...]

Mesmo no começo das palavras é trivial essa substituição [...] É possível que o uso do botoque (tembetára) tivesse dado a origem a esse metaplasma [...] O tembecuára (beijo) era furado com auxílio de um osso de veado, onde era introduzida pequena haste lisa de madeira, do tamanho de um lápis. À medida que o buraco se alargava, aumentavam o calibre do botoque[...] até que o beijo inferior chegava a cair sobre o peito [...] A junção dos beijos necessária à pronúncia do *b*, não podendo ser efetuada, tornou-se impossível. (MIRANDA, 1942, p. 19-20)

Vejamos, agora, a cadeia de mudanças fonéticas sofridas pela palavra *ajuruteua*, tomando como base a LGA, a partir do que pode ser mais plausível em se

⁴⁵ Grande.

⁴⁶ Amarelo.

tratando de mudanças fonéticas, ressaltando as ideias supracitadas de Miranda (1942) acerca da consoante *b*, que não era usada em LGA. Nesse sentido, tem-se que *tyba* deu *tyua* em LGA, que foi, com o passar do tempo, sendo substituída pela forma *teua*: *uaieru+teua* > *uaierutyba* > *aieruteua* > *ajeruteua* > *ajiruteua* > *ajuruteua* > *ajuruteua*, em que houve a 1) justaposição de *uaieru* e *teua* (*uaieruteua*), 2) substituição *ua>a*, observada no início do vocábulo em LGA, por monotongação (*aieruteua*), 3) anteriorização *y>i*, quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal *i* (*aieruteua*), 4) substituição *i>j*, fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (*ajeruteua*), 5) alçamento *e>i* por assimilação do traço [+alto] da vogal postônica /u/ (*ajiruteua*). 6) substituição *i>u*, por assimilação (*ajuruteua*).

A cadeia de mudanças fonéticas acima revela que a palavra *ajuruteua* foi tecida em língua portuguesa, uma vez que as formas *ajuru* e *teua* não apenas diferem da forma em LGA *uaieru* e *tyba*, como também não foram registradas atualmente, em conjunto ou separadamente, de modo que pudessem comprovar as formas *iuaierú* e *tyua* da LGA. Isso evidencia que diversas mudanças fonéticas ocorreram na transição *LGA>LP*, demonstradas na cadeia de mudanças acima e que tais termos foram usados no português via LGA.

Outra evidência relevante para corroborar a afirmação acima é o uso das palavras *praia*, *vila* e *estrada* antecedendo a forma *ajuruteua*. Caso os topônimos tivessem sido nomeados em LGA, apresentariam as formas *ybi cui tyba* (praia), *taba* (vila) e *pe oçu* (estrada)⁴⁷.

Tomando-se o elemento específico *ajuruteua*, retomando a estrutura do topônimo ensinada por Dick (1992), como base, infere-se que todos os topônimos terminados em *teua* foram nomeados em LP, haja vista a substituição de *tyua>teua* por analogia. Assim, registram-se 22 topônimos terminados em *teua*, conforme Quadro 7, a seguir:

⁴⁷ As três formas representam a LGA e foram confirmadas no Vocabulário Brasileiro-Português (1986).

Quadro 7: Topônimos com terminação em *-teua*, indicador de nomeação em língua portuguesa.

Acidente geográfico	Topônimo	Qtd.
Comunidade	Aciteua, Anhangateua, Araçateua, Cariateua, Jacareteua, Maniteua, Miriteua, Tamatateua, Tacuandeua, Ponta de Bacuriteua	12
Estrada	Ajuruteua, Bacuriteua	2
Igarapé	Aciteua	1
Porto	Aciteua	1
Praia	Ajuruteua	1
Rio	Araçateua, Maniteua	2
Vila	Ajuruteua, Bacuriteua, Caratateua	3
Total		22

Outros topônimos com tessitura em LP são os que apresentam os sufixos *-inho*, *-al* e *-eiro*, notadamente termos do português, dez ao todo, como se comprova no Quadro 8, abaixo:

Quadro 8: Topônimos com terminação em *-inho*, *-al* e *-eiro*, indicadores de nomeação em língua portuguesa.

Sufixo	Acidente geográfico	Topônimo	Qtd.
al	Comunidade	Juritizal, Juritizal	2
inho	Comunidade	Acarajozinho, Bacurizinho, Urumajozinho	4
	Rio	Braço do Tracuateuazinho	
eiró	Comunidade	Cajueiro	3
	Igarapé	Cajueiro	
	Ilha	Cajueiro	
eiro+inho	Igarapé	Cajueirinho	1
Total			10

Há outros, ainda, que iniciam com palavras da LP, como *alto*, *baía*, *bairro*, *distrito*, *estrada*, *furo*, *ilha*, *igarapé*, *ponte*, *porto*, *rio*, *travessa*, *vila* e, portanto, também, foram nomeados em LP, excetuando-se os que terminam em *-teua*, *-inho*, *-eiro* e *-al*, visto que já foram contabilizados. São eles em número de 63, como apresentados no Quadro 9, a seguir:

Quadro 9: Topônimos iniciados com palavras da língua portuguesa.

Palavra em LP	Topônimo	Qtd.
Comunidade	Alto Urumajó, Chaú, Cururutuia, Jenipaú-Açu, Jandiá, Jarana, Jutaí, Mucura Branca, Taperaçu, Timborana, Uma, Uruá	13
Baía	Caeté	1
Bairro	Jiquiri, Samaumapara, Taíra	3
Distrito	Nova Mocajuba, Tijoca	2
Estrada	Alto Urumajó, Jenipaú-Açu	2
Furo	Muçum, taicy	2
Igarapé	Braço do urumajó, cairara, cipó-apara, cururutuia, jandiá, jutaí, mucura branca, timborana, tuberana, uruá	10
Ilha	Andiroba, boissucanga, bacuri, mucunã, muçum, tucum	6
Ponte	Sapucaia	1
Porto	Taperaçu	1
Rio	Acarajó, Anauerá, Andirá, Arapapacu, Caeté, Cassacuera, Chaú, Curí, Cutitinga, Jenipaú-Mirim, Jenipaú, Açu, Jiquiri, Samaumapara, Taperaçu, Tijoca, Una, Urumajó	18
Travessa	Curí	1
Vila	Acarajó Grande, Cuera, Nova Canindé	3
Total		63

Dando prosseguimento à definição de nomeação toponímica de Bragança em língua portuguesa, há de se fazer referência a mais três critérios: primeiro, das mudanças fonéticas (excetuando-se os topônimos já acima mencionados terminados em *-teua*, *-inho*, *-al*, e *-eiro*), as quais evidenciam processos sociolinguísticos e históricos, pelos quais a LGA passou, como o contato com o português, por exemplo; segundo, do empréstimo do designativo de rio ou de igarapé; terceiro, da adjetivação em língua portuguesa. Vejamos alguns exemplos de mudanças fonéticas no Quadro 10, a seguir:

Quadro 10: Mudanças fonéticas ocorridas nos topônimos de origem Tupinambá de Bragança/PA indicadoras de nomeação em Língua Portuguesa⁴⁸.

Distrito	Mudanças fonéticas
Bragança	Uacara+yo > acarayo > acarairo > acarajó (y>i>j) Yandiraua > yandiroua > yandiroba > iandiroba > andiroba (u>b) Arara+piranga>ararapiranga>arapiranga (ra>Ø)
Caratateua	Caa+mutá > caamutá > camutá: (aa>a) landiá + y > iandiay>jandiaí: (y>i>j) Carauatyba > caraatatyua > caratateua: (aa>a)
Vila do Treme	Arapapá + pucú > arapapapucu > arapapucu: (pa>Ø) lapy + itá > iapyitá > iapiitá > iapitá > japitá > japedá: (yi>ii>i) Asaytyba > asaitiba > asaitiua > asaiteua > asiteua: (y>i)
Almoço	Yuacáua > uuacáua > uacaua > bacaba: (y>u) Taracuatyba > tracuatyua > tracuateua: (a>Ø) Acaiacá > Caiacá: (a>Ø)
Nova Mmocajuba	Iapí > japí > japim: (i>j) Mucaiyua>mucaiyya>mucaiuba>Mocajuba: (y>u) Ienipauuasú > ienipauasú > jenipauasú > jenipau-asú > jenipau-açú: (i>j)
Tijoca	Arumã + yó > arumãyo > arumayo > arumajó > urumajó: (y>i>j) Mbyrity + al > mbyrity+al > byrity+al > burityzal > biritizal > burityzal: (mb>b) Chá + y > chay > chaú: (y:>u)

Os empréstimos oriundos de rios e de igarapés, ou seja, quando o rio ou o igarapé cede o nome para a comunidade, estrada ou distrito foram também significativos. Esse tipo de empréstimo ocorreu em 15 ocasiões. Observe o Quadro 11, a seguir:

Quadro 11: Acidentes geográficos oriundos de nomes de rios e de igarapés⁴⁹.

Distrito	Mudanças fonéticas	Qtd.
Bragança	Jiquiri (rio, bairro); Samaumapara (rio, bairro); Taperaçu (rio, comunidade)	2
Caratateua	Una (rio, comunidade)	1
Vila do Treme	Aciteua (igarapé, comunidade, porto)	1
Almoço	Cassacuera (rio, comunidade), jutaí (igarapé, comunidade), Uruá (igarapé, comunidade)	3
Tijoca	Araçateua (rio, comunidade), Chaú (rio, comunidade), Cururutuia (rio, comunidade), Jejuí (rio, comunidade), Jenipaú-açu (rio, comunidade, estrada), Mucura Branca (rio, comunidade), Tijoca (rio, distrito), Timborana (rio, comunidade)	8
Total		15

⁴⁸ Amostragem de 3 topônimos de cada distrito pesquisado.

⁴⁹ Considera-se que os acidentes geográficos físicos, como rio e igarapé, por exemplo, mostram-se, certamente, como lugares a serem considerados antigos, em relação aos acidentes humanos.

Por último, como critério para a definição da toponímia bragantina de origem Tupinambá em língua portuguesa, temos o processo de adjetivação, mediante uso de adjetivos do português, com seis ocorrências, a exemplo de Acarajó Grande e Bacuri Prata (sede), Nova Mocajuba e Nova Canindé (Nova Mocajuba), Mucura Branca e Alto Urumajó (Tijoca).

Há, ainda, um designativo toponímico sobre o qual não se pode afirmar se foi nomeado em LGA, em razão de não se ter datação precisa, porém, essa nomeação em LGA é possível, em função de sua estrutura morfológica, isto é, *samaumapara* apresenta a ideia de *rio* observada na forma *parã*, o que significa *rio das samaumeiras*. O fato de não apresentar a forma em língua portuguesa (*rio*) sinaliza para a possibilidade de a palavra ter passado direto da LGA para o português. Essa possibilidade permite afirmar que *samaumapara* foi tecida em LGA e transplantada à LP.

Ilustram-se, no Quadro 12, a seguir, os critérios empregados para a investigação da língua usada na nomeação dos topônimos bragantinos de origem Tupinambá. Ressalta-se que os critérios acima foram reformulados, de forma a enquadrar melhor as evidências.

Quadro 12: Critérios empregados à definição da língua usada na nomeação dos topônimos de origem Tupinambá de Bragança/PA.

Critérios	Qtd.
Sufixo em <i>-teua</i>	22
Elemento genérico em LP	63
Elemento específico com os sufixos <i>-inho, -al, -eiro</i>	10
Empréstimos de rios e de igarapés	15
Ocorrência de mudanças fonéticas	30
Adjetivação em LP	6
Total	146

Os dados do Quadro 12, acima, revelam que o primeiro critério, o da sufixação em *-teua*, com 22 ocorrências, representa 19%, enquanto os designativos com elemento genérico em LP, antecedendo o termo em LGA, como as palavras *baía, bairro, estrada, furo, igarapé, ilha, ponte, porto, praia, rio e vila*, com 63 ocorrências e um percentual de 54%, representam o segundo critério.

O terceiro critério levado em consideração é o do *Elemento específico com sufixo em -inho, -al, -eiro*, excetuando-se os topônimos registrados nos primeiro e segundo critérios. Esse terceiro critério, também, evidencia uma nomeação toponímica em LP, justamente pelo uso de termos do português, no total de seis ocorrências, equivalente a 9%.

O quarto critério empregado nesta pesquisa foi o do *Empréstimos de rios e de igarapés*, excetuando-se os topônimos registrados nos três primeiros critérios. Esse quarto critério, também, foi considerado como fator de nomeação em LP, em razão do momento histórico em que os acidentes foram nomeados, coincidindo com a iniciativa portuguesa de lusitanização da Amazônia, principalmente com a imigração de 500 colonos nordestinos, falantes do português, entre os anos de 1872 e 1910. Segundo Moreira Pinto (1884, p. 197), o povoado do Almoço, hoje distrito de Bragança, teve início em 1876 com a emigração cearense, que lá formou um núcleo. Assim como Almoço, outras áreas do município de Bragança receberam inúmeros nordestinos que difundiram o português pela região. Esse critério registrou um número de 15 nomeações, equivalente a 13%.

O quinto critério foi o da *Ocorrência de mudanças fonéticas*, uma vez que é normal que uma estrutura morfológica, de um modo geral, sofra transformações ao longo do tempo, sendo objeto de observação os 94 topônimos do Quadro 6, o qual excetua as repetições. O resultado é que, com exceção dos topônimos *Cipó-apára, Curuperé, Muçum, Piaba, Samaumapara, Sapucaia, Taicy e Tucum* (Sede), *Caranã, Una e Cuéra* (Caratateua), *Curuçá e Uruá* (Almoço), *Curí e Canindé* (Nova Mocajuba) e *Andirá, Arauá, Pacas, Piquiá, Tauarí, Timborana e Uruçu* (Tijoca), em número de 22 topônimos que não sofreram, a priori, nenhuma mudança fonética, os demais, em número de 72 topônimos, apresentaram algum tipo de mudança fonética, o que equivale a 76,59%, a exemplo da consonantização u>b (inandiroua>andiroba), da anteriorização y>i (tayra>taíra) e da consonantização i>j (iapĩ>japim), que são marcas evidentes do falante do português⁵⁰.

Por último, empregou-se o critério da *Adjetivação em LP*, que acontece com o uso de adjetivos portugueses na composição do topônimo. Esse critério apresentou

⁵⁰ Ressalta-se que, pelo fato de se ter levado em conta os dados do Quadro 6, com 94 termos em LGA, que excetua os topônimos repetidos, o critério relativo às mudanças fonéticas não figura no Gráfico 1.

seis ocorrências, equivalente a 5%. Ressalta-se que, também, devem ser excluídos desse critério os topônimos que apresentam adjetivos em português já resgistrados nos critérios anteriores, como é o caso dos adjetivos *nova* e *grande*. Esse resultado pode se observado no Gráfico 1, abaixo:

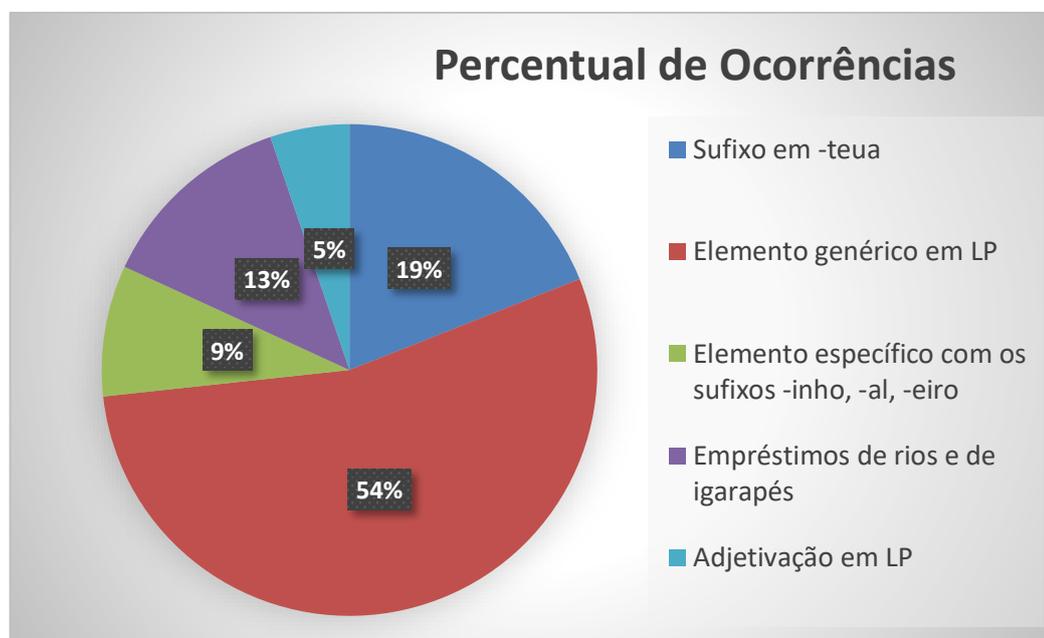


Gráfico 1: Percentual de ocorrências por critérios empregados à definição da língua usada na nomeação.

O estudo, a partir desses critérios, evidencia uma nomeação toponímica de origem Tupinambá feita em língua portuguesa, com empréstimos *aportuguesados* junto à LGA. Entretanto, pondera-se que, do *corpus* de 146 designativos, 35 estão lexicalizados no português, equivalente a 22,60%. Veja o Quadro 13, a seguir:

Quadro 13: Topônimos de origem Tupinambá de Bragança/PA lexicalizados em LP.

Topônimos dicionarizados em português				
Aruá	Araúá	Anauerá	Andiroba	Bacaba
Bacuri	Caeté	Cajueiro	Canindé	Caraná
Cariperana	Cujubim	Curi	Curuatá	Carnaúba
Curuperé	Jandiá	Japim	Jarana	Jararaca
Jiquiri	Jutaí	Muçum	Mucunã	Muruci
Paca	Piaba	Piquiá	Sapucaia	Tauari
Timborana	Tucum	Ubim	Una	Uruçu

Fonte: Houaiss e Villar (2009).

Os dados dos quadros 12 e 13, de certa forma, apontam para a importância da LGA no cenário sociolinguístico da Amazônia brasileira. No *corpus* coletado, chama-se a atenção – mesmo que se defenda uma nomeação em LP para a toponímia de origem Tupinambá em Bragança/PA – para a grande quantidade de palavras que resistiram à política do Diretório dos Índios, especificamente a de proibir o ensino da língua geral no Brasil, e também de substituir os nomes indígenas por portugueses.

Em relação ao Quadro 13, percebe-se que a influência da LGA na LP deu-se de forma mais contundente na fauna e na flora, uma vez que o contexto colonizatório teve como ponto central o índio, que, por sua vez, se relacionava diretamente com a natureza, lugar onde se encontram animais e plantas, e que teve sua experiência transmitida ao colonizador (europeu e brasileiro). É importante lembrar que nomear sempre foi atividade exercida pelo homem, que acontece em virtude de sua experiência de vida e que é usada de forma constante para nomear o que está a sua volta.

Outra observação, em relação aos dados do Quadro 13, é que o dicionário Houaiss e Villar (2009) não os registra como topônimos.

6.2 OS ACIDENTES GEOGRÁFICOS NA TOPONÍMIA BRAGANTINA DE ORIGEM TUPINAMBÁ

Uma das características do signo toponímico é que ele surge constituído estruturalmente por elementos *genérico* e *específico*, intimamente ligados à realidade social e histórica do lugar, em uma relação binômica entre o topônimo e o acidente geográfico que ele identifica (DICK, 1992).

O elemento genérico é o referencial espacial, entendido como acidente geográfico, com características naturais (físicas) e antropo-culturais (humanas), a exemplo dos relacionados a *povoamentos* (vilas, vilarejos, cidades, bairros, municípios, estados, países), à *água* (lagos, rios, igarapés, mares, oceanos, córregos), ao *relevo* (montes, montanhas, planaltos, vales, planícies, depressões), às *propriedades particulares* (fazendas, sítios, chácaras), assim como a outros referenciais, os quais, de forma natural, recebem nomes.

O elemento específico, em toponímia, é a própria realidade presenciada no ato de nomeação: se em um lugar houver pássaros *jurutis* em grande quantidade, essa

circunstância representará o elemento específico da estrutura toponímica, de modo que teríamos o designativo *jurutizal*, em português; em LGA, seria *iurityua*, aportuguesado, provavelmente, em *jurutiteua*.

Vejamos a Tabela 23, a seguir, que ilustra os acidentes geográficos que representam a toponímia bragantina de origem Tupinambá:

Tabela 2: Ocorrência dos acidentes geográfico físicos e antro-po-culturais observados na toponímia bragantina de origem Tupinambá.

Natureza taxonômica	Acidente geográfico	Qtd.	%.
Antropo-cultural	Bairro	3	2,05
	Comunidade	73	50,00
	Distrito	3	2,05
	Estrada	5	3,42
	Ponte	1	0,68
	Porto	2	1,36
	Vila	5	3,42
Físico	Baía	1	0,68
	Furo	2	1,36
	Igarapé	13	8,90
	Ilha	7	4,79
	Praia	1	0,68
	Rio	30	20,54
Total		146	100

No caso do município de Bragança/PA, de acordo com os dados da Tabela 2, acima, observa-se a prevalência de nomeação de base Tupinambá para acidentes geográficos de natureza antro-po-cultural (humana), evidenciando 73 (50%) e 5 (3,42%) designativos para o acidente *Comunidade* e *Vila* (espaço físico habitado),

respectivamente, seguidos pelos de natureza física, como *Rio* e *Igarapé*, com 30 (20,54%) e 13 (8,90%) ocorrências, respectivamente.

Em se tratando dos acidentes de natureza física, entende-se que são os ligados à hidrografia, o que é normal, em razão da quantidade considerável, pois, na região estudada, há muitos acidentes referenciando a água, de modo que a nomeação toponímica de rios, com 30 ocorrências, equivalendo a 20,54%, e igarapés, com 13, equivalendo a 8,90%) foi bastante evidente, em relação a outros acidentes naturais, como baía, praia e ilhas, por exemplo.

Os dados da Tabela 2, acima apresentados, podem ser confirmados no Gráfico 2, abaixo:

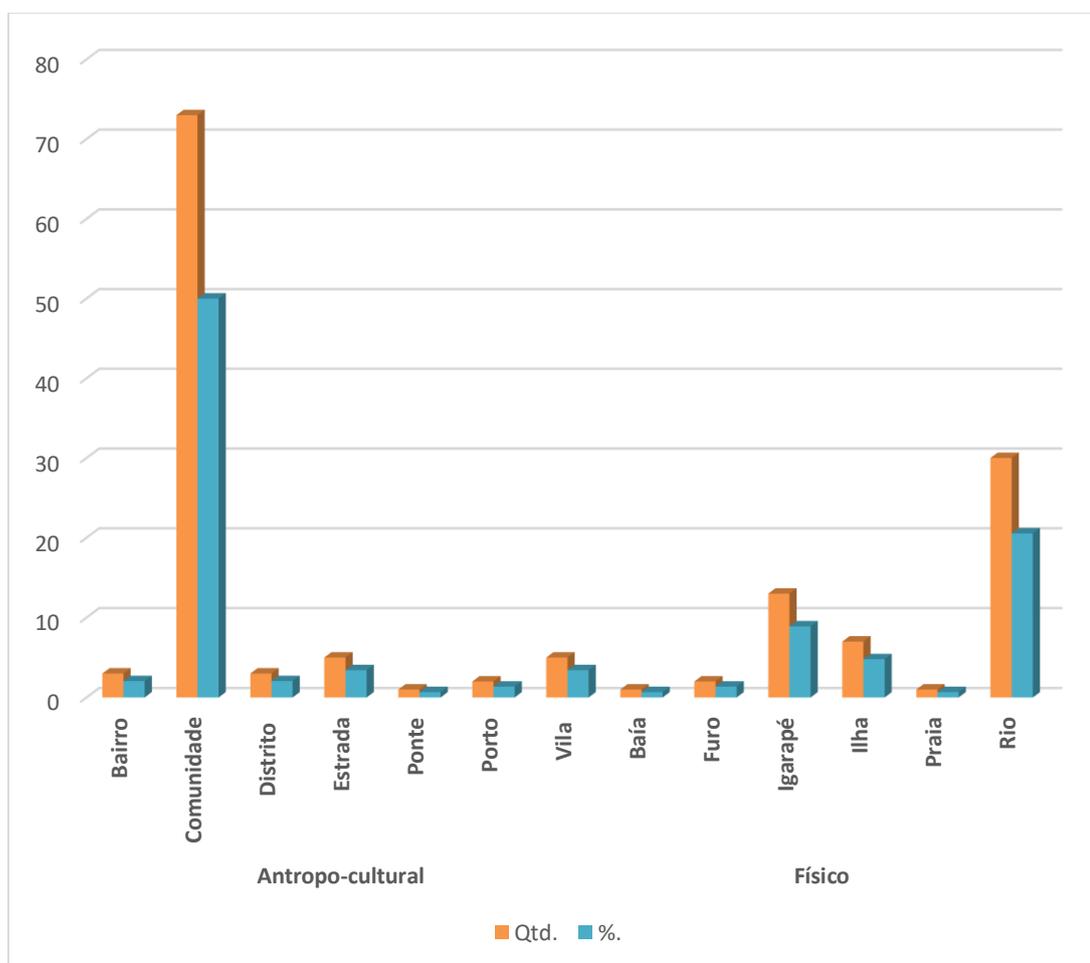


Gráfico 2: Acidentes geográficos na toponímia bragantina paraense de origem Tupinambá

É muito natural que, em um lugar de, aproximadamente, 384 anos, como a região do Caeté, conhecida hoje como município de Bragança/PA, os espaços físicos habitados sejam a maior referência para os designativos toponímicos, em se tratando de nomeação, visto que houve a necessidade de formação de núcleos sociais, em face do crescimento demográfico, provocado pelo fenômeno de territorialização implementado pela Coroa Portuguesa nessa região.

6.3 A TAXEONOMIA DA TOPONÍMIA BRAGANTINA DE ORIGEM TUPINAMBÁ

Se o elemento genérico se relaciona aos acidentes geográficos, o específico, por sua vez, que é o próprio topônimo, particularizado e singularizado pela nomeação, por representar um conjunto de ideias, é também provedor das taxonomias, ou seja, é por meio do elemento específico que se procede a classificação do designativo toponímico em taxes.

Vale salientar que a sistematização taxonomica dos topônimos brasileiros, realizada por Dick (1992), tem como propósito a organização das categorias distributivas em virtude de a nomeação apresentar particularidades motivacionais, as quais retratam acidentes físicos ou humanos.

Segundo a referida autora, a classificação pode ser feita a partir de 27 taxes, sendo 11 de natureza física e 16 de antro-po-cultural (humana). Com elas, pode-se identificar o processo motivacional da nomeação do topônimo. É importante frisar que, baseando-se na estrutura toponímica, é o elemento específico que deve ser analisado, como o propósito de desvelar o motivo da designação.

Nesse sentido, cabe fazer-se reflexão acerca da classificação a ser aplicada aos topônimos de Bragança/PA, de forma a apresentar critérios de identificação das taxes, as quais enquadrarão o designativo toponímico em um determinado grupo, representado por um prefixo grego, que estará relacionado aos campos de natureza *física* e *antro-po-cultural*, seguido da palavra *topônimo*, a exemplo de *zootopônimo*.

O Quadro 14, abaixo, ilustra os critérios norteadores utilizados na classificação dos topônimos de origem Tupinambá coletados nesta pesquisa, com base nas ideias de Dick (1992), ressaltando que, em determinadas situações, a classificação foi feita

levando, também, em conta a realidade que o *corpus* da pesquisa deixa transparecer, a exemplo da classificação composta.

Quadro 14: A classificação toponímica e seus critérios.

Qtd.	Critério – elemento específico	Exemplo
1	<i>Simples</i> de 1 formante, com ou sem sufixação em <i>tyba</i> – taxe simples referente à ideia contida no formante núcleo ⁵¹ .	Rio Jeju / Igarapé Aciteua (asay+tyba) Taxe: zootopônimo / fitotopônimo
2	<i>Composto</i> de 2 formantes em LGA ou em LGP – taxe simples referente à ideia contida no formante núcleo.	Comunidade Jarana (iara+rana) Taxe: fitotopônimo
3	<i>Composto</i> de 3 formantes em LGA – taxe simples referente à ideia contida no último formante, considerado núcleo.	Ilha boissucanga (mboi+uasú+acanga) Taxe: somatopônimo
4	<i>Híbrido</i> de 2 formantes em LGA/LP, sendo o segundo uma referência atributiva ao formante núcleo – taxe composta referente à ideia contida nos 2 formantes.	Comunidade Bacurizinho (uacuri+inho) Taxe: fito-dimensiotopônimo Comunidade Bacuri Prata Taxe: fito-cromotopônimo
5	<i>Híbrido</i> de 2 formantes em LGA/LGP – taxe híbrida referente à ideia contida nos formantes, considerados núcleos.	Rio Acarajó (acará+yó) Taxe: zoo-proelefsistopônimo ⁵²
6	<i>Híbrido</i> de 3 formantes em LP/LGA/LGP – taxe simples referente à ideia contida no formante em LP.	Comunidade Alto Urumajó (alto+uarumã+yó) Taxe: thesitopônimo ⁵³
7	Elemento específico em LGA antecedido por palavra portuguesa – taxe simples referente à ideia contida nessa palavra.	Vila de Ajuruteua – Taxe: poliotopônimo Vila Cuera – Taxe: poliotopônimo Ponta de Bacuriteua – Taxe: thesitopônimo Braço do Urumajó – Taxe: hidrotopônimo
8	Elemento específico oriundo de rio e igarapé – taxe simples referente à ideia contida na palavra antecedente ao formante derivado.	Bairro do Jiquiri (< Rio Jiquiri) Taxe: Poliotopônimo Alto Urumajó (< Rio Urumajó) Taxe: thesitopônimo

Tomando por base esses critérios, apresenta-se o Quadro 15, a seguir, com os topônimos coletados e suas respectivas taxes.

⁵¹ O termo *núcleo* é, nesta pesquisa, apresentado como formante substantivo e/ou adjetivo.

⁵² Refere-se à ideia de procedência (origem). Sugere-se a taxe *Proelefsistopônimo*, do grego *Proeléfsis*.

⁵³ Refere-se à ideia de posição. Sugere-se a taxe *Thesitopônimo*, do grego *Thési*.

Quadro 15: As taxonomias da toponímia bragantina de origem Tupinambá do município de Bragança/PA.

Qtd.	Ac. geográfico	Topônimo	Taxonomia
1	Rio (AF)	Acarajó (sede)	Zoo-proelefsistopônimo ⁵⁴
2	Vila (AH)	Acarajó Grande (sede)	Poliotopônimo
3	Comunidade (AH)	Acarajozinho (sede)	Pólio-dimensiotopônimo
4	Comunidade (AH)	Aciteua (sede)	Fitotopônimo
5	Igarapé (AF)	Aciteua (V. Treme)	Fitotopônimo
6	Comunidade (AH)	Aciteua (V. Treme)	Poliotopônimo
7	Porto (AH)	Aciteua (V. Treme)	Sociotopônimo
8	Praia (AF)	Ajurateua (sede)	Fitotopônimo
9	Vila (AH)	Ajurateua (sede)	Poliotopônimo
10	Estrada (AH)	Ajurateua (sede)	Hodotopônimo
11	Comunidade (AH)	Alto Urumajó (Tijoca)	Thesipônimo ⁵⁵
12	Estrada (AH)	Alto Urumajó (Tijoca)	Hodotopônimo
13	Rio (AH)	Anauerá (Almoço)	Fitotopônimo
14	Comunidade (AH)	Andiroba (Tijoca)	Fitotopônimo
15	Ilha (AF)	Andiroba (sede)	Fitotopônimo
16	Rio (AF)	Andirá (Tijoca)	Zootopônimo
17	Comunidade (AH)	Anhangateua (Tijoca)	Animotopônimo
18	Comunidade (AH)	Anoerá (Treme)	Fitotopônimo
19	Comunidade (AH)	Anoerá (Tijoca)	Fitotopônimo
20	Rio (AF)	Araçateua (Tijoca)	Fitotopônimo
21	Comunidade (AH)	Araçateua (Tijoca)	Poliotopônimo
22	Igarapé (AF)	Arapapucu (V. Treme)	Zootopônimo
23	Comunidade (AH)	Arapiranga (sede)	Zootopônimo
24	Comunidade (AH)	Araúá (Tijoca)	Zootopônimo
25	Comunidade (AH)	Arimã (sede)	Ergotopônimo
26	Comunidade (AH)	Arimbu (Tijoca)	Fitotopônimo
27	Comunidade (AH)	Bacaba (Almoço)	Fitotopônimo
28	Comunidade (AH)	Bacuri (Almoço)	Fitotopônimo

Qtd.	Ac. Geográfico	Topônimo	Taxonomia
29	Comunidade (AH)	Bacuri (Tijoca)	Fitotopônimo
30	Ilha (AF)	Bacuri (sede)	Fitotopônimo
31	Vila (AH)	Bacuriteua (sede)	Poliotopônimo
32	Estrada (AH)	Bacuriteua (sede)	Hodotopônimo
33	Comunidade (AH)	Bacuri-prata (sede)	Fito-cromotopônimo
34	Comunidade (AH)	Bacurizinho (Caratateua)	Fito-dimensiotopônimo
35	Ilha (AF)	Boissucanga (sede)	Somatopônimo
36	Igarapé (AF)	Br.do Urumajó (Tijoca)	Hidrotopônimo
37	Rio (AF)	Br.do Tracuateuzinho (Al)	Hidrotopônimo
38	Comunidade (AH)	Burutizal (Tijoca)	Fitotopônimo
39	Rio (AF)	Caeté (sede)	Fitotopônimo
40	Rio (AF)	Caeté (Caratateua)	Fitotopônimo
41	Rio (AF)	Caeté (V. Treme)	Fitotopônimo
42	Rio (AF)	Caeté (Almoço)	Fitotopônimo
43	Rio (AF)	Caeté (N. Mocajuba)	Fitotopônimo
44	Rio (AF)	Caeté (Tijoca)	Fitotopônimo
45	Baía (AF)	Caeté (sede)	Hidrotopônimo
46	Rio (AF)	Chauí (Tijoca)	Hidrotopônimo
47	Comunidade (AH)	Chauí (Tijoca)	Poliotopônimo
48	Comunidade (AH)	Caiacá (Almoço)	Fitotopônimo
49	Igarapé (AF)	Cairara (N. Mocajuba)	Zootopônimo
50	Comunidade (AH)	Cajueiro (sede)	Fitotopônimo
51	Igarapé (AF)	Cajueiro (N. Mocajuba)	Fitotopônimo
52	Ilha (AF)	Cajueiro (sede)	Fitotopônimo
53	Igarapé (AF)	Cajueirinho (sede)	Fito-dimensiotopônimo
54	Comunidade (AH)	Camutá (caratateua)	Fito-thesiotopônimo
55	Comunidade (AH)	Caraná (caratateua)	Fitotopônimo
56	Distrito (AH)	Caratateua (Caratateua)	Poliotopônimo

Continua...

⁵⁴ O segundo elemento se refere à ideia de *procedência* (origem). Sugere-se a taxonomia *Proelefsistopônimo*, do grego *Proélefsis*.

⁵⁵ O segundo elemento se refere à ideia de *posição* (lugar). Sugere-se a taxonomia *Thesiotopônimo*, do grego *Thési*.

Quadro 15: As taxonomias da toponímia bragantina de origem Tupinambá do município de Bragança/PA (cont.).

Qtd.	Ac. geográfico	Topônimo	Taxeonomia
57	Comunidade (AH)	Cariateua (sede)	Ergotopônimo
58	Comunidade (AH)	Cariperana (sede)	Fitotopônimo
59	Comunidade (AH)	Carnaúba (sede)	Fitotopônimo
60	Rio (AF)	Cassacuera (Almoço)	Cronotopônimo
61	Comunidade (AH)	Cassacuera (Almoço)	Poliotopônimo
62	Rio (AF)	Cipó-apara (sede)	Fitotopônimo
63	Vila (AH)	Cuera (Caratateua)	Poliotopônimo
64	Rio (AF)	Curi (Nova Mocajuba)	Litotopônimo
65	Comunidade (AH)	Curuatá (sede)	Zootopônimo
66	Comunidade (AH)	Curuçá (N. Mocajuba)	Hierotopônimo
67	Comunidade (AH)	Cujubim (Tijoca)	Zootopônimo
68	Igarapé (AH)	Cururutua (Tijoca)	Fitotopônimo
69	Comunidade (AH)	Cururutua(Tijoca)	Poliotopônimo
70	Comunidade (AH)	Curuperé (sede)	Hidrotopônimo
71	Rio (AF)	Cutitinga (sede)	Zootopônimo
72	Comunidade (AH)	Inambucuí (sede)	Zootopônimo
73	Comunidade (AH)	Jacareteua (sede)	Zootopônimo
74	Comunidade (AH)	Jacareteua (Tijoca)	Zootopônimo
75	Comunidade (AH)	Jandiá (caratateua)	Zoo-hidrotopônimo
76	Comunidade (AH)	Jandiá (sede)	Zootopônimo
77	Comunidade (AH)	Jandiá (V. Treme)	Zootopônimo
78	Igarapé (AF)	Jandiá (Tijoca)	Zootopônimo
79	Comunidade (AH)	Jandiá (Almoço)	Zootopônimo
80	Comunidade (AH)	Japim (Almoço)	Zootopônimo
81	Comunidade (AH)	Japim (N. Mocajuba)	Zootopônimo
82	Comunidade (AH)	Japetá (sede)	Drasitopônimo ⁵⁶

Qtd.	Ac. geográfico	Topônimo	Taxeonomia
83	Comunidade (AH)	Japetá (Treme)	Drasitopônimo
84	Comunidade (AH)	Jarana (Tijoca)	Fitotopônimo
85	Estrada (AH)	Jarana (Tijoca)	Hodotopônimo
86	Comunidade (AH)	Jararaca (Tijoca)	Zootopônimo
87	Rio (AH)	Jejuí (N. Mocajuba)	Zoo-hidrotopônimo
88	Rio (AH)	Jejuí (Tijoca)	Zoo-hidrotopônimo
89	Comunidade (AH)	Jejuí (Tijoca)	Poliotopônimo
90	Rio (AF)	Jenipaú-açu (N. Moc.)	Fito-dimensiopônimo
91	Rio (AF)	Jenipaú-açu (Tijoca)	Fito-dimensiopônimo
92	Comunidade (AH)	Jenipaú-açu (Tijoca)	Poliotopônimo
93	Estrada (AF)	Jenipaú-açu (Tijoca)	Hodotopônimo
94	Rio (AF)	Jenipaú-mirim (N. Moc)	Fito-dimensopônimo
95	Rio (AF)	Jiquiri (sede)	Fitotopônimo
96	Bairro (AH)	Jiquiri (sede)	Poliotopônimo
97	Comunidade (AH)	Jurutizal (Tijoca)	Fitotopônimo
98	Igarapé (AF)	Jutaí (Almoço)	Fito-hidrotopônimo
99	Comunidade (AH)	Jutaí (Almoço)	Poliotopônimo
100	Rio (AF)	Maniteua (sede)	Fitotopônimo
101	Comunidade (AH)	Maniteua (sede)	Poliotopônimo
102	Comunidade (AH)	Miriteua (Tijoca)	Fitotopônimo
103	Igarapé (AF)	Mucura Branca (Tijoca)	Zootopônimo
104	Comunidade (AH)	Mucura Branca (Tijoca)	Poliotopônimo
105	Ilha (AF)	Mucuna (sede)	Fitotopônimo
106	Ilha (AF)	Muçum (sede)	Zootopônimo
107	Furo (AF)	Muçum (sede)	Zootopônimo
108	Comunidade (AH)	Muruci (Tijoca)	Fitotopônimo

Continua...

⁵⁶ Refere-se à ideia de ação de algo. Sugere-se a taxeonimia *Drasitopônimo*, do grego *Drási*.

Quadro 15: As taxonomias da toponímia bragantina de origem Tupinambá do município de Bragança/PA (cont.).

Qtd.	Ac. geográfico	Topônimo	Taxonomia
109	Vila (AH)	N.Canindé (N Mocajuba)	Polio-cronotopônimo
110	Distrito (AH)	N. Mocajuba (N Mocajuba)	Polio-cronotopônimo
111	Comunidade (AH)	Ponta de Bacuriteua (sede)	Thesitopônimo
112	Comunidade (AH)	Pacas (Tijoca)	Zootopônimo
113	Comunidade (AH)	Piaba (sede)	Zootopônimo
114	Comunidade (AH)	Piquiá (Tijoca)	Fitotopônimo
115	Comunidade (AH)	Pratiquara (Tijoca)	Zootopônimo
116	Rio (AF)	Samumapara (sede)	Fito-hidrotopônimo
117	Bairro (AH)	Samaumapara (sede)	Poliotopônimo
118	Ponte (AH)	Sapucaia (sede)	Fitotopônimo
119	Comunidade (AH)	Tacuandeua (Caratateua)	Fitotopônimo
120	Furo (AF)	Tayci (sede)	Zootopônimo
121	Bairro (AH)	Taira (sede)	Gonikítópônimo ⁵⁷
122	Comunidade (AH)	Tamatateua (sede)	Zootopônimo
123	Rio (AF)	Taperaçu (sede)	Eco-dimensiotopônimo
124	Comunidade (AH)	Taperaçu (sede)	Poliotopônimo
125	Porto (AH)	Taperaçu (sede)	Sociotopônimo
126	Comunidade (AH)	Tuari (Tijoca)	Fitopônimo
127	Rio (AF)	Tijoca (Tijoca)	Litotopônimo

Qtd.	Ac. geográfico	Topônimo	Taxonomia
128	Distrito (AH)	Tijoca (Tijoca)	Poliotopônimo
129	Igarapé (AF)	Timborana (Tijoca)	Fitotopônimo
130	Comunidade (AH)	Timborana (Tijoca)	Poliotopônimo
131	Travessa (AH)	Travessa do Curi (NMoc)	Hodotopônimo
132	Igarapé (AF)	Tuberana (Tijoca)	Zootopônimo
133	Ilha (AF)	Tucum (sede)	Fitotopônimo
134	Comunidade (AH)	Ubim (Tijoca)	Fitotopônimo
135	Igarapé (AH)	Uruá (Almoço)	Zootopônimo
136	Comunidade (AH)	Uruá (Almoço)	Poliotopônimo
137	Rio (AF)	Urubuí (sede)	Zoo-hidrotopônimo
138	Comunidade (AH)	Urubuí (sede)	Poliotopônimo
139	Comunidade (AH)	Urubuquara (sede)	Zootopônimo
140	Comunidade (AH)	Urucu (Tijoca)	Zootopônimo
141	Rio (AF)	Urumajó (Tijoca)	Fito-proelefsitopônimo
142	Comunidade (AH)	Urumajozinho (Tijoca)	Poliotopônimo
143	Comunidade (AH)	Urupiuna (Tijoca)	Fito-cromotopônimo
144	Rio (AF)	Una (Caratateua)	Cromotopônimo
145	Comunidade (AH)	Una (Caratateua)	Poliotopônimo
146	Rio (AF)	Una (V. Treme)	Cromotopônimo

⁵⁷. Refere-se à ideia de parentesco. Sugere-se a taxonomia *Gonikítópônimo*, do grego *Goniki*.

Do quadro 15 acima, compôs-se a Tabela 3, a seguir, referente à classificação toponímica bragantina de origem Tupinambá.

Tabela 3: Taxeonomia toponímica de origem Tupinambá do município de Bragança/PA.

Taxeonomia	Qtd.	%
Animotopônimo	1	0,68
Cromotopônimo	2	1,36
Drasitopônimo	1	1,36
Ergotopônimo	2	1,36
Eco-dimensiotopônimo	1	0,68
Cronotopônimo	1	0,68
Fitotopônimo	45	30,82
Fito-dimensiotopônimo	5	3,42
Fito-cromotopônimo	1	0,68
Fito-hidrotopônimo	3	2,05
Fito-proeletsistopônimo	1	0,68
Fito-thesitopônimo	1	0,68
Gonikitopônimo	1	0,68
Hidrotopônimo	7	4,79
Hodotopônimo	6	4,10
Hieretopônimo	1	0,68
Litotopônimo	2	1,36
Poliotopônimo	22	15,06
Pólio-cronotopônimo	3	2,05
Pólio-dimensiotopônimo	3	2,05
Sociotopônimo	2	1,36
Somatopônimo	1	0,68
Thesitopônimo	2	1,36
Zootopônimo	28	19,17
Zoo-proeletsistopônimo	1	0,68
Zoo-hidrotopônimo	3	2,73
Total	146	100

Sendo assim, as taxeonomias que se destacam em Bragança/PA representam, de forma incisiva, a fauna e a flora do município, em face da geografia local, cuja abundância de vegetação (ajiruzeiro, bacurizeiro, andirobeira, buritizeiro, samaumeiras, entre muitas outras árvores) e de rios e igarapés favorece a existência

de animais silvestres, como cutias, pacas, jacarés, jurutis, os quais foram utilizados no ato de nomear os acidentes geográficos bragantinos. É isso que o Gráfico 3, abaixo, apresenta. Isto é, a nomeação toponímica de origem Tupinambá se faz mais presente na fauna e na flora, comprovados em 32 ocorrências relacionadas à classe dos *zootopônimos* (22,58%) e 56 pertinentes à classe dos *fitotopônimos* (38,33%), dos 146 topônimos coletados.

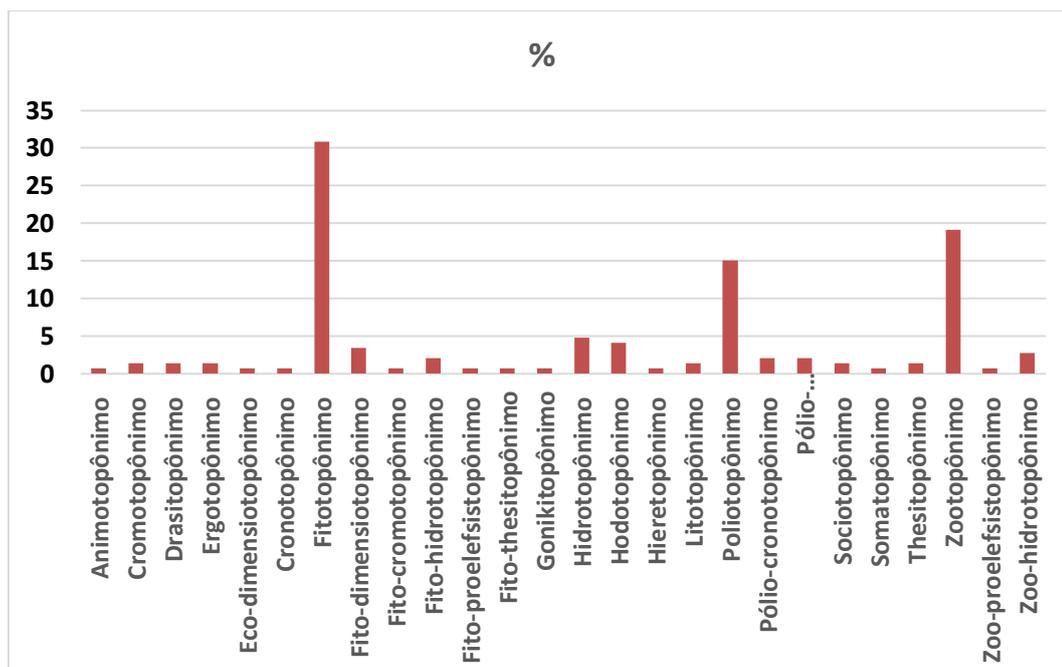


Gráfico 3: Classificação taxonômica da toponímia bragantina de origem Tupinambá.

Dick (1999) afirma que esta sistematização dos topônimos em taxes não é um sistema fechado e que foi elaborado levando em conta as particularidades e números de ocorrências da realidade brasileira. Assim sendo, existe a possibilidade de se aumentar o número de taxes levando sempre em consideração a sistematização feita pelo pesquisador. É o caso de *proelefsistopônimo*, *thesitopônimo*, *drasitopônimo* e *gonikitopônimo*, que não figuram na lista de Dick (1992) e que se relacionam às ideias referentes à procedência, posição, ação de algo e parentesco, respectivamente. Outra situação pertinente nesta pesquisa é a possibilidade de o elemento específico apresentar dois ou mais referentes, o que leva a uma classificação composta, a exemplo de fito-thesitopônimo (vegetação e posição), fito-cronotopônimo (vegetação e tempo), fito-dimensiotopônimo (vegetação e dimensão), zoo-proelefsistopônimo (animal e procedência) e fito-proelefsistopônimo (vegetação e procedência).

6.4 A PERDA DA SIGNIFICAÇÃO ESPECÍFICA: A FOSSILIZAÇÃO DO SIGNO TOPONÍMICO

A relação binômica referenciada por Dick (1992) evidencia a motivação para o ato de dar nome a um determinado lugar, constituída pelo elemento genérico e o próprio topônimo como elemento específico, em que este elemento é o grande fator de distinção entre os topônimos. Por exemplo, em *Ilha Boissucanga*, de um lado, temos o lugar, a terra circundada por água (a ilha), representando o elemento genérico, que é o acidente geográfico físico (AF). Por outro, temos outro elemento, o específico, que particulariza o lugar, pois revela que, nele, havia à época da nomeação um esqueleto de uma cobra, que era grande. Então, *boi* (cobra), *ssu* (grande) e *canga* (esqueleto). *Boissucanga* é um signo toponímico que representa, nessa concepção, uma estrutura morfossemântica que a particulariza e que permite o reconhecimento de referida relação binômica que ocorre entre o *genérico* e o *específico*.

Acontece que, a partir da validação e análise dos dados, constatou-se que todos os topônimos registrados nesta pesquisa apresentaram a perda do significado específico, aquele que particulariza o acidente geográfico, seja ele físico ou antropocultural. Dito de outra forma, as características significativas incorporadas no signo toponímico já não mais são percebidas pelos habitantes do local.

Perceber que *Ilha Boissucanga* supracitada é formada por três elementos significativos da língua geral, amplamente usada não somente em Bragança/PA, mas em toda a região Amazônica, e que, por isso, tem um sentido específico, cabe apenas àqueles que estão envolvidos com os estudos da LGA, que a reconhecem no topônimo e conseguem visualizar a composição do signo a partir dessa língua, desvelando, assim, seu sentido.

No entanto, na visita de campo, perguntou-se aos informantes sobre determinado topônimo: *o que ele significa?* E a mesma pergunta foi feita, de forma informal, em conversas com moradores de Bragança/PA, especialmente àqueles que validaram o *corpus*.

Constatou-se que a resposta foi sempre a representação atual do topônimo, por exemplo, *Ajuruteua* foi sempre relacionada à praia ou à vila do município, sem que em algum momento fosse feita uma leitura de sua significação específica. Nesse caso, não apenas em razão do tempo, mas também pelo não uso da LGA pelo povo

bragantino, a singularização do topônimo se perdeu, causando, inevitavelmente, a fossilização do signo toponímico, que se materializa, para Dick (1992), quando o topônimo passa a ser *um bloco único, fechado em torno de dois elementos, dos quais não se distingue mais o que é um ou o que é o outro* (p. 10).

Isso aconteceu em face de a língua portuguesa, que passou a ser usada no município de Bragança/PA, principalmente a partir de 1757, ter suplantado a LGA, por volta do final do séc. XIX e início do séc. XX. Nesse caso, os vocábulos formadores da toponímia bragantina de origem Tupinambá foram caindo em desuso até desaparecerem por completo na fala das pessoas, a não ser apenas quando se fazia referência a um topônimo em LGA especificamente. Isto é, as palavras em língua geral eram usadas apenas na referência ao acidente geográfico, podendo ainda nesse momento ser clara a sua significação, mas que, com o passar dos anos e pelo uso mais frequente da língua portuguesa e, ainda, pela baixa presença de índios e descendentes deles em Bragança/PA, e também de descendentes de falantes da língua geral, a LGA foi sendo esquecida e com ela a motivação toponímica, representada no elemento específico, se perdeu.

A motivação (elemento específico) do signo toponímico passa a ser marcada por um novo elemento genérico, como forma de complementar a ideia daquele que foi absorvido por completo no interior do topônimo. Em se tratando de *Ajuruteua*, em que a nomeação marca um momento pretérito, além de ter sido influenciada por uma realidade, a de haver na praia bragantina grande quantidade de arbusto frutífero e rasteiro, chamado *ajiruzeiro*, ou seja, uma relação binômica entre o que é genérico (praia) e o que é específico (grande quantidade de ajiruzeiro). Com o decorrer do tempo, e também pelo “esquecimento” paulatino e contínuo da língua geral, o elemento específico tem seu sentido esvaziado. Passam a se comportar como palavras opacas que, segundo Ulmann (1961), não mais têm conexão entre som e sentido, pois se distanciaram de suas referências tempo, espaço e realidade.

Carvalinhos (2003, p. 173) vai um pouco além ao afirmar a mudança de categoria que o topônimo, de um modo geral, passa a apresentar com sua fossilização. Isto é, no momento da nomeação do signo toponímico a motivação se faz por meio de um substantivo comum que o tempo o transforma em próprio. Por exemplo, em *Ajuruteua*, o ajiruzeiro representa um substantivo comum, que se

transforma em substantivo próprio no momento em que passa a designar um lugar, no caso a Praia e a Vila do litoral bragantino.

Assim, dos 146 topônimos bragantinos de origem Tupinambá, todos eles apresentam-se, hoje, opacos, sendo referenciados apenas por seu significado atual, o que os tornam fossilizados (Dick, 1992).

Os Gráficos 4 e 5, a seguir, mostram o percentual de topônimos motivados e opacos em Bragança/PA, entre os sécs. XVII-XIX e após o séc. XX:

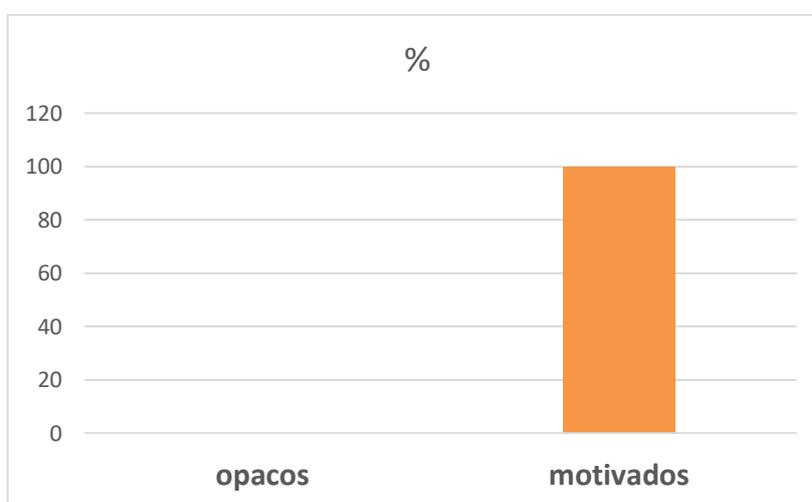


Gráfico 4. Período entre os sécs. XVII-XIX e seu percentual em relação à percepção da motivação toponímica de origem Tupinambá, município de Bragança/PA.

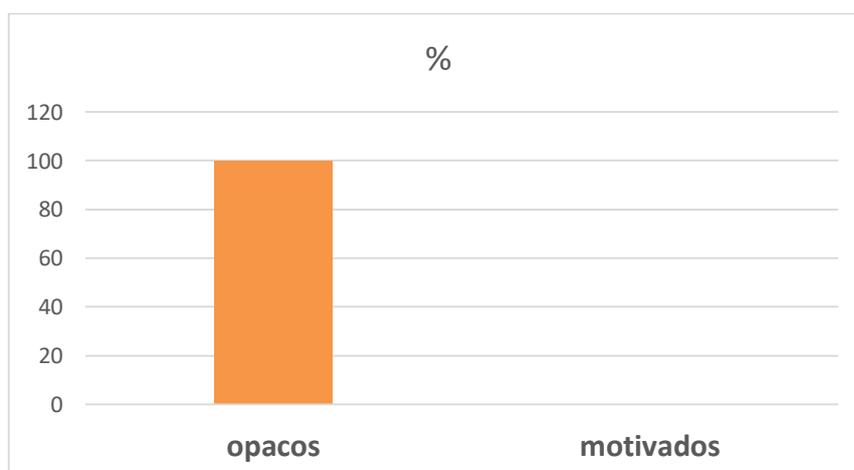


Gráfico 5. Período posterior ao séc. XX e seu percentual em relação à percepção da motivação toponímica de origem Tupinambá, no município de Bragança/PA.

6.5 AS MUDANÇAS FONÉTICAS DA TOPONÍMIA INDÍGENA BRAGANTINA DE ORIGEM TUPINAMBÁ

É notório nos estudos linguísticos que todas as línguas são extremamente variáveis, de modo que o uso delas no cotidiano e a ação do tempo são fatores que influenciam nas mudanças fonéticas que podem apresentar. Trata-se, todavia, de um processo lento, contínuo e gradual (COUTINHO, 1976).

Em se tratando desta pesquisa, tendo como base um caráter histórico: a fundação da Vila Souza do Caeté, em 1634 (Marco inicial), e o final da Revolta da Cabanagem, por volta de 1757 (Marco final), definiu-se que a LGA foi a língua usada na interação comunicativa de pessoas de origem distintas: basicamente europeus, brasileiros, índios e africanos, por isso considerada língua franca (Câmara jr, 1965) e supraétnica (Borges, 1994), mesmo diante das imposições oriundas do Diretório dos índios, de 1757.

Nesse sentido, se tomarmos como ponto de referência os anos entre 1634 e 1757, há de se frisar que as palavras em LGA, especialmente os topônimos estudados, apresentam, inevitavelmente, mudanças fonéticas em sua estrutura vocabular, as quais podem ser explicitadas tendo como base o uso da língua na boca do povo, assim como aconteceu com a LP no seu percurso histórico desde o latim. Viaro (2011, p. 127) afirma que *o latim vulgar paulatinamente se transformou nas línguas românicas mediante a influência da língua do povo que o adotou (substrato) e dos povos que, mais tarde, sobre essa mistura original, contribuíram com seu léxico (superstrato)*. Entende-se que algo muito semelhante aconteceu na Amazônia, pois o Tupinambá genuíno foi se misturando com outras línguas indígenas e sendo modificadas por elas e as modificando também.

Com a chegada dos colonizadores e africanos, o Tupinambá já muito modificado recebe influências, principalmente do português. Isso é confirmado nas palavras portuguesas adaptadas pelos índios, a exemplo de *curuçá* (cruz) e *porucu* (porco), entre muitas outras.

Entende-se que a realidade pretérita da LGA em Bragança/PA apresenta, assim como as línguas num mesmo contexto, inúmeras mudanças fonéticas. Isso, de fato, ocorreu, já que fenômenos como *anteriorização*, *consonantização*, *crase*, *aférese*,

síncope, assimilação, dissimilação, entre muitas outras mudanças, ocorreram na história da LGA em Bragança/PA, tendo como fatores primordiais o *tempo* e o *contato linguístico* (com o português).

Vejam, na Tabela 4 e no Gráfico 6, a seguir, os fenômenos fonéticos observados na história dos topônimos bragantinos paraense de origem Tupinambá.

Tabela 4: Fenômenos fonéticos na toponímia de origem Tupinambá do município de Bragança/PA.

Variação fonética	Qtd.	%.
Aférese	2	1,03
Anteriorização	27	17,64
Assibilação	7	4,57
Assimilação	10	6,53
Consonantização	28	18,30
Crise	10	6,53
Desanализação	7	4,57
Dissimilação	24	14,5
Epêntese	1	0,65
Monotongação	10	6,53
Nasalização	6	3,92
Posteriorização	5	3,26
Paragoge	2	1,03
Síncope	13	8,49
Sonorização	1	0,65
Vocalização	5	3,26
Total	153	100

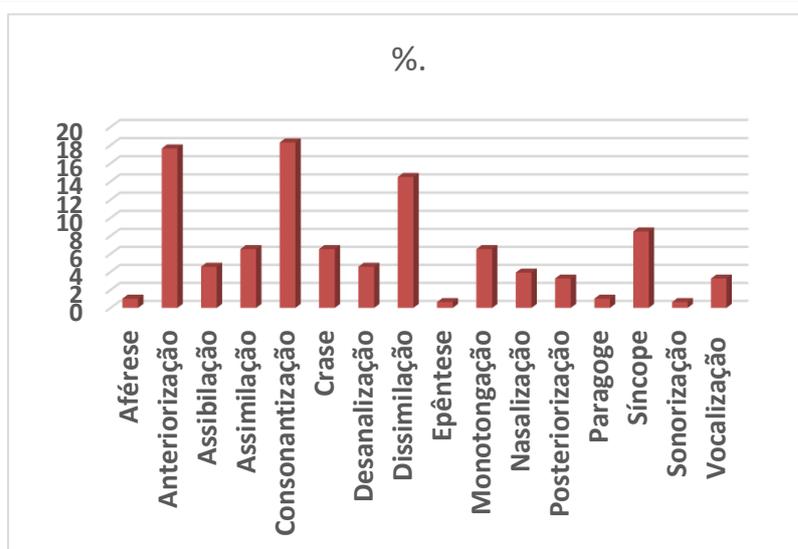


Gráfico 6: Fenômenos fonéticos observados na história dos topônimos bragantinos de origem Tupinambá, tendo como referência a LGA.

Viaro (2011, p. 131) defende que *as leis fonéticas não dão conta de explicar todas as mudanças [...] mas devem ser entendidas como instrumento para a organização das transformações*. A plausibilidade das modificações fonéticas, observada nos topônimos estudados, auxiliou na descoberta da língua usada na nomeação da toponímia bragantina pesquisada.

Por exemplo, a leitura que se faz acerca da toponímia bragantina de origem Tupinambá, baseada nas ilustrações acima, é a de que a vogal gutural /y/, como em *tyua* ou *chay*, anteriorizou-se em /i/ (tiua) ou posteriorizou-se em /u/ (chaú), deflagradas pelo falante do português, especialmente.

Trata-se de uma mudança fonética comum à LGA, referenciada por Edelweiss (1969), entre muitos outros linguistas e não linguistas, os quais mantiveram contato com a língua tupinambá, de que o som gutural, representado pela vogal [i], quando produzido por falantes portugueses, brasileiros ou africanos, por exemplo, sofreria inevitavelmente mudança fonética.

Entende-se que o som vocálico produzido guturalmente não era(é) característico aos falantes bragantinos, nem de nenhum brasileiro, particularidade que contribuiu imensamente para que a mudança, de fato, ocorresse, nesse caso, ora substituída pelo som de [i], ora pelo de [u], como nos exemplos supracitados.

Para Crystal (2000), a anteriorização e a posteriorização são fenômenos produzidos em uma parte anterior e posterior da boca, respectivamente, isto é, em terras brasileiras, no momento da fonação de /y/, ocorria sempre /i/ ou /u/. Tais Mudanças fonéticas mostraram-se bastante produtivas, com o total de 32 ocorrências (20,66%), sendo que o resultado da análise sinaliza para maior tendência de substituição de /y/ por /i/ do que para a vogal /u/, uma vez que a anteriorização se confirmou em 27 ocorrências (16,6%), enquanto a posteriorização, em 5 (3,5%).

Outras Mudanças fonéticas, também, muito produtivas nesta pesquisa foi a consonantização, de *i>j* e de *u>b*. Essa mudança foi importante para a pesquisa porque denuncia, da mesma forma que anteriorização e posteriorização, uma consonantização que, também, aconteceu em LGA em razão do falante do português, assim como ocorreu no latim falado na Península Ibérica, em relação ao uso das semivogais *i* e *u*, a exemplo de *Jesus*, grafado *Iesus*. Não apenas na Amazônia, mas

em todo território brasileiro, a semivogal *i*, em LGA, sofreu mudança para *j*, da mesma forma que aconteceu com *b* para *u*.

Em relação às mudanças fonéticas ocorridas no Pará, Miranda (1942) defende que o som bilabial [b] é raro em LGA, sendo substituído normalmente por /u/, indiferentemente se a mudança aconteça no início ou no interior do vocábulo, como em *uacaua/bacaba* e *caua/caba*, respectivamente.

Ressalta-se que o uso da consoante /b/ era particularidade da LGP. Acerca da mudança *i>j*, o referido autor afirma que a consoante /j/ não existe em LGA, de modo que o uso de /j/ em LGA se deu por implantação do europeu, o que confirma a ideia supracitada.

6.6 A COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO BRAGANTINO DE ORIGEM TUPINAMBÁ

A toponímia bragantina estudada apresenta uma estrutura morfológica passível de descrição, o que não difere de outras línguas.

Dick (1992) salienta que o topônimo, em seu elemento específico, pode ser representado por uma forma *simples* (igarapé *Uruá*), *composta* numa mesma língua ou não (rio *aciteua* [açáí+teua], igarapé *cajueiro* [caiu+eiró]) ou *híbrida* (comunidade *bacuri-prata*, de *yacuri* (tupinambá) + *prata* (português)).

Isto é, a formação *simples* é aquela que se define apenas por um só formante⁵⁸, de preferência substantivo ou adjetivo, podendo se realizar por afixação, como em *ajuruteua* (AF), de *ajeru+tyba*. Na *composta*, há mais de um elemento formador, de origem diversa entre si ou não, do ponto de vista do conteúdo, a exemplo rio *Jejuí* (AF), de *jeju+i* (LGA) ou comunidade *Acarajozinho* (AH), de *acara+yo+inho* (LGA+LGP+LP). Em ambas as formações, tem-se uma estrutura única (sintética).

Quanto à formação híbrida, ocorre quando o topônimo expõe formantes de origem diversa, como portuguesa-indígena ou indígena portuguesa, como *Cajueiro*, de *caiu* (LGA) + *eiro* (LP) ou *Vila Cuera*, de *Vila* (LP) + *cuera* (LGA).

⁵⁸ Entenda-se *formante* como termo-núcleo, que será a base para a classificação taxonômica.

Nesse sentido, os 146 topônimos foram analisados, tendo como referência sua composição, ilustrada no Quadro 16, a seguir. Vejamos:

Quadro 16: Composição morfológica dos topônimos de origem Tupinambá em Bragança/PA.

Topônimo	Etimologia	Elemento específico formador	Topônimo	Etimologia	Elemento específico formador
Rio Acarajó	(LGA+LGP) acara+yo	Híbrido 2 formantes: LGA e LGP	Comunidade Curuatá	(LGA) Caraoatá	Simples 1 formante: LGA
Vila Acarajó Grande	(LGA+LGP+LP) acara+yo+grande	Híbrido 3 formantes: LGA, LGP e LP	Rio Cipó-apára	(LGA) cipó + apára	Composto 2 formantes: LGA
Acarajozinho	(LGA+LGP+LP) Acará+yo+zinho	Híbrido 3 formantes: LGA, LGP e LP	Comunidade Curuperé	(LGA) Curuperé	Simples 1 formante: LGA
Comunidade, Igarapé e Porto Aciteua	(LGA+LGP) Asay+tyba	Simples 1 formante: LGA c/ suf. LGP	Rio Cutitinga	(LGA) Acuti + tinga	Composto 2 formantes: LGA
Praia, Vila e Estrada de Ajuruteua	(LGA+LGP) uaieru+tyba	Simples 1 formante: LGA c/ suf. LGP	Comunidade Inambucuí	(LGA) Inambu+ycuy	Composto 2 formantes: LGA
Ilha e Comunidade Andiroba	(LGA) iandyraua	Simples 1 formante: LGA	Comunidade Jacareteua	(LGA + LGP) lacaré + tyba	Simples 1 formante: LGA c/ suf. LGP
Comunidade Arapiranga	(LGA) arara+piranga	Composto 2 formantes: LGA	Comunidade Japeté	(LGA) lapy + itá	Composto 2 formantes: LGA
Comunidade Arimã	(LGA) Uarumã	Simples 1 formante: LGA	Igarapé e Comunidade Jandiá	(LGA) landiá	Simples 1 formante: LGA
Vila e Estrada de Bacuriteua	(LGA+LGP) uacuri+tyba	Simples 1 formante: LGA c/ suf. LGP	Rio e Bairro Jiquiri	(LGA) lukiri	Simples 1 formante: LGA
Bacuri-prata	(LGA+LP) Uacuri + prata	Híbrido 2 formantes: LGA e LP	Rio e Comunidade Maniteua	(LGA+LGP) amanu+tyba	Simples 1 formante: LGA c/ suf. LGP
Ilha e Comunidade Bacuri	(LGA) uacuri	Simples 1 formante: LGA	Ilha e Furo Muçum	(LGA) musú	Simples 1 formante: LGA
Ilha Boissucanga	(LGA+LGP) boi+uassu+canga	Híbrido 3 formantes: LGA e LGP	Ilha Mucunã	(LGA) mucuna	Simples 1 formante: LGA
Rio e Baía Caeté	(LGA) Caa+eté	Composto 2 formantes: LGA	Comunidade Piaba	(LGA) Piáua	Simples 1 formante: LGA
Ilha, Ig. e Comunidade Cajueiro	(LGA) caiu+eiró	Híbrido 2 formante: LGA e LP	Comunidade Ponta de Bacuriteua	(LGA + LGP) uacuri+tyba	Simples 1 formante: LGA c/ suf. LGP
Igarapé Cajueirinho	(LGA+LP) caiu+eiro inho	Híbrido 3 formantes: LGA e LP	Rio e Comunidade Samaumapara	(LGA) Samaúma+pará	Composto 2 formantes: LGA
Comunidade Cariateua	(LGA) karimã+tyba	Simples 1 formante: LGA c/ suf. LGP	Ponte do Sapucaia	(LGA) Sapucaia	Simples 1 formante: LGA
Comunidade Cariperana	(LGA) Caraipé + rana	Composto 2 formantes: LGA	Furo do Taicy	(LGA) Taicy	Simples 1 formante: LGA
Comunidade Carnaúba	(LGA) Caraná+Yua	Composto 2 formantes: LGA	Bairro do Taíra	(LGA) Tayra	Simples 1 formante: LGA

Continua...

Quadro 16: Composição morfológica dos topônimos de origem Tupinambá em Bragança/PA (cont.).

Topônimo	Etimologia	Elemento específico formador	Topônimo	Etimologia	Elemento específico formador
Comunidade Tamatateua	(LGA + LGP) Tamuatá + tyba	Simples 1 formante: LGA c/ suf. LGP	Igarapé e Comunidade Jandiá	(LGA) landiá	Simples 1 formante: LGA
Rio, Comunidade e Porto Taperaçu	(LGA) tapera + uasu	Composto 2 formantes: LGA	Rio Anauerá	(LGA) Anaurá	Simples 1 formante: LGA
Ilha Tucum	(LGA) Tucum	Simples 1 formante: LGA	Comunidade Bacaba	(LGA) yuacáua	Simples 1 formante: LGA
Rio e Comunidade Urubuí	(LGA) urumbú + y	Composto 2 formantes: LGA	Rio Br.do Tracuateuazinho	(LGA+LGP+LP) taracuí+tyba+zinho	Híbrido 3 formantes: LGA/LGP/LP
Comunidade Urubuquara	(LGA) Urumbú + cuara	Composto 2 formantes: LGA	Comunidade Caiacá	(LGA) Acaiacá	Simples 1 formante: LGA
Comunidade Bacurizinho	(LGA + P) Uacuri + zinho	Híbrido 2 formante: LGA e LP	Rio e Comunidade Cassacuera	(LGA) Caisara+ cuera	Composto 2 formantes: LGA
Comunidade Camutá	(LGA) Caa+mutá	Composto 2 formantes: LGA	Comunidade Curuçá	(LGA) Curusá	Simples 1 formante: LGA
Vila Caratateua	(LGA + LGP) Carauatá+tyba	Simples 1 formante: LGA c/ suf. LGP	Comunidade Japim	(LGA) Iapĩ	Simples 1 formante: LGA
Comunidade Caraná	(LGA) Caraná	Simples 1 formante: LGA	Igarapé Comunidade Jutai	(LGA) Iutay	Simples 1 formante: LGA
Comunidade Jandiá	(LGA) landiá + y	Composto 2 formantes: LGA	Rio e Comunidade Uruá	(LGA) Uruá	Simples 1 formante: LGA
Comunidade Taquandeuá	(LGA+LGP) Tacuara+tyba	Simples 1 formante: LGA c/ suf. LGP	Igarapé Cairara	(LGA) Caiarara	Simples 1 formante: LGA
Rio e Comunidade Una	(LGA) una	Simples 1 formante: LGA	Rio e Travessa Curí	(LGA) Curí	Simples 1 formante: LGA
Vila Cuéra	(LGA) Cuéra	Simples 1 formante: LGA	Comunidade Japim	(LGA) Iapĩ	Simples 1 formante: LGA
Comunidade açaitéua	(LGA+LGP) asay+tyba	Simples 1 formante: LGA c/ suf. LGP	Rio e Comunidade Jejuí	(LGA) Ieiu + y	Composto 2 formantes: LGA
Comunidade Anoerá	(LGA) Anaurá	Simples 1 formante: LGA c/ suf. LGP	Rio, Comunidade e Estrada Jenipau-açu	(LGA) Ienipáua + uasú	Composto 2 formantes: LGA
Rio Arapapucu	(LGA) Arapapá+pucú	Composto 2 formantes: LGA	Rio Jenipau-mirim	(LGA) Ienipáua + mirĩ	Composto 2 formantes: LGA
Comunidade Japetá	(LGA) Iapy + itá	Composto 2 formantes: LGA	Vila Nova Mocajuba	(LP+LGA) Nova+mucaia+yua	Híbrido 2 formante: LGA e LP

Continua...

Quadro 16: Composição morfológica dos topônimos de origem Tupinambá em Bragança/PA (cont.).

Topônimo	Etimologia	Elemento específico formador	Topônimo	Etimologia	Elemento específico formador
Vila Nova Canindé	(LP + LGA) nova + canindé	Híbrido 2 formantes: LGA e LP	Comunidade Miriteua	(LGA) Mbyrity + tyua	Simples 1 formante: LGA c/ suf. LGP
Comunidade e Estrada Alto Urumajó	(LP+LGA+LGP) alto+urumã+yó	Híbrido 3 formantes: LP/LGA/LGP	Ig. e Comunidade Mucura Branca	(LGA+LP) Mycura + branca	Híbrido 2 formantes: LGA e LP
Rio Andirá	(LGA) Andirá	Simples 1 formante: LGA	Comunidade Muruci	(LGA) Myryci	Simples 1 formante: LGA
Comunidade Anhangateua	(LGA + LGP) anhangá + tyba	Simples 1 formante: LGA c/ suf. LGP	Comunidade Pacas	(LGA) Paka	Simples 1 formante: LGA
Rio e Comunidade Araçateua	(LGA+LGP) Arasa + Tyba	Simples 1 formante: LGA c/ suf. LGP	Comunidade Piquiá	(LGA) Pikiá	Simples 1 formante: LGA
Comunidade Arauá	(LGA) Arauá	Simples 1 formante: LGA	Comunidade Pratiqara	(LGA) Parati + cuara	Composto 2 formantes: LGA
Comunidade Arimbu	(LGA) arara + umbu	Composto 2 formantes: LGA	Comunidade Tauari	(LGA) Tauári	Simples 1 formante: LGA
Igarapé Braço do Urumajó	(LP+LGA+LGP) Braço + Uarumã + Yo	Híbrido 3 formantes: LP,LGA e LP	Rio, Distrito Tijoca	(LGA) Tyiuca	Simples 1 formante: LGA
Comunidade Buritizal	(LGA+LP) Myrity + al	Híbrido 2 formantes: LGA e LP	Rio e Comunidade Timborana	(LGA) Timbó + rana	Composto 2 formantes: LGA
Rio e Comunidade Chaú	(LGP) Chá + u	Composto 2 formantes: LGP	Comunidade Tuberana	(LGP+LGA) Tubi+rana	Composto 2 formantes: LGA
Comunidade Cujubim	(LGA) Cuiubí	Simples 1 formante: LGA	Comunidade Ubim	(LGA) Umi	Simples 1 formante: LGA
Ig. e Comunidade Cururutuia	(LGA) Cururu + tuiué	Composto 2 formantes: LGA	Comunidade Uruçu	(LGA) Urusu	Simples 1 formante: LGA
Comunidade Jarana	(LGA) Iará + rana	Composto 2 formantes: LGA	Rio Urumajó	(LGA+LGP) Uarumã+yo	Híbrido 2 formantes: LGA e LGP
Comunidade Jararaca	(LGA) Iararáca	Simples 1 formante: LGA	Comunidade Urumajozinho	(LGA+LGP+LP) Uarumã+yo+zinho	Híbrido 3 formantes: LP,LGA e LP
Comunidade Jurutizal	(LGA+LP) Iuruti + al	Híbrido 2 formantes: LGA/LP	Comunidade Urupiúna	(LGA) Urupê + una	Composto 2 formantes: LGA

A partir do Quadro 16 acima, elaborou-se a Tabela 5, como forma de registrar os topônimos em relação à composição morfológica, baseada em Dick (1992).

Tabela 5: Estrutura morfológica da toponímia de origem Tupinambá, do município de Bragança/PA⁵⁹.

Composição	Qtd.	%.
Simple	54	54
Composta	29	29
Híbrida	17	17
Total	100	100

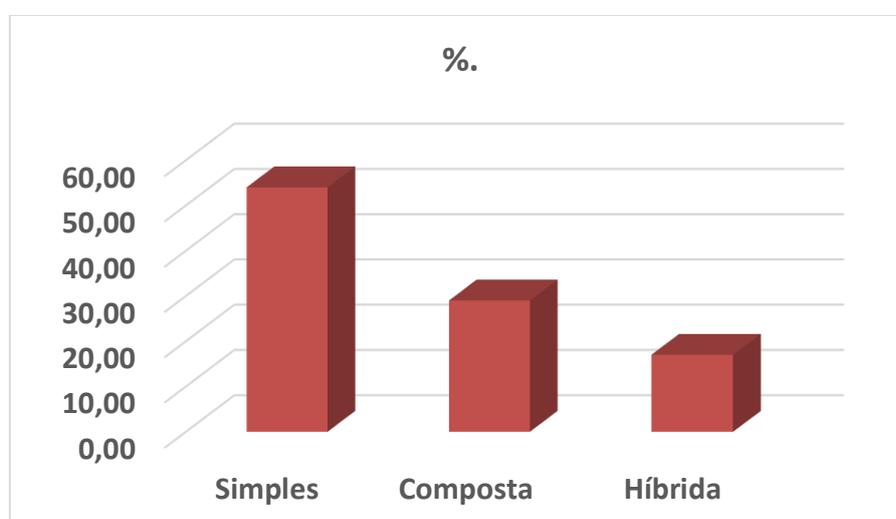


Gráfico 7: Estrutura morfológica da toponímia de origem Tupinambá, no município de Bragança/PA.

Tabela 6: Tipos de estrutura morfológica da toponímia de origem Tupinambá do município de Bragança/PA.

Composição	Qtd.	%.
Simple LGA	39	39
Simple LGP	-	-
Simple LGA c/ suf. LGP	15	15
Composta LGA/LGA	27	28
Composta LGP/LGP	1	1
Híbrido LGA/LP	8	8
Híbrido LGP/LP	-	-
Híbrido LGA/LGP	4	4
Híbrido LGA/LGP/LP	6	6
Total	100	100

⁵⁹ Os topônimos repetidos foram desconsiderados na análise.

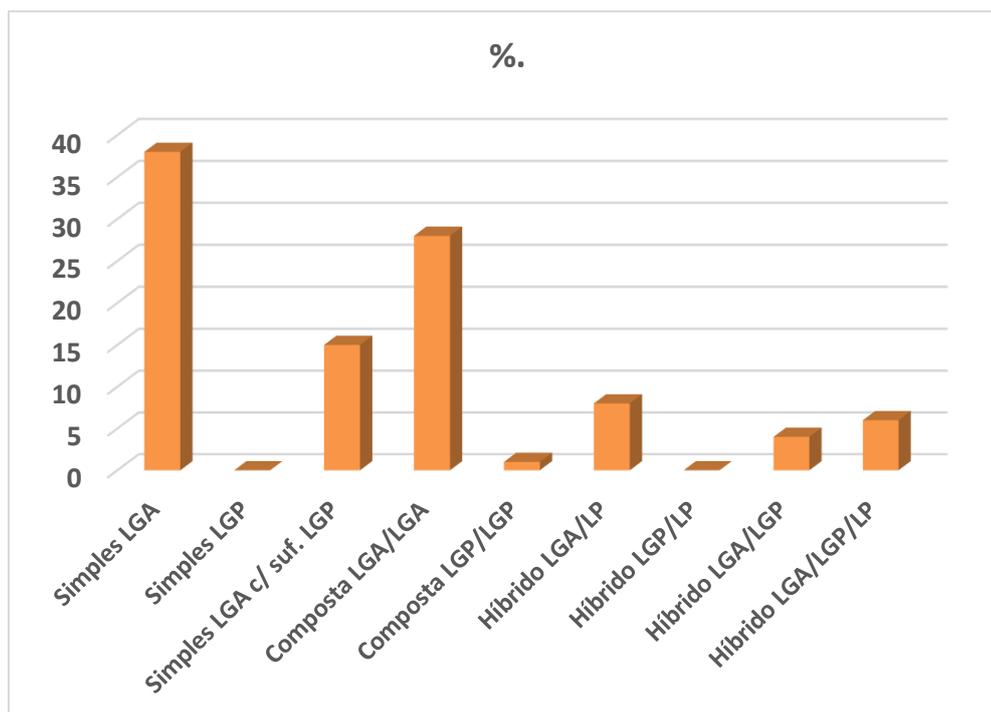


Gráfico 8: Tipos de composição morfológica da toponímia de origem Tupinambá, no município de Bragança/PA.

De acordo com os dados dos Gráficos 7 e 8 acima, observa-se tendência da toponímia bragantina de origem Tupinambá a uma composição morfológica do tipo *simples* (54%), seguida da formação *composta* (29%) e *híbrida* (17%), respectivamente.

A presença da LGA na formação *simples* (38%), *composta* com dois formantes da LGA (28%), *híbrida* LGA/LP (8%), LGA/LGP (4%) e LGA/LGP/LP (6%), sinaliza para uma nomeação em língua portuguesa plenamente influenciada pela LGA. Assertiva confirmada na Fig. 3 (p. 278), que periodiza a hegemonia da língua geral na Amazônia, evidenciando sua presença e importância, já que foi considerada uma língua franca, amplamente utilizada no cotidiano e na economia e, principalmente, como ferramenta de evangelização engebrada pelos padres da Companhia de Jesus.

A presença de terminados termos da LGP (inferior a 8%) deixa transparecer que o processo de evangelização na Amazônia e, especialmente em Bragança/PA, ocorreu em meio ao contato linguístico, mais especificamente entre a LGA, LGP e LP. Nesse sentido, é natural que palavras da LGP tenham entrado na LGA e, posteriormente, na LP.

Isso se comprova nos termos *tyba*, *yo*, *chá* e *u* observados no *corpus* desta pesquisa que, mesmo em um percentual mínimo, demonstra a força do contato entre línguas.

Em LGA, para a ideia de *abundância*, segundo o *Dicionário da Língua Geral do Brasil* (1896, p. 3), usava-se a expressão *cetá mbáe*. *Tyba* é sufixo usado na LGP, oriunda da região Sudeste, conhecida como *abanheenga* e *língua brasílica*. Nesta pesquisa ocorreu em inúmeros topônimos, como *Aciteua*, *Ajurateua*, *Bacuriteua*, *Anhangateua*, *Caratateua*, *Jacareteua*, *Araçateua* e em muitas outras designações, mostrando-se bastante produtivo na formação da toponímia bragantina. A influência da LGA foi tão intensa que *teua*<*tyba* foi usado em detrimento de *-al*, do português, que possui o mesmo significado.

Em *yo*, também da LGP, com o sentido de procedente, registrada em Sampaio (1987) nas palavras *Amanajó*: *amana-yó*: o que provém da chuva ou das nuvens. Amazonas (p.193), *Carijó*: *cari-yó*: o procedente do branco (p. 218) e *Marajó*: *mbará-yó*: tirado do mar, e também o tapa-mar, anteparo do mar. É a ilha grande da foz do Amazonas (p. 280). Stradelli (2014, p. 275), registra, em LGA, a ideia de *procedente* com a expressão *ceмо sui*.

Em relação ao designativo *cháú*, Sampaio (1987) registra *Chá* como forma contrata de *eça*, pronunciado *echá*, o olho, a vista. Alt. *Çá*, *Chá* (p. 222) e *U*, corr. *Y*. A água, o líquido, o rio. A pronúncia difícil da vogal gutural *y* deu origem às formas *u*, *hu*, *gu*, que aparecem com afixos ou sufixos na composição dos vocábulos. Ressalta-se que Dietrich e Noll (2011), em relação à vogal gutural [ʔ], defendem que, sobretudo na região de Angra dos Reis, prevaleceu a vogal /u/, o que justifica o uso em LGP. Stradelli (2014, p. 346) usa as formas *Cesá*: olho, vista e *Y*: água, *pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o português passou como i seguido de g. Ygara, Ygasaha, etc. que são yara, yarasaba etc.*

Esses dados evidenciam que, na nomeação, o denominador, falante do português, de um modo geral, adotou termos da LGA, em sua grande maioria, com algumas palavras incorporadas de procedência da LGP, pela necessidade de denominar os acidentes geográficos diversos e desconhecidos de sua experiência (DIETRICH e NOLL, 2011).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, ao mesmo tempo em que evidencia a importância de pesquisas linguísticas referentes à Lexicologia e à Onomástica, já que envolve Morfologia, Semântica Lexical, Etimologia e Toponímia, evidencia, também, a relevância de estudos sobre a toponímia indígena de origem Tupinambá para a Linguística brasileira, especialmente porque é uma forma de desvelamento e registro da Língua Geral Amazônica (LGA). No entanto, deixa evidente que se trata de um estudo complexo, pois, além de uma perspectiva linguística, as áreas da Etnografia, da História e da Geografia, também, mostram-se importantes e efetivamente necessárias, diria até imprescindíveis, já que o entendimento, na esfera linguística, depende, consideravelmente, de informações extralinguísticas, como a cultura de um povo, de sua história em um determinado espaço geográfico.

Nesta pesquisa, em especial, a História foi incontestavelmente importante, já que foi a partir dela que se pôde delinear os caminhos que os homens brasileiros seguiram para que houvesse, de fato, uma história linguística a ser estudada, para ser, posteriormente, divulgada, como uma história da LGA na Amazônia, especificamente no município de Bragança/PA.

Saber, por exemplo, que os índios Tupinambá viveram na Região Amazônica, foram colonizados e, depois de muito tempo, aqueles que sobreviveram às epidemias e atrocidades tiveram que deixar de falar a sua língua materna para usar o português, em função de medidas políticas, caracteriza-se como saber histórico. A pesquisa evidencia, também, a importância da Geografia, ou seria mais adequado falar de geossociolinguística, até porque as etnias indígenas, os missionários e os demais indivíduos falaram, nesse município, a Língua Geral Amazônica, conhecida, hoje, como Nheengatu e que se mostrou como uma língua franca, usada por todos da região por longos 104 anos de hegemonia na região do Caeté.

Somadas a essas ciências, têm-se, ainda, a Antropologia e a Sociologia, que poderiam desvelar a cultura e o modo de vida social dos indígenas dessa região, mas que não foram abordadas nesta pesquisa, embora sejam, como as outras ciências, muitíssimo importantes para o melhor entendimento linguístico e extralinguístico que envolve a Onomástica toponímica da Região Amazônica e, obviamente, de Bragança/PA.

Prendendo-se apenas à esfera linguística, observou-se que o topônimo é, por si só, complexo, porque envolve a questão de sua composição e, conseqüentemente, sua designação, o que depende do conhecimento morfossemântico da língua LGA, que é, sem dúvida, o Tupinambá modificado, em razão do tempo e dos vários contatos que teve com outras línguas, o que, por sua vez, credencia o pesquisador a fazer descrição etimológica. É nesse ponto que o estudo se torna complexo, pois é difícil, em várias situações, recuperar, de forma fidedigna, a origem de alguns termos da LGA, mostrando as mudanças fonéticas sofridas desde o Tupinambá.

A nosso ver, atualmente, o Tupinambá antigo é pouquíssimo divulgado. Isso é fato e, em muitas situações, aquele que almeja realizar pesquisa etimológica da língua Tupinambá encontrará enormes dificuldades em seu intuito. O tupinambá genuíno era uma língua veicular nativa, que, em um primeiro momento da colonização, foi sistematizada pelos portugueses, originando o Tupinambá jesuítico ou Língua Geral Paulista (Abanheenga). A Língua Geral Amazônica (Nheengatu) teve uma formação diferente, isto é, foi a partir do contato linguísticos entre diversas línguas que ela surgiu.

Nesse sentido, penso que faltam estudos sobre o Tupinambá antigo. Por isso, aventurar-se a fazer etimologia é bem temerário. Por exemplo, a lexia *Jundiaí*, de acordo com Cunha (2010, p.371), designa o rio dos bagres (peixe); Prazeres Maranhão (1846, p.76), por sua vez, diz que se trata de rio do azeite. Qual dos dois está correto? Essa é uma questão colocada em pauta pelo professor Aryon Rodrigues, quando diz que os estudos etimológicos da língua Tupinambá são precários em função da falta de um método etimológico e do desconhecimento sobre a língua (RODRIGUES, 1959).

Para o professor Mário Viaro (USP)⁶⁰, uma língua, quando viva, não está presa em uma sincronia eterna. Parece que os indigenistas caem com muita facilidade nessa falsa premissa. Diz, ainda, o professor, para que se pergunte a um falante de português, na rua: o que é *ló* em "pão-de-ló", o que é *eira* em "sem eira nem beira", o que é *toa* na expressão "à toa"? É nesse terreno, segundo ele, que vicejam as explicações pseudo-etimológicas, uma vez que fantasias acontecem no português, e também nas línguas indígenas, pouquíssimo documentadas. Isso faz lembrar

⁶⁰ Informações obtidas via email, datada de 15/3/13.

Sandmann (1991, p. 32), que confirma as palavras do professor Aryon e do professor Viaro, quando se refere especificamente à lexia toponímica. Diz ele que ainda há poucos estudos que discutem essa questão de forma mais exaustiva, isso porque “nem sempre é simples classificar as palavras, pô-las em gavetas pré-escolhidas e em que elas fiquem bem-comportadas e acomodadas”.

No entanto, esta pesquisa possibilitou responder às questões pre-estabelecidas, de que a toponímia bragantina paraense tem relação direta com a língua Tupinambá modificada, a qual recebeu a denominação de Língua Geral Amazônica (LGA) e, posteriormente, foi chamada de Nheengatu. Embora os topônimos do *corpus* da pesquisa terem sido realizados em português, a designação foi influenciada contundentemente pela LGA. É importante salientar que essa definição só pôde ser delineada em virtude de uma abordagem histórica acerca da fundação do município de Bragança. Isto é, nessas áreas outrora chamadas de capitânicas, era de praxe criar aldeias de repartição, nas quais se falava um dialeto Tupinambá, uma língua supra étnica, uma língua franca. Isso, de fato, aconteceu em Bragança/PA, visto que os missionários fundaram a Missão de João Baptista, fator importante para o desenvolvimento da LGA na região do Caeté.

Outra indagação está ligada à categoria discriminativa do topônimo: em razão do aspecto físico-geográfico do município, a toponímia bragantina, em sua maioria, teria um caráter mais relacionado à fauna e à flora brasileira? Neste ponto, há de se fazer alusão ao que afirmou Rodrigues (2011, p. 32), de que a influência Tupinambá no português se dá, de forma mais visível, nos nomes de animais e de vegetais.

Há, também, de se evidenciar a influência da LGP na LGA, uma vez que determinados termos de origem tupinambá do sudeste e litoral brasileiro mostraram-se presentes no *corpus* desta pesquisa.

Por último, esta pesquisa possibilitou a observação de que os topônimos bragantinos se apresentam em um estágio de fossilização, isto é, perderam o sentido específico e não mais são reconhecidos pelos traços particularizantes, mas apenas pelo que eles representam atualmente, a exemplo do topônimo *caeté*, que, hoje, designa, de imediato, um dos rios de Bragança/PA, de modo que se atesta a perda do sentido original, de *mato bom*. Esse fenômeno linguístico é denominado de fossilização do signo toponímico.

8 REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. **A lexicologia e a teoria dos campos lexicais**. Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 1332-1343.

ALTMAN, Cristina. As línguas gerais sul-americanas e a empresa missionária: linguagem e representação nos séculos XVI e XVII. In FREIRE, José Ribamar Bessa; ROSA, Maria Carlota (orgs.). **línguas gerais: política linguística e catequese na América do Sul no período colonial**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003. p. 57-83.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins – Projeto ATITO**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de São Paulo – USP, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-24032008-132238/pt-br.ph>. Acesso em 23 set 2011.

CAVALCANTE, Lynara Raquel; ANDRADE, Karylleila dos Santos. Estudo do processo de formação e estrutura dos topônimos tocantinenses no contexto da belémbrasil: aspectos morfossintáticos e semântico-lexicais. **CADERNOS DO CNLF**, vol. XII, nº 09, 2009. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/xiicnlf/09/07.pdf> > Acesso: 25 de jul de 2014.

D'AZEVEDO, João Lúcio d'. **Os jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização**. Belém: SECULT, 1999.

BAGNO, Marcos. O que é língua? Imaginário, Ciência e Hipótese. In: LOGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos. **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 354-387.

BARBOSA, Pe. Antônio Lemos. **Curso de tupi antigo**. Gramática, exercícios, textos. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

_____. **Pequeno vocabulário tupi-português**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1955.

BARROS, Maria Cândida D. M. Notas sobre a política jesuítica da língua geral na Amazônia (nos séculos XVII e XVIII). In FREIRE, José Ribamar Bessa; ROSA, Maria Carlota (orgs.). **Línguas gerais: política linguística e catequese na América do Sul no período colonial**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003. p. 85-109.

BARROS, Maria Cândida Drummond Mendes; BORGES, Luiz Carlos; MEIRA, Márcio Augusto Freitas de. **A língua geral como identidade construída**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1996, v. 39 nº 1. Disponível em

<https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/111629/109666/>. Acesso em mar 2015.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 2005.

BORDALLO DA SILVA, Armando. **Contribuição ao estudo do folclore amazônico na Zona Bragantina**. 2ª Ed. Funarte, 1981.

BORGES, Luís Carlos. **O nheengatu na construção de uma identidade amazônica**. Belém, PA: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG. Série Antropologia. Vol 10(2), 1994.

_____. **A Língua Geral Amazônica: aspectos de sua fonêmica**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/SP, 1991. Disponível em: http://etnolingustica.wdfiles.com/local--files/tese%3Aborges-1991/borges_1991.pdf. Acesso em 23 set 2014.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Algumas observações sobre a história social da língua geral amazônica. In: SIMÕES, Maria Socorro do (org.). **Memória e comunidade: entre o rio e a floresta**. Belém: UFPA, 2000.v.1 , p. 103-129.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola (IPQL), 2007.

_____. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo. Parábola, 2002.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1965.

_____. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**, 3ª edição, São Paulo: J. Ozon Editor, 1977.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**, Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

CARDOSO, Armando Levy. **Toponímia brasílica**. Rio de Janeiro: Editora do exército Brasileiro, 1961.

CARVALHINHOS, Patrícia Jesus de. Estudos de Onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial. In: Maria Célia Lima-Hernandes; Maria João Marçalo; Guaraciaba Micheletti; Vima Lia de Rossi Martin. (Org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH-USP, 2008, v. , p. -.

CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de. **Índios cristãos: a conversão dos gentios na Amazônia portuguesa (1653-1769)**. 2005. 407f. Tese (doutorado em história) - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2005. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000348218&fd=y>. Acesso em 17 maio de 2014.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Uma conquista tão dilatada: a Coroa Portuguesa e a migração voluntária para a Amazônia (século XVII). In: SARGES, Maria de Nazaré et al. (orgs.). Belém: Paka-Tatu, 2010, p. 85-92.

CHAMBOULEYRON, Rafael; NEVES NETO, Raimundo Moreira das Neves. **Jesuítas, moradores e colégios na Amazônia colonial**.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 7ª ed. rev. Rio de Janeiro: ao livro Técnico, 1976.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

CRUZ, Aline da. **Fonologia e gramática do nheengatu: a língua falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa**. Tese de Doutorado (2011). Disponível em http://www.lotpublications.nl/Documents/280_fulltext.pdf. Acesso em 23 março de 2013.

DIAS, Antônio Gonçalves. **Vocabulário da língua geral usada hoje em dia no Alto-Amazonas**. Revista do Instituto Histórico Geográfico do Brasil. Rio de Janeiro, RJ, 3ª série, n. 16, p. 554-576, out./dez. 1854. Disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendaju: http://biblio.etnolinguistica.org/dias_1q854_vocabulario. Acesso em: 18 ago. 2013.

DICK, M. V. de P. do. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

_____. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do estado de SP, 1990.

_____. **O português do Brasil no período colonial**. disponível em: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ6_13.htm. Acesso em: 01 set. 2013.

_____. **Toponímiae línguas indígenas do Brasil**. In: Estudos Avançados 8(22), 1994.

_____. **O Português do Brasil no Período Colonial**. Cadernos do CNLF (CiFEFil), Rio de Janeiro, v. V, p. 133-146, 2002.

_____. **Etnia e etnicidade**. Um novo modo de nomear. **Projeto ATESP/ATB**. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. As ciências do léxico. v. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. _____.

_____. **Rede de conhecimento e campo lexical**: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. As Ciências do léxico. v. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. 121-130.

Drummond, Carlos. **Contribuição do bororo à toponímia brasílica**. São Paulo: USP, 1965.

DI TIZIO, Ideli Raimundo. **Tietê ontem e hoje**: preservação ou mudança toponímica e a legislação do ato de nomear. Uma proposta de lei. Tese (Doutorado), FFLCH-USP, São Paulo, 2008

DUBOIS, Jean. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2004.

EDELWEISS, Frederico. **Estudos tupis e tupi-guaranis**: confrontos e revisões. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1969. Digitalizado pela Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. Disponível para download no endereço http://biblio.etnolingustica.org/edelweiss_1969_estudos. Acesso em 21 maio 2013.

ELIA, Sílvio. **Fundamentos histórico-linguísticos do português do Brasil**. Rio de Janeiro: Lucena, 2003.

FARACO, Carlos Alberto (org.). **Estrangeirismos**: guerra em torno da língua. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

FERREIRA, A. B. H. de. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8ª ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FILHO, Armando Alves et al. **Pontos de história da Amazônia**. 2ª ed. Belém: produção Independente, 1999.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio babel**: a história das línguas na Amazônia. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011

_____. **Da língua geral ao português**: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia. 2003. 293f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, 2003. Disponível em: <http://www.etnolingustica.org/tese:bessa-freire-2003>. Acesso em 20 jun. 2013.

_____. Da "fala boa" ao português da Amazônia brasileira. In: **Ameríndia, revue d'ethnolinguistique**, n B, pp. 39-83, Sobornne, Paris, 1983. Republicada em *Amazônia em Cadernos*, revista anual do Museu Amazônico, da Universidade Federal do Amazonas, v. 6, p. 1-83, 2000. Disponível para acesso em <http://www.taquiprati.com.br/arquivos/pdf/FalaboaVersao2001.pdf>. Acesso em 12 out. 2013.

FREIRE, José Ribamar Bessa; ROSA, Maria Carlota (orgs.). **Línguas gerais**: políticas linguísticas e catequese na América do Sul. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GABAS JR. Língua histórica. In: MUSSALIN, Fernanda & Anna Christina BENTES (orgs.) **Introdução à Lingüística**: Domínios e Fronteiras. São Paulo: Cortez Editora. 2003, v. 1, p. 78-102.

GALUCIO, Ana.Vilacy. A Relação entre linguística, etnografia e arqueologia: um estudo de caso aplicado a um sítio com ocupação tupiguarani no sul do Estado do Pará. In: Edithe Pereira; Vera Guapindaia. (Org.). **Arqueologia Amazônica**. Belém: MPEG, 2010, v. 2, p. 795-82.

GOMES, Nataniel dos Santos. Síntese da gramática tupinambá. In: **II Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, 1998, Rio de Janeiro. Anais do II CNFL. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 1998.

HARTT, Charles Frederick. **Notas sobre a língua geral, ou tupi moderno do Amazonas**. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Volume LI, p. 305-390. Rio de Janeiro: M. E. S. Serviço Gráfico, 1938[1929].

HOUAISS, Antônio.; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2ª reimp. alt. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Mapa etno-linguístico de Curt Nimuendaju**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em colaboração com a Fundação Nacional Pró-Memória. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

_____. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Onome do município. um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense**. Prolíngua. V 2. N. 2, p 34-52, jul./dez., 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/13403>. Acesso em 25 maio 2014.

KEHDI, Valter. **Morfemas do português**. São Paulo: Ática, 2006.

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Tradução de Marilda W. Averborg e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

_____. **Semântica**. Tradução de Wanda Ramos. Lisboa: Presença, 1980. v.1.

LOGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos (orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2011.

MARIANI, Bethania. **Colonização linguística: línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII)**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à semântica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MARTINET, André. **Elementos de linguística geral**. 5ª ed. Tradução de Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1973.

MAUÉS, Heraldo. **Origens históricas da cidade de Bragança (1967)**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/126795/123775>. Acessado em 17 de abril de 2014.

MENDES, Fátima Martins. **Léxico toponímico de Diamantina: língua, Cultura e Memória (2010)**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-8TEFD7>. Acesso abril 2014.

MIRANDA, Vicente Chermont de. **Glossário paraense: coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha do Marajó**. Belém: Coleção Amazônica. Série Ferreira Pena, Universidade Federal do Pará, 1968.

_____. **Estudo sobre o nheengatu**. Ministério da Educação. Anais da Biblioteca Nacional do rio de Janeiro. V. LXIV. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:miranda-1944-nheengatu>. Acesso em 10 out. 2012.

MOORE, Denny. Línguas indígenas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tommaso (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

MONTEIRO, Benedito. **História do Pará**. Belém: Delta/O Liberal, 2001.

MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, tapuias e historiadores**: estudos de História Indígena e do Indigenismo. 2001. 235f. Tese (Concurso de Livre Docência) - Universidade de Campinas, SP - UNICAMP, 2001. Disponível em: <http://venus.ifch.unicamp.br/ihb/estudos/TupiTapuia.pdf>. Acesso em 7 fev. 2014.

MORETTI, Luiza. **Capitania do Caeté**. In: BiblioAtlas - Biblioteca de Referências do Atlas Digital da América Lusa. Disponível em: http://lhs.unb.br/biblioatlas/Capitania_do_Caet%C3%A9. Data de acesso: 6 de abril de 2014.

MOREIRA PINTO. **Dicionário geográfico do Brasil**. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1884. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242759>. Acesso em 27 de jun de 2017.

NAVARRO, Eduardo Almeida. **Método moderno de tupi antigo**: a língua do Brasil dos primeiros séculos". São Paulo. Global. 2006.

NETO, Sílvio de Almeida Toledo; Santiago-Almeida, Manoel Mourivaldo. Variedade do português brasileiro na trilha dos bandeirantes paulistas: o que há de indígena em corpora do projeto Filologia Bandeirante. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (orgs.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 119-140.

NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (orgs.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, A. M. P. P. & ISQUERDO, A. N. (orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. 2ª ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Luciana de Fátima. Projeto de consolidação de um território: da Vila de Souza do Caeté à Vila de Bragança: 1740 – 1760. 2008. 163f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás – UFGO, Goiás, 2008. Disponível em: http://pos-historia.historia.ufg.br/uploads/113/original_OLIVEIRA__Luciana_de_F_tima.pdf. Acesso em: 28 mar. 2013.

_____. **A Vila de Bragança, rios e caminhos**: 1750-1753. Revista Mosaico, v.1, n.2, p.188-197, jul./dez., 2008. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/download/578/462>. Acesso em: 28 mar. 2013.

_____. **A importância dos Tupinambá na formação da Vila de Bragança - Estado do Grão-Pará: 1740-1760.**

PEREIRA, Renato Rodrigues. **Taxionomias toponímicas e relações com a Terminologia.** Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 217-243, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/10946/9654>. Acesso em 10 de jan 2018.

PIMENTEL, Luís Antônio. **Topônimos tupis de Niterói.** Niterói, RJ: Icaraí, 1988.

RAYMUNDO, Letícia Oliveira de. **O estado do Grão-Pará e Maranhão na nova ordem política pombalina: a companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão e o diretório dos índios (1755-1757).** Almanack Braziliense, Revista Eletrônica. n.03, maio, 2006. Disponível em: www.ieb.usp.br/publicacoes/doc/almanack_03_1322177388.pdf. Acesso em: 15 maio 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Contribuição para a etimologia dos brasileirismos.** Revista Portuguesa de Filologia, vol. 9, p. 1-54. Coimbra: Instituto de Estudos Românicos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1958.

_____. Tupí, tupinambá, línguas gerais e português do Brasil. In: Volker Noll e Wolf Dietrich (orgs.). **O português e o tupí no Brasil.** São Paulo: Contexto: 2010, p. 27-47.

_____. **A composição em tupi.** Curitiba, PA: Revista Logos, 1951.

_____. **Relações internas na família tupi-Guarani.** Revista de Antropologia, 27/2/: 35:53. 1985.

_____. Aspectos da história das línguas indígenas da Amazônia. In: SIMÕES, Maria Socorro do (org.). **Sob o signo do Xingu.** Belém/PA: IFNOPAP/UFGPA, pp. 37-51, 2003. Disponível em http://www.amazoe.org.br/textoreferencia/aspectos_da_historia_das_linguas_indigenas_da_amazonia.pdf. Acesso em abril de 2014.

_____. 1996. As línguas gerais sul-americanas. *Papia*, 4(2), p. 6-18. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Arodriques-1996/rodriques_1996_linguas_gerais.pdf. Acesso em 30 de ago de 2016.

RODRIGUES, Dário Benedito. Bragança, 393 anos de história. **Diário do Pará.** Belém, 08 jul. 2006. Caderno Cidade, p. A-11.

RODRIGUES, João Barbosa. 1892. **Vocabulário indígena comparado para mostrar a adulteração da língua** (complemento do Poranduba Amazonense). Publicação da

Bibliotheca Nacional. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/rodrigues_1892_vocabulario. Acesso em 23 de agosto de 2013.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. **Espelhos partidos**: etnia, legislação e desigualdade na colônia. Manaus: Ed. da Universidade Federal do Amazonas/EDUA, 2011.

SANDMANN, Antonio José. **Competência Lexical**. Curitiba: Editora da UFPR, 1991.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2005.

SEIXAS, Manoel Justiniano de. Vocabulário da língua indígena geral para uso do seminário episcopal do Pará. Impresso por Joaquim Francisco de Mendonça, 1853. Disponível em:

SILVA, Daniela Souza de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **A presença do tupinismo na língua falada nas capitais brasileiras**: um estudo no campo léxico da fauna brasileira. Linguagem: estudos e pesquisas, Catalão, vol. 14, n.2, 2010. Disponível em: www.revistas.ufg.br/index.php/lep/article/download/14725/9198. Acesso em 08 set 2013.

SIQUEIRA, José Leôncio de. **Trilhos**: o caminho dos sonhos (memorial da estrada de ferro de Bragança). Bragança/PA: ?, 2008.

STRADELLI, Ermano. **Vocabularios da lingua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez**. Revisão de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

TAVARES, Maria Goetti da Costa. **A formação territorial do espaço paraense**: dos fortes à criação de municípios. Revista ACTA Geográfica, ANO II, n°3, jan./jun. de 2008. p.59-83. Disponível em: <http://revista.ufrb.br/index.php/actageo/article/view/204/364>. Acesso em 21 out 2013.

TUFFANI, Eduardo. **Introdução ao tupi**. Confluência, v. 1, n. 2, pp. 97-108. Assis, Universidade Estadual Paulista, 1994. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/artigo:tuffani-1994>. Acesso em 12 abril 2014.

TURAZZA, Jeni Silva. **Léxico e criatividade**. São Paulo: Annablume, 2005.

ULLMANN, STEPHEN. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1961.

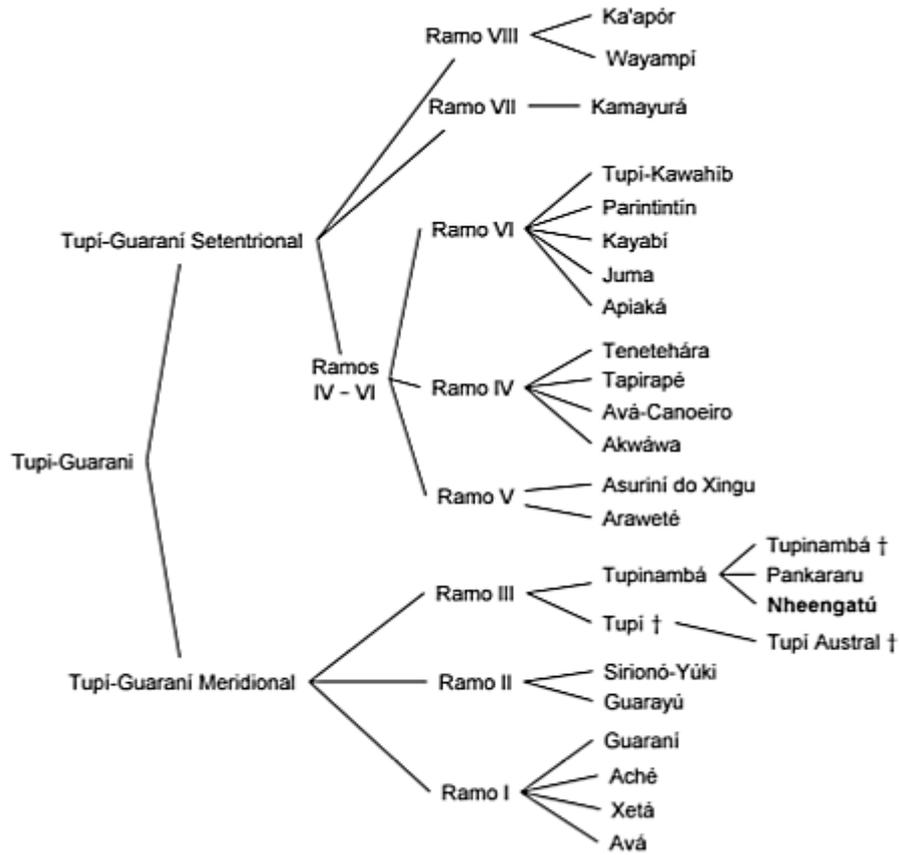
VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

VILELA, Mário. **Estudos do léxico português**. Coimbra: Almedina, 1994.

XAVIER, Vanessa Regina Duarte. **Lexicologia, lexicografia e filologia**: intersecções e especificidades epistemológicas. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. P. 1-7. Disponível no site: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_1001.pdf. Acesso em 15 de maio de 2013.

9 ANEXO

ANEXO I: Tupinambá, Nheengatú e família Tupi-Guarani (diagrama).



Fonte: Cruz (2011, p. 3).

10 APÊNDICE

APÊNDICE I: Ficha lexicográfico-toponímica de 6 topônimos de origem Tupinambá do município de Bragança/PA (amostragem de 1 topônimo de cada distrito pesquisado).

Ressalta-se que, no preenchimento das fichas lexicográficas, sistematizadas por Dick (2004), apresentadas neste Apêndice I, os componentes *Histórico* e *Contexto Situacional* não foram utilizados, em razão de os topônimos pertencerem ao mesmo referencial espacial (Bragança/PA) e de as validações realizadas junto aos moradores não apresentarem informações sobre o contexto situacional dos distritos.

1. **Município:** Bragança/PA
2. **Localização:** distrito sede (Bragança)
3. **Topônimo:** Ajuruteua
4. **Acidente Geográfico:** Vila (AH)
5. **Taxeonomia:** Fitotopônimo
6. **Etimologia:** (1) *s.m.* Var. 5 *abajeru*, 6 *guajeru*, 7-8 *guajerú*, 9 *guajirú* [>T iuaiu'ru]; (2) sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este *tyua*, que aportuguezado deu *tiba* e *tuba* conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do *y*— isto é, a pronúncia do *i* tapuío. *Caiutyua* — lugar de cajús, deu *Cajutiba*, *Cajutúba*. *Itatyua* — *terra de pedras*, deu *Itatiba*, *Itatúba*. Alguma vez se ouve confundir-se *Tyua* com *Téua*, mas é erro e pouca atenção. *Téua* exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que *Tyua* não tem.
7. **Entrada Lexical:** Uiaeru e Tyua.
8. **Estrutura Morfológica:** formação simples do elemento *uiaeru* [<T iuaiu'ru], com sufixação de *tyba*, em que *ajuruteua* representa o aportuguesamento dos elementos *uaieru* e *tyua*, da LGA.
9. **Informações Enciclopédicas:** pequena vila litorânea, localizada a 36 quilômetros da cidade de Bragança, nordeste do estado do Pará, com mesmo nome da praia e da estrada.
10. **Fontes:**
STRADELLI, Ermano. **Vocabularios da lingua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez**. Revisão de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.
11. **Nome do Pesquisador:** Marcos Jaime Araújo
12. **Nome do Revisor:** Sidney da Silva Facundes
13. **Data da Coleta de Dados:** 04/05/2012

1. **Município:** Bragança/PA
2. **Localização:** distrito de Caratateua
3. **Topônimo:** Cuéra
4. **Acidente Geográfico:** Vila (AH)
5. **Taxeonomia:** Cronotopônimo
6. **Etimologia:** que foi e já não existe. *Tauá cuéra* - povoação destruída, que foi e já não existe. *Mira cuéra* - Gente que foi. Posposto ao verbo dá-lhe a significação de aoristo. *Xapena cuéra* - Quebrara. Tornando-se conjuntivo com a adição de *maa* ou *amú*. *Xapena cuéra amú* - Teria quebrado.
7. **Entrada Lexical:** Cuera
8. **Estrutura Morfológica:** formação *simples do formante cuéra*, em que *cuéra*, da LGA, foi aportuguesado em *cuera*, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.
9. **Informações Enciclopédicas:** antiga Vila Sousa do Caeté, fundada na primeira metade do séc. XVII, à margem direita do rio Caeté. Hoje, chama-se Vila Cuera, a vila que foi.
10. **Fontes:**

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

STRADELLI, Ermano. **Vocabularios da lingua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez**. Revisão de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.
11. **Nome do Pesquisador:** Marcos Jaime Araújo
12. **Nome do Revisor:** Sidney da Silva Facundes
13. **Data da Coleta de Dados:** 04/05/2012

1. **Município:** Bragança/PA
2. **Localização:** distrito de Vila do Treme
3. **Topônimo:** Japetá
4. **Acidente Geográfico:** Comunidade (AH)
5. **Taxeonomia:** Drasitopônimo
6. **Etimologia:** apedrejado, lançar pedra.
7. **Entrada Lexical:** lapytá
8. **Estrutura Morfológica:** formação composta de 2 formantes: iapi e *itá*. Ressalta-se que esses elementos, ambos de origem Tupinambá, foram aportuguesados em *japetá*, o que ratifica a influência da LGA na LP.
9. **Informações Enciclopédicas:** não encontrado.
10. **Fontes:**
STRADELLI, Ermano. **Vocabularios da lingua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez**. Revisão de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.
11. **Nome do Pesquisador:** Marcos Jaime Araújo
12. **Nome do Revisor:** Sidney da Silva Facundes
13. **Data da Coleta de Dados:** 04/05/2012

1. **Município:** Bragança/PA
2. **Localização:** distrito de Almoço
3. **Topônimo:** Caiacá
4. **Acidente Geográfico:** Comunidade (AH)
5. **Taxonomia:** Fitotopônimo
6. **Etimologia:** cedro, várias espécies de *Cedella brasiliensis* e afins. É árvore de alto porte, muito comum em certos logares, crescendo de preferência nas margens altas dos rios [...]
7. **Entrada Lexical:** Acaiacá
8. **Estrutura Morfológica:** formação *simples* do elemento *acaiacá*, de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em *caiacá*, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.
9. **Informações Enciclopédicas:** não encontrado.
10. **Fontes:**
STRADELLI, Ermano. **Vocabularios da lingua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez**. Revisão de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.
11. **Nome do Pesquisador:** Marcos Jaime Araújo
12. **Nome do Revisor:** Sidney da Silva Facundes
13. **Data da Coleta de Dados:** 04/05/2012

1. **Município:** Bragança/PA
2. **Localização:** distrito de Nova Mocajuba
3. **Topônimo:** Japim
4. **Acidente Geográfico:** Comunidade (AH)
5. **Taxonomia:** Fitotopônimo
6. **Etimologia:** Japim, *Cacicus*. O mais comum no Amazonas é o preto, com os encontros, as costas e o uropígio amarelo, e é este que se chama corretamente japim sem outros adjetivos.
7. **Entrada Lexical:** lapĩ
8. **Estrutura Morfológica:** formação *simples* do elemento *lapĩ*, de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em *japim*, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.
9. **Informações Enciclopédicas:** não encontrado.
10. **Fontes:**
STRADELLI, Ermano. **Vocabularios da lingua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez**. Revisão de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.
11. **Nome do Pesquisador:** Marcos Jaime Araújo
12. **Nome do Revisor:** Sidney da Silva Facundes
13. **Data da Coleta de Dados:** 04/05/2012

1. **Município:** Bragança/PA
2. **Localização:** distrito de Tijoca
3. **Topônimo:** Jejuí
4. **Acidente Geográfico:** Rio (AF)
5. **Taxeonomia:** Zoo-hidrotopônimo
6. **Etimologia:** pequeno peixe de escama, que os pescadores do Baixo Amazonas dizem ser a melhor isca para pegar pirarucú de anzol. Pelo que afirmam tem épocas em que tem menstros e em que para nada servem, (2) água, pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o português passou como *i* seguido de *g*. Ygara, Ygasaha, etc. que são *yara*, *yarasaba* etc.7. **Entrada Lexical:** lapĩ
8. **Estrutura Morfológica:** formação *simples* do elemento *lapĩ*, de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em *japim*, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.
9. **Informações Enciclopédicas:** não encontrado.
10. **Fontes:**
STRADELLI, Ermano. **Vocabulários da língua geral português-nheêngatú e nheêngatú-português**. Revisão de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.
11. **Nome do Pesquisador:** Marcos Jaime Araújo
12. **Nome do Revisor:** Sidney da Silva Facundes
13. **Data da Coleta de Dados:** 04/05/2012

APÊNDICE II: Tabelas com os topônimos de origem Tupinambá validados pelos moradores dos distritos estudados.

Tabela 7: Topônimos de origem Tupinambá de Bragança/PA (sede), validados junto aos moradores do local.

Ac. geográfico	Topônimo	Qtd.
Baía	Caeté	1
Bairro	Jiquiri, Taíra, Samaumapara	3
Comunidade	Acarajozinho, Aciteua, Arapiranga, Arimã, Bacuri-Prata, Cajueiro, Cariateua, Cariperana, Carnaúba, Curuatá, Curuperé, Inambucuí, Jacareteua, Japetá, Jandiá, Maniteua, Piaba, Pontinha de Bacuriteua, Tamatateua, Tapera-açú, Urubuqura, Urubuí	22
Estrada	Ajuruteua, Bacuriteua	2
Furo	Muçum, Taicy	2
Igarapé	Cajueirinho	1
Ilha	Andiroba, Bacuri, Boissucanga, Cajueiro, Mucunã, Muçum, Tucum	7
Praia	Ajuruteua	1
Ponte	Sapucaia	1
Porto	Taperaçú	1
Rio	Acarajó, Caeté, Cipó-Apara, Cutitinga, Jiquiri, Maniteua, Samaumapara, Tapera-açú, Urubuí	9
Vila	Acarajó Grande, Ajuruteua, Bacuriteua	3
Total		53

Tabela 8: Topônimos de origem Tupinambá de Caratateua, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.

Ac. geográficos	Topônimo	Qtd.
Comunidade	Bacurizinho, Camutá, Caranã, Jandiaí, Tacuandeua, Una	6
Distrito	Caratateua	1
Rio	Caeté, Una	2
Vila	Cuéra	1
Total		10

Tabela 9: Topônimos de origem Tupinambá da Vila do Treme, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.

Ac. geográficos	Topônimo	Qtd.
Comunidade	Aciteua, Anoerá, Japetá, Jandia	4
Igarapé	Aciteua, Arapapucu	2
Porto	Aciteua	1
Rio	Caeté, Una	2
Total		9

Tabela 10: Topônimos de origem Tupinambá de Almoço, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.

Ac. geográficos	Topônimo	Qtd.
Comunidade	Bacaba, Bacuri, Caiacá, Cassacuera, Curuçá, Japim, Jutaí, Uruá	8
Igarapé	Jutaí, Uruá	2
Rio	Anauerá, Caeté, Cassacuera, Braço do Tracuateuazinho	4
Total		14

Tabela 11: Topônimos de origem Tupinambá da Nova Mocajuba, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.

Ac. geográficos	Topônimo	Qtd.
Comunidade	2ª Trav. do Curí, Japim	2
Distrito	Nova Mocajuba	1
Igarapé	Cairara, Cajueiro	2
Rio	Caeté, Curí, Jejuí, Jenipaú-açú, Jenipaú-mirim	5
Vila	Nova Canindé	1
Total		11

Tabela 12: Topônimos de origem Tupinambá de Tijoca, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.

Ac. geográficos	Topônimo	Qtd.
Comunidade	Açaiteua, Alto Urumajó, Anhangateua, Andiroba, Anoerá, Araçateua, Arauá, Arimbu, Bacuri, Buritizal, Chaú, Cujubim, Cururutuia, Jacareteua, Jarana, Jararaca, Jejuí, Jenipaú-açú, Jurutizal, Mititeua, Mucura Branca, Muruci, Ubim, Uruçu, Tauari, Timborana, Pacas, Piquiá, Pratiqara, Urumajozinho, Urupiúna	31
Distrito	Tijoca	1
Estrada	Alto Urumajó, Jarana, Jenipaú-açú	3
Igarapé	Braço do Urumajó, Cururutuia, Jandiá, Mucura branca, Timborana, Tuberana	6
Rio	Andirá, Araçateua, Caeté, Chaú, Jejuí, Jenipaú-açú, Tijoca, Urumajó	8
Total		49

Com base nas confirmações dos moradores dos distritos estudados, registrados nas Tabelas 16-21, acima, foi possível compor a Tabela 22, a seguir, na qual são registradas as toponímias de origem Tupinambá do município de Bragança/PA, por cada distrito.

Tabela 13. Topônimos de origem tupinambá do Município de Bragança/PA, por cada distrito, a partir da validação dos moradores dos distritos estudados.

Distrito	Topônimo (Qtd.)
Bragança (sede)	53
Caratateua	10
Vila do Treme	9
Almoço	14
Nova Mocajuba	11
Tijoca	49
Total	146

APÊNDICE III: Quadros de análise, descrição e classificação da toponímia bragantina de origem Tupinambá.

Quadro17: Análise, descrição e classificação dos topônimos de origem Tupinambá do distrito-sede, Município de Bragança/PA.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Rio Acarajó (1)	(LP + LGA + LGP) rio + akara + yo	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 1669)	Rio: substantivo masculino. 1 Rubrica: hidrografia. Curso de água natural, mais ou menos torrencial, que corre de uma parte mais elevada para uma mais baixa e que deságua em outro rio, no mar ou num lago.	
Miranda (1942, p. 119)	Uacará: diversos peixes da água doce e límpida tem este nome. Entre os brasileiros perdeu o u inicial. <i>Chactobranchus robustus</i> .	
Moreira Pinto (1887, p. 44)	Acarajó: Ilha da província do Pará, no município de Melgaço ⁶¹ .	
Sampaio ⁶² (1978, p. 193, 218, 280)	Amanajó: amana-yó: o que provém da chuva ou das nuvens. Amazonas. Carijó: cari-yó: o procedente do branco. Marajó: mbará-yó: tirado do mar, e também o tapa-mar, anteparo do mar. É a ilha grande da foz do Amazonas. Pará. V. Mbará .	
Stradelli (2014, p. 315)	Acará: cará. Casta de peixe fluvial e marinho. Várias espécies de <i>Lobotes</i> , <i>Heros</i> , <i>Sciaenoides</i> .	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio Elemento Específico: peixe acará (<i>uacará</i>) + jó (<i>yo</i>) Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não mais é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem mais percebê-lo como <i>procedência</i> de peixes <i>acarás</i>		
Classificação taxonômica		
Zoo-proeletsitopônimo: considera-se como elemento genérico o rio (o curso d'água) e, como específico, o lugar (procedência) onde se apanha o peixe <i>acará</i> . Se se considera como el. específico a <i>procedência</i> , a taxa mais coerente é <i>Proeletsitopônimo</i> , em que <i>proeletsis</i> , do grego, significa <i>procedência</i> . Porém, como se trata do peixe <i>acará</i> e não de outro peixe (piranha, por exemplo), a motivação em relação ao animal é, também, importante e precisa ser levada em conta, por isso uma taxa híbrida.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação híbrida de 3 elementos: <i>rio</i> , da LP, <i>acará</i> e <i>jo</i> , ambos de base Tupinambá (LGA e LGP, respectivamente, <i>acará</i> e <i>yo</i>), os quais foram aportuguesados em <i>acarajó</i> , a partir de empréstimos junto à LGA, ressaltando que <i>yo</i> ocorre somente em composição formada com palavras indígenas (Urumajó, Acarajó, carijó, Marajó etc.). Tal composição caracteriza uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA. Frisa-se que o termo <i>yo</i> (LGP) foi primeiramente incorporado à LGA e, posteriormente, à LP, quando ocorreu a consonantização de <i>y</i> em <i>j</i> .		
Mudança fonética		
Uacara+yo > acarayo > acarajó: 1) Justaposição de <i>uacara</i> e <i>yo</i> (<i>uacarayo</i>). 2) Substituição ua>a , observada em LGA no início do vocábulo, por monotongação (<i>acarayo</i>). 3) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal <i>i</i> (<i>acaraio</i>). 4) Substituição i>j , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>acarajó</i>).		
Mudanças fonéticas: monotongação (ua>a), anteriorização (y>i), consonantização (i>j).		

Continua...

⁶¹ Frisa-se que, mesmo não representando o rio localizado no município de Bragança/PA, o registro em Moreira Pinto (1884, p. 44) confirma a morfologia da palavra já incorporada à LGA, o que corrobora a descrição morfossemântica, referente ao topônimo *Acarajó* em LP.

⁶² Referência à forma *yo* (origem, procedência) em LGP.

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Vila Acarajó Grande (2)	(LP + LGA + LGP + LP) vila + akara + yo + grande	Vila
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 985, 1945)	Grande: <i>adj.2g.</i> (sXIII cf. FichIVPM) 1 de tamanho avantajado; vasto <pés g.> <carro g.>. Vila: substantivo feminino. 1 Povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia. 6 Qualquer conjunto de casas agrupadas. Ex.: <i>v. militar.</i>	
Miranda (1942, p. 119)	Uacará: diversos peixes da água doce e límpida tem este nome. Entre os brasileiros perdeu o <i>u</i> inicial. <i>Chactobranthus robustus.</i>	
Moreira Pinto (1887, p. 44)	Acarajó: Ilha da província do Pará, no município de Melgaço.	
Sampaio (1978, p. 218)	Yo: jó. O procedente	
Stradelli (2014, p. 315)	Acará: cará. Casta de peixe fluvial e marinho. Várias espécies de <i>Lobotes, Heros, Sciaenoides.</i>	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: vila. Elemento Específico: referência ao Rio Acarajó. Sentido original: <i>Vila Acarajó Grande.</i> Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não mais é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de vila, sem referência à procedência do peixe <i>acará</i> . O adjetivo português foi incorporado com propósito de distinção (Acarajó Grande) para diferenciá-lo de outro topônimo nomeado com o mesmo elemento específico: <i>Acarajó</i> , acrescido do sufixo diminutivo português <i>-zinho</i> (Acarajozinho).		
Classificação taxonômica		
Levando-se em conta que o <i>rio</i> emprestou o nome à comunidade, inicialmente um vilarejo, temos uma referência genérica (o vilarejo), em que o elemento específico (o nome do rio) tem seu sentido esvaziado, de tal forma que o el. genérico representaria um nome de cidade e, assim, seria classificado como <i>corotopônimo</i> . No entanto, com o crescimento demográfico desse vilarejo, passou-se a usar o vocábulo <i>vila</i> antes do topônimo <i>acarajó</i> , ou seja, <i>Vila do Acarajó</i> . Ao receber o vocábulo <i>vila</i> , o topônimo <i>Vila do Acarajó</i> passa a ser classificado como <i>Poliotopônimo</i> . Ressalta-se que Dick (1992) classifica assim o topônimo com essa taxa para representar os aglomerados humanos, cuja designação é formada com o vocábulo <i>vila</i> ⁶³ . Considera-se, no entanto, que o adjetivo <i>grande</i> , também, particulariza o designativo. Nesse caso, a classificação mais adequada é a híbrida de <i>pólio-dimensiotopônimo</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação híbrida de 3 elementos: <i>acará</i> , <i>yó</i> e <i>grande</i> , em que <i>grande</i> representa a LP, <i>acará</i> e <i>jó</i> , ambos de base Tupinambá (LGA e LGP, respectivamente, <i>acará</i> e <i>yo</i>), os quais foram aportuguesados em <i>acarajó</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Uacara+yo > acarayo > acarajó: 1) Justaposição de <i>uacara</i> e <i>yo</i> (<i>uacarayo</i>). 2) Substituição <i>ua>a</i> , observada em LGA no início do vocábulo, por monotongação (<i>acarayo</i>). 3) Anteriorização <i>y>i</i> , quando o som gutural de [<i>y</i>], comum à LGA, é substituído pela vogal <i>i</i> (<i>acaraio</i>). 4) Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>acarajó</i>). Mudanças fonéticas: monotongação (ua>a), anteriorização (y>i), consonantização (i>j).		

Continua...

⁶³ Poliotopônimos: “topônimos constituídos pelos vocábulos *vila, aldeia, cidade, povoação, arraial*” (p. 33).

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Acarajozinho (3)	(LGA + LGP + LP) Acará + yo + zinho	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 1975)	Zinho: substantivo masculino, pouco usado. Uso: informal, pejorativo. Indivíduo sem expressão, sem importância; sujeito.	
Miranda (1942, p. 119)	Uacará: diversos peixes da água doce e límpida tem este nome. Entre os brasileiros perdeu o u inicial. <i>Chactobranchus robustus</i> .	
Moreira Pinto (1887, p. 44)	Acarajó: Ilha da província do Pará, no município de Melgaço.	
Sampaio (1978, p. 218)	Yo: jó. O procedente	
Stradelli (2014, p. 315)	Acará: cará. Casta de peixe fluvial e marinho. Várias espécies de <i>Lobotes</i> , <i>Heros</i> , <i>Sciaenoides</i> .	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: referência à Vila Acarajó. Sentido original: Acarajozinho. Sentido atual: o sufixo <i>-zinho</i> denota ideia de ser <i>menor</i> , em contraste com <i>maior</i> , usado na composição de designativo de lugar, o qual estava ainda em formação, com número pequeno de moradores, por isso <i>Acarajozinho</i> . O designativo não tem nenhuma relação com a ideia de procedência do peixe acará, já que sua motivação ocorreu unicamente por analogia à outra comunidade com o mesmo designativo principal (<i>Vila Acarajó</i>). Em <i>Acarajozinho</i> , identificam-se os elementos genérico e específico: comunidade e tamanho, respectivamente.		
Classificação taxonômica		
Polio-dimensiotopônimo , porque o elemento específico é empréstimo do nome da vila, revelando relação com nome de cidade, assim como o sufixo <i>-zinho</i> faz referência à dimensão da comunidade, que contrasta com a Vila Acarajó Grande,		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação híbrida de 3 elementos: <i>acara</i> , <i>jó</i> e <i>zinho</i> , em que <i>acarajó</i> representa o aportuguesamento a partir de empréstimos junto à LGA (<i>acarajó</i>), e <i>zinho</i> , a LP, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Uacara+yo > acarayo > acarajó: 1) Justaposição de <i>uacara</i> e <i>yo</i> (<i>uacarayo</i>). 2) Substituição ua>a , observada em LGA no início do vocábulo, por monotongação (acarayo). 3) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal i (<i>acaraio</i>). 4) Substituição i>j , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (acarajó). 5) Acréscimo do sufixo <i>-zinho</i> (acarajozinho).		
Mudanças fonéticas: monotongação (ua>a), anteriorização (y>i), consonantização (i>j).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Aciteua (4)	(LGA + LGP) Asay + tyba	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, 43)	Açaí s.m.Var.: 7, 9 assaí, 7 açay, uaçaí, 8 <i>assiahy</i> , 8-9 <i>assahy</i> , 8 <i>assahí</i> , <i>uassahí</i> [< T. * <i>yuasaí</i>]. Espécie de palmeira da subfamília das ceroxilneas, cujo fruto é comestível e fornece uma bebida fermentada muito apreciada.	
Stradelli (2014, p. 327, 508)	Asay : A fructa de uma palmeira que cresce em todos os logares e hoje também muito cultivada tanto no Pará como no Amazonas, graças a bebida que della se extrahe, conhecida sob o nome de vinho de assahí. Da fructa extrahe-se também um óleo muito fino já usado em perfumaria, e que é preconizado para cura da phtisica e como succedaneo do de fígado de bacaláo. Tyua : sufixo com a significação de logar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de accordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — logar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é erro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento genérico : comunidade. Elemento específico : fruto do açaizeiro: açai (<i>asay</i>) + abundância (<i>tyua</i>). Sentido original : <i>asaytyua</i> , onde há abundância de <i>açaí</i> : teria sido o designativo original, indicativo de uma comunidade. Sentido atual : o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não mais é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem mais se perceber abundância de açaizeiros.		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque revela filiação a elementos de índole vegetal, como o fruto do açaizeiro em grande quantidade. É normal essa situação metonímica de representação da grande quantidade do fruto e não da árvore e, como a comunidade foi erigida nesse lugar, passa a ser designada como <i>açaiteua</i> > <i>aciteua</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação simples do elemento <i>asay</i> , com sufixação de <i>tyba</i> . Ressalta-se que os elementos <i>asay</i> e <i>tyba</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>açaí</i> e <i>teua</i> , ressaltando que <i>teua</i> < <i>tyba</i> (de origem LGP) ocorre somente em composição formada com palavras de origem indígena (<i>ajuruteua</i> , <i>bacuriteua</i> , <i>aciteua</i> etc.) ⁶⁴ , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Asay+tyba > asaytyba > asaitiba > asaitiua > asaiteua > asiteua : 1) Justaposição de <i>asay</i> e <i>tyua</i> (asaytyba). 2) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal i (asaitiba). 3) Substituição b>u por vocalização, característica da LGA (asaitiua). 4) Redução da vogal a (a>Ø) por dissimilação total na segunda sílaba causada pela vogal a inicial (asitua). 5) Abaixamento i>e por dissimilação causada pela vogal postônica / u : traço [+ alto] de [i] e de [ú] (asiteua). 5) A mudança s>c dá-se por regras ortográficas do português. Mudanças fonéticas : anteriorização (y>i), dissimilação vocálica total (a>Ø), dissimilação vocálica regressiva (i>e).		

Continua...

⁶⁴ Há, na região Sudeste, espaço onde a LGP se originou, inúmeros topônimos formados a partir do sufixo *-tyba*, como Araçatuba, Itaquaquetuba, Indaiatuba, Juquitiba, Ubatuba (de São Paulo); Mangaratiba (do Rio de Janeiro); Ibatiba (do Espírito Santo). De acordo com Navarro (2005, p. 56), esse sufixo realiza-se de várias formas, no português, como *-tiba*, *-tuba*, *-nduva*, *-ndiva*, *-tuva*, *-tiva*, *-tiua*.

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Eimologia	Acidente geográfico
Praia de Ajuruteua (5)	(LP + LGA + LGP) praia + uaieru + tyba	Praia
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 1535)	Praia: substantivo feminino. 1 faixa de terra, em declive suave, ger. coberta de areia, que confina com o mar, com um rio, lagoa etc.; areal. 2 praia (acp. 1) em que se pode tomar banho de sol e de mar. Ex.: <i>o litoral do Brasil tem belas praias.</i>	
Stradelli (2014, p. 229, 508)	Uaieru (guajeru) Tyua: sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuío. <i>Caiutyua</i> — lugar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é erro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: praia. Elemento Específico: fruto do ajuruzero em abundância: <i>ajuru</i> (uaieru) + <i>teua</i> (tyua). Sentido original: Praia de Uaierutyua, lugar onde há abundância de ajurus. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não mais é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de praia, sem a percepção da abundância do arbusto frutífero.		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , em razão de, na praia do litoral bragantino, à época da colonização da região, haver grande quantidade de arbustos frutíferos (vegetação), os quais são chamados de ajuruzeros. Por isso a praia foi designada como <i>Ajuruteua</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação simples do elemento <i>uaieru</i> , com sufixação de <i>tyba</i> , em que <i>ajuruteua</i> representa o aportuguesamento dos elementos <i>uaieru</i> e <i>teua</i> , da LGA, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
uaieru+tyua > uaierutyua > aierutyua > ajerutyua > ajurutyua > ajurutia > ajuruteua: 1) Justaposição de <i>uaieru</i> e <i>tyua</i> (uaierutyua). 2) Substituição ua>a , observada no início do vocábulo em LGA, por monotongação (aierutyua). 3) Substituição i>j , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (ajerutyua). 4) Alçamento e>i por metáfora, causada vogal pretônica /u/ (ajirutyua). 5) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal i (ajirutia). 6) Abaixamento i>e por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [í] e de [ú] (ajiruteua). 7) Substituição i>u , por assimilação (ajuruteua). Mudanças fonéticas: monotongação (ua>a), consonantização (i>j), dissimilação regressiva (i>e), assimilação (i>u).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Vila de Ajuruteua (6)	(LP + LGA + LGP) vila + uaieru + tyba	Vila
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 137, 179)	Guajeru: s.m. Var.: 5 <i>abajeru</i> , 6 <i>guajeru</i> , 7-8 <i>guajerú</i> , 9 <i>guajirú</i> [<T. iuaiuru]. Planta da família das rosáceas.	
Houaiss e Villar (2009, p. 994, 1945)	Guajeru: s.m. (1618 cf. AFBrand) ANGIOS B m.q. guajuru □ ETIM f.hist. c1777 <i>guajerú</i> . Vila: substantivo feminino. 1 povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia. 6 Qualquer conjunto de casas agrupadas. Ex.: v. <i>militar</i>	
Sampaio (1987, p. 89)	Tyba: o sufixo tyba, que a má pronúncia do y desdobrou em <i>tiba</i> ou <i>tuba</i> , exprime <i>abundância</i> e vale pelo sufixo português <i>al</i> .	
Stradelli (2014, p. 229, 508)	Uaieru (guajeru) Tyua: sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y— isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — lugar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é erro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: vila. Elemento Específico: referência à praia de ajuruteua. Sentido original: <i>Vila de Ajuruteua</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza para o sentido genérico de vila, com a percepção da referência à praia, no entanto, sem fazer relação com a abundância do fruto do ajuruzeiro.		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque apresenta a mesma linha de raciocínio vista na nomeação de <i>Acarajó</i> (V. descrição (n. 3). Isto é, levou-se em conta o vocábulo <i>vila</i> antecedendo o vocábulo <i>ajuruteua</i> e não uma motivação relacionada à vegetação.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação simples do elemento <i>uaieru</i> , com sufixação de <i>tyba</i> , em que <i>ajuruteua</i> representa o aportuguesamento dos elementos <i>uaieru</i> e <i>teua</i> , da LGA, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
uaieru+tyua > uaierutyua > aierutyua > ajerutyua > ajurutyua > ajurutia > ajuruteua: 1) Justaposição de <i>uaieru</i> e <i>tyua</i> (uaierutyua). 2) Substituição ua>a , observada no início do vocábulo em LGA, por monotongação (aierutyua). 3) Substituição i>j , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (ajerutyua). 4) Alçamento e>i por metáfora, causada vogal pretônica /u/ (ajirutyua). 5) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal <i>i</i> (ajirutia). 6) Abaixamento i>e por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [í] e de [ú] (ajuruteua). 7) Substituição i>u , por assimilação (ajuruteua). 8) Acréscimo do vocábulo <i>praia</i> (praia de ajuruteua). Mudanças fonéticas: monotongação (ua>a), consonantização (i>j), dissimilação regressiva (i>e), assimilação (i>u).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Estrada de Ajuruteua (7)	(LP + LGA + LGP) estrada + uaieru + tyba	Estrada
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 838)	Estrada: substantivo feminino. 1 via mais larga que um caminho, transitada por pessoas, animais e/ou veículos.	
Stradelli (2014, p. 229, 508)	Uaieru (guajeru) Tyua: sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuío. <i>Caiutyua</i> — lugar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é êrro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: estrada.		
Elemento Específico: caminho até a praia de Ajuruteua.		
Sentido original: <i>Estrada de Ajuruteua</i> .		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza para o sentido genérico da estrada, com a percepção da referência à praia ou à vila, no entanto, sem fazer relação com a abundância do fruto do ajuruzeiro.		
Classificação taxonômica		
Hodotopônimo , porque o elemento específico revela uma filiação a vias de comunicação rural ou urbana, levando-se em conta o caminho até a Praia do litoral bragantino, ou seja, construiu-se uma estrada de Bragança até a Praia de Ajuruteua, a qual foi designada como <i>Estrada de Ajuruteua</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação simples do elemento <i>uaieru</i> , com sufixação de <i>tyba</i> , em que <i>ajuruteua</i> representa o aportuguesamento dos elementos <i>uaieru</i> e <i>teua</i> , da LGA, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
uaieru+tyua > uaierutyua > aierutyua > ajerutyua > ajurutyua > ajurutiua > ajuruteua: 1) Justaposição de <i>uaieru</i> e <i>tyua</i> (uaierutyua). 2) Substituição ua>a , observada no início do vocábulo em LGA, por monotongação (aierutyua). 3) Substituição i>j , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (ajerutyua). 4) Alçamento e>i por metáfora, causada vogal pretônica /u/ (ajirutyua). 5) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal <i>i</i> (ajirutiua). 6) Abaixamento i>e por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [í] e de [ú] (ajiruteua). 7) Substituição i>u , por assimilação (ajuruteua). 8) Acréscimo do vocábulo <i>estrada</i> (estrada de ajuruteua).		
Mudanças fonéticas: monotongação (ua>a), consonantização (i>j), dissimilação regressiva (i>e), assimilação (i>u).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Ilha Andiroba (8)	(LP+LGA) Ilha + iandyraua	Ilha
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 52)	Andiroba: s.f. Var.: 6 <i>jnhanduroba</i> , 6-9 <i>andiroba</i> , 7 <i>jandiroba</i> , 8 <i>nhandiroba</i> , <i>anddiroba</i> , <i>gendiroba</i> [< T. ñani'roua < ñani' óleo, azeite + roua amargo ~ VLB I. 49: Azeite = Nhãdig. Planta da família das meliáceas; andirobeira.	
Houaiss e Villar (2009, p. 1046)	Andiroba: substantivo feminino. Rubrica: angiospermas. 1 Árvore de até 30 m (<i>Carapa guianensis</i>), da fam. das meliáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, esp. do Brasil (AMAZ a BA), com casca adstringente, madeira de qualidade, flores amarelas ou vermelhas, e cápsulas com sementes de que se extrai óleo insetífugo, us. em lamparinas, para fabricar velas e sabão, contra a artrite e infecções de garganta; andiroba-branca, andiroba-do-igapó, andiroba-suruba, andirobeira, andirova, nandiroba. Ilha: substantivo feminino. 1 Rubrica: geografia. Extensão de terra firme cercada de modo durável por água doce ou salgada em toda a sua periferia; insula, ipuã.	
Stradelli (2014, p. 161)	landyraua: azeite amargo. Andiroba.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: ilha. Elemento Específico: azeite amargo (<i>inandiroua</i>). Sentido original: <i>Ilha Inandiroua</i> , ilha onde há azeite amargo. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não mais é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de ilha, sem a percepção de <i>azeite amargo</i> .		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico revela filiação a flora, mesmo m uma representação metonímica da árvore.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação simples do elemento <i>andiroba</i> . Ressalta-se que os elementos <i>iandy</i> e <i>raua</i> , formadores de <i>andiroba</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>andiroba</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Yandiraua > yandiroua > yandiroba > iandiroba > andiroba: 1) Substituição a>o por assimilação à vogal u (<i>yandiroua</i>). 2) Substituição u>b por consonantização da vogal u , influência da LGP (<i>yandiroba</i>). 3) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal i (<i>iandiroba</i>). 4) Substituição ia>a , observada no início do vocábulo em LGA, por monotongação (<i>andiroba</i>). Mudanças fonéticas: assimilação (a>o), consonantização (u>b), anteriorização (y>i), monotongação (ai>a).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Arapiranga (9)	(LGA) arara + piranga	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 57)	Ará: s.f. Ará - periquito. Os indígenas como argumentativo usavam repetir a última syllaba da palavra e às vezes toda a palavra, como <i>murémuré, muré</i> (fruta), <i>muré-muré</i> (grande fruta). <i>Arara</i> vinha a ser pois o argumentativo de <i>ará</i> , a maior espécie do gênero.	
Miranda (1942, p. 58)	Arara: s.f. Nome de diversos <i>Conuridae</i> . Cremos ser <i>onom.</i> do grito gutural desta formosa ave; em guar. <i>ará</i> contr. de <i>arara</i> . Rich. Burton e T.S. não têm razão em afirmar que <i>arara</i> é aumentativo de <i>ará</i> . O termo castiço tupi é <i>arára</i> e nos compostos, nos quais êle entre, nunca perde a sua terceira sílaba; assim, ainda hoje dizemos: <i>arara-cuára, arárambiú, aráuna, arary, ararandeu, ararambóia, araracanga, araratim, araratucahy, etc.</i>	
Stradelli (2014, p. 324, 458)	Arara: arara, <i>Macrocereus macá</i> . A arara vermelha, bem conhecida em todo o Amazonas. É das pennas da cauda que são feitos muitos dos enfeites usados pelos indígenas em suas festas e danças. Por isso mesmo é rara a maaioca de uaupés, onde se encontre araras domesticadas, criadas especialmente para utilizar-lhes as plumas, - mostrando-se assim mais adeantados de que os civilizados com as garças. Piranga: Vermelho.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: <i>arara</i> (arara) + <i>vermelha</i> (piranga). Sentido original: lugar onde há araras-vermelhas. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não mais é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção da ave de cor avermelhada.		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico revela filiação a elementos da fauna brasileira, como a <i>arara</i> com penagem vermelha.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação composta dos elementos <i>arara</i> e <i>piranga</i> . Ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em uma única forma (<i>arapiranga</i>), caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Arara+piranga>ararapiranga>arapiranga: 1) Justaposição de <i>arara</i> e <i>piranga</i> (ararapiranga). 2) Síncope especial (Haplologia) da terceira sílaba: <i>ra>Ø</i> (arapiranga), desfazendo a ideia argumentativa de maior, contida na sílaba dupla ra . Mudanças fonéticas: síncope (<i>ra>Ø</i>).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Arimã (10)	(LGA) Uarumã	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 142)	Guarumã: s.f. [< T. iuaru'ma]. Planta da família das marantáceas.	
Houaiss e Villar (2009, p. 198)	Arumã: s.m. (1899 cf. CF ¹ supl.) ANGIOS 1 design. comum a diversas ervas do gên. <i>Ischnosiphon</i> , da fam. das marantáceas; arumá, arrumá, arrumã, bananeirinha-do-mato, caeté, guarumá, guarumã, uarumã 1.1 erva (<i>Ischnosiphon arouma</i>) de folhas ovadas, acuminadas, e flores amareladas, em espigas, nativa das Guianas e do Brasil (AMAZ a SP) e cultivada pelas fibras das folhas, us. em cestaria, e esp. pelo rizoma de que, quando seco, se extrai fécula dita salepo-das-índias, e que tem uso medicinal, quando verde; arumã-membeca 1.2 erva pequena (<i>I. simplex</i>), nativa do Brasil (PA), de folhas lanceoladas, com longos pecíolos, e flores amareladas, em racemos, com as mesmas propriedades de <i>I. arouma</i> ; arumã-mirim. ETIM tupi *iwaru'ma 'designação de planta das marantáceas'; var. <i>arrumá, arrumã, arumá, guarumá, guarumã, uarumã</i> ; f.hist.1899 <i>aruman</i> .	
Stradelli (2014, p. 514)	Arumã: guarumã.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade.		
Elemento Específico: presença da planta arimã (<i>uarumã</i>).		
Sentido original: <i>uarumã</i> , lugar onde há arimãs.		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não mais é reconhecido atualmente, isto é, o signifiante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção da planta <i>arimã</i> .		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo, porque o elemento específico revela filiação a elementos vegetais, como a planta <i>arumã</i> , da qual se produz a tala para a fabricação de cestos, paneiros e similares.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação simples do elemento <i>uarumã</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>arimã</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Uarumã > uarimã > arimã: 1) Substituição u>i por dissimilação vocálica parcial, causada pela vogal u da sílaba inicial (<i>uarimã</i>). 2) Substituição ua>a , observada no início do vocábulo em LGA, por monotongação (<i>arimã</i>).		
Mudanças fonéticas: dissimilação vocálica parcial (u>i), monotongação (ua>a).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Vila Bacuriteua (11)	(LP+LGA+LGP) Vila + uacuri + tyba	Vila
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 68)	Bacuri: s.m. Var. 6-7 <i>bacori</i> , 6 <i>paquori</i> , <i>bacori</i> , 7 <i>bacuri</i> , <i>bacorí</i> , 8-9 <i>bacurí</i> , 9 <i>bacury</i> . Cp. BACUPARI, BACURIPARI [> T iuaku'ri]. Planta da família das gutíferas.	
Houaiss e Villar (2009, p. 1945)	Bacuri: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. 1 Grande árvore (<i>Platonia esculenta</i>) da fam. das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI), com casca que exsuda resina us. em veterinária, madeira nobre, folhas lanceoladas, coriáceas, flores rosadas e bagas grandes, globosas e amarelas, com polpa amarelada, de que se fazem refrescos e doces, e sementes cujo sabor lembra o da amêndoa; bacurizeiro, landirana. 2 Derivação: por metonímia. fruto dessa árvore. Vila: substantivo feminino. 1 povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia. 6 qualquer conjunto de casas agrupadas.	
Stradelli (2014, p. 509, 508)	Uacurí: Bacury. Fructa comestível, drupa que contém umas sementes envolvidas numa polpa esbranquiçada levemente acidulada e assucarada, com perfume especialíssimo. Tyua: sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuío. <i>Caiutyua</i> — lugar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é êrro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: vila. Elemento Específico: fruto do bacurizeiro em abundância: <i>bacuri</i> (uacuri) + <i>teua</i> (tyua). Sentido original: <i>Vila Uacuriteua</i> , lugar onde há abundância de bacuris. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não mais é reconhecido atualmente em sua totalidade, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de vila, sem a percepção de lugar com abundância da fruta.		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque não se considera que a motivação ocorra em razão da grande quantidade do fruto do bacurizeiro, mas sim pela mudança do vocábulo <i>vila</i> de elemento genérico para específico, o que é confirmado em Dick (1992).		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação simples do elemento <i>uacuri</i> , com sufixação de <i>tyba</i> , em que <i>bacuriteua</i> representa o aportuguesamento dos elementos <i>uacuri</i> e <i>teua</i> , da LGA, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
uacuri+tyua > uacurityua > acurityua > bacurityua > bacuritiua > bacuriteua: 1) Justaposição de <i>uacuri</i> e <i>tyua</i> (uacurityua). 2) Substituição ua>a , observada no início do vocábulo em LGA, por monotongação (acurityua). 3) Prótese do fonema /b/ no início da palavra por Influência da LGP (bacurityua). 4) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal i (bacuritiua). Abaixamento i>e por metafonia, causada pela vogal postônica /u/ (bacuriteua). Mudanças fonéticas: consonantização (u>b), anteriorização (y>i), dissimilação vocálica parcial (i>e).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Estrada de Bacuriteua (12)	(LP+LGA+LGP) Estrada + uacuri + tyba	Estrada
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 68)	Bacuri: s.m. Var. 6-7 <i>bacori</i> , 6 <i>paquori</i> , <i>bacori</i> , 7 <i>bacuri</i> , <i>bacorí</i> , 8-9 <i>bacurí</i> , 9 <i>bacury</i> . Cp. BACUPARI, BACURIPARI [> T iuaku'ri]. Planta da família das gutíferas.	
Houaiss e Villar (2009, p. 838)	Bacuri: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. 1 Grande árvore (<i>Platonia esculenta</i>) da fam. das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI), com casca que exsuda resina us. em veterinária, madeira nobre, folhas lanceoladas, coriáceas, flores rosadas e bagas grandes, globosas e amarelas, com polpa amarelada, de que se fazem refrescos e doces, e sementes cujo sabor lembra o da amêndoa; bacurizeiro, Estrada: substantivo feminino. 1 via mais larga que um caminho, transitada por pessoas, animais e/ou veículos.	
Stradelli (2014, p. 509, 508)	Uacuri: Bacury. Fructa comestível, drupa que contém umas sementes envolvidas numa polpa esbranquiçada levemente acidulada e assucarada, com perfume especialíssimo. Tyua: sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — lugar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é erro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: estrada. Elemento Específico: Vila de Bacuriteua (estrada). Sentido original: <i>Estrada de Bacuriteua</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza para o sentido genérico de lugar (Vila de Bacuriteua), com a percepção de caminho (estrada) até ela.		
Classificação taxonômica		
Hodotopônimo , porque o elemento específico revela motivação que leva em conta o caminho até a Vila de Bacuriteua, ou seja, construiu-se uma estrada de Bragança até a Vila de Bacuriteua, a qual foi designada como <i>Estrada de Bacuriteua</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação simples do elemento <i>uacuri</i> , com sufixação de <i>tyba</i> , em que <i>bacuriteua</i> representa o aportuguesamento dos elementos <i>uacuri</i> e <i>teua</i> , da LGA, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
uacuri+tyua > uacurityua > bacurityua > bacuritiua > bacuriteua: 1) Justaposição de <i>uacuri</i> e <i>tyua</i> (<i>uacurityua</i>). 2) Substituição u>b por consonantização, influência da LGP (<i>bacurityua</i>). 3) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal <i>i</i> (<i>bacuritiua</i>). 4) Abaixamento i>e por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [i] e de [ú] (<i>bacuriteua</i>). Mudanças fonéticas: consonantização (u>b), anteriorização (y>i), dissimilação vocálica parcial (i>e).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Bacuri-prata (13)	(LGA+LP) Uacuri + prata	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p.	<p>Bacuri: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. 1 Grande árvore (<i>Platonia esculenta</i>) da fam. das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI), com casca que exsuda resina us. em veterinária, madeira nobre, folhas lanceoladas, coriáceas, flores rosadas e bagas grandes, globosas e amarelas, com polpa amarelada, de que se fazem refrescos e doces, e sementes cujo sabor lembra o da amêndoa; bacurizeiro,</p> <p>Prata:</p>	
Sampaio (1987, p. 203)	<p>Bacury: <i>corr.</i> Ybá-cury ou ybá-curi, o fruto contínuo, apressado; o que frutifica de pronto. (<i>Platoniainsignis</i>)</p>	
Stradelli (2014, p. 509, 508)	<p>Uacuri: Bacury. Fructa comestível, drupa que contém umas sementes envolvidas numa polpa esbranquiçada levemente acidulada e assucarada, com perfume especialíssimo.</p> <p>Tyua: sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i>, que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — lugar de cajús, deu <i>Cajutiba</i>, <i>Cajutúba</i>. <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i>, <i>Itatúba</i>. Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i>, mas é erro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade.</p> <p>Elemento Específico: fruto do bacurizeiro semelhante à cor prata: <i>bacuri</i> (uacuri) + <i>prata</i> (atributo).</p> <p>Sentido original: <i>uacuri prata</i>, lugar onde há bacuris.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não mais é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade que há no lugar, sem a percepção da fruta.</p>		
Classificação taxonômica		
<p>Fito-cromotopônimo, porque se o elemento específico revela a fruta e o atributo dado a ela, que acontece por meio do adjetivo <i>prata</i>, atribuindo uma espécie de coloração à fruta.</p>		
Morfologia e Língua de nomeação		
<p>A composição morfológica consiste em uma formação híbrida dos elementos <i>bacuri</i> e <i>prata</i>, em que <i>bacuri</i> representa o aportuguesamento da forma <i>uacuri</i>, a partir de empréstimos junto à LGA, e <i>prata</i>, a LP, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.</p>		
Mudança fonética		
<p>Bacuri Prata: não houve variação fonética. Na nova designação, o topônimo <i>Bacuri</i> já estava dicionarizado em língua portuguesa.</p>		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Ilha Bacuri (14)	(LP+LGA) Ilha + uacuri	Ilha
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 1046)	<p>Bacuri: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. 1 Grande árvore (<i>Platonia esculenta</i>) da fam. das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI), com casca que exsuda resina us. em veterinária, madeira nobre, folhas lanceoladas, coriáceas, flores rosadas e bagas grandes, globosas e amarelas, com polpa amarelada, de que se fazem refrescos e doces, e sementes cujo sabor lembra o da amêndoa; bacurizeiro,</p> <p>Ilha: substantivo feminino. 1 Rubrica: geografia. Extensão de terra firme cercada de modo durável por água doce ou salgada em toda a sua periferia; ínsula, ipuã.</p>	
Sampaio (1987, p. 203)	Bacury: <i>corr.</i> Ybá-cury ou ybá-curi, o fruto contínuo, apressado; o que frutifica de pronto. (<i>Platonia insignis</i>)	
Stradelli (2014, p. 509, 508)	<p>Uacuri: Bacury. Fructa comestível, drupa que contém umas sementes envolvidas numa polpa esbranquiçada levemente acidulada e assucarada, com perfume especialíssimo.</p> <p>Tyua: sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i>, que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — lugar de cajús, deu <i>Cajutiba</i>, <i>Cajutúba</i>. <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i>, <i>Itatúba</i>. Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i>, mas é êrro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: ilha.</p> <p>Elemento Específico: presença de bacuri (<i>uacuri</i>)</p> <p>Sentido original: <i>uacuri</i> representa uma ilha.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da ilha, sem a percepção de lugar onde bacurizeiros.</p>		
Classificação Taxeonomica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico revela filiação a elementos vegetais, cuja nomeação foi feita de forma metonímica, usando-se o futo para fazer referência aos pés de bacurizeiros.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação simples do elemento <i>uacuri</i> , em que <i>bacuri</i> representa o aportuguesamento dos elementos <i>uacuri</i> , da LGA, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
<p>Uacuri > bacuri: 1) Substituição u>b, por consonantização, influência da LGP (<i>bacuri</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: consonantização (u>b).</p>		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Ilha Boissucanga (15)	(LP+LGA+LGP) Ilha+boi+uassu+canga	Ilha
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 1046)	Ilha: substantivo feminino. 1 Rubrica: geografia. Extensão de terra firme cercada de modo durável por água doce ou salgada em toda a sua periferia; ínsula, ipuã.	
Sampaio (1987, p. 282, 214)	Mboyuçú: c. Mboy-uçú. A cobra grande, a serpente. Canga: s. O osso, o carço, o núcleo. adj. seco, enxuto. Alt.Can, Cá.	
Seixas (1853, p. 2)	Acanga: s.f. cabeça, a cabeça do homem ou do animal. Cabeça do esteio <i>çacaca acanga</i> .	
Stradelli (2014, p. 410, 512, 314)	Mboia: cobra grande, serpente. Uasú: grande, alto, elevado. Nos compostos e como sufixo <i>asu, osu, usu</i> , de conformidade com a eufonia local. Acanga: cabeça, começo, chefe, origem, juízo.	
Descrição Morfossemântica		
Elemento Genérico: ilha. Elemento Específico: presença de esqueleto (canga) grande (uassu) de cobra (mboia). Sentido original: <i>mboiauasucanga</i> , lugar onde foi encontrado um esqueleto grande de cobra. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da ilha, localizada em frente à praia de Ajuruteua, sem a percepção de lugar onde foi encontrado um grande esqueleto de cobra.		
Classificação taxonômica		
(1) Somatopônimo , porque o elemento específico revela uma referência à <i>cobra</i> (mboia) por meio do <i>esqueleto</i> (acanga). Nesse caso, o elemento genérico é a ilha, e o específico, o esqueleto (acanga), parte do animal, não o animal (mboia). (2) Thesitopônimo , porque o elemento específico revela relação metafórica com a ideia de <i>boca</i> , referindo-se à parte final do rio Caeté, onde as águas são despejadas na praia ⁶⁵ .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação híbrida de 3 elementos: <i>mboi</i> , <i>uasú</i> e <i>acanga</i> . Ressalta-se que <i>boissucanga</i> é termo aportuguesado da LGA (<i>mboia</i> , <i>uaçu</i> e <i>acanga</i>), de origem Tupinambá, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Mboia+uassu+canga > mboiauasucanga > boiauasucanga > boiaasucnga > boiasucanga > boiasucanga: 1) Justaposição de <i>mboia</i> , <i>uasú</i> e <i>canga</i> (<i>mboiauasucanga</i>). 2) Substituição mb>b por desanalação da consoante inicial (<i>boiauasucanga</i>). 3) Substituição ua>a , observada no interior do vocábulo em LGA, por monotongação (<i>boiaasucanga</i>). 4) Redução aa>a , por crase de vogais (<i>boiasucanga</i>). 5) Duplicação da consoante s>ss entre vogais, característica da ortografia em língua portuguesa (<i>boissucanga</i>). Mudanças fonéticas: desanalação consonantal (mb>b), monotongação (ua>a), crase (aa>a), assibilação (s>ss).		

Continua...

⁶⁵ Para Moreira Pinto (1884, p. 59), *Boissucanga*. Ribeirão de S. Paulo. Acrescente-se no fim: O Dr. J. Mendes diz: « Boissucanga, nada tem com cobras e muito menos com as cabeças desses reptis. E' sim corrupção de l-mbiaçá-cang-a, rio cuja bocca é enxuta. De i-mbiaçá, barra ou bocca do rio, cang, enxuto, secco, com o accrescimo de a (breve), por acabar em consoante. Allusivo a espalharem-se suas aguas na praia, não tendo por isso foz ». « Boissucanga, diz o Dr. Theodoro Sampaio é corrupção de mboy-oçú-a-canga, a cabeça da serpente.

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Rio Caeté (16)	(LP+LGA) rio + caa+eté	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Hauaiss e Villar (2009, p.)	Rio: Substantivo masculino. 1 Rubrica: hidrografia. Curso de água natural, mais ou menos torrencial, que corre de uma parte mais elevada para uma mais baixa e que deságua em outro rio, no mar ou num lago.	
Stradelli (2014, p. 330, 524, 364)	Caá: Contracto ca- olha e por extensão, herva, planta, matta, embora nos compostos se use nestes últimos casos de preferência ca e se reserve caá para indicar folha, herva. Y: Água, pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o português passou como i , seguido de g . <i>Ygara, ygasaba</i> etc., que são <i>yara, yarasaba</i> etc. Eté: verdadeiro, proprio, mesmo.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: presença de água (y) e mata (kaa), com atributo de verdadeira (eté). Sentido original: <i>kaayeté</i> , rio onde há vegetação verdadeira (muito boa). Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de que ele (o rio) é cercado por uma bela vegetação em toda a sua extensão.		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque se considera y (água, líquido) como elemento específico, revelando filiação com a hidrografia.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação composta de 2 formantes: <i>caa</i> e <i>eté</i> , em que <i>caeté</i> representa o aportuguesamento a partir de empréstimos junto à LGA (<i>kaa</i> , <i>y</i> e <i>eté</i>), caracterizando uma nomeação em LP.		
Mudança fonética		
Kaa+eté > kaaeté > kaeté > caeté: 1) Justaposição de <i>kaa</i> e <i>eté</i> (kaaeté). 2) Redução das vogais aa>a por crase (kaeté). 3) Substituição k>c para atender a ortografia em língua portuguesa.		
Mudanças fonéticas: crase (aa>a).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Baía do Caeté (17)	(LP+LGA) baía + caa+eté	Baía
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Hauaiss e Villar (2009, p.)	Baía: substantivo feminino. 4 Rubrica: geografia física. grande sinuosidade numa costa, por onde penetra o mar [A baía é maior do que a enseada e menor do que o golfo.]	
Stradelli (2014, p. 330, 524, 364)	Caá: Contracto ca- olha e por extensão, herva, planta, matta, embora nos compostos se use nestes últimos casos de preferência ca e se reserve caá para indicar folha, herva. Y: Água, pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o português passou como i , seguido de g . <i>Ygara, ygasaba</i> etc., que são <i>yara, yarasaba</i> etc. Eté: verdadeiro, proprio, mesmo.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: baía. Elemento Específico: por onde o mar entra e onde o rio caeté desagua. Sentido original: <i>Baía do Caeté</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza para o sentido genérico de baía, com referência ao Rio Caeté.		
Classificação taxonômica		
Hidrotopônimo , porque o elemento específico <i>y</i> (água, líquido) faz referência à hidrografia.		
Morfologia e Língua de Noemação		
A composição morfológica consiste em uma formação composta de 2 formantes: <i>caa</i> e <i>eté</i> , em que <i>caeté</i> representa o aportuguesamento a partir de empréstimos junto à LGA (<i>kaa</i> , <i>y</i> e <i>eté</i>), caracterizando uma nomeação em LP.		
Mudança fonética		
Kaa+eté > kaaeté > kaeté > caeté: 1) Justaposição de <i>kaa</i> e <i>eté</i> (kaaeté). 2) Redução das vogais <i>aa</i> > <i>a</i> por crase (kaeté). 3) Substituição <i>k</i> > <i>c</i> para atender a ortografia em língua portuguesa (caeté).		
Mudanças fonéticas: crase (<i>aa</i> > <i>a</i>), anteriorização (<i>y</i> > <i>i</i>), dissimilação vocálica total (<i>e</i> > \emptyset).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Ilha Cajueiro (18)	(LP + LGA) Ilha + caiu + eiro	Ilha
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 1046)	<p>Caju: substantivo masculino. 1 Rubrica: angiospermas. design. comum aos frutos das árvores e arbustos do gên. <i>Anacardium</i>, da fam. das anacardiáceas, e tb. a outros frutos, de diferentes gên. e fam., por alguma semelhança àqueles, ger. pelo pedúnculo carnosos. 2 Rubrica: angiospermas. m.q. cajueiro ('designação comum', <i>Anacardium occidentale</i>).</p> <p>Eiro: <i>suf.</i> dos <i>suf.</i> lat. <i>-arius, a, um</i> formador de adjetivos, e de seus der. <i>-arius, ii</i> 'o que produz ou cuida de', <i>-aria, ae</i> e <i>-arium, ii</i> 'local', formadores de subst.; em port., forma adj. e/ou subst. com diversos matizes semânticos: 1) profissão, atividade: <i>fazendeiro, porteiro, relojoeiro</i>; 2) caráter, temperamento: <i>aventureiro, encenqueiro</i>; 3) gentílicos: <i>brasileiro, mineiro</i>; 4) recipiente, receptáculo: <i>açucareiro, paliteiro</i>; 5) grande quantidade: <i>formigueiro</i>; 6) nome de planta ou árvore: <i>abacateiro, pessegueiro</i>; ver <i>-eira</i>.</p> <p>Ilha: substantivo feminino. 1 Rubrica: geografia. Extensão de terra firme cercada de modo durável por água doce ou salgada em toda a sua periferia; ínsula, ipuã.</p>	
Stradelli (2014, p. 333)	Caiú: Cajú. A fructa do <i>Anacardium occidentale</i> .	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: ilha.</p> <p>Elemento Específico: árvore que produz o fruto <i>caju</i> (caiú) e eiro.</p> <p>Sentido original: <i>caieiro</i>, lugar onde há <i>cajueiros</i>.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da ilha, sem a percepção de lugar onde havia <i>cajueiros</i>.</p>		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico se refere à vegetação, à árvore <i>cajueiro</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>híbrida</i> de 2 formantes: <i>caiú</i> e <i>eiro</i> . Ressalta-se que o elemento <i>eiró</i> representa a LP, e <i>caju</i> é termo portuguêsado de <i>caiu</i> , da LGA, de origem Tupinambá, caracterizando uma nomeação em LP.		
Mudança fonética		
Caiu+eiró > caieiro > cajueiro: 1) Justaposição de <i>caiú</i> e <i>eiro</i> , como processo morfológico, evidenciando a formação híbrida lga-português (caieiro). 2) Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>cajueiro</i>).		
Mudanças fonéticas: consonantização (<i>y>i</i>).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Cajueiro (19)	(LGA + LP) Caiú + eiro	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 1046)	<p>Caju: substantivo masculino. 1 Rubrica: angiospermas. design. comum aos frutos das árvores e arbustos do gên. <i>Anacardium</i>, da fam. das anacardiáceas, e tb. a outros frutos, de diferentes gên. e fam., por alguma semelhança àqueles, ger. pelo pedúnculo carnoso. 2 Rubrica: angiospermas. m.q. cajueiro ('designação comum', <i>Anacardium occidentale</i>).</p> <p>Eiro: <i>suf.</i> dos suf. lat. <i>-arius, a, um</i> formador de adjetivos, e de seus der. <i>-arius, ii</i> 'o que produz ou cuida de', <i>-aria, ae</i> e <i>-arium, ii</i> 'local', formadores de subst.; em port., forma adj. e/ou subst. com diversos matizes semânticos: 1) profissão, atividade: <i>fazendeiro, porteiro, relojoeiro</i>; 2) caráter, temperamento: <i>aventureiro, encrenqueiro</i>; 3) gentílicos: <i>brasileiro, mineiro</i>; 4) recipiente, receptáculo: <i>açucareiro, paliteiro</i>; 5) grande quantidade: <i>formigueiro</i>; 6) nome de planta ou árvore: <i>abacateiro, pessegueiro</i>; ver -eira.</p> <p>Ilha: substantivo feminino. 1 Rubrica: geografia. Extensão de terra firme cercada de modo durável por água doce ou salgada em toda a sua periferia; ínsula, ipuã.</p>	
Stradelli (2014, p. 333)	Caiú: Cajú. A fructa do <i>Anacardium occidentale</i> .	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade.</p> <p>Elemento Específico: árvore que produz o fruto <i>caju</i> (caiú) e eiro.</p> <p>Sentido original: <i>caiueiro</i>, lugar onde há <i>cajueiros</i>.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade, sem a percepção de lugar onde havia <i>cajueiros</i>.</p>		
Estrutura toponímica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico se refere à vegetação, à árvore <i>cajueiro</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>híbrida</i> de 2 formantes: <i>caiú</i> e <i>eiro</i> . Ressalta-se que o elemento <i>eiró</i> representa a LP, e <i>caju</i> é termo portuguêsado de <i>caiu</i> , da LGA, de origem Tupinambá, caracterizando uma nomeação em LP.		
Mudança fonética		
<p>Caiu+eiró > caiueiro > cajueiro: 1) Justaposição de <i>caiú</i> e <i>eiro</i>, como processo morfológico, evidenciando a formação híbrida lga-português (caiueiro). 2) Substituição i>j, fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>cajueiro</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: consonantização (y>i).</p>		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Cajueirinho (20)	(LGA+LP) caiu + eiro + inho	Igarapé
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p.	<p>Caju: substantivo masculino. 1 Rubrica: angiospermas. design. comum aos frutos das árvores e arbustos do gên. <i>Anacardium</i>, da fam. das anacardiáceas, e tb. a outros frutos, de diferentes gên. e fam., por alguma semelhança àqueles, ger. pelo pedúnculo carnoso. 2 Rubrica: angiospermas. m.q. cajueiro ('designação comum', <i>Anacardium occidentale</i>).</p> <p>Eiro: <i>suf.</i> dos <i>suf.</i> lat. <i>-arius, a, um</i> formador de adjetivos, e de seus der. <i>-arius, ii</i> 'o que produz ou cuida de', <i>-aria, ae</i> e <i>-arium, ii</i> 'local', formadores de subst.; em port., forma adj. e/ou subst. com diversos matizes semânticos: 1) profissão, atividade: <i>fazendeiro, porteiro, relojoeiro</i>; 2) caráter, temperamento: <i>aventureiro, encrenqueiro</i>; 3) gentílicos: <i>brasileiro, mineiro</i>; 4) recipiente, receptáculo: <i>açucareiro, paliteiro</i>; 5) grande quantidade: <i>formigueiro</i>; 6) nome de planta ou árvore: <i>abacateiro, pessegueiro</i>; ver -eira.</p> <p>Zinho: substantivo masculino, pouco usado. Uso: informal, pejorativo. Indivíduo sem expressão, sem importância; sujeito.</p>	
Stradelli (2014, p. 333)	Caiú: Cajú. A fructa do <i>Anacardium occidentale</i> .	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: igarapé.		
Elemento Específico: árvore que produz o fruto caju (<i>caiu</i>) e eirinho.		
Sentido original: <i>caieirinho</i> , igarapé onde havia um <i>cajueiro pequeno</i> .		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico do igarapé, sem a percepção de lugar onde havia <i>caju</i> .		
Classificação taxonômica		
Fito-dimensiotopônimo , porque o elemento específico se refere à vegetação e a tamanho.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>híbrida</i> de 3 elementos: <i>caiú</i> , <i>eiró</i> e <i>inho</i> . Ressalta-se que os elementos <i>eiró</i> e <i>inho</i> representam a LP, e <i>caju</i> é termo portuguesado de <i>caiu</i> , da LGA, de origem Tupinambá, caracterizando uma nomeação em LP.		
Mudança fonética		
Caiu+eiro + inho > caieirinho > cajueirinho: 1) Justaposição de <i>caiú</i> , <i>eiró</i> e <i>inho</i> , como processo morfológico, evidenciando a formação híbrida lga-português (caieirinho). 2) Substituição i>j , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (cajueirinho).		
Mudanças fonéticas: consonantização (i>j).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Cariperana (22)	(LGA) Caraipé + Rana	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 106)	<p>Caraipé: s.m. [< T. karai'pé]. Planta da família das rosáceas.</p> <p>Cariperana: s.f. [<T. Karaipi'rana < Kaira'pe (v. caraipé) + 'rana <i>semelhante</i>. Nome comum a diversas plantas da família das resáceas.</p>	
Houaiss e Villar (2009, p. 399)	<p>Caraipé: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. 1 design. comum a algumas árvores do gên. <i>Licania</i>, da fam. das crisobalanáceas, nativas da Amazônia; caripé.</p> <p>Caraiperana: substantivo feminino. Rubrica: angiospermas. 1 árvore de até 20 m (<i>Licania micrantha</i>), da fam. das crisobalanáceas, nativa da Amazônia, de folhas coriáceas, flores sésseis e frutos piriformes, próprios para refrescos; cariperana, cariperana-de-folha-larga.</p>	
Stradelli (2014, p. 337, 471)	<p>Caraipé: casta de leguminosa de alto porte que cresce nas caapoeiras velhas; dá uma madeira leve e sem préstimo.</p> <p>Rana: sufixo com a significação de espúrio, adulterado, falso, não verdadeiro, imitado.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade.</p> <p>Elemento Específico: árvore semelhante (<i>rana</i>) a planta caripé (<i>caraipé</i>).</p> <p>Sentido original: <i>caraiperana</i>, lugar onde há plantas semelhantes à <i>caraipé</i>.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade, sem a percepção de lugar onde havia <i>cariperanas</i>.</p>		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico se refere à vegetação, à planta <i>cariperana</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>caraipé</i> e <i>rana</i> . Ressalta-se que esses elementos, ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>cariperana</i> , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
<p>Caraipé + rana > caraiperana > cariperana: 1) Justaposição de <i>caraipé</i> e <i>rana</i> (<i>caraiperana</i>). 2) Redução a>Ø por síncope da vogal a (<i>cariperana</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: síncope (a>Ø).</p>		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Carnaúba (23)	(LGA) Caraná + Yua	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 106)	Carnaúba: s.f. Var. 7-8 <i>carnauba</i> , 8 <i>carnahúba</i> , 8-9 <i>carnaúba</i> , 9 <i>carnahuba</i> [<T. Karana'ïua < ka'rana (v. caraná) + ïua <i>planta</i> . Palmeira da subfamília das carifóideas, de cuja folhas se extrai uma cera muito utilizada na fabricação de velas, pasta para assoalhos, vernizes etc.; carnaubeira.	
Houaiss e Villar (2009, p. 407)	Carnaúba: substantivo feminino. Rubrica: angiospermas. 1 palmeira solitária de até 15 m (<i>Copernicia prunifera</i>), nativa do Nordeste do Brasil, de folhas palmadas e bagas ovoides; carandá, carnaíba, carnaubeira [Seu produto mais importante é a cera, obtida das folhas; a madeira é us. na construção; o fruto tem polpa comestível, us. em doces e farinha; da amêndoa extrai-se óleo; as raízes têm propriedades depurativas e, reduzidas a cinzas, substituem o sal de cozinha.]	
Stradelli (2014, p. 338, 527)	Caraná: casta de palmeira que cresce em touceiras nas terras firmes, e cujas folhas servem para coberturas de casas. Há uma variedade que cresce na vargem e lugares inundáveis, e cuja resistência ao tempo é muito menor. Yua: planta, tronco, haste, origem, estirpe, causa.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: espécie de palmeira. Sentido original: <i>caranáyuba</i> , lugar onde há <i>palmeiras carnaúbas</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade, sem a percepção de lugar onde havia <i>carnaúbas</i> .		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico se refere à vegetação, à palmeira carnaúba.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>caraná</i> + <i>yua</i> . Ressalta-se que esses elementos, ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>carnaúba</i> , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Caraná + yua > caranáyua > carnayua > carnayba > carnaúba: 1) Justaposição de <i>caraná</i> e <i>yua</i> , como processo morfológico (<i>caranayua</i>). 2) Redução <i>a>∅</i> por síncope da vogal <i>a</i> (<i>carnayua</i>). 3) Substituição <i>u>b</i> por consonantização e influência da LGP (<i>carnayba</i>). 4) Posterização <i>y>u</i> , quando o som gutural de [<i>y</i>], comum à LGA, é substituído pela vogal <i>u</i> (<i>carnaúba</i>). Mudanças fonéticas: síncope (<i>a>∅</i>), consonantização (<i>u>b</i>), posteriorização (<i>y>i</i>).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Curuatá (24)	(LGA) Caraoatá	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 123)	Curuatá: s.m. Var.: 5 <i>caraoatá</i> [< T. Kurua'tá ~VLB I. 29: <i>Albocorá</i> = <i>Curuatá</i>]. Peixe marinho da família dos escombrídeos, albacora.	
Houaiss e Villar (2009, p. 588)	Curuatá: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. m.q. gravatá ('designação comum').	
Miranda (1942, p. 66)	Caruatá-assu: peixe do Alto-Capim. Caruatá-i: Espécie menor, também do Alo-Capim, talvez seja o <i>Auchenipterus nodosus</i> . <i>Corr.</i> em carataí.	
Stradelli (2014, p. 338)	Caraoatá: albacora, casta de peixe, do salgado.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: peixe <i>caruatá</i> . Sentido original: lugar de peixes <i>caraoatás</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade, sem a percepção de lugar onde havia peixes <i>caruatás</i> .		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico faz referência a peixes <i>caruatás</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>caraoatá</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>curuatá</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Caraoatá > caroatá > caruatá > curuatá: 1) Redução a>∅ por síncope da vogal a da segunda sílaba (caroatá). 2) Elevação o>u por dissimilação vocálica parcial (caruatá). 3) Substituição a>u por dissimilação vocálica total (curuatá). Mudanças fonéticas: síncope (a>∅), dissimilação vocálica parcial (o>u), dissimilação vocálica total (a>u).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Cipó-apára (25)	(LGA) cipó + apára	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p.)	<p>Cipó: substantivo masculino. Regionalismo: Brasil. 1 Rubrica: botânica. Design. comum às plantas lenhosas, trepadeiras, características das matas tropicais, de ramos delgados e flexíveis, que se fixam por meio de acúleos, de gavinhas ou por se enrolarem aos caules e ramos de árvores e arbustos; icipó, liana. 2 Uso: informal. Vara delgada para açoitar; chicote, chibata. 3 Uso: informal. aguardente de cana; cachaça.</p>	
Stradelli (2014, p. 348, 322)	<p>Cipó: Nome genérico das plantas sarmentosas, pertencentes às mais diversas famílias, que vivem apoiando-se às outras plantas, com supportes para poder-se elevar, sem com tudo vivam della, ao menos no geral. Sem o sustento extranho seriam sugeitas a rastejar.</p> <p>Apára: Torto, curvo, sinuoso. <i>Paraná-apára-eté</i>. Rio muito sinuoso. <i>Myra-pára</i>. Páo torto, arco.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: rio.</p> <p>Elemento Específico: vegetação do tipo trepadeira (<i>cipó</i>) às margens do rio, com características de ser torto, curvo e sinuoso (<i>apára</i>).</p> <p>Sentido original: <i>Cipó-apára</i>, um rio de Bragança/PA.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia significante quantidade de de <i>cipó</i> torto e sinuoso.</p>		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico revela elementos de índole vegetal, como o cipó.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>cipó</i> e <i>apára</i> . Ressalta-se que esses elementos, ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>cipó-apára</i> , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Cipó-apára: não apresenta variação fonética na transição lga>português.		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Curuperé (26)	(LGA) Curuperé	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 589)	Curuperé: substantivo masculino. Rubrica: geografia. Regionalismo: Amazonas. Espécie de arroio efêmero ou afluente de igarapé, que seca no verão.	
Seixas (1853, p.12)	Curuperé: s.m. Pântano, regato d'água.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade.		
Elemento Específico: regato, afluente de igarapé.		
Sentido original: <i>Curuperé</i> , local com água, regato.		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de <i>regato</i> .		
Classificação taxonômica		
Hidrotopônimo , porque o elemento específico revela referência a regato, local com água.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação simples do elemento <i>curuperé</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>curuperé</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Curuperé: não apresenta variação fonética na transição lga>português.		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Cutitinga (27)	(LGA) Acuti + tinga	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Miranda (1942, p. 42, 116)	<p>Acuti: Cutia. De <i>acuti</i>, esperar, acautelar-se, espreitar. G. Dias diz terem os índios dado este nome à cutia como se dissessem cauteloso, como quem vai pé ante pé. De fato, este belo roedor costuma a caminhar no mato com cautela, vigilante. Bapt. Caet. propõe: "a de gente, cur-ti, modo de comer ou tragar com as patas dianteiras.</p> <p>Tinga: adj. Branco, claro, alvo. Vulgar em palavras compostas, algumas das quais indicam animais que nada têm de branco, como <i>pacatinga</i>, <i>iauti-tinga</i>. No Sul o abn. contrõe-o em <i>tin</i> algumas vezes.</p>	
Stradelli (2014, p. 315, 500)	<p>Acuty: Aguti, cutia. Dasiprocta. Pequeno mamífero da família dos roedores, muito comum. No Amazonas há pelo menos três variedades, que se distingue tanto pelo tamanho como pela cor do pello. Boa caça e muito apreciada, embora a carne um pouco secca precise de tempero. Para o indígena a cutia é a imagem da providência conjuncta à boa vontade de não trabalhar e viver à custa alheia. Contam que originariamente era uma velha, que não tinha roça e que nada plantava, mas que gostava de aproveitar-se do que os outros plantavam para viver sem trabalho, pelo que foi pelamãe da mandioca, virada em cutia. com o castigo não perdeu o vício eé, especialmente por causa da grande quantidade, um dos piores inimigos das plantações.</p> <p>Tinga: Branco. Usado geralmente como suffixo. <i>Tauátinga</i> - Terra branca. <i>Sutinga</i> - Têla branca, a vela, contracção de <i>sútiroe tinga</i>.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: rio.</p> <p>Elemento Específico: ajuntamento de <i>cutias</i> (<i>acuti</i>) brancas (<i>tinga</i>).</p> <p>Sentido original: <i>acutitinga</i>, rio de Bragança/PA (sede).</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia ajuntamento de <i>cutias brancas</i>.</p>		
Classificação Taeonômica		
<p>Zootopônimo, porque o elemento específico revela uma filiação a elementos da fauna brasileira, como as cutias.</p>		
Morfologia e Língua de nomeação		
<p>A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>acuti</i> e <i>tinga</i>. Ressalta-se que esses elementos, ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>cutitinga</i>, o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.</p>		
Mudança fonética		
<p>Acuti + tinga > acutitinga > cutitinga: 1) Justaposição de <i>acuti</i> e <i>tinga</i> (acutitinga). 2) Redução a>∅ por aferese da vogal inicial a (cutitinga).</p> <p>Mudanças fonéticas: aférese (a>∅).</p>		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Inambucuí (28)	(LGA) Inambu+ycuy	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 152)	Inambu: s.m. e f. var.: 5-7 <i>nambu</i> , 6 <i>inhambu</i> , <i>nābu</i> , <i>ynambu</i> , 6, 8-9 <i>inambu</i> , 6 <i>inambu</i> , 7 <i>enambú</i> , <i>inhambu</i> , 7-9 <i>inhambú</i> , 8-9 <i>inambú</i> , <i>nambú</i> , <i>nhambú</i> [<T ina´um ~VLB I. 76: <i>codornis</i> = <i>inambutininga</i> . Ave da família	
Dos timanídeos.	Inambu: substantivo de dois gêneros. Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Brasil. m.q. inhambu ('designação comum')	
Miranda (1942, p. 79, 28)	Inambú: Nome de diversos galináceos <i>Tinamidae</i> de vôo pesado e ruidoso. No sul, segundo T.S., também pronunciam <i>inhambu</i> , guar. <i>Ynambú</i> , c.d. “ <i>y-nam-bú</i> ”, o que corre surdindo ou emergindo, ou o que levanta o vôo rumorejando. T.S. realmente o inambú tem um vôo bastante estrepitoso, mas vôo, voar em guar. e em aban. <i>bêbê</i> , em Nhêeng. <i>Uêuê</i> , está longe de <i>nam</i> , que significa <i>correr</i> . <i>iBat. Caet.</i> fornece-nos outra etim. Ainda mais verossímil: “ <i>y-am-bur</i> , o que se levanta a prumo”; o que nunca acontece com qualquer das espécies de <i>inambús</i> , cujo vôo é muito oblíquo; fogem num vôo rasteiro, barulhento paara pular mais longe no chão. Ycuy: terra	
Stradelli (2014, 370)	Inhambú. Inambú <i>Crypturus</i> . Casta de aves, que no novo mundo representa as perdizes.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: ajuntamento de inambus (<i>inambú</i>) em um determinado espaço geográfico, significando “terra” (<i>ycuy</i>). Sentido original: <i>Inambuycuy</i> , terra dos inambus. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia ajuntamento de <i>inambus</i> .		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico revela uma filiação a elementos da fauna brasileira, como os inambus.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> de 2 formantes: <i>inambu</i> e <i>ycuy</i> . Ressalta-se que esses elementos, ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>inambucuí</i> , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Inambu + ycuy > inambuycuy > inambuicuí > inambucuí: 1) Justaposição de <i>inambú</i> e <i>ycuy</i> (<i>inambuycuy</i>). 2) Anteriorização <i>y>i</i> , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal <i>i</i> (<i>inambuicuí</i>). 3) Redução <i>ui>u</i> do encontro vocálico da terceira sílaba por monotongação (<i>inambucuí</i>). Mudanças fonéticas: anteriorização (y>i), monotongação (ui>u).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jacareteua (29)	(LGA + LGP) lacaré + tyba	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Miranda (1942, p. 73)	<p>lacaré: T.S. derivava de "ya-caré, o que é encurvado ou sinuoso; ou de <i>y-echa-caré</i>, o que olha torto ou de banda, ou ainda de <i>yaguá-ré</i>, a féra de outro gênero". Nas duas primeiras há pouca probabilidade de perder <i>caré</i> a nasalação final para pronunciar-se <i>caré</i>; quanto à última. é logo arriscado verter iaguá=iaguára por féra, sendo duvidoso que o sevagem chamasse ao <i>jacaré</i>: "onça de outro gênero". Sin. no Alto-Amazonas <i>Guadú</i>.</p>	
Stradelli (2014, p. 367, 508)	<p>lacaré: jacaré. Grosso Saurio do genero <i>crocodilussclerops</i>. É muito commum em todo o Amazonas, mas felizmente não muito temível, atacando muito raramente o homem, do qual geralmente foge. Torna-se perigoso desde que chegue a provar da carne humana, porque então ataca. Uma velha lenda conta que é um jacaré que sustenta o mundo, e que quando cansado da posição em que está procura outra e se mexe, faz tremer o mundo. Por via disso o chamam <i>jacaré tyrytyry manha - jacaré mãe do terremoto</i>.</p> <p>Tyua: sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i>, que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de accordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i>— isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — lugar de cajús, deu <i>Cajutiba</i>, <i>Cajutúba</i>. <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i>, <i>Itatúba</i>. Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i>, mas é êrro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade.</p> <p>Elemento Específico: grande quantidade (<i>tyua</i>) de jacarés (<i>iakaré</i>).</p> <p>Sentido original: <i>Comunidade lacaretyua</i>.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade, sem a percepção de lugar com grande quantidade de jacarés.</p>		
Classificação taxonômica		
<p>Zootopônimo, porque o elemento específico revela uma filiação a elementos da fauna brasileira, como os jacarés.</p>		
Morfologia e Língua de nomeação		
<p>A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples do formante lacaré</i>, com sufixação de <i>tyba</i>. Ressalta-se que esses elementos, ambos de origem Tupinambá, foram aportuguesados em <i>jacareteua</i>, o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.</p>		
Mudança fonética		
<p>lacaré + tyua > iacarétyua > jacaretyua > jacaretiua > jacareteua > jacareteua: 1) Justaposição de <i>lacaré</i> e <i>tyua</i> (<i>iacaretyua</i>). 2) Substituição <i>i>j</i>, fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jacaretyua</i>). 3) Anteriorização de <i>y</i>, som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>i</i> (<i>jacaretiua</i>). 4) Abaixamento <i>i>e</i> por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [í] e de [ú] (<i>jacareteua</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: consonantização (i>j), anteriorização (y>i), dissimilação vocálica parcial (i>e).</p>		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Japetá (30)	(LGA) lapy + itá	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Seixas (1853, p. 17)	lapi: v. atirar com arma, funda ou com a mão.	
Stradelli (2014, p. 373)	lapyitá: apedrejado, lançar pedra.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: ato de lançar (<i>iapy</i>) pedras (<i>itá</i>). Sentido original: <i>Comunidade lapyitá</i>. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade, sem a percepção de lugar onde pedras eram lançadas.</p>		
Classificação taxonômica		
Drasitopônimo , porque o elemento específico revela uma filiação à ideia de <i>ação</i> (o ato em si). Sugere-se a taxonomia <i>Drasitopônimo</i> , do grego <i>Drási</i> , que significa <i>ação</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação compostade 2 formantes: <i>iapi</i> e <i>itá</i> . Ressalta-se que esses elementos, ambos de origem Tupinambá, foram aportuguesados em <i>japetá</i> , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
<p>lapy + itá > iapyitá > iapiitá > iapitá > japitá > japetá: 1) Justaposição de <i>iapy</i> e <i>itá</i> (iapyitá). 2) Anteriorização de <i>y</i>, som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>i</i> (iapiitá). 3) Redução ii>i por crase (iapitá). 4) Substituição i>j, fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (japitá). 4) Abaixamento i>e por assimilação vocálica (japetá). Mudanças fonéticas: anteriorização (<i>y>i</i>), crase (<i>ii>i</i>), consonantização (<i>i>j</i>), assimilação vocálica parcial (<i>i>e</i>).</p>		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jandiá (31)	(LGA) landiá	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 171)	Jandiá: s.m. Var.: 5 <i>nhũndia</i> , 6 <i>iundia</i> , 7-9 <i>jandiá</i> , 8 <i>jundia</i> , 9 <i>jundiá</i> [<T. iuni'a ~VLB I.50: <i>Nagres dagua doce</i> = Nhũndia.	
Houaiss e Villar (2009, p. 1125)	Jandiá: s.m. (c1594 cf. FSoarC) ICT B 1 m.q. bagre ('design. comum a vários peixes') 2 m.q. bagre-de-lagoa (<i>Rhamdia sebae</i>). ETIM tupi <i>yundi'a</i> 'nome comum aos bagres do rio', tb. adp. <i>jundiá</i> ; f.hist. c1594 <i>nhudia</i> , c1631 <i>iundia</i> .	
Stradelli (2014, p. 370)	landiá: jandiá, várias espécies de peixe de pele, do gênero <i>Platystoma</i> e afins.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: peixe de pele <i>iandiá</i> . Sentido original: <i>landiá</i> , Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade, sem a percepção de lugar onde havia <i>cajueiros</i> .		
Estrutura toponímica		
Zootopônimo , porque o elemento específico revela uma filiação a elementos da fauna brasileira, como os <i>iandiás</i> .		
. Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>curuperé</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>curuperé</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
landiá > jandiá: Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jandiá</i>).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Jiquiri (32)	(LGA) iukiri	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 185)	Juquiri: Var.: 5 <i>jucuri</i> , 8 <i>jukery</i> , <i>juquir.</i> , Cp. JEQUIRI [< T. <i>iuki'ri</i>]. Planta da família das leguminosas, subfamília das mimosáceas.	
Houaiss e Villar (2009, p. 1139)	Juquiri: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. 1 design. comum a várias plantas da fam. das leguminosas, esp. da subfam. mimosoídea e do gên. <i>Mimosa</i> , e a algumas do gên. <i>Byttneria</i> , da fam. das esterculiáceas. 1.1 arbusto escandente (<i>Mimosa myriadena</i>) da fam. das leguminosas, subfam. mimosoídea, nativa das Guianas e Brasil (AMAZ), armado de acúleos, de folíolos lineares, flores alvas e perfumadas e vagens achatadas; rabo-de-camaleão.	
Stradelli (2014, p. 389)	Iukiri. Casta de sensitiva espinhosa das praias, elegante Mimosáceas de flores rosa-claras, muito comum ao longo dos rios amazônicos.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: planta <i>iukiri</i>. Sentido original: <i>Rio iukiri</i>. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia plantas <i>iukiri</i>.</p>		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico revela uma filiação a elementos da flora brasileira brasileira, como as plantas <i>iukiri</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>iukiri</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>juquiri</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
iukiri > jukiri > juquiri: 1) Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>juquiri</i>). 2) Substituição <i>k>qu</i> por influência da ortografia em língua portuguesa (<i>juquiri</i>). Mudanças fonéticas: consonantização (i>j),		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jiquiri (33)	(LGA) iukiri	Bairro
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 185)	Juquiri. Var.: 5 <i>jucuri</i> , 8 <i>jukery</i> , <i>juquir.</i> , Cp. JEQUIRI [<T. <i>iuki'rî</i>]. Planta da família das leguminosas, subfamília das minosáceas..	
Houaiss e Villar (2009, p. 1139)	Juquiri: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. 1 design. comum a várias plantas da fam. das leguminosas, esp. da subfam. mimosoídea e do gên. <i>Mimosa</i> , e a algumas do gên. <i>Byttneria</i> , da fam. das esterculiáceas. 1.1 arbusto escandente (<i>Mimosa myriadena</i>) da fam. das leguminosas, subfam. mimosoídea, nativa das Guianas e Brasil (AMAZ), armado de acúleos, de folíolos lineares, flores alvas e perfumadas e vagens achatadas; rabo-de-camaleão.	
Stradelli (1929, p. 562)	Iukirí. Pavãozinho, pavão do Pará, <i>Eurypyga helias</i> . Elegante ave ribeirinha muito comum e apreciada em domesticidade pela sua mansidão, elegância e o hábito de apanhas moscas com uma graça e habilidade extraordinárias.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: bairro. Elemento Específico: <i>Rio iukiri</i>. Sentido original: Bairro <i>iukiri</i>. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de bairro, sem a percepção de lugar onde havia plantas <i>iukiri</i>.</p>		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque não se considera que a motivação ocorra em razão da presença de plantas <i>iukiri</i> , mas sim pelo emprego do vocábulo <i>bairro</i> , como elemento específico, tal qual ocorre com vila, observado por Dick (1992). Entende-se que tanto <i>vila</i> quanto <i>bairro</i> dão ideia de aglomeração de pessoas em determinado lugar, especificando, assim, o topônimo.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>iukiri</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>jiquiri</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
iukiri > jukiri > juquiri: 1) Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jukirî</i>). 2) Substituição <i>k>qu</i> por influência da ortografia em língua portuguesa (<i>jiquirî</i>). Mudanças fonéticas: consonantização (i>j),		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Maniteua (34)	(LGA + LGP) amaniu + tyba	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Seixas (1853, p. 3)	Amaniù: s. m. algodão, fructo do Brasil, que serve para teçumes.	
Stradelli (2014, p. 318, 508)	Amaniú. Amaniú: Algodão, as diferentes espécies de <i>Gossypium</i> . Tyua: sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de accordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — lugar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é êrro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: grande quantidade (<i>tyua</i>) de algodão (<i>amaniú</i>). Sentido original: <i>Rio Amanityua</i> , rio de Bragança/PA (sede), onde há grande quantidade de algodão. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia grande quantidade de <i>algodão</i> .		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico revela uma filiação a elementos da flora brasileira brasileira, como os <i>Amaniú</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>amani</i> , com sufixação de <i>tyba</i> . Ressalta-se que esses elementos, ambos de origem Tupinambá, foram aportuguesados em <i>maniteua</i> , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Amaniú + tyua > amanityua > manityua > manitiua > maniteua: 1) Justaposição de <i>amaniú</i> e <i>tyua</i> (<i>amanityua</i>). 2) Redução a>Ø por aférese da vogal inicial a (<i>manityua</i>). 3) Anteriorização de y , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal i (<i>manitiua</i>). 4) Metafonia (mudança de timbre vocálico) i>e , causada pela vogal postônica /u/ (<i>maniteua</i>). Mudanças fonéticas: aférese (a>Ø), anteriorização (y>i),		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Maniteua (35)	(LGA + LGP) Maniu + tyua	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Seixas (1853, p. 3)	Amaniù: s. m. algodão, fructo do Brasil, que serve para teçumes.	
Stradelli (2014, p. 318, 508)	Amaniú. Amaniú: Algodão, as diferentes espécies de <i>Gossypium</i> . Tyua: sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de accordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — lugar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é êrro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: Rio Maniteua. Sentido original: <i>Comunidade Amanityua</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia grande quantidade de <i>algodão</i> (amaniú).		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque o elemento específico revela uma filiação nome de cidade		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>amani</i> , com sufixação de <i>tyba</i> . Ressalta-se que esses elementos, ambos de origem Tupinambá, foram aportuguesados em <i>maniteua</i> , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Amaniú + tyua > amanityua > manityua > manitiua > maniteua: 1) Justaposição de <i>amaniú</i> e <i>tyua</i> (<i>amanityua</i>). 2) Redução <i>a>Ø</i> por aférese (<i>manityua</i>). 3) Anteriorização de <i>y</i> , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>i</i> (<i>manitiua</i>). 4) Abaixamento <i>i>e</i> por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [i] e de [ú] (<i>maniteua</i>). Mudanças fonéticas: aférese (a>Ø), anteriorização (y>i), dissimilação vocálica parcial (i>e).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Muçum (36)	(LGA) musú	Ilha
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 214)	Muçum: s.m. Var.: 5 <i>mocim</i> , 6 <i>musu</i> , <i>mocu</i> , 8 <i>mussú</i> [< T mu´su] ~ VLB II.: I2: jnguia = Moçu. Outras. Çarapô.	
Miranda (1942, p. 89)	Mussum. s.m. <i>Engystomo marmoratus</i> . Peixe anguiforme que vive nos lagos e rêgos atolentos.	
Houiaiss e Villar (2009, p.	Muçum: substantivo masculino. Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Brasil. Peixe teleósteo simbranquiforme, da fam. dos simbranquídeos (<i>Synbranchus marmoratus</i>), encontrado em rios, lagos e açudes da América do Sul; é desprovido de escamas, nadadeiras pares e bexiga natatória; a pele, amarelada nos adultos, secreta grande quantidade de muco [Em períodos de seca, vive durante meses enterrado em túneis; possui capacidade de sofrer reversão sexual].	
Stradelli (1929, p. 562)	Musú. Peixe roliço e comprido, casta da lampreia - <i>Mixinoideae</i> .	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: ilha. Elemento Específico: presença do peixe muçum (<i>musú</i>). Sentido original: <i>Ilha musú</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de ilha, sem a percepção de lugar onde havia peixe <i>mussum</i> .		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo, porque o elemento específico revela uma filiação a elementos da fauna brasileira, como os peixe <i>muçum</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>musú</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>muçum</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Musú > musum > mussum > muçum: 1) Acréscimo Ø> <i>m</i> , por paragoge, ao mesmo tempo em que nasaliza a vogal <i>u</i> (<i>musum</i>). 2) Acréscimo da consoante <i>s</i> por epêntese, para marcar a ortografia da língua portuguesa (<i>mussum</i>). 3) Substituição <i>ss>ç</i> característica da ortografia da língua portuguesa (<i>muçum</i>). Mudanças fonéticas: paragoge (Ø> <i>m</i>), nasalização (u>ũ).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Muçum (37)	(LGA) Musú	Furo
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 214)	Muçum: s.m. Var.: 5 <i>mocim</i> , 6 <i>musu</i> , <i>mocu</i> , 8 <i>mussú</i> [< T mu'su] ~ VLB II.: I2: jnguia = Moçu. Outras. Çarapô.	
Miranda (1942, p. 89)	Mussum. s.m. <i>Engystomo marmoratus</i> . Peixe anguiforme que vive nos lagos e rêgos atolentos.	
Houiaiss e Villar (2009, p.	Muçum: substantivo masculino. Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Brasil. Peixe teleósteo simbranquiforme, da fam. dos simbranquídeos (<i>Synbranchus marmoratus</i>), encontrado em rios, lagos e açudes da América do Sul; é desprovido de escamas, nadadeiras pares e bexiga natatória; a pele, amarelada nos adultos, secreta grande quantidade de muco [Em períodos de seca, vive durante meses enterrado em túneis; possui capacidade de sofrer reversão sexual].	
Stradelli (1929, p. 562)	Musú. Peixe roliço e comprido, casta da lampreia - <i>Mixinoideae</i> .	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: curso de água navegável entre árvores (furo).		
Elemento Específico: referência à Ilha do Muçum.		
Sentido original: <i>Furo do Muçum</i> .		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, é percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza para o sentido genérico de furo (curso de água), com referência à ilha de mesmo nome, no entanto, sem fazer relação com o peixe <i>muçum</i> .		
Classificação taxonômica		
Hidrotopônimo , porque o elemento genérico <i>furo</i> passa a específico, revelando uma filiação a elementos da hidrografia, como o furo do Muçum.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>musú</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>muçum</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Musú > musum > mussum > muçum: 1) Acréscimo Ø>m, por paragoge, ao mesmo tempo em que nasaliza a vogal u (<i>musum</i>). 2) Acréscimo da consoante s por epêntese, para marcar a ortografia da língua portuguesa (<i>mussum</i>). 3) Substituição ss>ç característica da ortografia da língua portuguesa (<i>muçum</i>).		
Mudanças fonéticas: paragoge (Ø>m), nasalização (u>ũ).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Mucunã (38)	(LGA) mucuna	Ilha
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 214)	Mucunã: s.f. Var. 5 <i>mucuná</i> , 6 <i>maquna</i> , 9 <i>mucunan</i> , <i>mucunã</i> , <i>mucuna</i> , <i>maacunã</i> [< T. muku'nã]. Planta da família das leguminosas.	
Stradelli (2014, p. 421)	Mucuna: casta de Urticácea, <i>Mucuna urens</i> , a qual fornece uma fibra têxtil bastante resistente.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: ilha.</p> <p>Elemento Específico: planta leguminosa <i>mucuna</i>.</p> <p>Sentido original: <i>Ilha Mucuna</i>.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de ilha, sem a percepção de lugar onde havia presença de <i>mucuna</i>.</p>		
Classificação Taxeonímica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico revela uma filiação a elementos da flora brasileira brasileira brasileira, como a planta <i>mucuna</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>mucuna</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>mucunã</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
<p>Mucuna > mucunã: 1) Nasalização da vogal a da última sílaba (<i>mucunã</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: nasalização (a>ã).</p>		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Piaba (39)	(LGA) Piáua	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 233)	Piaba: s.f. Var.: 5-6 <i>piaba</i> , 6 <i>upiaua</i> , 7 <i>upiaba</i> , <i>piabá</i> , <i>piava</i> , <i>peáva</i> [<T. pi'aua]. Nome comum a vários peixes caracíformes da família dos caracídeos.	
Houaiss e Villar (2009, p. 1485)	Piaba: s. f. 1 Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Brasil. design. comum dos peixes teleósteos, fluviais, caracíformes da fam. dos anostomídeos, esp. dos gên. <i>Leporinus</i> e <i>Schizodon</i> ; possuem boca pequena com fortes dentes; aracu, piau, piava, varacu. Obs.: f. não pref.: <i>piava</i> .	
Stradelli (2014, p. 455)	Piáu, piáua: piaba, casta de peixe pequeno.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: presença de piabas (<i>piaua</i>). Sentido original: <i>piaua</i> , lugar onde há piabas. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade, sem a percepção de lugar onde havia <i>piabas</i> .		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico revela uma filiação a elementos da fauna brasileira, como a planta <i>mucuna</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>piáua</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>piaba</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Piáua > piaba: 1) Substituição <i>u>b</i> por consonantização (<i>piaba</i>). Meaplasmo: consonantização (u>b).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Ponta de Bacuriteua (40)	(LP + LGa + LGP) ponta+uacuri+tyba	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 1523)	Ponta: 1 parte extrema de um objeto, considerado longitudinalmente; extremidade. Ex.: <i>p. de uma régua, de um mastro</i> . 2 extremidade que se vai gradualmente adelgaçando; bico. Ex.: <i>p. de uma caneta, de um sapato</i> .	
Stradelli (2014, p. 509)	Uacurí: Bacury. Fructa comestível, drupa que contém umas sementes envolvidas numa polpa esbranquiçada levemente acidulada e assucarada, com perfume especialíssimo.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: extremidade da vila de Bacuriteua (<i>ponta</i>). Sentido original: comunidade localizado na extremidade da <i>Vila de Bacuriteua</i> . Sentido atual: o designativo apresenta elemento específico original relativo à grande quantidade do fruto do Bacurizeiro (<i>uacurityua</i>), no entanto, a nomeação não foi motivada em razão do elemento vegetal. Ressalta-se que <i>Ponta de Bacuriteua</i> apresenta uma motivação relacionada à geografia local, isto é, está ligada ao referencial de <i>extremidade</i> da Vila de Bacuriteua, por isso o designativo “Ponta de Bacuriteua”. Neste caso em particular, o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, é percebido em relação a essa comunidade, já que o significante sinaliza para o sentido específico de <i>extremidade</i> .		
Classificação taxonômica		
Thesitopônimo , porque o elemento específico revela relação com elemento que se refere à posição, à geografia do local, a extremidade.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>ponta</i> e <i>bacuriteua</i> , em que <i>ponta</i> representa a LP, e <i>bacuriteua</i> , o aportuguesamento dos elementos <i>uacuri</i> e <i>teua</i> , da LGA, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
uacuri+tyua > uacurityua > bacurityua > bacuritiua > bacuriteua: 1) Justaposição de <i>uacuri</i> e <i>tyua</i> (<i>uacurityua</i>). 2) Substituição u>b por consonantização, influência da LGP (<i>bacurityua</i>). 3) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal i (<i>bacuritiua</i>). 4) Abaixamento i>e por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [í] e de [ú] (<i>bacuriteua</i>). 5)		
Mudanças fonéticas: consonantização (u>b), anteriorização (y>i), dissimilação vocálica parcial (i>e).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Samaumapara (41)	(LGA) Samaúma + pará	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Sampaio (1987, p. 311, 293)	<p>Samauma: <i>corr. Çama-mbai</i>, a árvore de corda, ou que tem fibras que dão corda. (<i>Eriodendrum Samauma</i>, Mart.). <i>Alt.: Samayba, Samauba, Samauva, Sumauma, Subauma.</i></p> <p>Pará: o mesmo que mbará, ou mará, s., o mar. Segundo Batista Caetano compoem-se de y-pá-rá, e significa - águas todas colhe - isto é, o colecionador das águas. No tupi - pará - é o rio volumoso, o caudal. 91, 92. O vocábulo pará significa também variedade, policromia, e, como derivado de parab, funciona como adjetivo, significando: vário, variegado, multicolor ^{59A}.</p>	
Stradelli (2014, p. 477, 449)	<p>Samauma: A paina que envolve a semente de uma das mais gigantescas arvores de florestas amazonicas. É finissima, sedosa e lucida, mas ate agora não parece que em mão dos civilizados tenha servido a outra cousa sinão encher almofadas, fazendo nisso concunrrencia á palma da monguba. Os indígenas servem-se da paina da samaúma, mesmo de preferencia à palma da monguba, para fazer a bolinha obturadora nas flechas da sarabatana. No purús porem os Ipurinas me fizeram ver, e ja tive em meu poder, uns efeites tecidos, que pretendiam ser de samaúma fiada.</p> <p>Pará: Mar, e mais raramente, com a significação de rio, que no Amazonas chamam de preferênciã paranã.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: rio.</p> <p>Elemento Específico: paina de samaúma em quantidade considerada.</p> <p>Sentido original: <i>Rio Samaumapara.</i></p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia quantidade paina de <i>samaumeira</i>.</p>		
Classificação taxonômica		
<p>Fito-hidrotopônimo, porque o elemento específico revela relação não apenas à hidrografia, representada pelo vocábulo <i>parã</i> (onde há muita água, em LGA), como um mar de samaúma, mas também à flora.</p>		
Morfologia e Língua de nomeação		
<p>A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>samauma</i> e <i>parã</i>, ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>samaumapara</i>, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.</p>		
Mudança fonética		
<p>Samaúma + parã > samaumaparã: 1) Justaposição de <i>samauma</i> e <i>parã</i> (samaumaparã). 2) Substituição ã>a por desanalização (samaumapara).</p> <p>Mudanças fonéticas: desanalização (ã>a).</p>		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Samaumapara (42)	(LGA) Samaúma + pará	Bairro
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Sampaio (1987, p. 311, 293)	<p>Samauma: <i>corr. Çama-mbai</i>, a árvore de corda, ou que tem fibras que dão corda. (<i>Eriodendrum Samauma</i>, Mart.). <i>Alt.: Samayba, Samauba, Samauva, Sumauma, Subauma.</i></p> <p>Pará: o mesmo que mbará, ou mará, s., o mar. Segundo Batista Caetano compoem-se de y-pá-rá, e significa - águas todas colhe - isto é, o colecionador das águas. No tupi - pará - é o rio volumoso, o caudal. 91, 92.</p>	
Stradelli (2014, p. 477, 449)	<p>Samauma: A paina que envolve a somente de uma das mais gigantescas arvores de florestas amazonicas. É finissima, sedosa e lucida, mas ate agora não parece que em mão dos civilizados tenha servido a outra cousa sinão encher almofadas, fazendo nisso concunrrencia á palma da monguba. Os indígenas servem-se da paina da samaúma, mesmo de preferencia à palma da monguba, para fazer a bolinha obturadora nas flechas da sarabatana. No purús porem os Ipurinas me fizeram ver, e ja tive em meu poder, uns efeites tecidos, que pretendiam ser de samaúma fiada.</p> <p>Pará: Mar, e mais raramente, com a significação de rio, que no Amazonas chamam de preferênciã paranã.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: bairro.</p> <p>Elemento Específico: presença de samaumas à margem do rio.</p> <p>Sentido original: <i>Bairro Samaumapara</i>.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o signficante sinaliza apenas para o sentido genérico de bairro, sem a percepção de lugar onde havia quantidade paina de <i>samaumeira</i>.</p>		
Classificação Taxeonomica		
<p>Poliotopônimo, porque o elemento genérico <i>bairro</i> passa a específico, revelando relação com a ideia de aglomeração de pessoas em um determinado lugar.</p>		
Morfologia e Língua de nomeação		
<p>A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>samauma</i> e <i>parã</i>, ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>samaumapara</i>, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.</p>		
Mudança fonética		
<p>Samaúma + parã > samaumaparã: 1) Justaposição de <i>samauma</i> e <i>parã</i> (samaumaparã). 2) Substituição ã>a por desanализação (samaumapara).</p> <p>Mudanças fonéticas: desanализação (ã>a).</p>		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Sapucaia (43)	(LGA) Sapucaia	Ponte
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 259)	Sapucaia: s.f. Var.: 5 <i>zabucaj</i> , <i>zabucaes</i> (pl.), <i>zabucaya</i> , <i>jaçapucya</i> , <i>sabucai</i> , <i>çapucaj</i> . 6 <i>zabucai</i> , <i>zabucay</i> , <i>sasapucaia</i> , <i>sapuquaiha</i> , <i>çapucaya</i> . 7 <i>capucaia</i> , <i>sapucaya</i> , <i>sapocaya</i> . 7-8 <i>sapucaya</i> . 8-9 <i>sapucaia</i> [< T. iasapu'kaia]. Planta da família das lecitidáceas.	
Stradelli (2014, p. 479)	Sapucaia: Fructa comestível, com uma espécie de amendoa, castanha, que se encontra numa capsula arredondada e lenhosa, que ao momento da maturidade se abre rumorosamente (de onde o nome) expellindo as sementes.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: Ponte. Elemento Específico: árvore <i>sapucaeira</i> (<i>sapucaia</i>). Sentido original: <i>Ponte Sapucaia</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, é percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza para o sentido específico da ponte, com a percepção de que na cabeceira da ponte havia uma <i>sapucaeira</i> .		
Classificação Taxeonomica		
Ergotopônimo , porque o elemento genérico <i>ponte</i> passa a específico, tornando-se elemento da cultura material, na qual a <i>ponte</i> se tornou. A <i>ponte</i> tornou-se um importante não apenas como referencial histórico de Bragança/PA, mas também para o desenvolvimento da região, local onde os trilhos da estrada de ferro foram instalados.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>sapucaia</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>sapucaia</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Sapucaia: não apresenta mudança fonética.		
Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Taicy (44)	(LGA) Taicy	Furo
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Miranda (1942, p. 108)	Tacyua: s-t, <i>tacyba</i> , quar. <i>tahy</i> ou <i>tacy</i> . formiga.	
Stradelli (2014, p. 488)	Taicy: casta de formiga de fogo – mãe queimosa, mãe de ardor.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: curso de água navegável entre árvores (furo). Elemento Específico: formigueiro de <i>taicy</i> . Sentido original: <i>Furo do Taicy</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de furo (curso de água), sem a percepção de lugar onde havia formigas <i>taicy</i> .		
Classificação taxeonomica		
Zootopônimo , porque o elemento específico <i>taicy</i> revela uma relação com a fauna.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>taicy</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>taicy</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Taicy: não apresenta mudança fonética na transição da lga>português.		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Táira (45)	(LGA) Tayra	Bairro
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Sampaio (1978, p. 327)	Tayra: s. O filho pelo lado paterno; oposto a <i>membira</i> que é o filho pelo lado materno.	
Stradelli (1929, p. 497)	Tayra, Rayra - Filho com referencia ao pae.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: bairro. Elemento Específico: parentesco relacionado ao pai (<i>tayra</i>). Sentido original: <i>tayra</i> , em referência a um filho de homem. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de bairro, sem a percepção de lugar fazendo referência a um filho de homem (<i>tayra</i>).		
Classificação taxonômica		
Gonikitopônimo , porque o elemento específico <i>taíra</i> revela relação com parentesco.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>tayra</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>taíra</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Tayra > táira: Anteriorização de y>i , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal i (taíra). Mudanças fonéticas: anteriorização (y>i).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Tamatateua (46)	(LGA + LGP) Tamuatá + tyba	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Miranda (1942, 110)	Tamuatá: s.m. <i>Callichthys littoralis</i> , var. <i>tamboatá</i> (em algumas cidades do Amazonas). Na <i>Poranduba maranhense</i> firma-se que “quando lhe falta água no lago, vai rolando por terra até a achar.”	
Stradelli (1929, p. 490)	Tamuatá: Tamoata- Casta de peixe que pela disposição especial das guelrras, pode supportar, sem morrer, o ficar algum tempo fora d’água, o que lhe permite fazer pequenas travessias por terra, não sendo raro encontrá-lo no matto passando de um rio, lago ou igarapé para outro, de onde o nome que em muitos logares lhe dão de peixe do mato. - <i>Cataphractus callicythus</i> e affins.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: grande quantidade (<i>tyua</i>) de tamuatá (<i>tamuatá</i>). Sentido original: <i>tamuatatyua</i> , comunidade onde há grande quantidade de peixe <i>tamuatá</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade, sem a percepção de lugar onde havia grande quantidade de <i>tamuatá</i> .		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico revela relação com a fauna brasileira, como o peixe <i>tamuatá</i> .		
Morfologia e Língua de Nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> do elemento <i>tamuatá</i> , com sufixação de <i>tyba</i> . Ressalta-se que os elementos <i>tamuata</i> e <i>tyba</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>tamatateua</i> , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Tamuatá + tyua > tamuatatyua > tamatatyua > tamatatiua > tamatateua: 1) Justaposição de <i>tamuatá</i> e <i>tyua</i> (<i>tamuatatyua</i>). 2) Redução da semivogal <i>ua>a</i> por monotongação (<i>tamatatyua</i>). 3) Anteriorização <i>y>i</i> , quando som gutural e comum à LGA é substituído pela vogal <i>i</i> (<i>tamatatiua</i>). 4) Abaixamento <i>i>e</i> por dissimilação causada pela vogal postônica / <i>u</i> /: traço [+ alto] de [í] e de [ú] (<i>tamatateua</i>). Mudanças fonéticas: monotongação (ua>a), anteriorização (y>i), dissimilação vocálica parcial (e>i).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Taperaçu (47)	(LGA) tapera + uasu	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Stradelli (2014, p. 492, 512)	Tapera: Lugar que foi abandonado, ruína. Uasu: Grande, alto, elevado. Nos compostos e como sufixo - <i>Asú, Osú, Usú</i> , de conformidade com a euphonia local.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: grande (<i>uasu</i>) lugar habitado abandonado (<i>tapera</i>). Sentido original: <i>Rio Taperauasu</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem referência a um grande lugar habitado abandonado.		
Classificação taxonômica		
Eco-dimensiotopônimo , porque o elemento específico revela relação híbrida com lugar habitado, observado em <i>tapera</i> (que foi habitado) e com tamanho.		
Morfologia e Língua de Nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>tapera</i> e <i>uasu</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>taperaçu</i> , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Tapera + uasú: <i>taperauasu > taperaasu > taperasu > taperaçu</i> : 1) Justaposição de <i>tapera</i> e <i>uasú</i> (<i>taperauasú</i>). 2) Redução <i>ua>a</i> por monotongação (<i>taperaasu</i>). 3) Redução vocálica <i>aa>a</i> por crase (<i>taperasu</i>). 4) Substituição <i>s>ç</i> entre vogais, característica da ortografia em língua portuguesa (<i>taperaçu</i>). Mudanças fonéticas: monotongação (<i>ua>a</i>), crase (<i>aa>a</i>), assibilação (<i>s>ç</i>).		
Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Taperaçu (48)	(LGA) Tapera + uasu	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Stradelli (1929, p. 492, 512)	Tapera: Lugar que foi abandonado, ruína. Uasu: Grande, alto, elevado. Nos compostos e como sufixo - <i>Asú, Osú, Usú</i> , de conformidade com a euphonia local.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: referência ao Rio <i>Taperauasu</i> . Sentido original: <i>Comunidade Taperauasu</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem referência a um grande lugar abandonado.		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque o elemento específico revela relação com lugar habitado, observado em <i>tapera</i> (que foi habitado).		
Morfologia e Língua de Nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>tapera</i> e <i>uasu</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>taperaçu</i> , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Tapera + uasú: <i>taperauasu > taperaasu > taperasu > taperaçu</i> : 1) Justaposição de <i>tapera</i> e <i>uasú</i> (<i>taperauasú</i>). 2) Redução <i>ua>a</i> por monotongação (<i>taperaasu</i>). 3) Redução vocálica <i>aa>a</i> por crase (<i>taperasu</i>). 4) Substituição <i>s>ç</i> entre vogais, característica da ortografia em língua portuguesa (<i>taperaçu</i>). Mudanças fonéticas: monotongação (<i>ua>a</i>), crase (<i>aa>a</i>), assibilação (<i>s>ç</i>).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Taperaçu (49)	(LGA) Tapera + uasu	Porto
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Stradelli (1929, p. 492, 512)	Tapera: Logar que foi abandonado, ruína. Uasú: Grande, alto, elevado. Nos compostos e como sufixo - <i>Asú</i> , <i>Osú</i> , <i>Usú</i> , de conformidade com a euphonia local.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: porto. Elemento Específico: referência ao Rio e à comunidade <i>Taperauasú</i> . Sentido original: <i>Porto Taperauasú</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de porto, sem referência a um grande lugar abandonado.		
Classificação taxonômica		
Sociotopônimo , porque o elemento genérico <i>porto</i> passa à específico, revelando relação com lugar de atividades profissionais.		
Morfologia e Língua de Nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>tapera</i> e <i>uasú</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>taperaçu</i> , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Tapera + uasú: <i>taperauasú</i> > <i>taperaasu</i> > <i>taperasu</i> > <i>taperaçu</i> : 1) Justaposição de <i>tapera</i> e <i>uasú</i> (<i>taperauasú</i>). 2) Redução <i>ua>a</i> por monotongação (<i>taperaasu</i>). 3) Redução vocálica <i>aa>a</i> por crase (<i>taperasu</i>). 4) Substituição <i>s>ç</i> entre vogais, característica da ortografia em língua portuguesa (<i>taperaçu</i>). Mudanças fonéticas: monotongação (<i>ua>a</i>), crase (<i>aa>a</i>), assibilação (<i>s>ç</i>).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Tucum (50)	(LGA) Tucum	Ilha
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 297)	Tucum: s.m. Var. 5-6 <i>tocum</i> , 6 <i>tucu</i> , 6-9 <i>tucum</i> , 6 <i>tuqum</i> , <i>tucú</i> , 7 <i>tocú</i> , 8 <i>ticum</i> , <i>tucum</i> , <i>tycum</i> , 9 <i>tucum</i> [< T tu'kũ ~ VLB II. 63: palma ou palmeira não tem gênero – as espécies são muitas, mas nenhuma se nomeia senão pela fruta. Nome comum a várias espécies de palmeiras dos gêneros <i>Astrocaryum</i> (como a <i>A. vulgare</i> Mart.) e <i>Bactrys</i> (como a <i>B. setosa</i>).	
Houaiss e Villar (2009, p. 1890)	Tucum: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. Regionalismo: Brasil. 1 design. comum a várias palmeiras, ger. cespitosas, dos gên. <i>Astrocaryum</i> e <i>Bactris</i> , nativas do Brasil e de países vizinhos, com frutos freq. comestíveis e folhas das quais se extraem fibras, conhecidas como fibra de tucum; tucunzeiro.	
Stradelli (2014, p. 505)	Tucũ, Tucum: casta de palmeira do gênero <i>bactris</i> e afins; a fibra extraída das folhas da palmeira do mesmo nome e que serve para tecer maqueiras, redes para pescar, tarrafas etc.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: ilha. Elemento Específico: presença de tucum (<i>tucum</i>). Sentido original: <i>tucum</i> , em referência à uma ilha. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de ilha, sem a percepção de lugar onde havia <i>tucum</i> .		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico revela relação com vegetação.		
Morfologia e Língua de Nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>tucum</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>tucum</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Tucum: não apresenta mudança fonética na transição da lga>português.		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Urubuí (51)	(LGA) urumbú + y	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 307)	Urubu: s.m. Var.: 5 <i>urubu</i> , 5-6 <i>urubu</i> , 6 <i>urubù</i> [<T.uru'uu ~ VLB I. 83: <i>Corvo</i> = <i>Urubûl</i> , não na cor nem na feição: no ofício SÍ. IB. II. 38: <i>Mlnhoto</i> = <i>Urubû</i> , na feição somente]. Nome comum às aves falconiformes da família dos catartídeos.	
Houaiss e Villar (2009 p. 1911)	Urubu: substantivo masculino. 1 Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Brasil. design. comum às diversas aves ciconiiformes, gên. <i>Coragyps</i> e <i>Cathartes</i> , da fam. dos catartídeos; têm cabeça e pescoço nus e alimentam-se de carne em putrefação.	
Stradelli (2014, p. 518, 524)	Urumbú: Urumú, urubú. <i>Cathartes fetens</i> . Casta de vultirida, muito commum em toda America inter-tropical e que se encontra numeroso em todos os logares, onde há habitações. Vive das desjecções, cadaveres em putrefação e detrictos de todo o genero, sendo em muitos lugares o único encarregados da limpeza pública. Y: Água, pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o portuguez passou como <i>i</i> , seguido de <i>g</i> . <i>Ygara</i> , <i>ygasaba</i> etc., que são <i>yara</i> , <i>yarasaba</i> etc.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: presença de urubus (<i>urumbu</i>) às margens do rio (<i>y</i>). Sentido original: <i>urumbuy</i> , rio dos urubus. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde sejam vistos <i>urubus</i> .		
Classificação taxonômica		
Zoo-hidrotopônimo , porque o elemento específico <i>jejuí</i> revela relação híbrida, com fauna e hidrografia., presente na composição, revela relação com a hidrografia.		
Morfologia e Língua de Nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>urumbu</i> e <i>y</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>urubuy</i> , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Urumbú + y > urumbuy > urubuy > urubuí: 1) Justaposição de <i>urumbu</i> e <i>y</i> (urumbuy). 2) Redução da consoante nasal <i>m>Ø</i> por síncope (urūbuy). 3) Substituição <i>ũ>u</i> por desanalação da vogal <i>ũ</i> (urubuy). 3) Anteriorização de <i>y</i> , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>i</i> (urubuí). Mudanças fonéticas: síncope (m>Ø), desanalação (ũ>u), anteriorização (y>i).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Urubuí (52)	(LGA) Urumbú + y	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 307)	Urubu: s.m. Var.: 5 <i>urubu</i> , 5-6 <i>urubu</i> , 6 <i>urubù</i> [<T.uru'uu ~ VLB I. 83: <i>Corvo</i> = <i>Urubûl</i> , não na cor nem na feição: no ofício SÍ. IB. II. 38: <i>Mlnhoto</i> = <i>Urubû</i> , na feição somente]. Nome comum às aves falconiformes da família dos catartídeos.	
Houaiss e Villar (2009 p. 1911)	Urubu: substantivo masculino. 1 Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Brasil. design. comum às diversas aves ciconiiformes, gên. <i>Coragyps</i> e <i>Cathartes</i> , da fam. dos catartídeos; têm cabeça e pescoço nus e alimentam-se de carne em putrefação.	
Stradelli (2014, p. 518, 524)	Urumbú: Urumú, urubú. <i>Cathartes fetens</i> . Casta de vultirida, muito commum em toda America inter-tropical e que se encontra numeroso em todos os logares, onde há habitações. Vive das desjecções, cadaveres em putrefação e detrictos de todo o genero, sendo em muitos lugares o único encarregado da limpeza pública. Y: Água, pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o portuguez passou como <i>i</i> , seguido de <i>g</i> . <i>Ygara</i> , <i>ygasaba</i> etc., que são <i>yara</i> , <i>yarasaba</i> etc.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: referência ao Rio <i>Urumbuy</i> . Sentido original: <i>Bairro Urumbuy</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de bairro, sem referência a rio de urubus.		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque o elemento específico apresenta relação com aglomeração de pessoas.		
Morfologia e Língua de Nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>urumbu</i> e <i>y</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>urubuy</i> , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Urumbú + y > urumbuy > urubuy > urubuí: 1) Justaposição de <i>urumbu</i> e <i>y</i> (urumbuy). 2) Redução da consoante nasal <i>m>Ø</i> por síncope (urūbuy). 3) Substituição <i>ũ>u</i> por desanalação da vogal <i>ũ</i> (urubuy). 3) Anteriorização de <i>y</i> , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>i</i> (urubuí). Mudanças fonéticas: síncope (<i>m>Ø</i>), desanalação (<i>ũ>u</i>), anteriorização (<i>y>i</i>).		

Continua...

Quadro 17: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Urubuquara (53)	(LGA) Urumbú + cuara	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 307)	Urubu: s.m. Var.: 5 <i>urubu</i> , 5-6 <i>urubu</i> , 6 <i>urubù</i> [<T.uru'uu ~ VLB I. 83: <i>Corvo</i> = <i>Urubûl</i> , não na cor nem na feição: no ofício SÍ. IB. II. 38: <i>Mlnhoto</i> = <i>Urubû</i> , na feição somente]. Nome comum às aves falconiformes da família dos catartídeos.	
Houaiss e Villar (2009 p. 1911)	Urubu: substantivo masculino. 1 Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Brasil. design. comum às diversas aves ciconiiformes, gên. <i>Coragyps</i> e <i>Cathartes</i> , da fam. dos catartídeos; têm cabeça e pescoço nus e alimentam-se de carne em putrefação.	
Stradelli (2014, p. 518, 352)	Urumbú: Urumú, urubú. <i>Cathartes fetens</i> . Casta de vultirida, muito comum em toda America inter-tropical e que se encontra numeroso em todos os lugares, onde há habitações. Vive das desjeccões, cadaveres em putrefação e detrictos de todo o genero, sendo em muitos lugares o único encarregado da limpeza pública. Cuára: Buraco, furo, abertura.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: toca (<i>cuara</i>) de urubus (<i>urumbú</i>). Sentido original: <i>urumbucuara</i> , toca de urubus. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o signifiante sinaliza apenas para o sentido genérico do bairro, sem a percepção de lugar que seria a <i>toca de urubus</i> .		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico revela relação com a fauna bragantina.		
Morfologia e Língua de Nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>urumbu</i> e <i>cuára</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>urubuquara</i> , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Urumbu + cuara > urumbucuara > urubucuara > urubuquara: 1) Justaposição de <i>urumbu</i> e <i>cuara</i> (<i>urumbucuara</i>). 2) Redução <i>m>Ø</i> por síncope (<i>urûbucuara</i>). 3) Substituição <i>ũ>u</i> por desanalação da vogal <i>ũ</i> (<i>urubucuara</i>). 4) Substituição <i>c>q</i> por adaptação à ortografia em língua portuguesa. Mudanças fonéticas: síncope (<i>m>Ø</i>), desanalação (<i>ũ>u</i>).		

Continua...

Quadro 18: Análise, descrição e classificação dos topônimos de origem Tupinambá da Vila de Caratateua, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Bacurizinho (54)	(LGA + P) Uacuri + zinho	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 68)	Bacuri: s.m.. Var. 6-7 <i>bacori</i> , 6 <i>paquori</i> , <i>bacori</i> , 7 <i>bacuri</i> , <i>bacorí</i> , 8-9 <i>bacurí</i> , 9 <i>bacury</i> . Cp. BACUPARI, BACURIPARI [> T iuaku'ri]. Planta da família das gutíferas.	
Hauaiss e Villar (2009, p. 240, 1975)	Bacuri: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. 1 grande árvore (<i>Platonia esculenta</i>), da fam. das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI), com casca que exsuda resina us. em veterinária, madeira nobre, folhas lanceoladas, coriáceas, flores rosadas e bagas grandes, globosas e amarelas, com polpa amarelada, de que se fazem refrescos e doces, e sementes cujo sabor lembra o da amêndoa; bacurizeiro, landirana. Zinho: substantivo masculino, pouco usado. Uso: informal, pejorativo. Indivíduo sem expressão, sem importância; sujeito.	
Stradelli (1929, p. 693, 691)	Uacuri: Bacury. Fructa comestível, drupa que contém umas sementes envolvidas numa polpa esbranquiçada levemente acidulada e assucarada, com perfume especialíssimo.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: referência a um comunidade por nome Bacuri (<i>uacuri</i>). Sentido original: <i>bacurizinho</i> , comunidade. Sentido atual: o sufixo <i>-zinho</i> (português) denota uma composição híbrida com bacuri (LGA). O designativo não tem nenhuma relação com a ideia de vegetação, já que sua motivação ocorreu unicamente por analogia à outra comunidade com o mesmo designativo principal (<i>Bacuriteua</i>). Em <i>Bacurizinho</i> , identificam-se os elementos genérico e específico: comunidade e tamanho. O conjunto binômico, composto por esses elementos, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia bacurizeiros.		
Classificação taxonômica		
Fito-dimensiotopônimo , porque o elemento específico revela relação com a flora brasileira e com o tamanho.		
Morfologia e Língua de Nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>híbrida</i> de 2 formantes: <i>uacuri</i> e <i>zinho</i> , em que <i>uacuri</i> tem origem no Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>bacuri</i> , e <i>zinho</i> , pertence à LP, o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Bacuri + zinho > bacurizinho: 1) Justaposição de <i>bacuri</i> e <i>zinho</i> (<i>uacurizinho</i>). Mudanças fonéticas: não houve variação fonética em razão de a palavra <i>bacuri</i> já estar dicionarizada em língua portuguesa.		

Continua...

Quadro 18: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Caeté (55)	(LGA) Caa + eté	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Hauaiss e Villar (2009, p.)	Caeté: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. design. comum a diversas ervas, esp. dos gên. <i>Calathea</i> e <i>Ischnosiphon</i> e tb. do gên. <i>Stromanthe</i> , da fam. das marantáceas, a algumas do gên. <i>Canna</i> , da fam. das canáceas, e do gên. <i>Heliconia</i> , da fam. das musáceas, nativas do Brasil e ger. cultivadas como ornamentais, por suas folhagens e/ou inflorescências; caeté, caité.	
Stradelli (2014, p. 330, 524, 364)	Caá: Contracto ca- olha e por extensão, herva, planta, matta, embora nos compostos se use nestes últimos casos de preferência ca e se reserve caá para indicar folha, herva. Y: Água, pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o português passou como i , seguido de g . <i>Ygara</i> , <i>ygasaba</i> etc., que são <i>yara</i> , <i>yarasaba</i> etc. Eté: verdadeiro, próprio, mesmo.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: presença de mata (kaa) verdadeiro (eté) água (y). Sentido original: <i>kaayeté</i> , rio onde há vegetação verdadeira (muito boa). Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico do rio, sem a percepção de que ele (o rio) é cercado por uma vegetação verdadeira.		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque se considera y (água, líquido) como elemento específico, revelando filiação com a hidrografia.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>caa</i> e <i>eté</i> , em que <i>caeté</i> representa o aportuguesamento a partir de empréstimos junto à LGA (<i>kaa</i> , <i>y</i> e <i>eté</i>), caracterizando uma nomeação em LP.		
Mudança fonética		
Kaa+eté > kaaeté > kaeté > kaeté > caeté: 1) Justaposição de <i>kaa</i> e <i>eté</i> (<i>kaaeté</i>). 2) Redução das vogais <i>aa>a</i> por crase (<i>kaeté</i>). 3) Substituição <i>k>c</i> para atender a ortografia em língua portuguesa. ção <i>e>Ø</i> por dissimilação vocálica total (<i>kaité</i>). 5) Substituição <i>k>c</i> para atender a ortografia em língua portuguesa. Mudanças fonéticas: crase (<i>aa>a</i>), anteriorização (<i>y>i</i>), dissimilação vocálica total (<i>e>Ø</i>).		

Continua...

Quadro 18: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Camutá (56)	(LGA) Caa+mutá	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 217)	Mutá: s.m. Var.: 8-9 <i>mutá</i> , 9 <i>mutans</i> (pl.) [< T mĩ'ta ~ VLB 1. 35: <i>Andaimo no mata para esperar a cassa</i> = Migta. Migtajurá. Tocai ibatê]. V. abon. 1876 Couto de Magalhães <i>O selvagem</i> II i.14: [...] o índio que está em um palanque a que elles denominam <i>mutá</i> , flexa o veado a seu salvo e sem cançar-se.	
Stradelli (2014, p. 330, 432)	Caá: contracto cá - folha e por extensão herva, planta, matta, embora nos compostos se use nestes últimos casos de preferência <i>cá</i> e se reserve <i>caá</i> para indicar folha, herva. <i>Caá uasú</i> - folha grande; <i>cá uasú</i> - matta grande; <i>caá membéca</i> - folha molle; <i>cá membéca</i> - matto novo; <i>mycura caá</i> - herva de mucura. Notando-se que nesse caso não seria possível a substituição de <i>caá</i> por <i>cá</i> . Mutá: Giráu. Estrado feito a certa altura de terra e dissumulado com folhagem, onde o caçador se posta à espera da caça que deve vir beber água nalguma fonte ou poça próxima, comer as fructas caídas ou lamber a terra, nos lugares onde há aflora brasileira brasileira brasileiro de saes.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: no mato (<i>caa</i>), à espera da caça (<i>mutá</i>). Sentido original: <i>caamutá</i> , lugar onde se espera a caça. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde se esperava a caça.		
Classificação taxonômica		
Fito-thesitopônimo , porque o elemento específico revela fliação a determinado <i>lugar</i> , referindo-se à armação feita nos galhos das árvores, assim com à flora.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>caa</i> e <i>mutá</i> , ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>camutá</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Caa+mutá > caamutá > camutá: 1) Justaposição de <i>caa</i> e <i>mutá</i> (caamutá). 2) redução aa>a por crase das vogais (camutá). Mudanças fonéticas: crase (aa>a).		

Continua...

Quadro 18: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Distrito Caratateua (57)	(LGA + LGP) Carauatá+tyba	Distrito
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Miranda (1942, p. 66)	Carauatá-i: espécie menor, também do Alto-Capim, talvez seja o <i>Auchenipterus nodosus</i> . corr. em carataí .	
Stradelli (2014, p. 338, 508)	Carauatá: casta de pequeno peixe, que imita na forma uma folha de carauatá, sem outro prestimo, sinão o de servir de isca. Tyua: sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — lugar de cajús, deu <i>Cajutiba, Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba, Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é êrro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: distrito. Elemento Específico: grande quantidade (<i>tyua</i>) de peixe pequeno semelhante a uma folha de carauatá (<i>acarauatá</i>). Sentido original: <i>carauatatyua</i> , lugar onde há grande quantidade de <i>carauatá</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia grande quantidade de <i>carauatás</i> .		
Classificação taxonômica		
Politopônimo , porque o elemento específico revela filiação à aglomeração de pessoas.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento carauatá, com sufixação de <i>tyba</i> . Ressalta-se que os elementos <i>carauatá</i> e <i>tyba</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>caratateua</i> , o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Carauatá+tyua > carauatatyua > caraatatyua > caratatyua > caratatiua > caratateua: 1) Justaposição de <i>carauatá</i> e <i>tyua</i> (caarauatatyua). 2) Substituição ua>a , observada em LGA no meio do vocábulo, por monotongação (caraatatyua). 3) Redução aa>a por crase das vogais (caratatyua). 4) Anteriorização de y>i , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal i (caratatiua). 5) Abaixamento i>e por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [í] e de [ú] (caratateua). Mudanças fonéticas: monotongação (ua>a), crase (aa>a), anteriorização (y>i), dissimilação vocálica parcial (i>e).		

Continua...

Quadro 18: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Caraná (58)	(LGA) Caraná	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 103)	Caraná: s.f. Var.: 5 <i>carana</i> , 8 <i>caraná</i> [<T. Kara'na]. Planta da família das palmáceas; cp. CARANDÁ.	
Houaiss e Villar (2009, p. 399)	Caraná: s.f. (c1594 cf. FSoarC) ANGIOS 1 design. comum a várias plantas da fam. das palmas, esp. dos gên. <i>Mauritia</i> e <i>Mauritiella</i> , com folhas flabeliformes e frutos bacáceos 1.1 palmeira de até 15 m (<i>Mauritia carana</i>), nativa da Colômbia, Venezuela e Brasil (AM), de estipe fibroso e folhas us. pelos índios como cobertura de suas habitações; caranha, múi, palmeira-leque-do-rio-negro, tinamalu. ETIM tupi <i>kara'na</i> 'planta da família das palmáceas', prov. significando 'cheio de espinhos'.	
Stradelli (2014, p. 338)	Caraná: casta de palmeira que cresce em touceiras nas terras firmes, e cujas folhas servem para coberturas de casas. Há uma variedade que cresce na vargem e lugares inundáveis, e cuja resistência ao tempo é muito menor.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: tipo de palmeira chamada de caraná. Sentido original: <i>caraná</i> , lugar onde há palmeiras caranãs. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade, sem a percepção de lugar onde havia <i>caranãs</i> .		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico revela filiação à flora brasileira brasileira brasileira bragantina.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>caraná</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>caraná</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Caraná > caraná: 1) Nasalação da vogal a final (<i>caraná</i>). Mudanças fonéticas: nasalização (â>a).		

Continua...

Quadro 18: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jandiáí (59)	(LGA) landiá + y	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 171)	Jandiá: s.m. Var.: 5 <i>nhũndia</i> , 6 <i>iundia</i> , 7-9 <i>jandiá</i> , 8 <i>jundia</i> , 9 <i>jundiá</i> [<T. iuni'a ~VLB I.50: <i>Nagres dagua doce</i> = Nhũndia. Nome comum aos bagres de rio, da família dos pimelodídeos.	
Houaiss e Villar (2009, p. 1125)	Jandiá: s.m. (c1594 cf. FSoarC) ICT B 1 m.q. bagre ('design. comum a vários peixes') 2 m.q. bagre-de-lagoa (<i>Rhamdia sebae</i>). ETIM tupi <i>yundi'a</i> 'nome comum aos bagres do rio', tb. adp. <i>jundiá</i> ; f.hist. c1594 <i>nhudia</i> , c1631 <i>iundia</i> .	
Stradelli (1929, p. 370, 524)	landiá: Jandiá. Várias espécies de peixes de pele, do genero <i>platystoma</i> e affins. Y: água. Pronunciado sempre muto gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o português passou como i seguido de g Igara, igaçaba etc., que são <i>yara</i> , <i>yarasaba</i> etc.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: peixes jandiás (<i>iandia</i>) e água (<i>y</i>). Sentido original: <i>iandiay</i> , rio dos jandiás. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia um rio com peixes <i>jandiás</i> .		
Estrutura toponímica		
Zoo-hidrotopônimo , porque a composição apresenta o elemento específico <i>jandiáí</i> com relação híbrida, com a fauna e com a hidrografia.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>iandiá</i> e <i>y</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>jandiáí</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
landiá + y > iandiay: 1) Justaposição de <i>iandiá</i> e <i>y</i> (<i>iandiay</i>). 2) Anteriorização de y , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal i (<i>jandiáí</i>). 3) Substituição i>j , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal i (<i>jandiáí</i>). Mudanças fonéticas: , anteriorização (y>i), consonantização (i>j).		

Continua...

Quadro 18: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Taquandeuá (60)	(LGA+LGP) Tacuara+tyba	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 282)	Taquara: s.f. Var.: 5 <i>tacoara</i> , 6-9 <i>taquara</i> , 6,8 <i>tacoára</i> , 7-8 <i>taquára</i> , 8 <i>tacuára</i> [< T. ta'kuara~VLB l. 65: <i>Cana brava, oca por dentro = Tacoara</i> ; tem muitas espécies. Taacoaruçu, Taacoapenima, Tacoapoca, Tacoajoçara, Tacoari]. Planta da família das gramíneas, taboca, bambu.	
Stradelli (2014, p. 487, 508)	Tacuára: casta de Bambusea espinhosa, que cresce nas terras firmes, e cujo caule duríssimo e endurecido ao fogo é e utilizado para a ponta da flecha - A flecha que traz a ponta de tacuara endurecida ao fogo é diversamente talhada e retalhada, conforme si destinada para caça, para pesca ou para guerra. Tyua: sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — lugar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é êrro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: grande quantidade (<i>tyua</i>) de tacuara (<i>tacuára</i>). Sentido original: <i>tacuaratyua</i> , lugar onde há abundância (<i>tyua</i>) de tacuará (<i>tacuára</i>). Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia grande quantidade de <i>tacuara</i> .		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico revela filiação com a flora brasileira brasileira brasileira bragantina.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>taquara</i> , com sufixação de <i>tyba</i> , ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>taquandeuá</i> , caracterizando uma nomeação em LP, com empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Tacuára + tyua > tacuaratyua > tacuandyua > tacuandiua > tacaundeua > taquandeuá: 1) Justaposição de <i>tacuara</i> e <i>tyua</i> (<i>tacuaratyua</i>). 2) Redução <i>ra>Ø</i> , por haplogogia da sílaba <i>ra</i> (<i>tacuátyua</i>). 3) Substituição <i>t>nd</i> por sonorização uma questão de fonologia da LGA, com consequente substituição <i>a>ã</i> causada pela sonorização de <i>t</i> (<i>tacuandyua</i>) ⁶⁶ . 4) Anteriorização de <i>y>i</i> , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>i</i> (<i>tacuandiua</i>). 5) Abaixamento <i>i>e</i> por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [í] e de [ú] (<i>tacuandeuá</i>). 7) Substituição <i>c>q</i> , característica da ortografia em língua portuguesa (<i>taquandeuá</i>). Mudanças fonéticas: síncope (<i>ra>Ø</i>), sonorização (<i>t>nd</i>), nasalização (<i>a>ã</i>), anteriorização (<i>y>i</i>), dissimilação vocálica parcial (<i>i>e</i>).		

Continua...

⁶⁶ Justifica-se a sonorização *t>nd* por ser comum a troca *tyua>ndyua* em LGA, não apenas quando o suf. *tyua* for antecedido por som nasal. Segundo Barbosa (1955, p. 196), o som oral ocasiona, também, esse tipo de mudanças fonéticas: *tacuaree+tyba > tacuareendyba*.

Quadro 18: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Una (61)	(LGA) una	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009) ⁶⁷	Una: <i>el.comp.</i> pospositivo, do tupi 'una' preto, negro', que pode reduzir-se a <i>-um</i> e <i>-u</i> ; ocorre a partir do sXVI, havendo em muitas áreas do país, nas camadas populares, a consciência do seu valor semântico até hoje (quando é vivido como adj. de dois gêneros): <i>abaruna, abuna, acaráuana, araçanhuna, araraúana, baraúana, boiúana, braúana, cabiúana, caipuna, capiúana, caraúana, caúana, caviúana, cuipeúana, ereiteúana, eretiúana, graúana, ibiraúana, igaraúana, jeneúana, piraúana, piúana, sabiaúana, sacuraúana, saúana, socaúana, ticuaraúana, unaúana</i> ; do tupi <i>pi'xuna</i> 'negro, preto, escuro', der. do anterior, em palavras como <i>acarapixuna, amborepixuna, amorepixuna, inambupixuna, inhambupixuna, jurupixuna, muirapixuna, nambupixuna, nhambupixuna, pixuna, traírapixuna</i> .	
Miranda (1942, p. 122)	Una: adjetivo. Preto, negro, escuro.	
Stradelli (2014, p. 517)	Una: sufixo com a significação de preto, negro. <i>Uiraúana:</i> graúna, pássaro preto.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: escuro (<i>una</i>). Sentido original: <i>rio una</i> , rio das águas escuras. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de rio com águas escuras.		
Classificação taxonômica		
Cromotopônimo , porque o elemento específico revela filiação com a escala cromática.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>una</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>una</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Una: não apresentou mudanças fonéticas na transição lga>português.		

Continua...

⁶⁷ Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0, dez, 2001.

Quadro 18: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Una (62)	(LGA) una	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009) ⁶⁸	Una: <i>el.comp.</i> pospositivo, do tupi 'una' preto, negro', que pode reduzir-se a <i>-um</i> e <i>-u</i> ; ocorre a partir do sXVI, havendo em muitas áreas do país, nas camadas populares, a consciência do seu valor semântico até hoje (quando é vivido como adj. de dois gêneros): <i>abaruna, abuna, acaráuna, araçanhuna, araraúna, baraúna, boiúna, braúna, cabiúna, caipuna, capiúna, caraúna, caúna, caviúna, cuipeúna, ereiteúna, eretiúna, graúna, ibiraúna, igaraúna, jeneúna, piraúna, piúna, sabiaúna, sacuraúna, saúna, socaúna, ticuaraúna, unaúna</i> ; do tupi <i>pi'xuna</i> 'negro, preto, escuro', der. do anterior, em palavras como <i>acarapixuna, amborepixuna, amorepixuna, inambupixuna, inhambupixuna, jurupixuna, muirapixuna, nambupixuna, nhambupixuna, pixuna, traírapixuna</i> .	
Miranda (1942, p. 122)	Una: adjetivo. Preto, negro, escuro.	
Stradelli (2014, p. 517)	Una: sufixo com a significação de preto, negro. <i>Uiraúna:</i> graúna, pássaro preto.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: escuro (<i>una</i>). Sentido original: <i>rio una</i> , rio das águas escuras. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de rio com águas escuras.		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque o elemento específico revela filiação com aglomeração de pessoas.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>una</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>una</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Una: não apresentou mudanças fonéticas na transição lga>português.		

Continua...

⁶⁸ Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0, dez, 2001.

Quadro 18: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Vila Cuéra (63)	(LP+LGA) Vila+Cuéra	Vila
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p.1945)	Vila: substantivo feminino. 1. Povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia.	
Sampaio (1987, p. 226)	Cuéra: <i>adj.</i> Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, espero, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. 25. <i>Alt. Coéra, Coér, Coé</i> ²³ .	
Stradelli (2014, p. 352)	Cuéra: que foi e já não existe. <i>Tauá cuéra</i> - povoação destruída, que foi e já não existe. <i>Mira cuéra</i> - Gente que foi. Poposto ao verbo dá-lhe a significação de aoristo. <i>Xapena cuéra</i> - Quebrara. Tornando-se conjuntivo com a adição de <i>maa</i> ou <i>amú</i> . <i>Xapena cuéra amú</i> - Teria quebrado.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: vila. Elemento Específico: antigo (<i>cuéra</i>). Sentido original: <i>Vila Cuéra</i> , primeira comunidade colonial de Bragança/PA. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de ter sido a primeira comunidade de Bragança/PA.		
Classificação taxonômica		
Polio-cronotopônimo , porque o elemento genérico <i>vila</i> passa a específico, revelando filiação com a aglomeração de pessoas. No entanto, o adjetivo <i>cuera</i> particulariza o acidente geográfico, que, em sua origem, foi a primeira vila fundada, em 1634, na região do Caeté, por Álvaro de Souza, que, em 1634, fundou na margem direita do Rio Caeté, considerada a primeira comunidade da região que viria ser denominado de Bragança: a Vila Souza do Caeté. Nesse caso, o atributo dado à vila revela filiação à cronologia, por isso, também, recebe uma classificação cronotopônimo .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples do formante cuéra</i> , em que <i>cuéra</i> , da LGA, foi aportuguesado em <i>cuera</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Vila Cuéra: não apresentou mudanças fonéticas na transição lga>português.		

Continua...

Quadro 19: Análise, descrição e classificação dos topônimos de origem Tupinambá da Vila do Treme, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Aciteua (64)	(LGA + LGP) asay + tyba	Igarapé
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 43)	Açaí s.m.Var.: 7, 9 assaí, 7 açay, uaçaí, 8 assiahy, 8-9 assahy, 8 assahí, uassahí [< T. *yuasaí]. Espécie de palmeira da subfamília das ceroxilneas, cujo fruto é comestível e fornece uma bebida fermentada muito apreciada.	
Stradelli (2014, p. 327, 508)	Asay: A fructa de uma palmeira que cresce em todos os logares e hoje também muito cultivada tanto no Pará como no Amazonas, graças a bebida que della se extrahe, conhecida sob o nome de vinho de assahí. Da fructa extrahe-se também um óleo muito fino já usado em perfumaria, e que é preconizado para cura da phtisica e como succedaneo do de fígado de bacaláo. Tyua: sufixo com a significação de logar, sitio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de accordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — logar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é erro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento genérico: igarapé. Elemento específico: fruto do açazeiro: açai (asay) + abundância (tyua). Sentido original: <i>asaytyua</i>, onde há abundância de <i>açaí</i>: teria sido o designativo original, indicativo de uma comunidade. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não mais é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem mais se perceber abundância de açazeiros.</p>		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque revela filiação a elementos de índole vegetal, como o fruto do açazeiro em grande quantidade. É normal essa situação metonímica de representação da grande quantidade do fruto e não da árvore e, como a comunidade foi erigida nesse lugar, passa a ser designada como <i>açaiteua</i> > <i>aciteua</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento asay, com sufixação de <i>tyba</i> . Ressalta-se que os elementos <i>asay</i> e <i>tyba</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>açaí</i> e <i>teua</i> , ressaltando que <i>teua</i> < <i>tyba</i> (de origem LGP) ocorre somente em composição formada com palavras de origem indígena (ajuruteua, bacuriteua, aciteua etc.), o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
<p>Asay+tyba > asaytyba > asaitiba > asaitiua > asaiteua > asiteua: 1) Justaposição de <i>asay</i> e <i>tyua</i> (asaytyba). 2) Anteriorização y>i, quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal <i>i</i> (asaitiba). 3) Substituição b>u por vocalização, característica da LGA (asaitiua). 4) Redução da vogal a (a>Ø) por dissimilação total na segunda sílaba causada pela vogal a inicial (asitua). 5) Abaixamento i>e por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [í] e de [ú] (asiteua). 5) A mudança s>c dá-se por regras ortográficas do português. Mudanças fonéticas: anteriorização (y>i), dissimilação vocálica total (a>Ø), dissimilação vocálica regressiva (i>e).</p>		

Continua...

Quadro 19: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Aciteua (65)	(LGA + LGP) asay + tyba	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 43)	Açaí s.m.Var.: 7, 9 assaí, 7 açay, uaçaí, 8 assiahy, 8-9 assahy, 8 assahí, uassahí [< T. *yuasaí]. Espécie de palmeira da subfamília das ceroxilíneas, cujo fruto é comestível e fornece uma bebida fermentada muito apreciada.	
Stradelli (2014, p. 327, 508)	Asay : A fructa de uma palmeira que cresce em todos os logares e hoje também muito cultivada tanto no Pará como no Amazonas, graças a bebida que della se extrahe, conhecida sob o nome de vinho de assahí. Da fructa extrahe-se também um óleo muito fino já usado em perfumaria, e que é preconizado para cura da phtisica e como succedaneo do de fígado de bacaláo. Tyua : sufixo com a significação de logar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de accordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — logar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é erro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento genérico : comunidade. Elemento específico : fruto do açaizeiro: açaí (<i>asay</i>) + abundância (<i>tyua</i>). Sentido original : <i>asaytyua</i> , onde há abundância de açaí: teria sido o designativo original, indicativo de uma comunidade. Sentido atual : o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não mais é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem mais se perceber abundância de açaizeiros.		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque passa a se filiar à aglomeração de pessoas.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>asay</i> , com sufixação de <i>tyba</i> . Ressalta-se que os elementos <i>asay</i> e <i>tyba</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>açaí</i> e <i>teua</i> , ressaltando que <i>teua</i> < <i>tyba</i> (de origem LGP) ocorre somente em composição formada com palavras de origem indígena (ajuruteua, bacuriteua, aciteua etc.), o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Asay+tyba > asaytyba > asaitiba > asaitiua > asaiteua > asiteua : 1) Justaposição de <i>asay</i> e <i>tyua</i> (asaytyba). 2) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal <i>i</i> (asaitiba). 3) Substituição b>u por vocalização, característica da LGA (asaitiua). 4) Redução da vogal a (a>Ø) por dissimilação total na segunda sílaba causada pela vogal a inicial (asítiua). 5) Abaixamento i>e por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [i] e de [ú] (asiteua). 5) A mudança s>c dá-se por regras ortográficas do português. Mudanças fonéticas : anteriorização (y>i), dissimilação vocálica total (a>Ø), dissimilação vocálica regressiva (i>e).		

Continua...

Quadro 19: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Aciteua (66)	(LGA + LGP) asay + tyba	Porto
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 43)	Açaí s.m.Var.: 7, 9 assaí, 7 açay, uaçai, 8 assiahy, 8-9 assahy, 8 assahí, uassahí [< T. *yuasaí]. Espécie de palmeira da subfamília das ceroxilíneas, cujo fruto é comestível e fornece uma bebida fermentada muito apreciada.	
Stradelli (2014, p. 327, 508)	Asay : A fructa de uma palmeira que cresce em todos os logares e hoje também muito cultivada tanto no Pará como no Amazonas, graças a bebida que della se extrahe, conhecida sob o nome de vinho de assahí. Da fructa extrahe-se também um óleo muito fino já usado em perfumaria, e que é preconizado para cura da phtisica e como succedaneo do de fígado de bacaláo. Tyua : sufixo com a significação de logar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguesado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de accordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — logar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é erro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento genérico : porto. Elemento específico : fruto do açazeiro: açai (<i>asay</i>) + abundância (<i>tyua</i>). Sentido original : <i>asaytyua</i> , onde há abundância de açai: teria sido o designativo original, indicativo de uma comunidade. Sentido atual : o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não mais é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem mais se perceber abundância de açazeiros.		
Classificação taxonômica		
Sociotopônimo , porque o elemento genérico passa a ser específico, revelando relação com atividades profissionais.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>asay</i> , com sufixação de <i>tyba</i> . Ressalta-se que os elementos <i>asay</i> e <i>tyba</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>açaí</i> e <i>teua</i> , ressaltando que <i>teua</i> < <i>tyba</i> (de origem LGP) ocorre somente em composição formada com palavras de origem indígena (<i>ajuruteua</i> , <i>bacuriteua</i> , <i>aciteua</i> etc.), o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Asay+tyba > asaytyba > asaitiba > asaitiua > asaiteua > asiteua : 1) Justaposição de <i>asay</i> e <i>tyua</i> (asaytyba). 2) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal <i>i</i> (asaitiba). 3) Substituição b>u por vocalização, característica da LGA (asaitiua). 4) Redução da vogal a (a>Ø) por dissimilação total na segunda sílaba causada pela vogal a inicial (asitua). 5) Abaixamento i>e por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [í] e de [ú] (asiteua). 5) A mudança s>c dá-se por regras ortográficas do português. Mudanças fonéticas : anteriorização (y>i), dissimilação vocálica total (a>Ø), dissimilação vocálica regressiva (i>e).		

Continua

Quadro 19: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Anoerá (67)	(LGA) Anauirá	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Stradelli (2014, p. 320)	Anauirá: árvore que dá uma madeira de contrução.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: presença de árvore <i>anauirá</i>. Sentido original: <i>anauirá</i>, lugar com árvores anoerás. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia árvores anoerás.</p>		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico <i>anauirá</i> revela filiação a elementos de índole vegetal.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>anauirá</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>anoerá</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
<p>Anauirá > anoirá > anoerá: 1) Substituição au>o por monotongação (anoirá). 2) Substituição i>e por assimilação vocálica parcial, causada pela vogal a final (anoerá). Mudanças fonéticas: dissimilação vocálica parcial (u>o), assimilação vocálica parcial (i>e).</p>		

Continua...

Quadro 19: continuação.

Topônimo	Composição (LGA)	Acidente geográfico
Arapapucu (68)	Arapapá+pucú	Igarapé
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 60)	Arapapá: s.m. Var.:7 <i>arapápa</i> , 8 <i>arapápá</i> , 9 <i>arapapá</i> [<T. arapa'pa]. Ave da família dos ardeídeos.	
Miranda (1942, p. 57)	Arapapá: <i>Canchroma cochlearia</i> . Mart. decompõe-no em <i>uirá</i> , ave, e <i>póoca</i> , colher. É engraçado o engano em que caiu este tupinista; além da impossibilidade da transformação de <i>póoca</i> em <i>papá</i> , tomou ele o verbo <i>colher</i> dos dic. por <i>colher</i> subs. <i>Colher</i> , sin. de apanhar, quando se apanha com a mão qualquer objeto, diz-se <i>póoca</i> c.d. <i>pó</i> , mão, e <i>óca</i> , moderno <i>uca</i> , tirar, extrair, arrancar. Colhér era um instrumento que não possuía o indígena; para substituí-la usava, no Norte, cuias pequenas alongadas e, no Sul, empregavam conchas de moluscos, do <i>itan</i> , sobretudo. A <i>ybira-pecê</i> , que no Sul usavam os índios para “mexer os seus vinhos e mingáus”, era mais uma espátula de madeira do que uma colher pròpriamente com forma que lhe damos. Colhér, <i>colhear</i> , traduz-se por <i>cuiêra</i> , transparente curr. do voc. português.	
Stradelli (2014, p. 323, 465)	Arapapá: Arapapá, Crocoma coclearia. Ave da família dos Pernaltas, facilmente reconhecido pelo enorme bico feito em forma de chinelo. É ave ribeirinha e vive geralmente de peixes e de animalculos que procura no tijuco. Na escravidão, todavia, não recusa pedaços de carne e torna-se impossível criá-lo nos quintaes, onde haja outra criação, pelo gosto pronunciado que têm pelos pintos. Quando lhe chegam a tiro e pode agarra-los os faz desaparecer numa chinellada. Pucú: Comprido, lento, vagaroso.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: igarapé. Elemento Específico: ave (<i>arapapá</i>) perna longa (<i>pucú</i>). Sentido original: <i>arapapapucú</i> , igarapé onde há <i>arapapucus</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia concentração de <i>arapapucus</i> .		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico <i>arapapá</i> revela filiação a elementos de índole animal.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>arapapá</i> e <i>pucú</i> , ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>arapapucu</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Arapapá + pucú > arapapapucu > arapapucu: 1) Justaposição de <i>arapapá</i> e <i>pucú</i> (<i>arapapapucu</i>). 2) Subtração da sílaba duplicada <i>papa>pa</i> por síncope (<i>arapapucu</i>). Mudanças fonéticas: síncope (<i>papa>pa</i>).		

Continua...

Quadro 19: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Caeté (69)	(LGA) Caa+eté	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Hauaiss e Villar (2009, p.)	Caeté: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. design. comum a diversas ervas, esp. dos gên. <i>Calathea</i> e <i>Ischnosiphon</i> e tb. do gên. <i>Stromanthe</i> , da fam. das marantáceas, a algumas do gên. <i>Canna</i> , da fam. das canáceas, e do gên. <i>Heliconia</i> , da fam. das musáceas, nativas do Brasil e ger. cultivadas como ornamentais, por suas folhagens e/ou inflorescências; caeté, caité.	
Stradelli (2014, p. 330, 524, 364)	Caá: Contracto ca- olha e por extensão, herva, planta, matta, embora nos compostos se use nestes últimos casos de preferência ca e se reserve caá para indicar folha, herva. Y: Água, pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o português passou como i , seguido de g . <i>Ygara</i> , <i>ygasaba</i> etc., que são <i>yara</i> , <i>yarasaba</i> etc. Eté: verdadeiro, próprio, mesmo.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: presença de mata (kaa) verdadeiro (eté) água (y). Sentido original: <i>kaayeté</i> , rio onde há vegetação verdadeira (muito boa). Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico do rio, sem a percepção de que ele (o rio) é cercado por uma vegetação verdadeira.		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico revela relação com a ideia de vegetação.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 elementos <i>caa</i> e <i>eté</i> , em que <i>caeté</i> representa o aportuguesamento a partir de empréstimos junto à LGA (<i>kaa</i> e <i>eté</i>), caracterizando uma nomeação em LP.		
Mudança fonética		
Kaa+eté > kaaeté > kaeté > caeté: 1) Justaposição de <i>kaa</i> e <i>eté</i> (kaaeté). 2) Redução das vogais <i>aa</i> > <i>a</i> por crase (kaeté). 3) Substituição <i>k</i> > <i>c</i> para atender a ortografia em língua portuguesa (kaeté). Mudanças fonéticas: crase (<i>aa</i> > <i>a</i>).		

Continua...

Quadro 19: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Japetá (70)	(LGA) lapy + itá	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Seixas (1853, p. 17)	lapi: v. atirar com arma, funda ou com a mão.	
Stradelli (2014, p. 373)	lapyitá: apedrejado, lançar pedra.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade.		
Elemento Específico: ato de lançar (<i>iapy</i>) pedras (<i>itá</i>).		
Sentido original: <i>Comunidade lapyitá</i> .		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade, sem a percepção de lugar onde pedras eram lançadas.		
Classificação taxonômica		
Hidrotopônimo , porque se considera y (água, líquido) como elemento específico, revelando filiação com a hidrografia.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>iapy</i> e <i>itá</i> , em que <i>japetá</i> representa o aportuguesamento a partir de empréstimos junto à LGA, caracterizando uma nomeação em LP.		
Mudança fonética		
lapy + itá > iapyitá > iapiitá > iapitá > japitá > japetá: 1) Justaposição de <i>iapy</i> e <i>itá</i> (iapyitá). 2) Anteriorização de y , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal i (iapiitá). 3) Redução ii>i por crase (iapitá). 4) Substituição i>j , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (japitá). 4) Abaixamento i>e por assimilação vocálica (japetá).		
Mudanças fonéticas: anteriorização (y>i), crase (ii>i), consonantização (i>j), assimilação vocálica parcial (i>e).		

Continua...

Quadro 19: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jandiá (71)	(LGA) landiá	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 171)	Jandiá: s.m. Var.: 5 <i>nhũndia</i> , 6 <i>iundia</i> , 7-9 <i>jandiá</i> , 8 <i>jundia</i> , 9 <i>jundiá</i> [<T. iuni'a ~VLB I.50: <i>Nagres dagua doce</i> = Nhũndia.	
Houaiss e Villar (2009, p. 1125)	Jandiá: s.m. (c1594 cf. FSoarC) ICT B 1 m.q. bagre ('design. comum a vários peixes') 2 m.q. bagre-de-lagoa (<i>Rhamdia sebae</i>). ETIM tupi <i>yundi'a</i> 'nome comum aos bagres do rio', tb. adp. <i>jundiá</i> ; f.hist. c1594 <i>nhudia</i> , c1631 <i>iundia</i> .	
Stradelli (2014, p. 370)	landiá: jandiá, várias espécies de peixe de pele, do gênero <i>Platystoma</i> e afins.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: peixe de pele <i>iandiá</i> . Sentido original: <i>landiá</i> , Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade, sem a percepção de lugar onde havia <i>cajueiros</i> .		
Estrutura toponímica		
Zootopônimo , porque o elemento específico <i>iandiá</i> revela uma filiação a elementos da fauna brasileira, como os <i>iandiás</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>iandiá</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>jandiá</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
landiá > jandiá: Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jandiá</i>).		

Continua...

Quadro 19: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Una (72)	(LGA) una	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009) ⁶⁹	Una: <i>el.comp.</i> pospositivo, do tupi 'una' preto, negro', que pode reduzir-se a <i>-um</i> e <i>-u</i> ; ocorre a partir do sXVI, havendo em muitas áreas do país, nas camadas populares, a consciência do seu valor semântico até hoje (quando é vivido como adj. de dois gêneros): <i>abaruna, abuna, acaráuna, araçanhuna, araraúna, baraúna, boiúna, braúna, cabiúna, caipuna, capiúna, caraúna, caúna, caviúna, cuipeúna, ereiteúna, eretiúna, graúna, ibiraúna, igaraúna, jeneúna, piraúna, piúna, sabiaúna, sacuraúna, saúna, socaúna, ticuaraúna, unaúna</i> ; do tupi <i>pi'xuna</i> 'negro, preto, escuro', der. do anterior, em palavras como <i>acarapixuna, amborepixuna, amorepixuna, inambupixuna, inhambupixuna, jurupixuna, muirapixuna, nambupixuna, nhambupixuna, pixuna, traírapixuna</i> .	
Miranda (1942, p. 122)	Una: adjetivo. Preto, negro, escuro.	
Stradelli (2014, p. 517)	Una: sufixo com a significação de preto, negro. <i>Uiraúna:</i> graúna, pássaro preto.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio.		
Elemento Específico: escuro (<i>una</i>).		
Sentido original: <i>rio una</i> , rio das águas escuras.		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de rio com águas escuras.		
Classificação taxonômica		
Cromotopônimo, porque o elemento específico <i>una</i> revela filiação com a escala cromática.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>una</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>una</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Una: não apresentou mudanças fonéticas na transição lga>português.		

Continua...

⁶⁹ Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0, dez, 2001.

Quadro 20: Análise, descrição e classificação dos topônimos de origem Tupinambá do Almoço⁷⁰, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Anauerá (73)	(LGA) Anauirá	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Stradelli (2014, p. 320)	Anauirá: árvore que dá uma madeira de contrução.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: presença de árvore <i>anauirá</i>. Sentido original: <i>anauirá</i>, lugar com árvores anoerás. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia árvores anoerás.</p>		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico <i>anauirá</i> revela filiação a elementos de índole vegetal.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>anauirá</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>anoerá</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
<p>Anauirá > anauerá: 1) Substituição <i>i>e</i> por assimilação vocálica parcial, causada pela vogal a final (<i>anauerá</i>). Mudanças fonéticas: dissimilação vocálica parcial (u>o), assimilação vocálica parcial (i>e).</p>		

Continua...

⁷⁰ Registra-se em Moreira Pinto (1884, p. 197) o início do povoamento conhecido como Almoço, em 1876, com a emigração cearense, que ali formou um núcleo. Esse marco histórico revela que os topônimos de origem Tupinambá coletados no, hoje, distrito do Almoço foram nomeados em Língua Portuguesa, com empréstimos à LGA, com possibilidades de uso da LGP, também.

Quadro 20: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Bacaba (74)	(LGA) yuacáua	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 67)	Bacaba: s.f. Var.: 7 <i>ubabába</i> , 8 <i>bacába</i> , 8-9 <i>bacaba</i> [>T. *iyu'kaua]. Espécie de palmeira (<i>Coenocarpus bacaba</i> Mart.); bacabeira.	
Houaiss e Villar (2009, p. 237)	Bacaba: s.f. (1817 cf. CasCorBr) ANGIOS 1 design. comum a várias plantas do gên. <i>Oenocarpus</i> , da fam. das palmas 1.1 palmeira de até 20 m (<i>Oenocarpus bacaba</i>), de estipe ereto, com anéis escuros e outros verde-oliva, flores branco-amareladas e drupas roxo-escuras; bacabaçu, bacabão, bacaba-vermelha, bacabeira, mucumucu [Nativa da Amazônia, os frutos e a semente oleaginosas são comestíveis, do lenho e das folhas fazem-se obras artesanais, e da polpa aquosa produz-se vinho de bacaba, o iuquicé]. ETIM tupi <i>i'wa'kawa</i> (de <i>i'wa</i> 'fruta' + <i>kawa</i> 'gorda, graxa'); cp. <i>macaba</i> ; f.hist. 1817 <i>bacába</i> , 1833 <i>bacaba</i> . SIN/VAR <i>macaba</i> . COL <i>bacabal</i> .	
Stradelli (2014, p. 527)	Yuacáua: Bacaba, fructa gordurenta. Da fructa da bacaba se extrai uma bebida, pizando-a, depois de amolecida em água quente; alguma coisa parecida com assahi e que é geralmente chamada – vinho de bacaba tomando-se ella também com farinha e assucar, ou sómente com uma destas cousas.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade.		
Elemento Específico: presença de bacabeiras.		
Sentido original: <i>yuacáua</i> , comunidade Bacaba.		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia abacabeiras.		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo, porque o elemento específico <i>yuacaua</i> revela filiação a elementos de índole vegetal.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>yuacaua</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>bacaba</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Yuacáua > uuacáua > uacaua > bacaba: 1) Posteriorização de <i>y>u</i> , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>u</i> (<i>uuacáua</i>). 2) Redução <i>uu>u</i> por crase (<i>uacaua</i>). 3) Substituição <i>u>b</i> por consonantização da vogal <i>u</i> , influência da LGP (<i>bacaba</i>).		
Mudanças fonéticas: posteriorização (<i>y>u</i>), crase (<i>uu>u</i>), consonantização (<i>u>b</i>).		

Continua...

Quadro 20: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Bacuri (75)	(LGA) uacuri	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 68)	Bacuri: s.m.. Var. 6-7 <i>bacori</i> , 6 <i>paquori</i> , <i>bacori</i> , 7 <i>bacuri</i> , <i>bacorí</i> , 8-9 <i>bacurí</i> , 9 <i>bacury</i> . Cp. BACUPARI, BACURIPARI [> T iuaku'ri]. Planta da família das gutíferas.	
Houaiss e Villar (2009, p. 240)	Bacuri: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. 1 Grande árvore (<i>Platonia esculenta</i>) da fam. das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI), com casca que exsuda resina us. em veterinária, madeira nobre, folhas lanceoladas, coriáceas, flores rosadas e bagas grandes, globosas e amarelas, com polpa amarelada, de que se fazem refrescos e doces, e sementes cujo sabor lembra o da amêndoa; bacurizeiro.	
Sampaio (1987, p. 203)	Bacury: corr. Ybá-cury ou ybá-curi, o fruto contínuo, apressado; o que frutifica de pronto. (<i>Platonia insignis</i>)	
Stradelli (2014, p. 509)	Uacuri: Bacury. Fructa comestível, drupa que contém umas sementes envolvidas numa polpa esbranquiçada levemente acidulada e assucarada, com perfume especialíssimo.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: presença de bacuri (<i>uacuri</i>) Sentido original: <i>uacuri</i> representa uma ilha. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da ilha, sem a percepção de lugar onde bacurizeiros.		
Classificação Taxeonomica		
Fitotopônimo, porque o elemento específico <i>uacuri</i> revela filiação a elementos vegetais, cuja nomeação foi feita de forma metonímica, usando-se o futo para fazer referência aos pés de bacurizeiros.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>uacuri</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>bacuri</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Uacuri > bacuri: 1) Substituição u>b , por consonantização, influência da LGP (<i>bacurí</i>). Mudanças fonéticas: consonantização (u>b).		

Continua...

Quadro 20: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Braço do Tracuateuazinho (76)	(LP+LGA+LGP+LP) braço+taracué+tyba+zinho	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Hauaiss e Villar (2009, p. 320, 1975)	Braço: substantivo masculino. 7.13 Rubrica: geografia. Porção do mar que penetra numa abertura funda e relativamente estreita na costa; esteiro. Zinho: substantivo masculino, pouco usado. Uso: informal, pejorativo. Indivíduo sem expressão, sem importância; sujeito.	
Miranda (1942, p. 113)	Taracué: <i>Tracué</i> . Formiga.	
Stradelli (2014, p. 494)	Taracué: casta de formiga que, irritada, exsuda uma substância que empesta com o seu mau cheiro tudo que toca e por onde passa.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: ramificação do rio Tracuateuazinho. Sentido original: <i>braço do tracuateuazinho</i> . Sentido atual: os vocábulos <i>braço</i> e <i>zinho</i> sinalizam para uma composição híbrida entre a língua portuguesa e a LGA. O sufixo <i>-zinho</i> denota ideia de <i>menor</i> , por isso <i>Tracuateuazinho</i> . O designativo não tem nenhuma relação com a ideia de <i>formiga</i> (taracué>tracué), já que sua motivação ocorreu unicamente por analogia a outro designativo com o mesmo topônimo principal (<i>Rio Tracuateua</i>). Em <i>Tracuateuazinho</i> , identificam-se os elementos genérico e específico: <i>braço de rio</i> e analogia ao rio <i>Tracuateua</i> .		
Classificação Taxeonomica		
Hidrotopônimo , porque o elemento genérico <i>braço</i> passa a específico, revelando filiação à hidrografia.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>híbrida</i> de 4 elementos: <i>braço</i> , <i>tracué</i> , <i>teua</i> e <i>zinho</i> . Os elementos <i>braço</i> e <i>zinho</i> representam a LP, enquanto <i>tracué</i> e <i>tyba</i> , a LGA e a LGP, aportuguesados em <i>tracuateua</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Taracua+tyba > taracuatyba > tracuatyba > tracuatia > tracuateua: 1) justaposição de <i>taracué</i> e <i>tyba</i> (<i>taracuatyba</i>). 2) Redução de <i>a>ø</i> por dissimilação vocálica (<i>tracuatyba</i>). 3) Substituição <i>b>u</i> por vocalização, característica da LGA (<i>tracuatyua</i>). 4) Anteriorização <i>y>i</i> , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal <i>i</i> (<i>tracuatia</i>). 5) Abaixamento <i>i>e</i> por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [i] e de [ú] (<i>tracuateua</i>). 6) Anteposição da palavra <i>braço</i> e posposição do sufixo diminutivo <i>-zinho</i> (Braço do tracuateuazinho). Mudanças fonéticas: dissimilação vocálica total (a>ø), vocalização (b>u), anteriorização (y>i), dissimilação vocálica regressiva.		

Continua...

Quadro 20: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Caeté (77)	(LGA) Caa+eté	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Hauaiss e Villar (2009, p.)	Caeté: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. design. comum a diversas ervas, esp. dos gên. <i>Calathea</i> e <i>Ischnosiphon</i> e tb. do gên. <i>Stromanthe</i> , da fam. das marantáceas, a algumas do gên. <i>Canna</i> , da fam. das canáceas, e do gên. <i>Heliconia</i> , da fam. das musáceas, nativas do Brasil e ger. cultivadas como ornamentais, por suas folhagens e/ou inflorescências; caetê, caitê.	
Stradelli (2014, p. 330, 524, 364)	Caá: Contracto ca- olha e por extensão, herva, planta, matta, embora nos compostos se use nestes últimos casos de preferência ca e se reserve caá para indicar folha, herva. Y: Água, pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o português passou como i , seguido de g . <i>Ygara</i> , <i>ygasaba</i> etc., que são <i>yara</i> , <i>yarasaba</i> etc. Eté: verdadeiro, próprio, mesmo.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: presença de mata (kaa) verdadeiro (eté) água (y). Sentido original: <i>kaayeté</i> , rio onde há vegetação verdadeira (muito boa). Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico do rio, sem a percepção de que ele (o rio) é cercado por uma vegetação verdadeira.		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque se considera y (água, líquido) como elemento específico, revelando filiação com a hidrografia.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>rio</i> , <i>caeté</i> , em que <i>rio</i> representa a LP, e <i>caeté</i> , o aportuguesamento a partir de empréstimos junto à LGA (<i>kaa</i> , <i>y</i> e <i>eté</i>), caracterizando uma nomeação em LP.		
Mudança fonética		
Kaa+eté > kaaeté > kaeté > caeté: 1) Justaposição de kaa e eté (kaaeté). 2) Redução das vogais aa>a por crase (kaeté). 3) Substituição k>c para atender a ortografia em língua portuguesa (caeté). Mudanças fonéticas: crase (aa>a),		

Continua...

Quadro 20: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Caiacá (78)	(LGA) Acaiacá	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 43)	Acaiacá s.m. Var.: 8 <i>acayacá</i> [< T. *akaia'ka]. Árvore da família das terebintáceas.	
Stradelli (2014, p. 313)	Acaiacá Cedro, várias espécies de <i>Cedella brasiliensis</i> e afins. É árvore de alto porte, muito comum em certos lugares, crescendo de preferência nas margens altas dos rios [...]	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade.		
Elemento Específico: presença de árvores <i>acaiacá</i> .		
Sentido original: <i>acaiacá</i> , comunidade Acaiacá.		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia árvores <i>Acaiacás</i> .		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico <i>acaiacá</i> apresenta filiação à flora brasileira brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>acaiacá</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>caiacá</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Acaiacá > Caiacá: 1) Aférese da vogal inicial a (Caiacá).		
Mudanças fonéticas: aférese (a>∅).		

Continua...

Quadro 20: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Cassacuera (79)	(LGA) Caisara+ cuera	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 82)	Caiçara: s.f. Var.: 5 <i>caiçá</i> , <i>caicara</i> , <i>caica</i> , 6 <i>caicára</i> , 6-8 <i>caiçára</i> , 6, 9 <i>caissára</i> , 6 <i>caiçára</i> , 6, 9 <i>caissara</i> , 6 <i>cayssára</i> , <i>cayçára</i> , 7 <i>cahiçára</i> , <i>cahissára</i> , 8-9 <i>caiçara</i> [< T. kaai'sa 'cerca de ramos, fortificação' ~ VLB I.143: <i>Forte contra os imigos de rama = caaigçá</i> . <i>lb.</i> II.141: <i>Ualo de rama pera deffensão - caaigçá</i>].	
Miranda (1968, p. 15)	Caiçara (caissara): s.f. Cercado de madeira, à margem de um rio ou igarapé navegável, para embarque de gado. Compõe-se de duas partes: a manga e a sala. No continente significa cerca tosca de troncos e galhos, em torno de uma roça ou plantação, para impedir a entrada do gado. Etim. <i>caáicá</i> .	
Stradelli (2014, p. 333, 352)	Caisara: Apaertador, cercador. Era o nome do cerrado de pao a pique, que guarnecia a margem interna da villa, com a qual algumas tribus, especie da nação Banyua ou Baniba, circundavam a própria taba, e de que tenho visto restos no rio Uaupés, onde os Tarianas, tribu banyua, o chamam <i>biaridó</i> . - o forte curral, onde as Companhias de resgate conservavam provisoriamente os índios "resgatados" para serem distribuídos ou vendidos. De onde pois o nome de <i>Caisára</i> que davam aos índios fugidos. Cuéra: Que foi e já não existe. <i>Táua cuéra</i> - Povoação destruída, que foi e já não existe. <i>Mira cuéra</i> - Gente que foi.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: forte (<i>caiçara</i>) e antiga (<i>cuéra</i>). Sentido original: <i>caiçaracuéra</i> , rio do forte antigo. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia um forte.		
Classificação taxonômica		
Cronotopônimo , porque o elemento específico <i>cuera</i> apresenta filiação com a cronologia.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>caisara</i> e <i>cuera</i> , ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>cassacuera</i> , caracterizando uma nomeação em LP, com empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Caisara + cuéra > caisaracuera > caisaacuera > caisacuera > cassacuera: 1) Justaposição de <i>caisara</i> e <i>cuéra</i> (<i>caisaracuera</i>). 2) Redução <i>r>Ø</i> por síncope (<i>caisaacuera</i>). 3) Redução <i>aa>a</i> por crase (<i>caisacuera</i>). 4) Acréscimo de consoante <i>s>ss</i> , característica fonológica da língua portuguesa (<i>cassacuera</i>). Mudanças fonéticas: síncope (<i>r>Ø</i>), crase (<i>aa>a</i>), assibilação (<i>s>ss</i>).		

Continua...

Quadro 20: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Cassacuera (80)	(LGA) Caisara+ cuera	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 82)	Caiçara: s.f. Var.: 5 <i>caiçá</i> , <i>caicara</i> , <i>caica</i> , 6 <i>caicára</i> , 6-8 <i>caiçára</i> , 6, 9 <i>caissára</i> , 6 <i>caiçára</i> , 6, 9 <i>caissara</i> , 6 <i>cayssára</i> , <i>cayçára</i> , 7 <i>cahiçára</i> , <i>cahissára</i> , 8-9 <i>caiçara</i> [< T. kaai'sa 'cerca de ramos, fortificação' ~ VLB I.143: <i>Forte contra os imigos de rama = caaigçá</i> . <i>lb.</i> II.141: <i>Ualo de rama pera deffensão - caaigçá</i>].	
Miranda (1968, p. 15)	Caiçara (caissara): s.f. Cercado de madeira, à margem de um rio ou igarapé navegável, para embarque de gado. Compõe-se de duas partes: a manga e a sala. No continente significa cerca tosca de troncos e galhos, em torno de uma roça ou plantação, para impedir a entrada do gado. Etim. <i>caáicá</i> .	
Stradelli (2014, p. 333, 352)	Caisara: Apaertador, cercador. Era o nome do cerrado de pao a pique, que guarnecia a margem interna da villa, com a qual algumas tribus, especie da nação Banyua ou Baniba, circundavam a própria taba, e de que tenho visto restos no rio Uaupés, onde os Tarianas, tribu banyua, o chamam <i>biaridó</i> . - o forte curral, onde as Companhias de resgate conservavam provisoriamente os índios "resgatados" para serem distribuídos ou vendidos. De onde pois o nome de <i>Caisára</i> que davam aos índios fugidos. Cuéra: Que foi e já não existe. <i>Táua cuéra</i> - Povoação destruída, que foi e já não existe. <i>Mira cuéra</i> - Gente que foi.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: forte (<i>caiçara</i>) e antiga (<i>cuéra</i>). Sentido original: <i>caiçaracuéra</i> , rio do forte antigo. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia um forte.		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque o elemento específico <i>jutaí</i> passa a relacionar-se com a ideia de aglomeração de pessoas.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>caisara</i> e <i>cuera</i> , ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>cassacuera</i> , caracterizando uma nomeação em LP, com empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Caisara + cuéra > caisaracuera > caisaacuera > caisacuera > cassacuera: 1) Justaposição de <i>caisara</i> e <i>cuéra</i> (<i>caisaracuera</i>). 2) Redução <i>r>Ø</i> por síncope (<i>caisaacuera</i>). 3) Redução <i>aa>a</i> por crase (<i>caisacuera</i>). 4) Acréscimo de consoante <i>s>ss</i> , característica fonológica da língua portuguesa (<i>cassacuera</i>). Mudanças fonéticas: síncope (<i>r>Ø</i>), crase (<i>aa>a</i>), assibilação (<i>s>ss</i>).		

Continua...

Quadro 20: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Curuçá (81)	(LGA) Curusá	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Stradelli (2014, p. 359)	Curusá: cruz, corrupção da palavra portuguesa.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: referente à cruz cristã. Sentido original: <i>curusá</i>, comunidade curuçá. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia uma cruz.</p>		
Classificação taxonômica		
Hierotopônimo , porque o elemento específico <i>curusá</i> apresenta filiação com circunstâncias religiosas, nesse caso, com o símbolo do cristianismo.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>sapucaia</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>sapucaia</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Curusá > curuçá: 1) Substituição s>ç , característica da ortografia portuguesa (curuçá). Mudanças fonéticas: assibilação (s>ç).		
Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Japim (82)	(LGA) Iapĩ	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p.	Japim: <i>s.m.</i> (1889 cf. DVB) ORN <i>B m.q. japiim</i> ('designação comum', <i>Cacicus cela</i>).	
Miranda (1942, p. 76)	Iapii. Japim. <i>Cassicus persicus</i> . Sin. <i>Chechéu, japui, japujuba</i> .	
Stradelli (2014, p. 371)	Iapĩ: Japim, <i>Cacicus</i> . O mais comum no Amazonas é o preto, com os encontros, as costas e o uropígio amarelo, e é este que se chama corretamente japim sem outros adjetivos.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: presença de japim (<i>iapĩ</i>). Sentido original: <i>iapĩ</i>, Comunidade Japim. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia japins.</p>		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico <i>iapĩ</i> apresenta filiação com a fauna brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>iapĩ</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>japim</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Iapĩ > japĩ > japim: 1) Substituição i>j , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal <i>i</i> (japĩ). 2) acréscimo da consoante m por paragoge, característica ortográfica da língua portuguesa (japim). Mudanças fonéticas: consonantização (i>j), paragoge (Ø>m).		

Continua...

Quadro 20: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jutaí (83)	(LGA) lutay	Igarapé
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 1142)	Jutaí: s.m. (1881 cf. CA ¹) ANGIOS 1 B m.q. jatobá ('designação comum') 2 BA m.q. jatobá-do-campo (<i>Hymenaea stigonocarpa</i>) 3 B m.q. itu (<i>Dialium guianense</i>). ETIM ver em ¹ <i>jataí</i> ; f.hist. 1881 <i>jutahi</i> .	
Stradelli (2014, p. 396)	lutay – Jutaí: Fruta do jutaizeiro. Siliqua lenhosa que contém um número variável de sementes envolvidas numa polpa farinhosa; a parte comestível, de cor verde amarela e gosto adocicado.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: igarapé. Elemento Específico: fruto do jutaizeiro. Sentido original: <i>lutay</i> , Igarapé Jutaí. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de igarapé, sem a percepção do igarapé onde havia o fruto do jutaizeiro.		
Classificação taxonômica		
Fito-hidrotônimo , porque o elemento específico <i>lutay</i> apresenta filiação com a flora brasileira e com a hidrografia.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>lutay</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>jutaí</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
lutay > jutay > jutaí: 1) Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal <i>i</i> (<i>jutay</i>). 2) Anteriorização de <i>y</i> , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>i</i> (<i>jutaí</i>). Mudanças fonéticas: consonantização (<i>i>j</i>), anteriorização (<i>y>i</i>).		

Continua...

Quadro 20: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jutaí (84)	(LGA) lutay	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 1142)	Jutaí: s.m. (1881 cf. CA ¹) ANGIOS 1 B m.q. jatobá ('designação comum') 2 BA m.q. jatobá-do-campo (<i>Hymenaea stigonocarpa</i>) 3 B m.q. itu (<i>Dialium guianense</i>). ETIM ver em ¹ <i>jataí</i> ; f.hist. 1881 <i>jutahi</i> .	
Stradelli (2014, p. 396)	lutay – Jutaí: Fruta do jutaizeiro. Siliqua lenhosa que contém um número variável de sementes envolvidas numa polpa farinhosa; a parte comestível, de cor verde amarela e gosto adocicado.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: fruto do jutaizeiro. Sentido original: <i>lutay</i> , Igarapé Jutaí. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de igarapé, sem a percepção do igarapé onde havia o fruto do jutaizeiro.		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque o elemento específico <i>jutaí</i> passa a relacionar-se com a ideia de aglomeração de pessoas.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>lutay</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>jutaí</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
lutay > jutay > jutaí: 1) Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal <i>i</i> (<i>jutay</i>). 2) Anteriorização de <i>y</i> , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>i</i> (<i>jutaí</i>). Mudanças fonéticas: consonantização (<i>i>j</i>), anteriorização (<i>y>i</i>).		

Continua...

Quadro 20: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Uruá (85)	(LGA) Uruá	Igarapé
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 306)	Uruá s.m. Var.: 9 <i>aruá</i> , <i>uruá</i> [<T. uru'ua ~ VLB I.66: <i>Caracol dagoa doce</i> = <i>Urugoa</i> (...)]. Molusco gastrópode da fam. dos ampularídeos, espécie de caramujo; <i>figuradamente</i> (em alusão à facilidade com que esses caramujos são apanhados), tolo, ingênuo. - s.m. [<T. uruá?]. Planta da família das borragináceas.	
Miranda (1942, p. 123)	Uruá . guar. <i>uruá</i> . Caracol.	
Stradelli (2014, p. 518)	Uruá - Caramujo que abunda os lagos. - Fructa do uruazeiro.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: igarapé. Elemento Específico: presença de molusco (<i>uruá</i>). Sentido original: <i>Uruá</i> , igarapé do Uruá. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de igarapé, sem a percepção de igarapé onde havia <i>molusco uruá</i> .		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico <i>uruá</i> apresenta filiação com a fauna brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>uruá</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>uruá</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Uruá: não apresentou modificações fonéticas na transição Iga>português.		

Continua...

Quadro 20: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Uruá (86)	(LGA) Uruá	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 306)	Uruá s.m. Var.: 9 <i>aruá</i> , <i>uruá</i> [<T. uru'ua ~ VLB I.66: <i>Caracol dagoa doce</i> = <i>Urugoa</i> (...)]. Molusco gastrópode da fam. dos ampularídeos, espécie de caramujo; <i>figuradamente</i> (em alusão à facilidade com que esses caramujos são apanhados), tolo, ingênuo. - s.m. [<T. uruá?]. Planta da família das borragináceas.	
Miranda (1942, p. 123)	Uruá . guar. <i>uruá</i> . Caracol.	
Stradelli (2014, p. 518)	Uruá - Caramujo que abunda os lagos. - Fructa do uruazeiro.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: igarapé. Elemento Específico: presença de molusco (<i>uruá</i>). Sentido original: <i>Uruá</i> , igarapé do Uruá. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de igarapé, sem a percepção de igarapé onde havia <i>molusco uruá</i> .		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque o elemento específico <i>uruá</i> passa a relacionar-se com a ideia de aglomeração de pessoas.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>uruá</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>uruá</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Uruá: não apresentou modificações fonéticas na transição lga>português.		

Continua...

Quadro 21: Topônimos de origem Tupinambá da Nova Mocajuba, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Caeté (87)	(LGA) Caa+eté	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Hauaiss e Villar (2009, p.)	Caeté: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. design. comum a diversas ervas, esp. dos gên. <i>Calathea</i> e <i>Ischnosiphon</i> e tb. do gên. <i>Stromanthe</i> , da fam. das marantáceas, a algumas do gên. <i>Canna</i> , da fam. das canáceas, e do gên. <i>Heliconia</i> , da fam. das musáceas, nativas do Brasil e ger. cultivadas como ornamentais, por suas folhagens e/ou inflorescências; caeté, caitê.	
Stradelli (2014, p. 330, 524, 364)	Caá: Contracto ca- olha e por extensão, herva, planta, matta, embora nos compostos se use nestes últimos casos de preferência ca e se reserve caá para indicar folha, herva. Y: Água, pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o português passou como i , seguido de g . <i>Ygara</i> , <i>ygasaba</i> etc., que são <i>yara</i> , <i>yarasaba</i> etc. Eté: verdadeiro, proprio, mesmo.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: presença de mata (kaa) verdadeiro (eté) água (y). Sentido original: <i>kaayeté</i> , rio onde há vegetação verdadeira (muito boa). Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico do rio, sem a percepção de que ele (o rio) é cercado por uma vegetação verdadeira.		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico revela filiação com a flora.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>rio</i> , <i>caeté</i> , em que <i>rio</i> representa a LP, e <i>caeté</i> , o aportuguesamento a partir de empréstimos junto à LGA (<i>kaa</i> , <i>y</i> e <i>eté</i>), caracterizando uma nomeação em LP.		
Mudança fonética		
Kaa+eté > kaaeté > kaeté > caeté: 1) Justaposição de kaa e eté (kaaeté). 2) Redução das vogais aa>a por crase (kaeté). 3) Substituição k>c para atender a ortografia em língua portuguesa (caeté). Mudanças fonéticas: crase (aa>a).		

Continua...

Quadro 21: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Cairara (88)	(LGA) Caiarara	Igarapé
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 82)	Caiarára s.m. Var.: 7 <i>caiarára</i> , 8-9 <i>caiarara</i> , 9 <i>cairara</i> , <i>cajarara</i> [< T. Kaia´rara < ka´i “macaco” + a´rara “arara”~ VLB I. 56: Bogio não tem gênero = os menores Cagui, Caguiuba, outros maiores: Cai: (...)]. Espécie de macaco da família dos cebídeos.	
Stradelli (2014, p. 333)	Caiarara : casta de macaco, <i>Cebus gracilis</i> . Vive em bandos numerosos e se encontra em todo o vale. É o mais comum em domesticidade e, apesar de sua sagacidade, muito estimado. Há talvez mais de uma variedade; nos numerosos exemplares vistos, a cor varia, indo do amarelo-louro sujo ao bruno-fulvo.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico : igarapé. Elemento Específico : presença de macacos <i>caiarara</i> . Sentido original : <i>Igarapé Caiarara</i> . Sentido atual : o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de igarapé, sem a percepção de macacos <i>caiararas</i> ..		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico <i>caiarara</i> revela filiação à fauna brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>caiarara</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>cairara</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Caiarara > cairara :		

Continua...

Quadro 21: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Cajueiro (89)	(LGA + LP) Caiú + eiro	Igarapé
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 1046)	<p>Caju: substantivo masculino. 1 Rubrica: angiospermas. design. comum aos frutos das árvores e arbustos do gên. <i>Anacardium</i>, da fam. das anacardiáceas, e tb. a outros frutos, de diferentes gên. e fam., por alguma semelhança àqueles, ger. pelo pedúnculo carnoso. 2 Rubrica: angiospermas. m.q. cajueiro ('designação comum', <i>Anacardium occidentale</i>).</p> <p>Eiro: suf. dos suf. lat. <i>-arius, a, um</i> formador de adjetivos, e de seus der. <i>-arius, ii</i> 'o que produz ou cuida de', <i>-aria, ae</i> e <i>-arium, ii</i> 'local', formadores de subst.; em port., forma adj. e/ou subst. com diversos matizes semânticos: 1) profissão, atividade: <i>fazendeiro, porteiro, relojoeiro</i>; 2) caráter, temperamento: <i>aventureiro, encrenqueiro</i>; 3) gentílicos: <i>brasileiro, mineiro</i>; 4) recipiente, receptáculo: <i>açucareiro, paliteiro</i>; 5) grande quantidade: <i>formigueiro</i>; 6) nome de planta ou árvore: <i>abacateiro, pessegueiro</i>; ver -eira.</p> <p>Ilha: substantivo feminino. 1 Rubrica: geografia. Extensão de terra firme cercada de modo durável por água doce ou salgada em toda a sua periferia; ínsula, ipuã.</p>	
Stradelli (2014, p. 333)	Caiú: Cajú. A fructa do <i>Anacardium occidentale</i> .	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: igarapé.</p> <p>Elemento Específico: árvore que produz o fruto <i>caju</i> (caiú) e eiro.</p> <p>Sentido original: <i>caiueiro</i>, lugar onde há <i>cajueiros</i>.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significativo sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade, sem a percepção de lugar onde havia <i>cajueiros</i>.</p>		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico <i>caiu</i> se refere à vegetação, à árvore <i>cajueiro</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>híbrida</i> de 2 formantes: <i>caju</i> e <i>eiro</i> . Ressalta-se que o elemento <i>caju</i> é termo aportuguesado da LGA, de origem Tupinambá, e <i>eiro</i> representa a LP, caracterizando uma nomeação em LP por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
<p>Caiu+eiró > caiueiro > cajueiro: 1) Justaposição de <i>caiú</i> e <i>eiro</i>, como processo morfológico, evidenciando a formação híbrida lga-português (caiueiro). 2) Substituição i>j, fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>cajueiro</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: consonantização (y>i).</p>		

Continua...

Quadro 21: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Curí (90)	(LGA) Curí	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 121)	Curí: s.m. Var.: 6-7 cori [<T. ?]. Espécie de argila vermelha que serve para tingir.	
Houaiss e Villar (2009, p.	Curí: s.m. (1693 cf. AmAbr) 1 AMAZ argila vermelha us. para tingir 2 GIMN B S. m.q. pinheiro-do-paraná (<i>Araucaria angustifolia</i>). ETIM tupi *ku'ri 'argila vermelha us. para tingir'; f.hist.1693 cori.	
Stradelli (2014, p. 357)	Curí: Casta de terra vermelha. A cor que se obtém com ella.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: presença de argila vermelha (<i>curí</i>). Sentido original: <i>Curí</i> , rio Curí. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de rio onde havia <i>argila vermelha</i> .		
Classificação taxonômica		
Litopônimo , porque o elemento específico <i>curí</i> se refere à vegetação, à árvore <i>cajueiro</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>curi</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>curi</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Curí: não apresentou modificações fonéticas na transição lga>português.		
Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Japim (91)	(LGA) Iapĩ	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Miranda (1942, p. 76)	Iapii. Japim. <i>Cassicus persicus</i> . Sin. <i>Chechéu</i> , <i>japui</i> , <i>japujuba</i> .	
Stradelli (2014, p. 371)	Iapĩ: Japim, <i>Cacicus</i> . O mais comum no Amazonas é o preto, com os encontros, as costas e o uropígio amarelo, e é este que se chama corretamente japim sem outros adjetivos.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: presença de japim (<i>iapĩ</i>). Sentido original: <i>iapĩ</i> , Comunidade Japim. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia japins.		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico <i>iapĩ</i> apresenta filiação à fauna brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>iapĩ</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>japim</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Iapĩ > japĩ > japim: 1) Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal <i>i</i> (<i>japĩ</i>). 2) acréscimo da consoante <i>m</i> por paragoge, característica ortográfica da língua portuguesa (<i>japim</i>). Mudanças fonéticas: consonantização (<i>i>j</i>), paragoge ($\emptyset>m$).		

Continua...

Quadro 21: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jejuí (92)	(LGA) ieiú + y	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 177)	Jeju: s.m. Var.: 6 <i>yeiguo</i> , <i>ieiu</i> , 7 <i>gejù</i> , 8-9 <i>jejú</i> , 8 <i>gijú</i> , <i>jijú</i> [<T. ie'iu]. Peixe da fam. dos caracídeos (<i>Hopterythrimus unitaeniatus</i> Spix.	
Houaiss e Villar (2009, p. 1130)	Jeju: s.m. (c1631 cf. CLisArv) ICT 1 B peixe teleósteo caraciforme da fam. dos eritrínídeos (<i>Hoplerythrinus unitaeniatus</i>), encontrado nas bacias dos rios Amazonas, Parnaíba, São Francisco e Paraguai; com cerca de 30 cm de comprimento, corpo dotado de faixa longitudinal e dorso escuro; <i>jiju</i> , traíra-pixuna, traíra-pixúria [Alimenta-se de larvas de insetos aquáticos, pequenos peixes, crustáceos e vegetais; é capaz de atravessar de um lago para outro arrastando as nadadeiras peitorais.]. ETIM tupi <i>ye'yu</i> 'espécie de peixe'; f.hist. c1631 <i>yeguo</i> , 1631 <i>ieiu</i> , c1777 <i>gejù</i> , 1833 <i>jejú</i> .	
Stradelli (2014, p. 378, 524)	ieiú - Jejú: pequeno peixe de escama, que os pescadores do Baixo Amazonas dizem ser a melhor isca para pegar pirarucú de anzol. Pelo que afirmam tem épocas em que tem menstros e em que para nada servem. Y: água, pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o português passou como <i>i</i> seguido de <i>g</i> . <i>Ygara</i> , <i>Ygasaha</i> , etc. que são <i>yara</i> , <i>yarasaba</i> etc.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: presença de pixes <i>jejus</i> . Sentido original: <i>ieiu</i> y, rio dos <i>jejus</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia peixes <i>jejus</i> .		
Classificação taxonômica		
Zoo-hidrotopônimo , porque o elemento específico apresenta 2 elementos: <i>jeju</i> e <i>y</i> , apresentando relação ao mundo animal e à hidrografia.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>jeju</i> e <i>y</i> , ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>jejuí</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
ieiú + y > ieiu y > ieiú > jejuí : 1) Justaposição de <i>ieiú</i> e <i>y</i> (<i>ieiu</i> y). 2) Anteriorização de <i>y</i> , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>i</i> (<i>ieiú</i>). 3). Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jejuí</i>). Mudanças fonéticas: anteriorização (<i>y>i</i>), consonantização (<i>i>j</i>).		

Continua...

Quadro 21: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jenipauá-açu (93)	(LGA) Ienipáua + uasú	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 45, 177)	<p>Açu, guaçu: <i>adj.</i> Var.: 8 <i>assú</i>, 9 <i>guassú</i>, [< T. a'su 'grande' ~ VLB I. 150: <i>Grande</i> = <i>Guaçu</i> (...)] o mesmo he Çu que Guaçu, Grande, importante.</p> <p>Jenipapo: <i>sm</i> Var.: 5-9 <i>jenipapo</i>, <i>jenipapo</i>, 5 <i>genipâpo</i>, <i>genipápo</i>, <i>janipába</i>, 5, 8 <i>ginipapo</i>, 5 <i>jenipaba</i>, <i>genipago</i>, 6 <i>janipâpo</i>, 6-7 <i>janipapo</i>, 6 <i>yenipapo</i>, <i>janipabo</i>, 7 <i>genipappo</i>, <i>janipápo</i>, 7-8 <i>nhandi-papo</i>, 8 <i>jiniipapo</i>, <i>genipá</i> [< T. iani'paua (iani'paua)]. Planta da fam. das rubiáceas, cujo fruto é uma baga globosa de casca mole, aromática, com polpa adocicada; jenipapeiro.</p>	
Stradelli (1929, p. 379, 512)	<p>Ienipáua: Jenipapo. Grossa baga de sabor adocicado e oleoginosa, de que se fazem refrescos, doces e licor muito apreciado.</p> <p>Uasú: grande, alto, elevado. Nos compostos e como sufixo - <i>Asú</i>, <i>Osú</i>, <i>Usú</i>, de conformidade com a euphonia local.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: rio.</p> <p>Elemento Específico: presença de jenipapo (<i>ienipáua</i>) pequeno (<i>uaçu</i>).</p> <p>Sentido original: <i>ienipauauaçu</i>, rio dos jenipapos grandes.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia jenipapos grandes.</p>		
Classificação taxonômica		
<p>Fito-dimensiotopônimo, porque o elemento específico apresenta 2 elementos: <i>ienipaua</i> e <i>uasú</i>, apresentando relação com a vegetação e tamanho.</p>		
Morfologia e Língua de nomeação		
<p>A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>ienipáua</i> e <i>uasú</i>, ambos da LGA, aportuguesados em <i>jenipauá-açu</i>, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.</p>		
Mudança fonética		
<p>Ienipáua + uasú > ienipauauasú > ienipauuasú > ienipauasú > jenipauasú > jenipau-asú > jenipau-açu: 1) Justaposição de <i>ienipáua</i> e <i>uasú</i> (<i>ienipauauasú</i>). 2) Redução <i>a>Ø</i> por síncope (<i>ienipauuasú</i>). 3) Redução <i>uu>u</i> por crase (<i>ienipauasú</i>). 4) Substituição <i>i>j</i>, fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jenipauasú</i>). 5) Hífenização, característica da morfologia da língua portuguesa em casos específicos (<i>jenipau-asú</i>). 6) Substituição <i>s>ç</i>, característica da ortografia em língua portuguesa (<i>jenipau-açu</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: síncope (<i>a>Ø</i>), crase (<i>uu>u</i>), consonantização (<i>i>j</i>), assibilação (<i>s>ç</i>).</p>		

Continua...

Quadro 21: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jenipaú-mirim (94)	(LGA) Ienipáua + mirĩ	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 177, 211)	<p>Jenipapo: <i>sm</i> Var.: 5-9 <i>jenipapo</i>, <i>jenipapo</i>, 5 <i>genipápo</i>, <i>genipápo</i>, <i>janipába</i>, 5, 8 <i>ginipapo</i>, 5 <i>jenipaba</i>, <i>genipago</i>, 6 <i>janipápo</i>, 6-7 <i>janipapo</i>, 6 <i>yenipapo</i>, <i>janipabo</i>, 7 <i>genipappo</i>, <i>janipápo</i>, 7-8 <i>nhandi-papo</i>, 8 <i>jinipapo</i>, <i>genipá</i> [< T. <i>iani'paua</i> (<i>iani'paua</i>)]. Planta da fam. das rubiáceas, cujo fruto é uma baga globosa de casca mole, aromática, com polpa adocicada; jenipapeiro.</p> <p>Mirim: <i>adj.</i> [< T. <i>mi'ri</i> 'pequeno' ~ VLB II. 78: <i>Piquena cousa</i> = <i>Mirĩ. Tairĩ. Ciciĩ</i>].</p>	
Stradelli (1929, p. 468, 527)	<p>Ienipáua: Jenipapo. Grossa baga de sabor adocicado e oleoginosa, de que se fazem refrescos, doces e licor muito apreciado.</p> <p>Miri: pequeno, pouco.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: grande quantidade (<i>tyua</i>) de algodão (<i>amaniú</i>). Sentido original: <i>amaniutyua</i>, rio de Bragança/PA (sede), onde há grande quantidade de algodão. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia grande quantidade de <i>algodão</i>.</p>		
Classificação taxonômica		
<p>Fito-dimensiotopônimo, porque o elemento específico apresenta 2 elementos: <i>ienipaua</i> e <i>uasú</i>, apresentando relação com a vegetação e tamanho.</p>		
Morfologia e Língua de nomeação		
<p>A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>ienipáua</i> e <i>mirĩ</i>, ambos da LGA, aportuguesados em <i>jenipaú-açu</i>, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.</p>		
Mudança fonética		
<p>Ienipáua + mirĩ > ienipaua mirĩ > ienipau mirĩ > ienipau mirĩ > jenipau asú mirĩ > jenipau-mirĩ: 1) Redução a>∅ por síncope (<i>ienipau mirĩ</i>). 2) Substituição i>j, fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jenipau mirĩ</i>). 3) acréscimo da consoante m por paragoge (<i>jenipaú mirim</i>). 4) Hífenização, característica da morfologia da língua portuguesa em casos específicos (<i>jenipaú-mirim</i>). Mudanças fonéticas: síncope (a>∅), consonantização (i>j), paragoge (∅>m), assibilação (s>ç).</p>		

Continua...

Quadro 21: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Vila Nova Canindé (95)	(LP+LP+LGA) vila+nova+canindé	Vila
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 397, 1364, 1945)	<p>Canindé: substantivo masculino. Regionalismo: Brasil. 1 Rubrica: ornitologia. m.q. arara-de-barriga-amarela (<i>Ara ararauna</i>).</p> <p>Nova: adjetivo. 1 que nasceu ou apareceu recentemente.</p> <p>Vila: substantivo feminino. 1 Povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia. 6 Qualquer conjunto de casas agrupadas. Ex.: v. <i>militar</i>.</p>	
Cunha (1978, p. 94)	Canindé: s.f. Var.: 5-9 <i>canindé</i> , 5 <i>canĩde</i> , 6 <i>canide</i> , <i>caninde</i> , <i>canindê</i> [<T. kani'ne]. Ave da família dos psitacídeos.	
Stradelli (2014, p. 336)	Canindé: arara amarela.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: vila.		
Elemento Específico: nova aglomeração de pessoas com mesmo nome (<i>Canindé</i>).		
Sentido original: Vila Nova Canindé.		
Sentido atual: o adjetivo <i>nova</i> denota ideia de um fato recente, usado na composição de designativo de lugar, <i>Vila Nova Canindé</i> , por analogia ao designativo anterior do distrito, <i>Vila Canindé</i> , que não é mais usado. O designativo atual não tem nenhuma relação com a ideia de presença de <i>mocaiayua</i> (mocajuzeiros), já que sua motivação ocorreu unicamente por analogia. Em <i>Vila Nova Canindé</i> , identificam-se os elementos genérico e específico: comunidade e tempo.		
Classificação taxonômica		
Polio-cronotopônimo , porque o elemento genérico <i>vila</i> passa a específico, revelando relação com aglomeração de pessoas, assim como o elemento específico <i>nova</i> revela filiação à cronologia.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>nova</i> , da LP, e <i>canindé</i> , da LGA, aportuguesados em <i>nova canindé</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Nova Canindé: não houve mudança fonética. Na nova designação, o topônimo <i>Acarajó</i> já estava dicionarizado em língua portuguesa.		

Continua...

Quadro 21: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Vila Nova Mocajuba (96)	(LP + LGA) nova+mucaia+yua	Vila
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 215)	Mucaíúba: s.f. Var.: 7 <i>mucajuba</i> , 8 <i>mucojú</i> , [<T. muka'ya]. Mucajá. Palmeira da subfamília das cocosoídeas (<i>Acrocomia sclerocarpa</i>).	
Houaiss e Villar (2009, p. 1364)	Nova: adjetivo. 1 que nasceu ou apareceu recentemente.	
Stradelli (2014, p. 418, 527)	Mucaia: mucaia, mocajá, a fruta da <i>Acrocomia</i> . Yua: planta, tronco, haste, origem, estirpe, causa. <i>Mira yua:</i> origem da gente, <i>Xiringayua:</i> seringueira.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: vila. Elemento Específico: analogia à comunidade de Mocajuba. Sentido original: Comunidade de Nova Mocajuba. Sentido atual: o adjetivo <i>nova</i> denota ideia de um fato recente, usado na composição de designativo de lugar, <i>Nova Mocajuba</i> , por analogia ao designativo anterior do distrito, <i>Mocajuba</i> , que não é mais usado. O designativo atual não tem nenhuma relação com a ideia de presença de <i>mocaiayua</i> (mocajuzeiros), já que sua motivação ocorreu unicamente por analogia. Em <i>Nova Mocajuba</i> , identificam-se os elementos genérico e específico: comunidade e tempo.		
Classificação taxonômica		
Polio-cronotopônimo , porque o elemento genérico <i>vila</i> passa a específico, revelando relação com aglomeração de pessoas, assim como o elemento específico <i>nova</i> revela filiação à cronologia.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>nova</i> , da LP, e <i>mocaiá</i> e <i>yua</i> , da LGA, aportuguesados em <i>nova mocajuba</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Mucaia+yua:		

Continua...

Quadro 21: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
2ª Trav. do Curí (97)	(LP+LGA) 2ª+travessa+Curí	Travessa
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 121)	Curí: s.m. Var.: 6-7 cori [<T. ?]. Espécie de argila vermelha que serve para tingir.	
Houaiss e Villar (2009, p. 1879)	Travessa: s.f. 4 (sXVI) URB rua secundária transversal .	
Stradelli (2014, p. 357)	Curí: Casta de terra vermelha. A cor que se obtém com ella.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: travessa. Elemento Específico: rio Curí. Sentido original: travessa do rio Curí. Sentido atual: os vocábulos <i>2ª</i>, <i>travessa</i> e <i>curí</i> sinalizam para uma composição híbrida entre a LP e a LGA. O numeral orinário <i>2ª</i> denota ideia de <i>posição</i> e <i>travessa</i> sinaliza para passagem secundária. O designativo não tem nenhuma relação com a ideia de <i>argila vermelha (curí)</i>, já que sua motivação ocorreu unicamente por analogia a outro designativo com o mesmo topônimo principal (<i>Rio Curí</i>). O conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, é percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza para o sentido genérico (<i>travessa</i>) e específico (<i>rio curí</i>).</p>		
Classificação taxonômica		
Hodotopônimo , porque o elemento genérico <i>travessa</i> passa a específico, apresentando filiação à vias de comunicação.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>curí</i> , da LGA, aportuguesado em <i>curi</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
2ª Travessa do Curí: não apresentou modificações fonéticas na transição lga>português. Na nova designação, o topônimo já estava registrado em língua portuguesa.		

Continua...

Quadro 22: Topônimos de origem Tupinambá de Tijoca, distrito do município de Bragança/PA, validados junto aos moradores do local.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Açaiteua (98)	(LGA + LGP) asay + tyba	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 43)	Açaí s.m.Var.: 7, 9 assaí, 7 açay, uaçai, 8 assiahy, 8-9 assahy, 8 assahí, uassahí [< T. *yuasaí]. Espécie de palmeira da subfamília das ceroxilíneas, cujo fruto é comestível e fornece uma bebida fermentada muito apreciada.	
Stradelli (2014, p. 327, 508)	Asay: A fructa de uma palmeira que cresce em todos os logares e hoje também muito cultivada tanto no Pará como no Amazonas, graças a bebida que della se extrahe, conhecida sob o nome de vinho de assahí. Da fructa extrahe-se também um óleo muito fino já usado em perfumaria, e que é preconizado para cura da phtisica e como succedaneo do de figado de bacaláo. Tyua: sufixo com a significação de logar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de accordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — logar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é erro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento genérico: comunidade. Elemento específico: fruto do açazeiro: açai (<i>asay</i>) + abundância (<i>tyua</i>). Sentido original: <i>asaytyua</i>, onde há abundância de <i>açaí</i>: teria sido o designativo original, indicativo de uma comunidade. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não mais é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem mais se perceber abundância de açazeiros.</p>		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque revela filiação a elementos de índole vegetal, como o fruto do açazeiro em grande quantidade. É normal essa situação metonímica de representação da grande quantidade do fruto e não da árvore e, como a comunidade foi erigida nesse lugar, passa a ser designada como <i>açaiteua</i> > <i>aciteua</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>asay</i> , com afixação de <i>tyba</i> . Ressalta-se que os elementos <i>asay</i> e <i>tyba</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>açaí</i> e <i>teua</i> , ressaltando que <i>teua</i> < <i>tyba</i> (de origem LGP) ocorre somente em composição formada com palavras de origem indígena (<i>ajuruteua</i> , <i>bacuriteua</i> , <i>aciteua</i> etc.), o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Asay+tyba > asaytyba > asaitiba > asaitiua > asaiteua: 1) Justaposição de <i>asay</i> e <i>tyua</i> (asaytyba). 2) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal i (asaitiba). 3) Substituição b>u por vocalização, característica da LGA (asaitiua). 4) Abaixamento ie por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+alto] de [i] e de [ú] (asaiteua). 5) A mudança s>c dá-se por regras ortográficas do português. Mudanças fonéticas: anteriorização (y>i), vocalização (b>u), dissimilação vocálica regressiva (ie>e).		
Abonação:		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Alto Urumajó (99)	(LP+LGA+LGP) alto+urumã+yó	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 104)	Alto: adjetivo. 5 de nível elevado; superior.	
Cunha (1978, p. 142)	Guarumã: s.f. [< T. iuaru'ma]. Planta da família das marantáceas.	
Stradelli (2014, p. 514)	Arumã: guarumã.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade.		
Elemento Específico: posição geográfica <i>acima, superior</i> tendo como referência o Rio Urumajó.		
Sentido original: <i>alto urumajó</i> , parte superior do rio <i>urumajó</i> .		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, é percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza para o sentido genérico de comunidade e de estrada, e também para a percepção de posição do rio, isto é, tem como referente a posição <i>superior, mais no alto</i> .		
Classificação taxonômica		
Thesitopônimo , porque o elemento específico <i>alto</i> revela filiação com a posição do rio.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>híbrida</i> de 3 elementos: <i>alto, arumã</i> e <i>yo</i> . Ressalta-se que os elementos <i>arumã</i> e <i>yo</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>urumajó</i> . Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Arumã + yó > arumãyo > arumayo > arumajó > urumajó: 1) justaposição de <i>arumã</i> e <i>yo</i> (arumãyo). 2) Substituição de <i>ã>a</i> por desanalação (arumayo). 3) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal i (arumaio). 4) Substituição i>j , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (arumajo). 5) Substituição de a>u por assimilação vocálica (urumajo). 6) anteposição de <i>Alto</i> (alto urumajó).		
Mudanças Fonéticas: desanalação (<i>ã>a</i>), anteriorização (<i>y>i</i>), consonantização (<i>i>j</i>), assimilação vocálica (<i>a>u</i>).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Estrada Alto Urumajó (100)	(LP+LGA+LGP) estrada+alto+uruma+yo	Estrada
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 104, 838)	Alto: adjetivo. 5 de nível elevado; superior. Estrada: substantivo feminino. 1 via mais larga que um caminho, transitada por pessoas, animais e/ou veículos.	
Cunha (1978, p. 142)	Guarumã: s.f. [< T. iuaru'ma]. Planta da família das marantáceas.	
Stradelli (2014, p. 514)	Arumã: guarumã.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: estrada. Elemento Específico: via que tem como referência a comunidade Alto Urumajó. Sentido original: <i>Estrada Alto Urumajó</i> , parte superior do rio <i>urumajó</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, é percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza para o sentido genérico de estrada, e também para a percepção de posição do rio, isto é, tem como referente a via de comunicação.		
Classificação taxonômica		
Hodotopônimo , porque o elemento específico <i>estrada</i> revela filiação com via de comunicação.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>híbrida</i> de 3 elementos: <i>alto</i> , <i>arumã</i> e <i>yo</i> . Ressalta-se que os elementos <i>arumã</i> e <i>yo</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>urumajó</i> . Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Arumã + yó > arumãyo > arumayo > arumajó > urumajó: 1) justaposição de <i>arumã</i> e <i>yo</i> (arumãyo). 2) Substituição de <i>ã>a</i> por desanalação (arumayo). 3) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal i (arumaio). 4) Substituição i>j , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (arumajo). 5) Substituição de a>u por assimilação vocálica (urumajo). 6) anteposição das palavras Estrada e <i>Alto</i> (estrada alto urumajó). Mudanças Fonéticas: desanalação (<i>ã>a</i>), anteriorização (<i>y>i</i>), consonantização (<i>i>j</i>), assimilação vocálica (<i>a>u</i>).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Andirá (101)	(LGA) Andirá	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 52)	Andirá: s.m. Var.: 5 <i>andura</i> , 5,8 <i>andira</i> , 6 <i>amdura</i> , 9 <i>andirá</i> [< T. <i>anĩ'ra</i>]. Morcego.	
Houaiss e Villar (2009, p. 130)	Andirá: s.m. (1587 cf. DHPT) MASTZOO <i>B N.</i> m.q. ¹ morcego . ETIM tupi <i>andi'ra</i> 'morcego'; cp. ¹ <i>andira</i> ; f.hist. 1587 <i>andura</i> , c1594 <i>andira</i> . PAR <i>andira</i> (s.f. e s.2g.).	
Stradelli (1929, p. 24)	Andirá: morcego. Nome genérico dos chiropteros.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio.		
Elemento Específico: presença de morcegos (<i>Andirá</i>).		
Sentido original: <i>andirá</i> , rio onde há morcegos.		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia morcegos.		
Classificação taxonômica		
Zootônimo , porque o elemento específico <i>andirá</i> revela filiação com a fauna brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>andirá</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>andirá</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Andirá: não houve mudanças fonéticas na transição lga>português.		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Andiroba (102)	(LGA) landyraua	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 52)	Andiroba: s.f. Var.: 6 <i>jnhanduroba</i> , 6-9 <i>andiroba</i> , 7 <i>jandiroba</i> , 8 <i>nhandiroba</i> , <i>anddiroba</i> , <i>gendiropa</i> [< T. ñani'roua < ñani' óleo, azeite + roua amargo ~ VLB I. 49: Azeite = Nhãdig. Planta da família das meliáceas; andirobeira.	
Houaiss e Villar (2009, p. 130)	Andiroba: s.f. (1618 cf. AFBrand) ANGIOS 1 árvore de até 30 m (<i>Carapa guianensis</i>), da fam. das meliáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, esp. do Brasil (AMAZ a BA), com casca adstringente, madeira de qualidade, flores amarelas ou vermelhas, e cápsulas com sementes de que se extrai óleo insetífugo, us. em lamparinas, para fabricar velas e sabão, contra a artrite e infecções de garganta e, outrora, no encolhimento de crânios; andiroba-branca, andiroba-do-igapó, andiroba-suruba, andirobeira, andirova. ETIM tupi <i>ñandi'rowa</i> , de <i>ñandi</i> 'óleo, azeite' + <i>'rowa</i> 'amargo'; tb. adp. ao port. como <i>jandiroba</i> , <i>jendiropa</i> ; f.hist. 1618 <i>jnhanduroba</i> , a1667 <i>andiroba</i> , 1730 <i>jandiroba</i> . COL andirobal.	
Stradelli (2014, p. 370)	landyraua: azeite amargo. Andiroba.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: azeite amargo (<i>landyraua</i>). Sentido original: <i>landyraua</i> , ilha onde há azeite amargo. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não mais é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de ilha, sem a percepção de <i>azeite amargo</i> .		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque o elemento específico <i>cuera</i> passa a relacionar-se com a ideia de aglomeração de pessoas.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>andirova</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>andiroba</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
landyraua > iandiraua > andiraua > iandiroba > andiroba: 1) Anteriorização y>i , quando o som gutural de [y], comum à LGA, é substituído pela vogal i (<i>iandiraua</i>). 2) Substituição ia>a , comum em LGA no início de palavras, por monotongação (<i>andiraua</i>). 3) Substituição u>b por consonantização da vogal u , influência da LGP (<i>iandiraba</i>). 4) Substituição a>o por dissimilação parcial (<i>andiroba</i>). Mudanças fonéticas: anteriorização (y>i), monotongação (ia>a), consonantização (u>b), dissimilação vocálica parcial (a>o).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Anhangateua (103)	(LGA + LGP) anhangá + tyba	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1929, p. 53)	Anhangá: s.m. Var.: 5-9 <i>anhangá</i> , 5,7 <i>anhãga</i> , 5 <i>anhãgua</i> , 6-9 <i>anhangá</i> [< T. a'ñanga ~ VLB I. 102: <i>Diabo</i> = Anhangá [...]] Quanto à oscilação – anhangá/anhangá, os textos do séc. XVI e a etimologia proposta parecem indicar que os tupis pronunciavam o vocábulo como paroxítono [...] Gênio do mal, diabo, entre os indígenas do Brasil.	
Miranda (1942, p. 55)	Anhangá: Var. <i>aianga</i> . Guar. <i>anhang</i> . C. segundo Mart. De <i>anga</i> , alma, e <i>ynham</i> , correr. Em guar. significa diabo, demônio; em tupi fantasma, visagem, duende, alma do outro mundo. Como segundo componente em <i>inambú-anhangá</i> , <i>suassu-aianga</i> .	
Stradelli (2014, p. 508)	Anhangá, ananga: Espectro, phantasma, duende, visagem. Há <i>mira-anhangá</i> – <i>tatu-anhangá</i> – <i>Suasú-anhangá</i> – <i>Tapyira-anhangá</i> – isto é visagem de gente, de tutú, de veado e de boi. Em qualquer caso e qualquer que seja visto, ouvido ou presentido, o <i>Anhangá</i> traz para aquela que o vê, ouve ou presente certo prenúncio de desgraça, e os lugares que se conhecem como frequentados por ele são mal assombrados [...] Tyua: sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuío. <i>Caiutyua</i> — lugar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é erro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade.		
Elemento Específico: grande quantidade (<i>tyua</i>) de espíritos malignos (<i>anhangá</i>).		
Sentido original: <i>anhangatyba</i> , onde há grande quantidade de espíritos malignos.		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia grande quantidade de <i>espíritos malignos</i> .		
Classificação taxonômica		
Animotopônimo , porque o elemento específico <i>anhangá</i> revela filiação à cultura espiritual.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>anhangá</i> , com sufixação <i>tyba</i> , ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>anhangateua</i> , caracterizando uma nomeação em LP, com empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Anhangá + tyba > anhangatyba > anhangatyua > anhangatiua > anhangateua: 1) Justaposição de <i>anhangá</i> e <i>tyba</i> (<i>anhangatyba</i>). 2) Substituição b>u , observada no início do vocábulo em LGA, por vocalização (<i>anhangatyua</i>). 3) Anteriorização de y , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal i (<i>anhangatiua</i>). 4) Abaixamento i>e por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [í] e de [ú] (<i>anhangateua</i>).		
Mudanças fonéticas: vocalização (b>u) anteriorização (y>i), dissimilação vocálica parcial (i>e).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Anoerá (104)	(LGA) Anauirá	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Stradelli (2014, p. 320)	Anauirá: árvore que dá uma madeira de contrução.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: presença de árvore <i>anauirá</i>. Sentido original: <i>anauirá</i>, lugar com árvores anoerás. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia árvores anoerás.</p>		
Classificação taxonômica		
<i>Fitotopônimo</i> , porque o elemento específico <i>anauirá</i> revela filiação a elementos de índole vegetal.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>anauirá</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>anoerá</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
<p>Anauirá > anoirá > anoerá: 1) Substituição <i>au>o</i> por monotongação (<i>anoirá</i>). 2) Substituição <i>i>e</i> por assimilação vocálica parcial, causada pela vogal <i>a</i> final (<i>anoerá</i>). Mudanças fonéticas: dissimilação vocálica parcial (u>o), assimilação vocálica parcial (i>e).</p>		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Araçateua (105)	(LGA+LGP) Arasa + Tyba	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 57)	Araça: s.m. Var.: (5 <i>carasazes</i>), 5, 7 <i>arasazes</i> (pl.), <i>araçazes</i> (pl.), 5 <i>araçã</i> , <i>araça</i> , <i>aracazes</i> (pl.), <i>aracasses</i> (pl.), <i>aracases</i> (pl.), 6 <i>arasa</i> , 6-7 <i>araçases</i> (pl.), 6-9 <i>araçá</i> , 7 <i>araçaz</i> , <i>araças</i> , <i>araca</i> , <i>arassa</i> , <i>arassaz</i> (pl.), 7-8 <i>arassá</i> [< T. ara'sá]. Fruto do araçazeiro.	
Stradelli (1929, p. 378, 391)	Arasá: <i>Psidium araçá</i> . Casta de goiaba silvestre muito azeda. Em muitos logares se dá este nome a uma espécie de fruto muito desenvolvido que chamam - marmello - e que serve especialmente para doce - mas que não deve ser confundido com o marmello, embora ambos sejam fructos de uma rosacea. Tyua: sufixo com a significação de logar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de accordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — logar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é êrro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio.		
Elemento Específico: grande quantidade (<i>tyua</i>) de fruto do araçazeiro (<i>arasá</i>).		
Sentido original: <i>rio arasateua</i> .		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia grande quantidade de <i>fruto do araçazeiro</i> .		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico <i>arasá</i> revela filiação à flora brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>arasá</i> , com sufixação de <i>tyba</i> , elementos da LGA e da LGP, respectivamente, aportuguesados em <i>araçateua</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Arasá + tyba > arasatyba > arasatyua > arasatiua > arasateua > araçateua: 1) Justaposição de <i>arasá</i> e <i>tyba</i> (arasatyba). 2) Substituição b>u , observada no início do vocábulo em LGA, por vocalização (arasatyua). 3) Anteriorização de y>i , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal i (arasatiua). 4) Abaixamento i>e por dissimilação causada pela vogal postônica / u : traço [+ alto] de [í] e de [ú] (arasateua). 5) Substituição s>ç , característica da ortografia portuguesa (araçateua).		
Mudanças fonéticas: vocalização (b>u), anteriorização(y>i), dissimilação vocálica parcial (i>e), assibilação (s>ç).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Araçateua (106)	(LGA+LGP) Arasa + Tyba	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 57)	Araça: s.m. Var.: (5 <i>carasazes</i>), 5, 7 <i>arasazes</i> (pl.), <i>araçazes</i> (pl.), 5 <i>araçã</i> , <i>araça</i> , <i>aracazes</i> (pl.), <i>aracasses</i> (pl.), <i>aracases</i> (pl.), 6 <i>arasa</i> , 6-7 <i>araçases</i> (pl.), 6-9 <i>araçã</i> , 7 <i>araçaz</i> , <i>araças</i> , <i>araca</i> , <i>arassa</i> , <i>arassaz</i> (pl.), 7-8 <i>arassã</i> [< T. ara'sã]. Fruto do araçazeiro.	
Stradelli (1929, p. 378, 391)	Arasã: <i>Psidium</i> araçã. Casta de goiaba silvestre muito azeda. Em muitos logares se dá este nome a uma espécie de fruto muito desenvolvido que chamam - marmello - e que serve especialmente para doce - mas que não deve ser confundido com o marmello, embora ambos sejam fructos de uma rosacea. Tyua: sufixo com a significação de logar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de accordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — logar de cajús, deu <i>Cajutiba</i> , <i>Cajutúba</i> . <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i> , <i>Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é êrro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: grande quantidade (<i>tyba</i>) de fruto do araçazeiro (<i>arasã</i>). Sentido original: <i>rio arasateua</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia grande quantidade de <i>fruto do araçazeiro</i> .		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque o elemento específico <i>cuera</i> passa a relacionar-se com a ideia de aglomeração de pessoas.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>arasã</i> , com sufixação de <i>tyba</i> , elementos da LGA e da LGP, respectivamente, aportuguesados em <i>araçateua</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Arasã + tyba > arasatyba > arasatyua > arasatiua > arasateua > araçateua: 1) Justaposição de <i>arasã</i> e <i>tyba</i> (arasatyba). 2) Substituição b>u , observada no início do vocábulo em LGA, por vocalização (arasatyua). 3) Anteriorização de y>i , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal i (arasatiua). 4) Abaixamento i>e por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [í] e de [ú] (arasateua). 5) Substituição s>ç , característica da ortografia portuguesa (araçateua). Mudanças fonéticas: vocalização (b>u), anteriorização(y>i), dissimilação vocálica parcial (i>e), assibilação (s>ç).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Araúá (107)	(LGA) Araúá	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Miranda (1942, p. 59)	Araúá: s.m. <i>Conurus pavus</i> ⁷¹	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade.		
Elemento Específico: presença de pequenos tipos de periquitos (<i>arauá</i>).		
Sentido original: <i>comunidade do Araúá</i> .		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia pequenos tipos de periquitos.		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo, porque o elemento específico <i>arauá</i> revela filiação à fauna brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>arauá</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>arauá</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Araúá: não houve mudanças fonéticas na transição lga>português.		

Continua...

⁷¹ Segundo Araújo (2010, p. 74), são aves da família dos periquitos menores.

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Arimbu (108)	(LGA) arara + umbu	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 57)	<p>Ará: s.f. V. Abon. 1865 J. Alencar <i>Iracema</i> (3ª ed., 1878, ii 18): A graciosa <i>arà</i> sua companheira e amiga brinca junto della. As vezes sobe aos ramos da arvore e de lá chama a virgem pelo nome.; [...] [<i>Nota do autor, à pág. 203</i>] <i>Ará</i> - periquito. Os indígenas como argumentativo usavam repetir a última syllaba da palavra e às vezes toda a palavra, como <i>murémuré</i>, <i>muré</i> (fruta), <i>muré-muré</i> (grande fruta). <i>Arara</i> vinha a ser pois o argumentativo de <i>ará</i>, e significaria a maior espécie do gênero.</p>	
Stradelli (2014, p. 324, 517)	<p>Arara: arara, <i>Macrocereus macão</i>. A arara vermelha, bem conhecida em todo o Amazonas. É das pennas da cauda que são feitos muitos dos enfeites usados pelos indígenas em suas festas e danças. Por isso mesmo é rara a maiooca de uaupés, onde se encontram araras domesticadas, criadas especialmente para utilizar-lhes as plumas, - mostrando-se assim mais adeantados de que os civilizados com as garças.</p> <p>Umbu: <i>umbu</i>, fruta comestível do umbuzeiro.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: presença de ave (<i>arara</i>) e fruto do umbuzeiro (<i>umbu</i>). Sentido original: <i>Comunidade Arimbu</i>. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia o umbuzeiro das araras.</p>		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico <i>umbu</i> revela filiação à flora brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>arara</i> e <i>umbu</i> , elementos da LGA, aportuguesados em <i>arimbu</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
<p>Arara + umbu > araraumbu > araumbu > araimbu > arimbu: 1) Justaposição de <i>arara</i> e <i>umbu</i> (<i>araraumbu</i>). 2) Redução <i>ra>Ø</i> por síncope (<i>araumbu</i>). 3). Substituição <i>u>i</i> por dissimilação vocálica parcial (<i>arimbu</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: síncope (<i>ra>Ø</i>), dissimilação vocálica parcial (<i>u>i</i>).</p>		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Bacuri (109)	(LGA) uacuri	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 68)	Bacuri: <i>s.m.</i> . Var. 6-7 <i>bacori</i> , 6 <i>paquori</i> , <i>bacori</i> , 7 <i>bacuri</i> , <i>bacorí</i> , 8-9 <i>bacurí</i> , 9 <i>bacury</i> . Cp. BACUPARI, BACURIPARI [> T iuaku'ri]. Planta da família das gutíferas.	
Houaiss e Villar (2009, p. 240)	Bacuri: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. 1 Grande árvore (<i>Platonia esculenta</i>) da fam. das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI), com casca que exsuda resina us. em veterinária, madeira nobre, folhas lanceoladas, coriáceas, flores rosadas e bagas grandes, globosas e amarelas, com polpa amarelada, de que se fazem refrescos e doces, e sementes cujo sabor lembra o da amêndoa; bacurizeiro.	
Sampaio (1987, p. 203)	Bacury: <i>corr.</i> Ybá-cury ou ybá-curi, o fruto contínuo, apressado; o que frutifica de pronto. (<i>Platonia insignis</i>)	
Stradelli (2014, p. 509)	Uacuri: Bacury. Fructa comestível, drupa que contém umas sementes envolvidas numa polpa esbranquiçada levemente acidulada e assucarada, com perfume especialíssimo.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: presença de bacuri (<i>uacuri</i>) Sentido original: <i>uacuri</i> representa uma ilha. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da ilha, sem a percepção de lugar onde bacurizeiros.		
Classificação Taxeonomica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico <i>uacuri</i> revela filiação a elementos vegetais, cuja nomeação foi feita de forma metonímica, usando-se o futo para fazer referência aos pés de bacurizeiros.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>uacuri</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>bacuri</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Uacuri > bacuri: 1) Substituição u>b , por consonantização, influência da LGP (<i>bacurí</i>). Mudanças fonéticas: consonantização (u>b).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Braço do Urumajó (110)	(LP+LGA+LGP) Braço + Uarumã + Yo	Igarapé
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p.	Braço: substantivo masculino. 7.13 Rubrica: geografia. Porção do mar que penetra numa abertura funda e relativamente estreita na costa; esteiro.	
Cunha (1978, p. 142)	Guarumã: s.f. [< T. iuaru'ma]. Planta da família das marantáceas.	
Stradelli (2014, p. 514)	Uarumã: guarumã.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: igarapé.		
Elemento Específico: ramificação (braço) do rio Urumajó.		
Sentido original: <i>Braço do Urumajó</i> .		
Sentido atual: o designativo sinaliza para uma composição tríplice entre LP, LGA e LGP. O vocábulo <i>braço</i> (LP) denota ideia de <i>ramificação</i> , por isso <i>Braço do Urumajó</i> . No entanto, não apresenta nenhuma relação com a ideia de <i>procedência de planta</i> (<i>uarumã+yo</i>), já que sua motivação ocorreu unicamente por analogia a outro designativo com o mesmo topônimo principal (<i>Rio Urumajó</i>). Em <i>Braço do Urumajó</i> , identificam-se os elementos genérico e específico: <i>braço de rio</i> e analogia ao rio <i>Urumajó</i> .		
Classificação taxonômica		
Hidrotopônimo , porque o elemento genérico <i>braço</i> passa a específico, revelando filiação à hidrografia bragantina.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>híbrida</i> de 3 elementos: <i>braço</i> , <i>arumã</i> e <i>yo</i> . Ressalta-se que os elementos <i>arumã</i> e <i>yo</i> , ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>urumajó</i> . Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Arumã + yó > arumãyo > arumayo > arumajó > urumajó: 1) justaposição de <i>arumã</i> e <i>yo</i> (<i>arumãyo</i>). 2) Substituição <i>ã>a</i> por desanálise (<i>arumayo</i>). 3) Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>arumajó</i>). 4) Substituição <i>a>u</i> por assimilação vocálica (<i>arumajó</i>). 5) Anteposição da palavra <i>braço</i> (<i>Braço do Urumajó</i>).		
Mudanças fonéticas: desanálise (<i>ã>a</i>), consonantização (<i>i>j</i>), assimilação vocálica (<i>a>u</i>).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Buritizal (111)	(LGA+LP) Myrity + al	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 75)	Buriti: s.m. Var.: <i>a</i> 6 <i>morety</i> , <i>moritim</i> , <i>morutim</i> , <i>mority</i> , <i>muruty</i> , 7 <i>marotim</i> , 8 <i>muriti</i> , <i>murity</i> , 8-9 <i>miriti</i> , <i>mirity</i> , β 7-9 <i>buriti</i> , 7 <i>brutí</i> , 8 <i>brutíz</i> , <i>burety</i> , <i>borety</i> , <i>bority</i> , 8-9 <i>burity</i> [>T. *myrity]. Espécie de palmeira (<i>Mauritia vinifera</i> Mart.)	
Houaiss e Villar (2009, p. 79, 338)	Al: 1) do suf. lat. <i>-ális,-ále</i> , formador de: a) adjetivos: <i>duodenal</i> , <i>existencial</i> , <i>matrimonial</i> , <i>quinzenal</i> ; b) substantivos que denotam coleção ou quantidade: <i>lamaçal</i> , <i>milharal</i> , <i>pomba</i> ; 2) em química orgânica, da sílaba inicial de <i>álcool</i> : a) 'álcool': <i>cloral</i> ; b) 'aldeído (grupo -CHO)': <i>etanal</i> ; c) 'cloral': <i>barbital</i> ; 3) representa 'alumínio' no voc. <i>sial</i> (ver sua etim.). Buriti: s.m. (c1631 cf. AGC) ANGIOS B 1 design. comum a plantas dos gên. <i>Mauritia</i> , <i>Mauritiella</i> , <i>Trithrinax</i> e <i>Astrocaryum</i> , da fam. das palmas, de folhas ger. penatífidas e flabeliformes, coletadas para coberturas de casas rústicas e esp. para extração de fibras, us. em inúmeras obras trançadas; buritizeiro, muritizeiro, murutizeiro 1.1 palmeira muito alta (<i>Mauritia flexuosa</i>), nativa de Trinidad e Tobago e do Norte da América do Sul, com estipe ger. flexuoso, drupas de 3 a 5 cm, [Fornece palmito saboroso, fécula e madeira; dos frutos extrai-se óleo comestível, tb. us. para amaciar e envernizar couro, e do estipe e das inflorescências imaturas faz-se refresco e, após fermentação, o vinho de buriti.].	
Sampaio (1978, p. 209)	Burity: corr. Mbiriti , árvore que emite líquido; a palmeira. (<i>Mauritia Vinifera</i> , Mart.) Alt. Murity, Mirity, Mority. 108.	
Stradelli (2014, p. 437)	Mbyrity: Miriti, buriti, <i>Maximiliana regia</i> e afins. Casta de palmeira que só por si é uma providência. Dela nada se perde. As folhas, que a coroam em largos leques, dão excelente cobertura de casa e de uma cordoalha que se presta até para fazer redes, sendo muito duradouras e muito frescas. Do espique, aberto e batido, se fazem soalhos e paredes de barracas. Das folhas se fazem esteiras e tupés. Do miolo do tronco, formado por uma massa leve e esponjosa, se faz o arrocho (?) para recolher o leite da seringueira e se fazem ainda hoje esteiras para fechar postas e janelas, e rolhas.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: grande quantidade (<i>al</i>) de buriti (<i>mbyrity</i>). Sentido original: comunidade do <i>mbyrityzal</i> . Sentido atual: o sufixo da língua portuguesa <i>-al</i> e o vocábulo <i>mbyrity</i> (LGA) justapõe-se na composição híbrida do signo toponímico <i>mbyrityzal</i> . Explica-se que o hibridismo entre o português e a LGP pelo uso da inicial bu (buriti), visto que, na LGA, o vocábulo inicia-se com mi (miriti). Nesse caso específico, o emprego do sufixo <i>-al</i> denota uma tendência ao uso da LP em detrimento da LGA, além de auxiliar na percepção do elemento específico <i>grande quantidade</i> . Por esse motivo, o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza para o sentido genérico de comunidade, com percepção de um lugar com grande quantidade de buritizeiros.		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico <i>mbyrity</i> revela filiação à flora brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>híbrida</i> de 2 formantes: <i>mbyrity</i> e <i>al</i> . Ressalta-se que o elemento <i>mbyrity</i> , de origem Tupinambá (LGA), e <i>al</i> , da LP, foram aportuguesados em <i>buritizal</i> . Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Mbyrity + al > mbyrity+al > byrity+al > biritizal > biritizal > buritizal: 1) Substituição mb>b por desanalação da consoante inicial (<i>byrity</i>). 2) Anteriorização de y , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal i (<i>biriti</i>). 3) Substituição i>u por dissimilação da vogal u da primeira sílaba (<i>buriti</i>). 4) Justaposição de <i>buriti</i> e <i>-al</i> (<i>buritizal</i>). 5) Acrécimo da consoante z na sufixação, característica da ortografia em língua portuguesa (<i>burityzal</i>). Mudanças fonéticas: desanalação (mb>b), anteriorização (y>i), dissimilação vocálica parcial (u>i), epêntese (Ø>z).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Caeté (112)	(LGA) Caa+eté	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Hauaiss e Villar (2009, p. 357)	Caeté: substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. design. comum a diversas ervas, esp. dos gên. <i>Calathea</i> e <i>Ischnosiphon</i> e tb. do gên. <i>Stromanthe</i> , da fam. das marantáceas, a algumas do gên. <i>Canna</i> , da fam. das canáceas, e do gên. <i>Heliconia</i> , da fam. das musáceas, nativas do Brasil e ger. cultivadas como ornamentais, por suas folhagens e/ou inflorescências; caetê, caitê.	
Stradelli (2014, p. 330, 524, 364)	Caá: Contracto ca- olha e por extensão, herva, planta, matta, embora nos compostos se use nestes últimos casos de preferência ca e se reserve caá para indicar folha, herva. Y: Água, pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o português passou como i , seguido de g . <i>Ygara</i> , <i>ygasaba</i> etc., que são <i>yara</i> , <i>yarasaba</i> etc. Eté: verdadeiro, próprio, mesmo.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: presença de mata (kaa) verdadeiro (eté) água (y). Sentido original: <i>kaayeté</i> , rio onde há vegetação verdadeira (muito boa). Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico do rio, sem a percepção de que ele (o rio) é cercado por uma vegetação verdadeira.		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico <i>caeté</i> revela filiação com a flora.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>caa</i> e <i>eté</i> , em que <i>caeté</i> representa o aportuguesamento a partir de empréstimos junto à LGA (<i>kaa</i> , <i>y</i> e <i>eté</i>), caracterizando uma nomeação em LP.		
Mudança fonética		
Kaa+eté > kaaeté > kaeté > caeté: 1) Justaposição de <i>kaa</i> e <i>eté</i> (<i>kaaeté</i>). 2) Redução das vogais <i>aa</i> > <i>a</i> por crase (<i>kaeté</i>). 3) Substituição <i>k</i> > <i>c</i> para atender a ortografia em língua portuguesa (caeté). Mudanças fonéticas: crase (<i>aa</i> > <i>a</i>).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Cháu (113)	(LGP) Chá + u	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Sampaio (1987, p. 222, 336-337)	<p>Chá: s. Forma contrata de eça, pronunciado echá, o olho, a vista. <i>Alt. Çá, Chá.</i></p> <p>U: <i>corr. Y.</i> A água, o líquido, o rio. A pronúncia difícil da vogal gutural y deu origem às formas u, hu, gu, que aparecem com afixos ou sufixos na composição dos vocábulos.</p>	
Stradelli (2014, p. 346)	<p>Cesá: olho, vista.</p> <p>Y: água, pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o português passou como i seguido de g. Ygara, Ygasaha, etc. que são <i>yara, yarasaba</i> etc.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: olho (<i>chá</i>) e água (<i>u</i>). Sentido original: <i>Rio do Chaú</i> (olho d'água). Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia um olho d'água. É importante salientar que a composição desse topônimo tem base na LGP, já que, em LGA, o mesmo elemento específico seria <i>cesáy~cechay</i>.</p>		
Classificação taxonômica		
Hidrotopônimo , porque se considera <i>u</i> (água, líquido) como elemento específico, revelando filiação com a hidrografia bragantina.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>chá</i> e <i>u</i> , ambos da LGP, aportuguesados em <i>cháú</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGP.		
Mudança fonética		
<p>Chá + y > chay > cháú: 1) Justaposição de <i>chá</i> e <i>y</i> (<i>chay</i>). 2) posteriorização de y, som gutural e comum à LGP, substituído pela vogal u (<i>cháú</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: posteriorização (y>u).</p>		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Cháu (114)	(LGP) Chá + u	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Sampaio (1987, p. 222, 336-337)	<p>Chá: s. Forma contrata de eça, pronunciado echá, o olho, a vista. <i>Alt. Çá, Chá.</i></p> <p>U: <i>corr. Y.</i> A água, o líquido, o rio. A pronúncia difícil da vogal gutural y deu origem às formas u, hu, gu, que aparecem com afixos ou sufixos na composição dos vocábulos.</p>	
Stradelli (2014, p. 346)	<p>Cesá: olho, vista.</p> <p>Y: água, pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o português passou como i seguido de g. Ygara, Ygasaha, etc. que são <i>yara, yarasaba</i> etc.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: olho (<i>chá</i>) e água (<i>u</i>). Sentido original: <i>Rio do Chaú</i> (olho d'água). Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia um olho d'água. É importante salientar que a composição desse topônimo tem base na LGP, já que, em LGA, o mesmo elemento específico seria <i>cesáy~cechay</i>.</p>		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque o elemento específico <i>cuera</i> passa a relacionar-se com a ideia de aglomeração de pessoas.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>chá</i> e <i>u</i> , ambos da LGP, aportuguesados em <i>cháú</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGP.		
Mudança fonética		
<p>Chá + y > chay > cháú: 1) Justaposição de <i>chá</i> e <i>y</i> (<i>chay</i>). 2) posteriorização de y, som gutural e comum à LGP, substituído pela vogal u (<i>cháú</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: posteriorização (y>u).</p>		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Cujubim (115)	(LGA) Cuiubí	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 194)	Cujubi :s.m. Var.: 7 <i>cujubí</i> , 8-9 <i>cujubim</i> [<T. *Kuiu'mi]. Ave galiforme da fam. dos caricídeos.	
Miranda (1942, p. 69)	Cuiubí : cajubim. <i>Pipile cajubi</i> .	
Stradell (2014, p. 426)	Cuiubí : cajubim. Casta de Penelope, bem reconhecível entre os outros jacús pela cabeça branca. É uma das melhores caças das mattas amazonenses; em geral pouco arisco [...]	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico : comunidade.		
Elemento Específico : presença de ave <i>cujubim</i> (<i>cuiubí</i>).		
Sentido original : Comunidade <i>Cuiubí</i> .		
Sentido atual : o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia <i>cujubins</i> .		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico <i>cuiubi</i> revela filiação com a fauna.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>cuiubi</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>cujubim</i> , caracterizando uma nomeação em LP, com empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Cuiubí > kujubi > kujubim : 1) Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>cujubi</i>). 2) Substituição do som oral [i] por um nasal [ĩ] (<i>cujubim</i>).		
Mudanças fonéticas : consonantização (i>j), nasalização (i>ĩ).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Cururutuia (116)	(LGA) Cururu + tuiué	Igarapé
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, 125)	Cururu: s.f. Var.: 8 <i>cururú</i> [<T. cururu? cp. CURURU-APÉ. Planta da família das sapidáceas.	
Stradelli (2014, p. 358, 503)	Cururu: casta de árvore <i>Apocinácea</i> de casca muito rugosa. Tuiué: velho, antigo.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: igarapé. Elemento Específico: árvore antiga (<i>tuiué</i>) da fam. das sapidáceas (<i>cururu</i>). Sentido original: Igarapé Cururutuiué. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia uma árvore velha da fam. das sapidáceas.		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico <i>cururu</i> revelan filiação à fauna brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>cururu</i> e <i>tuié</i> , ambos da LGA, aportuguesados em <i>cururutuia</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Cururu + tuiué > cururutuiué > cururutuié > cururutuia: 1) Justaposição de <i>cururu</i> e <i>tuiué</i> (<i>cururutuiué</i>). 2) Redução <i>ué>é</i> por monotongação (<i>cururutuié</i>). 3) Abaixamento <i>é>a</i> por dissimilação (<i>cururutuia</i>). Mudanças fonéticas: monotongação (eu>e). dissimilação vocálica parcial (e>a).		
Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Cururutuia (117)	(LGA) Cururu + tuiué	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, 125)	Cururu: s.f. Var.: 8 <i>cururú</i> [<T. cururu? cp. CURURU-APÉ. Planta da família das sapidáceas.	
Stradelli (2014, p. 358, 503)	Cururu: casta de árvore <i>Apocinácea</i> de casca muito rugosa. Tuiué: velho, antigo.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: árvore antiga (<i>tuiué</i>) da fam. das sapidáceas (<i>cururu</i>). Sentido original: Comunidade Cururutuiué. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia uma árvore velha da fam. das sapidáceas.		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque o elemento específico <i>cuera</i> passa a relacionar-se com a ideia de aglomeração de pessoas.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>cururu</i> e <i>tuié</i> , ambos da LGA, aportuguesados em <i>cururutuia</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Cururu + tuiué > cururutuiué > cururutuié > cururutuia: 1) Justaposição de <i>cururu</i> e <i>tuiué</i> (<i>cururutuiué</i>). 2) Redução <i>ué>é</i> por monotongação (<i>cururutuié</i>). 3) Abaixamento <i>é>a</i> por dissimilação (<i>cururutuia</i>). Mudanças fonéticas: monotongação (eu>e). dissimilação vocálica parcial (e>a).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jacareteua (118)	(LGA + LGP) lacaré + tyba	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Miranda (1942, p. 73)	<p>lacaré: T.S. derivava de "ya-caré, o que é encurvado ou sinuoso; ou de <i>y-echa-caré</i>, o que olha torto ou de banda, ou ainda de <i>yaguá-ré</i>, a féra de outro gênero". Nas duas primeiras há pouca probabilidade de perder <i>caré</i> a nasalação final para pronunciar-se <i>caré</i>; quanto à última, é logo arriscado verter iaguá=iaguára por féra, sendo duvidoso que o sevagem chamasse ao <i>jacaré</i>: "onça de outro gênero". Sin. no Alto-Amazonas <i>Guadú</i>.</p>	
Stradelli (2014, p. 367, 508)	<p>lacaré: jacaré. Grosso Saurio do genero <i>crocodilussclerops</i>. É muito commum em todo o Amazonas, mas felizmente não muito temível, atacando muito raramente o homem, do qual geralmente foge. Torna-se perigoso desde que chegue a provar da carne humana, porque então ataca. Uma velha lenda conta que é um jacaré que sustenta o mundo, e que quando cansado da posição em que está procura outra e se mexe, faz tremer o mundo. Por via disso o chamam <i>jacaré tyrytyry manha - jacaré mãe do terremoto</i>.</p> <p>Tyua: sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i>, que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de accordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i>— isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuío. <i>Caiutyua</i> — lugar de cajús, deu <i>Cajutiba</i>, <i>Cajutúba</i>. <i>Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba</i>, <i>Itatúba</i>. Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i>, mas é êrro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade.</p> <p>Elemento Específico: grande quantidade (<i>tyua</i>) de jacarés (<i>iakaré</i>).</p> <p>Sentido original: <i>Comunidade lacaretyua</i>.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade, sem a percepção de lugar com grande quantidade de jacarés.</p>		
Classificação taxonômica		
<p>Zootopônimo, porque o elemento específico revela uma filiação a elementos da fauna brasileira, como os jacarés.</p>		
Morfologia e Língua de nomeação		
<p>A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>lacaré</i>, com sufixação de <i>tyba</i>. Ressalta-se que esses elementos, ambos de origem Tupinambá, da LGA e LGP, respectivamente, foram aportuguesados em <i>jacareteua</i>, o que ratifica a influência da LGA na LP. Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.</p>		
Mudança fonética		
<p>lacaré + tyua > iacarétyua > jacaretyua > jacaretiua > jacareteua > jacareteua: 1) Justaposição de <i>lacaré</i> e <i>tyua</i> (<i>iacaretyua</i>). 2) Substituição <i>i>j</i>, fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jacaretyua</i>). 3) Anteriorização de <i>y</i>, som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>i</i> (<i>jacaretiua</i>). 4) Abaixamento <i>i>e</i> por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [í] e de [ú] (<i>jacareteua</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: consonantização (i>j), anteriorização (y>i), dissimilação vocálica parcial (i>e).</p>		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jandiá (119)	(LGA) landiá	Igarapé
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 171)	Jandiá: s.m. Var.: 5 <i>nhũndia</i> , 6 <i>iundia</i> , 7-9 <i>jandiá</i> , 8 <i>jundia</i> , 9 <i>jundiá</i> [<T. iuni'a ~VLB I.50: <i>Nagres dagua doce</i> = Nhũndia.	
Houaiss e Villar (2009, p. 1125)	Jandiá: s.m. (c1594 cf. FSoarC) ICT B 1 m.q. bagre ('design. comum a vários peixes') 2 m.q. bagre-de-lagoa (<i>Rhamdia sebae</i>). ETIM tupi <i>yundi'a</i> 'nome comum aos bagres do rio', tb. adp. <i>jundiá</i> ; f.hist. c1594 <i>nhudia</i> , c1631 <i>iundia</i> .	
Stradelli (2014, p. 370)	landiá: jandiá, várias espécies de peixe de pele, do gênero <i>Platystoma</i> e afins.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: igarapé. Elemento Específico: peixe de pele <i>iandiá</i> . Sentido original: <i>landiá</i> , Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico da comunidade, sem a percepção de lugar onde havia <i>cajueiros</i> .		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico <i>iandiá</i> revela uma filiação a elementos da fauna brasileira, como os <i>iandiás</i> .		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>iandiá</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>jandiá</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
landiá > jandiá: Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jandiá</i>).		
Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jarana (120)	(LGA) lará + rana	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Stradelli (2014, p. 471, 373)	lará: jará, casta de palmeiras, <i>Leopodina pulchra</i> . Rana: sufixo com a significação de espúrio, adulterado, falso, não verdadeiro, imitado.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: presença de palmeiras semelhantes (<i>rana</i>) à Jará (<i>iará</i>). Sentido original: <i>Comunidade Jarana</i> Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia palmeiras semelhantes à palmeira <i>Jará</i> .		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico <i>iará</i> revela uma filiação a elementos da flora brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>iará</i> e <i>rana</i> , ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>jarana</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
lará + rana > iarana > jarana: 1) Justaposição de <i>lará</i> e <i>rana</i> (<i>iarana</i>). 2) Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jarana</i>). Mudanças fonéticas: consonantização (<i>i>j</i>).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Estrada do Jarana (121)	(LGA) Iará + rana	Estrada
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 838)	Estrada: substantivo feminino. 1 via mais larga que um caminho, transitada por pessoas, animais e/ou veículos.	
Stradelli (2014, p. 471, 373)	Iará: jará, casta de palmeiras, <i>Leopodina pulchra</i> . Rana: sufixo com a significação de espúrio, adulterado, falso, não verdadeiro, imitado.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: estrada. Elemento Específico: referência à comunidade Jarana. Sentido original: <i>Estrada do Jarana</i> Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de estrada, sem a percepção de lugar onde havia palmeiras semelhantes à <i>Jará</i> .		
Classificação taxonômica		
Hodotopônimo , porque o elemento genérico <i>estrada</i> passa a específico, revelando uma filiação a vias de comunicação urbana.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>iará</i> e <i>rana</i> , ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>jarana</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Iará + rana > iarana > jarana: 1) Justaposição de <i>iará</i> e <i>rana</i> (<i>iarana</i>). 2) Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jarana</i>). Mudanças fonéticas: consonantização (i>j).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jararaca (122)	(LGA) Iararáca	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 173)	Jararaca: s.f. Var.: 5 <i>geraráca</i> , 5-9 <i>jararaca</i> , 5 <i>gereraca</i> , <i>jareraca</i> , 7 <i>jereráca</i> , 7-8 <i>jararáca</i> , 7 <i>geraraca</i> [<T. iara'raka ~ VLB I. 76: <i>Cobra= Boya Gnro</i> . Suas espécies são muitas. As q. matão. Jararaca. Boypeba (...)]. Cobra da família dos crotalídeos (<i>Brthrops jararaca</i>), cujo veneno ocasiona dores locais, inchação, suores frios, hemorragias e morte; <i>por extensão</i> , pessoa de gênio irascível, indivíduo intratável.	
Miranda (1942, p. 76)	Iararaca: guar. <i>yarará</i> . <i>Bothrops atrox</i> . Cobra das mais peçonhentas; c.d. 'yará-ag, o que colhe ou agarra envenenando, ou vulgarmente, o que tem bote venoso'. T.S. nesta etim. o autor amplia a acepção de <i>yará</i> , dando-lhe significações que não lhe competem; não significa nem agarrar nem bote. Mont., aliás tão completo, traduz-lo por torcer, colhês, recolher, colhêr água.	
Stradelli (1929, p. 459)	Iararáca: jararaca. <i>Cophias atrox</i> e affins. Casta de serpente venenosíssima.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: presença de cobra jararaca (<i>iararáca</i>). Sentido original: <i>Comunidade Jararaca</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, é reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza para o sentido genérico de comunidade, com a percepção de lugar onde havia cobras <i>jararacas</i> .		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico <i>iararaca</i> revela uma filiação a elementos da fauna brasileira.		
. Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>iararaca</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>jararaca</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Iararaca > jararaca: 1) Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jararaca</i>). Mudanças fonéticas: consonantização (<i>i>j</i>).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jejuí (123)	(LGA) ieiú + y	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 173)	Jeju: s.m. Var.: 6 <i>yeiguo</i> , <i>ieiú</i> , 7 <i>gejù</i> , 8-9 <i>jejú</i> , 8 <i>gijú</i> , <i>jijú</i> [<T. ie'iu]. Peixe da fam. dos caracídeos (<i>Hopterythrimus unitaeniatus</i> Spix.	
Houaiss e Villar (2009, p. 1130)	Jeju: s.m. (c1631 cf. CLisArv) ICT 1 B peixe teleósteo caraciforme da fam. dos eritrínídeos (<i>Hoplerythrinus unitaeniatus</i>), encontrado nas bacias dos rios Amazonas, Parnaíba, São Francisco e Paraguai; com cerca de 30 cm de comprimento, corpo dotado de faixa longitudinal e dorso escuro; <i>jiju</i> , traíra-pixuna, traíra-pixúria [Alimenta-se de larvas de insetos aquáticos, pequenos peixes, crustáceos e vegetais; é capaz de atravessar de um lago para outro arrastando as nadadeiras peitorais.]. ETIM tupi <i>ye'yu</i> 'espécie de peixe'; f.hist. c1631 <i>yeguo</i> , 1631 <i>ieiú</i> , c1777 <i>gejù</i> , 1833 <i>jejú</i> .	
Stradelli (2014, p. 378, 524)	ieiú - Jejú: pequeno peixe de escama, que os pescadores do Baixo Amazonas dizem ser a melhor isca para pegar pirarucú de anzol. Pelo que afirmam tem épocas em que tem menstros e em que para nada servem. Y: água, pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o português passou como i seguido de g . <i>Ygara</i> , <i>Ygasaha</i> , etc. que são <i>yara</i> , <i>yarasaba</i> etc.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: presença de pixes <i>jejus</i> . Sentido original: <i>ieiuy</i> , rio dos <i>jejus</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia peixes <i>jejus</i> .		
Classificação taxonômica		
Zoo-hidrotopônimo , porque o elemento específico <i>jeju</i> apresenta filiação à fauna brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>jeju</i> e <i>y</i> , ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>jejuí</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
ieiú + y > ieiuy > ieiú > jejuí: 1) Justaposição de <i>ieiú</i> e <i>y</i> (<i>ieiuy</i>). 2) Anteriorização de y , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal i (<i>ieiui</i>). 3). Substituição i>j , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jejuí</i>). Mudanças fonéticas: anteriorização (<i>y>i</i>), consonantização (<i>i>j</i>).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jejuí (124)	(LGA) ieiú + y	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 173)	Jeju: s.m. Var.: 6 <i>yeiguo</i> , <i>ieiu</i> , 7 <i>gejù</i> , 8-9 <i>jejú</i> , 8 <i>gijú</i> , <i>jijú</i> [<T. ie'iu]. Peixe da fam. dos caracídeos (<i>Hopterythrimus unitaeniatus</i> Spix.	
Houaiss e Villar (2009, p. 1130)	Jeju: s.m. (c1631 cf. CLisArv) ICT 1 B peixe teleósteo caraciforme da fam. dos eritrínídeos (<i>Hoplerythrinus unitaeniatus</i>), encontrado nas bacias dos rios Amazonas, Parnaíba, São Francisco e Paraguai; com cerca de 30 cm de comprimento, corpo dotado de faixa longitudinal e dorso escuro; <i>jiju</i> , traíra-pixuna, traíra-pixúria [Alimenta-se de larvas de insetos aquáticos, pequenos peixes, crustáceos e vegetais; é capaz de atravessar de um lago para outro arrastando as nadadeiras peitorais.]. ETIM tupi <i>ye'yu</i> 'espécie de peixe'; f.hist. c1631 <i>yeguo</i> , 1631 <i>ieiu</i> , c1777 <i>gejù</i> , 1833 <i>jejú</i> .	
Stradelli (2014, p. 378, 524)	ieiú - Jejú: pequeno peixe de escama, que os pescadores do Baixo Amazonas dizem ser a melhor isca para pegar pirarucú de anzol. Pelo que afirmam tem épocas em que tem menstros e em que para nada servem. Y: água, pronunciado sempre muito gutural, razão pela qual nas palavras que passaram para o português passou como <i>i</i> seguido de <i>g</i> . <i>Ygara</i> , <i>Ygasaha</i> , etc. que são <i>yara</i> , <i>yarasaba</i> etc.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: referência ao rio dos <i>jejus</i> . Sentido original: <i>comunidade ieiuy</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia peixes <i>jejus</i> .		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque o elemento específico <i>cuera</i> passa a relacionar-se com a ideia de aglomeração de pessoas		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>jeju</i> e <i>y</i> , ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>jejuí</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
ieiú + y > ieiuy > ieiú > jejuí: 1) Justaposição de <i>ieiú</i> e <i>y</i> (<i>ieiuy</i>). 2) Anteriorização de <i>y</i> , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>i</i> (<i>ieiui</i>). 3). Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jejuí</i>). Mudanças fonéticas: anteriorização (<i>y>i</i>), consonantização (<i>i>j</i>).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jenipau-açu (125)	(LGA) Ienipáua + uasú	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 45, 177)	<p>Açu, guaçu: <i>adj.</i> Var.: 8 <i>assú</i>, 9 <i>guassú</i>, [< T. a'su 'grande' ~ VLB I. 150: <i>Grande</i> = <i>Guaçu</i> (...)] o mesmo he Çu que Guaçu, Grande, importante.</p> <p>Jenipapo: <i>sm</i> Var.: 5-9 <i>jenipapo</i>, <i>jenipapo</i>, 5 <i>genipâpo</i>, <i>genipápo</i>, <i>janipába</i>, 5, 8 <i>ginipapo</i>, 5 <i>jenipaba</i>, <i>genipago</i>, 6 <i>janipâpo</i>, 6-7 <i>janipapo</i>, 6 <i>yenipapo</i>, <i>janipabo</i>, 7 <i>genipappo</i>, <i>janipápo</i>, 7-8 <i>nhandi-papo</i>, 8 <i>jini-papo</i>, <i>genipá</i> [< T. iani'paua (iani'paua)]. Planta da fam. das rubiáceas, cujo fruto é uma baga globosa de casca mole, aromática, com polpa adocicada; jenipapeiro.</p>	
Stradelli (1929, p. 379, 512)	<p>Ienipáua: Jenipapo. Grossa baga de sabor adocicado e oleoginosa, de que se fazem refrescos, doces e licor muito apreciado.</p> <p>Uasú: grande, alto, elevado. Nos compostos e como sufixo - <i>Asú</i>, <i>Osú</i>, <i>Usú</i>, de conformidade com a euphonia local.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: rio.</p> <p>Elemento Específico: presença de jenipapo (<i>ienipáua</i>) pequeno (<i>uaçu</i>).</p> <p>Sentido original: <i>ienipauauaçu</i>, rio dos jenipapos grandes.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia jenipapos grandes.</p>		
Classificação taxonômica		
Fito-dimensiotopônimo , porque o elemento específico <i>ienipaua</i> apresenta filiação à flora e a tamanho do rio.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>ienipáua</i> e <i>uasú</i> , ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>jenipau-açu</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
<p>Ienipáua + uasú > ienipauuasú > ienipauuasú > ienipauasú > jenipauasú > jenipau-asú > jenipau-açu: 1) Justaposição de <i>ienipáua</i> e <i>uasú</i> (<i>ienipauuasú</i>). 2) Redução <i>a>Ø</i> por síncope (<i>ienipauuasú</i>). 3) Redução <i>uu>u</i> por crase (<i>ienipauasú</i>). 4) Substituição <i>i>j</i>, fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jenipauasú</i>). 5) Hífenização, característica da morfologia da língua portuguesa em casos específicos (<i>jenipau-asú</i>). 6) Substituição <i>s>ç</i>, característica da ortografia em língua portuguesa (<i>jenipau-açu</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: síncope (<i>a>Ø</i>), crase (<i>uu>u</i>), consonantização (<i>i>j</i>), assibilação (<i>s>ç</i>).</p>		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Estrada do Jenipauá-açu (126)	(LGA) Ienipáua + uasú	Estrada
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 45, 177)	<p>Açu, guaçu: <i>adj.</i> Var.: 8 <i>assú</i>, 9 <i>guassú</i>, [< T. a'su 'grande' ~ VLB I. 150: <i>Grande</i> = <i>Guaçu</i> (...)] o mesmo he Çu que Guaçu, Grande, importante.</p> <p>Jenipapo: <i>sm</i> Var.: 5-9 <i>jenipapo</i>, <i>jenipapo</i>, 5 <i>genipâpo</i>, <i>genipápo</i>, <i>janipába</i>, 5, 8 <i>ginipapo</i>, 5 <i>jenipaba</i>, <i>genipago</i>, 6 <i>janipâpo</i>, 6-7 <i>janipapo</i>, 6 <i>yenipapo</i>, <i>janipabo</i>, 7 <i>genipappo</i>, <i>janipápo</i>, 7-8 <i>nhandi-papo</i>, 8 <i>jiniipapo</i>, <i>genipá</i> [< T. iani'paua (iani'paua)]. Planta da fam. das rubiáceas, cujo fruto é uma baga globosa de casca mole, aromática, com polpa adocicada; jenipapeiro.</p>	
Stradelli (1929, p. 379, 512)	<p>Ienipáua: Jenipapo. Grossa baga de sabor adocicado e oleoginosa, de que se fazem refrescos, doces e licor muito apreciado.</p> <p>Uasú: grande, alto, elevado. Nos compostos e como sufixo - <i>Asú</i>, <i>Osú</i>, <i>Usú</i>, de conformidade com a euphonia local.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: estrada.</p> <p>Elemento Específico: referência ao rio jenipauá-acu.</p> <p>Sentido original: <i>estrada do jenipauá-açu</i>.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de estrada, sem a percepção de lugar onde havia jenipapos grandes.</p>		
Classificação taxonômica		
Hodotopônimo , porque o elemento genérico <i>estrada</i> passa a específico, revelando filiação a vias de comunicação.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>ienipáua</i> e <i>uasú</i> , ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>jenipauá-açu</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
<p>Ienipáua + uasú > ienipauauasú > ienipauuasú > ienipauasú > jenipauasú > jenipau-asú > jenipau-açu: 1) Justaposição de <i>ienipáua</i> e <i>uasú</i> (<i>ienipauauasú</i>). 2) Redução <i>a>Ø</i> por síncope (<i>ienipauuasú</i>). 3) Redução <i>uu>u</i> por crase (<i>ienipauasú</i>). 4) Substituição <i>i>j</i>, fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jenipauasú</i>). 5) Hífenização, característica da morfologia da língua portuguesa em casos específicos (<i>jenipau-asú</i>). 6) Substituição <i>s>ç</i>, característica da ortografia em língua portuguesa (<i>jenipau-açu</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: síncope (<i>a>Ø</i>), crase (<i>uu>u</i>), consonantização (<i>i>j</i>), assibilação (<i>s>ç</i>).</p>		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Etimologia	Acidente geográfico
Jenipauá-açu (127)	(LGA) Ienipáua + uasú	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 45, 177)	<p>Açu, guaçu: <i>adj.</i> Var.: 8 <i>assú</i>, 9 <i>guassú</i>, [< T. a'su 'grande' ~ VLB I. 150: <i>Grande</i> = <i>Guaçu</i> (...)] o mesmo he Çu que Guaçu, Grande, importante.</p> <p>Jenipapo: <i>sm</i> Var.: 5-9 <i>jenipapo</i>, <i>jenipapo</i>, 5 <i>genipâpo</i>, <i>genipápo</i>, <i>janipába</i>, 5, 8 <i>ginipapo</i>, 5 <i>jenipaba</i>, <i>genipago</i>, 6 <i>janipâpo</i>, 6-7 <i>janipapo</i>, 6 <i>yenipapo</i>, <i>janipabo</i>, 7 <i>genipappo</i>, <i>janipápo</i>, 7-8 <i>nhandi-papo</i>, 8 <i>jiniipapo</i>, <i>genipá</i> [< T. iani'paua (iani'paua)]. Planta da fam. das rubiáceas, cujo fruto é uma baga globosa de casca mole, aromática, com polpa adocicada; jenipapeiro.</p>	
Stradelli (1929, p. 379, 512)	<p>Ienipáua: Jenipapo. Grossa baga de sabor adocicado e oleoginosa, de que se fazem refrescos, doces e licor muito apreciado.</p> <p>Uasú: grande, alto, elevado. Nos compostos e como sufixo - <i>Asú</i>, <i>Osú</i>, <i>Usú</i>, de conformidade com a euphonia local.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade.</p> <p>Elemento Específico: referência ao rio jenipauá-açu.</p> <p>Sentido original: <i>comunidade jenipauá-açu</i>.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia jenipapos grandes.</p>		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque o elemento específico <i>cuera</i> passa a relacionar-se com a ideia de aglomeração de pessoas.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> de 2 formantes: <i>ienipáua</i> e <i>uasú</i> , ambos elementos da LGA, aportuguesados em <i>jenipauá-açu</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
<p>Ienipáua + uasú > ienipauauasú > ienipauuasú > ienipauasú > jenipauasú > jenipau-asú > jenipau-açu: 1) Justaposição de <i>ienipáua</i> e <i>uasú</i> (<i>ienipauauasú</i>). 2) Redução <i>a>Ø</i> por síncope (<i>ienipauuasú</i>). 3) Redução <i>uu>u</i> por crase (<i>ienipauasú</i>). 4) Substituição <i>i>j</i>, fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>jenipauasú</i>). 5) Hífenização, característica da morfologia da língua portuguesa em casos específicos (<i>jenipau-asú</i>). 6) Substituição <i>s>ç</i>, característica da ortografia em língua portuguesa (<i>jenipau-açu</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: síncope (<i>a>Ø</i>), crase (<i>uu>u</i>), consonantização (<i>i>j</i>), assibilação (<i>s>ç</i>).</p>		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Miriteua (129)	(LGA) Mbyrity + tyua	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 75)	Buriti: s.m. Var.: α 6 <i>morety, moritim, morutim, mority, muruty, 7 marotim, 8 muriti, murity, 8-9 miriti, mirity, β7-9 buriti, 7 brutí, 8 brutíz, burety, borety, bORITY, 8-9 burity</i> [>T. *myrity]. Espécie de palmeira (<i>Mauritia vinifera</i> Mart.)	
Stradelli (2014, p. 437, 508)	Mbyrity: Miriti, buriti, <i>Maximiliana regia</i> e afins. Casta de palmeira que só por si é uma providência. Dela nada se perde. As folhas, que a coroam em largos leques, dão excelente cobertura de casa e de uma cordoalha que se presta até para fazer redes, sendo muito duradouras e muito frescas. Do espique, aberto e batido, se fazem soalhos e paredes de barracas. Das folhas se fazem esteiras e tupés. Do miolo do tronco, formado por uma massa leve e esponjosa, se faz o arrocho (?) para recolher o leite da seringueira e se fazem ainda hoje esteiras para fechar postas e janelas, e rolhas. Tyua: sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma cousa. É este <i>tyua</i> , que aportuguezado deu <i>tiba</i> e <i>tuba</i> conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do <i>y</i> — isto é, a pronúncia do <i>i</i> tapuio. <i>Caiutyua</i> — lugar de cajús, deu <i>Cajutiba, Cajutúba. Itatyua</i> — terra de pedras, deu <i>Itatiba, Itatúba</i> . Alguma vez se ouve confundir-se <i>Tyua</i> com <i>Téua</i> , mas é êrro e pouca atenção. <i>Téua</i> exprime sempre idéia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que <i>Tyua</i> não tem.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: grande quantidade (<i>tyua</i>) de miriti (<i>mbyrity</i>). Sentido original: <i>Comunidade Mbyritytyua</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia grande quantidade de <i>miritizeiros</i> .		
Classificação taxonômica		
Fitopônimo, porque o elemento específico <i>mbyrity</i> revela filiação à flora brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>mbyrity</i> , com sufixação de <i>tyba</i> , da LGA e LGP, respectivamente, ambos de origem Tupinambá (LGA), foram aportuguesados em <i>miriteua</i> . Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Mbyrity + tyba > mbyritytyba > mbirititua > miritiua > miriteua: 1) Justaposição de <i>mbyrity</i> e <i>tyua</i> (<i>mbyritytyba</i>). 2) Substituição <i>mb>m</i> por simplificação (<i>myritytyba</i>). 3) Anteriorização de <i>y>i</i> , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>i</i> (<i>mirititiba</i>). 4) substituição <i>b>u</i> por vocalização (<i>mirititua</i>). 5) Redução <i>ti>ø</i> por haplogia (<i>miritiua</i>). 6) Abaixamento <i>i>e</i> por dissimilação causada pela vogal postônica /u/: traço [+ alto] de [i] e de [ú] (<i>miriteua</i>). Mudanças fonéticas: simplificação (mb>m), anteriorização (y>i), vocalização (b>u), dissimilação vocálica parcial (i>e).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Mucura Branca (130)	(LGA+LP) Mycura + branca	Igarapé
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 214)	Mucura: s.f. Var.: 7-8 <i>mucura</i> , 8 <i>mucúra</i> , 9 <i>micura</i> [<T. *mu'kura]. Mamífero marsupial da família dos didelfídeos; gambá, sarigüê.	
Houaiss e Villar (2009, p.)	Branco: adjetivo: 1 que tem a cor da cal, do leite, da neve recém-caída.	
Miranda (1942, p. 90)	Mycura: guar. <i>mbycú</i> . No Sul <i>seriguêia</i> . <i>Didelphis marsupialis</i> . Em aban., encontra-se a palavra <i>imyquyra</i> , que o autor do Voc. M.G. traduz por <i>rabadilha</i> , especificando: " <i>rabadilha como de galinha</i> ". É possível que também significasse o saco marsupial.	
Stradelli (1929, p. 568)	Mycura: mucura - Nome comum aos marsupiaes, embora com elle se designe, aqui no Amazonas, a espécie mais commum, isto é, <i>Didelphis cancrivora</i> .	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: igarapé.		
Elemento Específico: presença de mucura (<i>mycura</i>) branca.		
Sentido original: <i>Igarapé Mucura branca</i> .		
Sentido atual: o vocábulo <i>branco</i> entra na composição híbrida entre português e LGA (<i>mycura</i>). O conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de igarapé, sem a percepção de lugar onde se avistava mucuras brancas.		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico <i>mycura</i> revela filiação à fauna brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>híbrido</i> de 2 formantes: <i>mycura</i> e <i>branca</i> , em que <i>mycura</i> , da LGA, de origem Tupinambá (LGA), foi aportuguesada em <i>mucura</i> . Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Mycura + branca > mucura branca: 1) Anteriorização de <i>y</i> , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>u</i> (<i>mucura branca</i>).		
Mudanças fonéticas: anteriorização (<i>y>i</i>).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Mucura Branca (131)	(LGA+LP) Mycura + branca	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 214)	Mucura: s.f. Var.: 7-8 <i>mucura</i> , 8 <i>mucúra</i> , 9 <i>micura</i> [<T. *mu'kura]. Mamífero marsupial da família dos didelfídeos; gambá, sarigüê.	
Houaiss e Villar (2009, p.)	Branco: adjetivo: 1 que tem a cor da cal, do leite, da neve recém-caída.	
Miranda (1942, p. 90)	Mycura: guar. <i>mbycú</i> . No Sul <i>seriguêia</i> . <i>Didelphis marsupialis</i> . Em aban., encontra-se a palavra <i>imyquyra</i> , que o autor do Voc. M.G. traduz por <i>rabadilha</i> , especificando: " <i>rabadilha como de galinha</i> ". É possível que também significasse o saco marsupial.	
Stradelli (1929, p. 568)	Mycura: mucura - Nome comum aos marsupiaes, embora com elle se designe, aqui no Amazonas, a espécie mais commum, isto é, <i>Didelphis cancrivora</i> .	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade.		
Elemento Específico: referência ao igarapé.		
Sentido original: <i>comunidade Mucura branca</i> .		
Sentido atual: o vocábulo <i>branco</i> entra na composição híbrida entre português e LGA (<i>mycura</i>). O conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde se avistava mucuras brancas.		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque o elemento específico <i>cuera</i> passa a relacionar-se com a ideia de aglomeração de pessoas.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>híbrido</i> de 2 formantes: <i>mycura</i> e <i>branca</i> , em que <i>mycura</i> , da LGA, de origem Tupinambá (LGA), foi aportuguesada em <i>mucura</i> . Essas ocorrências caracterizam uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Mycura + branca > mucura branca: 1) Anteriorização de <i>y</i> , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>u</i> (<i>mucura branca</i>).		
Mudanças fonéticas: anteriorização (<i>y>i</i>).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Muruci (132)	(LGA) Myryci	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 216)	Murici: s.m. Var.: 5-6, 8 <i>murici</i> , 6 <i>morosi</i> , <i>morecim</i> , <i>murici</i> , 7 <i>moreci</i> , <i>morici</i> , 7-8 <i>muruxi</i> , 8-9 <i>muricy</i> , 8 <i>mureci</i> , <i>muruchy</i> , <i>muruxi</i> , 9 <i>murcí</i> , <i>muruci</i> [<T. mori'si].	
Stradelli (2014, p.	Myryci: muruci	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade.		
Elemento Específico: presença de muricizeiro (<i>myryci</i>).		
Sentido original: <i>Comunidade Murici</i> .		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia muricizeiros.		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo, porque o elemento específico <i>myryci</i> revela filiação à flora brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>myryci</i> , de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>muruci</i> , caracterizando uma nomeação em LP, com empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Myryci > murici > muruci: 1) Posteriorização de <i>y</i> , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>u</i> (<i>murici</i>). 2) Substituição <i>i>u</i> por assimilação (<i>muruci</i>).		
Mudanças fonéticas: posteriorização (y>u), assimilação vocálica total (i>u).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Pacas (133)	(LGA) Paka	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 223)	Paca: s.f. Var.: 5-0 <i>paca</i> , 5 <i>paqa</i> , 6 <i>paqua</i> , (6 <i>paça</i>), 6, 8 <i>páca</i> , <i>pacca</i> , 7 <i>pàca</i> [< T. 'paka]. Mamífero roedor da família dos dasiproctídeos (<i>Cuniculus paca</i>).	
Houaiss e Villar (2009, p. 1409)	Paca: s.f. (a1576 cf. PMGandT) B 1 MASTZOO grande roedor noturno (<i>Agouti paca</i>), da fam. dos dasiproctídeos, encontrado do México ao Sul do Brasil, ger. próximo a rios, com cerca de 70 cm de comprimento e até 13 kg, cauda pequena e não visível e pelagem pardo-amarronzada, com três a quatro listras longitudinais formadas por grandes manchas brancas. ETIM tupi ' <i>paka</i> 'mamífero roedor'; o nome viria de um v. indígena com o signf. de 'acordar'; o animal era dito 'sempre atento', por vigiar a noite toda e só dormir de dia; f.hist. a1567.	
Miranda (1942, p. 91)	Paca: guar. <i>Pag. Coelogenis paca</i> . Os índios diferenciam a <i>pacatinga</i> , cinzenta da <i>pacapiranga</i> , avermelhada. T.S. dá-lhe como origem: "pag, o que é vivo, ágil, corredor". Se o erudito baiano tivesse aquinhoado à <i>cútia</i> esses predicados não teria errado, mas à <i>paca</i> ! Este roedor noturno não é nem vivo, nem ágil, nem corredor. Basta vê-lo para verificar que é pesado, pouco inteligente, e que correndo depressa cança. Pac, guar. Pag significa <i>acordar, despertar</i> , mas em tupi não tem a acepção de <i>esperto, vivo, finório</i> , que lhe damos em português. Não é em pac, <i>acordar</i> , que o tupi foi buscar essa acepção, mas sim em <i>quéra, dormir</i> : <i>quereyma, sem dormir</i> , significa <i>esperto, vivo</i> .	
Stradelli (2014, p. 447)	Paka: mamífero da ordem dos roedores, <i>Coelogenys paca</i> . Do tamanho de um leitão de três ou quatro meses, vive perto d'água, onde se refugia sempre que é seguido pelos caçadores, como bom nadador e hábil mergulhador que é.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade.		
Elemento Específico: presença de pacas (<i>paka</i>).		
Sentido original: <i>Comunidade Pakas</i> .		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia pacas.		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo, porque o elemento específico <i>paka</i> revela filiação à fauna brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> do elemento <i>paka</i> , pertencente à LGA, de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>paca</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Paka > paca: 1) substituição k>c , característica da ortografia da língua portuguesa.		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Piquiá (134)	(LGA) Pikiá	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 1469)	<p>Piquiá: <i>s.m.</i> (c1584 cf. FCarC) ANGIOS 1 design. comum a várias árvores do gên. <i>Caryocar</i>, da fam. das cariocaráceas, de boa madeira, folhas trifolioladas e drupas ger. comestíveis; pequi, piqui 1.1 árvore (<i>Caryocar villosum</i>) nativa das Guianas e Brasil (AMAZ), de flores amarelo-claras, em racemos, e drupas subglobosas, com polpa comestível após cocção, sementes oleaginosas, tb. comestíveis, casca e folhas sudoríferas, e madeira própria para construção naval; ameixa-do-peru, amêndoa-de-espinho, amêndoa-do-brasil, amêndoa-do-peru, grão-de-cavalo, pequi, pequiá-etê, pequiá-verdadeiro, pequizeiro, petiá, piqui, piquizeiro, suari. ETIM tupi <i>peki'a</i> 'planta da família das cariocaráceas'; f.hist. c1584 <i>pequeã</i>, c1594 <i>pequea</i>, 1663 <i>pequiã</i>, 1721 <i>paquihí</i>. SIN/VAR piquiá.</p>	
Stradelli (2014, p. 456)	Pikiá: piquiá, casta de fruta comestível.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: presença do fruto do piquizeiro (<i>pikiá</i>). Sentido original: <i>Comunidade Pikiá</i>. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais reconhecido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia o fruto do piquizeiro.</p>		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico <i>pikia</i> revela filiação à flora brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> , de um formante: <i>pikia</i> , pertencente à LGA, de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>piquiá</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Pikiá > piquiá: 1) Substituição k>q , característica da ortografia da língua portuguesa (piquiá).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Pratiquara (135)	(LGA) Parati + cuara	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 228-229)	Parati: s.m [<T. para'ti]. Peixe da família dos mugilídeos, espécie de tainha.	
Houaiss e Villar (2009, p. 1536)	Parati: s.f. ICT B N. B N.E. m.q. ¹ parati (<i>Mugil curema</i>). ETIM f.snc. de <i>paratiqueira</i> .	
Stradelli (2014, p. 352)	Cuára: Buraco, furo, abertura.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade.		
Elemento Específico: toca (<i>cuara</i>) de peixes tipo tainha (<i>parati</i>).		
Sentido original: <i>Comunidade Pratiquara</i> .		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia toca de pratiqueiras.		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo, porque o elemento específico <i>parati</i> revela filiação à fauna brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> , de dois formantes: <i>parati</i> e <i>cuara</i> , pertencente à LGA, de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>pratiquara</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Parati + clara > paraticuara > praticuara > pratiquara: 1) Justaposição de <i>parati</i> e <i>cuara</i> (<i>paraticuara</i>). 2) Redução a>∅ por dissimilação vocálica (<i>praticuara</i>). 3) Substituição c>q , característica da ortografia da língua portuguesa (<i>pratiquara</i>).		
Mudanças fonéticas: dissimilação vocálica total (a>∅).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Tauari (136)	(LGA) Tauári	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 287)	Tauari: s.m. Var.: 8-9 <i>tauári, tauari, tauary</i> [<T. *taua'ri]. Planta da fam. das lecitidáceas, cuja casca serve como mortalha de cigarro.	
Houaiss e Villar (2009 e p. 1818)	Tauari: s.m. (1833 cf. SilCorBr) 1 ANGIOS design. comum a algumas plantas de diferentes gên. da fam. das lecitidáceas, de árvores de grande porte, cuja madeira é de boa qualidade 1.1 ANGIOS árvore de até 50 m (<i>Cariniana micrantha</i>), nativa do Brasil (PA), de tronco cilíndrico com casca escura, folhas coriáceas, ligeiramente serreadas, flores brancas, em panículas terminais, e pixídios contendo sementes aladas 1.2 ANGIOS árvore de até 22 m (<i>Couratari tauary</i>), nativa das Guianas e do Brasil (AM), de folhas membranáceas e ovais, cujas fibras são us. em cordoaria 1.3 ANGIOS m.q. xuru (<i>Allantoma lineata</i>) 2 p.met. fibra têxtil extraída de algumas dessas árvores, tb. us. para enrolar cigarros 2.1 p.ext. o cigarro enrolado com essa fibra <pediu fósforo para acender o t.> 3 p.met. AMAZ pequena choupana encontrada em seringais, feitorias etc. □ ETIM tupi <i>tawa'ri</i> 'planta da fam. das lecitidáceas, cuja casca é us. para enrolar fumo'; f.hist. 1833 <i>tauári</i> , 1866 <i>tauari</i> , 1866 <i>tauary</i> .	
Stradelli (2014, p. 496)	Tauári: tavarí. A entrecasca de uma espécie de curataria que serve para mortalha para cigarro, muito usado em todo interior do Amazonas. Se extrai cortando a casca do tavarizeiro da largura desejada, battendo-a depois com um macete, ou cousa que o valha, até separar a parte externa do liber, e continuando para depois separar as diversas folhas do liber entre si.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade.		
Elemento Específico: entrecasca usada como mortalha para cigarro (<i>tauári</i>).		
Sentido original: <i>Comunidade Tauari</i> .		
Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia entrecasca usada como mortalha para cigarro (<i>tauári</i>).		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo, porque o elemento específico <i>tauari</i> revela filiação à flora brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> , de um formante: <i>tauari</i> , pertencente à LGA, de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>tauari</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Tauári: não houve mudança fonética no uso em LGA para o português.		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Tijoca (137)	(LGA) Tyiuca	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 289)	Tijuco: s.m. Var.: 5 <i>tijuco</i> , 6 <i>tujuco</i> , 6-9 <i>tijuco</i> , 6 <i>tijuco</i> [<T. tu'juka ~ VLB II. 17: <i>lama</i> = <i>igbguuma</i> . Tujuca. Tujumumuma, esta he muito alta em q. se atola muyto como em lagoas de agoa doce. Etc. <i>lb.</i> II. 18: <i>Lamaçal como quer = Tujucucu</i>]. Lameiro, charco; tijuca].	
Houaiss e Villar (2009, p. 1842)	Tijuco. substantivo masculino. Regionalismo: Brasil. 1 Lugar de solo mole, pantanoso; atoleiro, charco, pântano, lameiro.	
Stradelli (2014, p. 507)	Tyiuca: tijuco, lama, lodo, água podre.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: lamaçal (<i>tyiuca</i>). Sentido original: Rio Tyiuca. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia grande lamaçal.		
Classificação taxonômica		
Litotopônimo , porque o elemento específico <i>tyiuca</i> revela filiação a tipo de solo.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> , de um formante: <i>tyiuca</i> , pertencente à LGA, de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>tauari</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Tyiuca > tiiuca > tijuca > tijoca: 1) Anteriorização de <i>y</i> , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal <i>i</i> (<i>tiiuca</i>). 2) Substituição <i>i>j</i> , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>tijuca</i>). 3) Substituição <i>u>o</i> por assimilação vocálica (<i>tijoca</i>). Mudanças fonéticas: anteriorização (<i>y>i</i>), consonantização (<i>i>y</i>), assimilação vocálica parcial (<i>u>o</i>).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Distrito do Tijoca (138)	(LP + LGA) distrito + tyiuca	Distrito
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 289)	Tijuco: s.m. Var.: 5 <i>tijuco</i> , 6 <i>tujuco</i> , 6-9 <i>tijuco</i> , 6 <i>tijuco</i> [<T. tu'juka ~ VLB II. 17: <i>lama</i> = <i>igbguuma</i> . Tujuca. Tujumumuma, esta he muito alta em q. se atola muyto como em lagoas de agoa doce. Etc. <i>lb.</i> II. 18: <i>Lamaçal como quer = Tujucucu</i>]. Lameiro, charco; tijuca].	
Houaiss e Villar (2009, p. 700, 1842)	Distrito: s.m. (1609 PLMH II 3) 1 divisão administrativa de um território 2 B divisão administrativa de município ou cidade, que pode compreender um ou mais bairros 3 B pequeno povoado ou vila que cresce ao lado de alguma cidade e é parte dela, bem como o terreno ao seu redor. Tijuco. substantivo masculino. Regionalismo: Brasil. 1 Lugar de solo mole, pantanoso; atoleiro, charco, pântano, lameiro.	
Stradelli (2014, p. 507)	Tyiuca: tijuco, lama, lodo, água podre.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: distrito. Elemento Específico: referência ao rio tijoca. Sentido original: comunidade tijoca. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de distrito, com referência à comunidade, sem a percepção de lugar onde havia grande lamaçal.		
Classificação taxonômica		
Poliotopônimo , porque o elemento específico <i>cuera</i> passa a relacionar-se com a ideia de aglomeração de pessoas		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> , de um formante: <i>tyiuca</i> , pertencente à LGA, de origem Tupinambá (LGA), aportuguesado em <i>tijoca</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Tyiuca > tiiuca > tijuca > tijoca: 1) Anteriorização de y , som gutural e comum à LGA, substituído pela vogal i (tiiuca). 2) Substituição i>j , fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (tijuca). 3) Substituição u>o por assimilação vocálica (tijoca). Mudanças fonéticas: anteriorização (y>i), consonantização (i>y), assimilação vocálica parcial (u>o).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Timborana (139)	(LGA) Timbó + rana	Igarapé
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 291)	<p>Timbo: s.m. Var.: 5-6 <i>timbo</i>, 5-9 <i>timbó</i>, 5 <i>tíbo</i>, 6 <i>timbó</i>, <i>timbom</i>, 7 <i>tymbó</i> [<T. ti'ŋo~VLB II. 145: uime, ou semelhante pera atar. Espécies: Timbó. Timborana. Timbopeba]. Designação comum a várias plantas das famílias das leguminosas e das sapindáceas, cuja seiva é tóxica para peixes e, por isso, usada para pescar.</p> <p>Timborana: s.m. [<T. timo'rana < ti'ŋo <i>timbó</i> + rana <i>semelhante</i>]. Planta da família das leguminosas; espécie de timbó.</p>	
Houaiss e Villar (2009, p. 1843)	<p>Timborana: substantivo feminino. Rubrica: angiospermas. 1 design. comum a plantas de diferentes gên. da fam. das leguminosas, subfam. Papilionóidea. [...] 1.3 árvore (<i>Machaerium macrophyllum</i>) nativa da Amazônia, com madeira us. em carpintaria e flores em panículas.</p>	
Stradelli (2014, p. 471, 500)	<p>Rana: sufixo com a significação de espúrio, adulterado, falso, não verdadeiro, imitado.</p> <p>Timbó: nome dado ao sumo de diversas plantas – <i>paulíneas</i>, <i>Cocculus</i> e afins – que têm a propriedade de atordoar e matar os peixes que o ingerem.</p> <p>Timborana: Falso timbó. Planta que se parece com as que dão o timbó, sem fornecê-lo.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: igarapé.</p> <p>Elemento Específico: suco semelhante (<i>rana</i>) ao timbó (<i>timbó</i>).</p> <p>Sentido original: igarapé timborana.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de igarapé, sem a percepção de igarapé onde havia o falso timbó.</p>		
Classificação taxonômica		
<p>Fitotopônimo, porque o elemento específico <i>timborana</i> revela filiação à flora brasileira.</p>		
Morfologia e Língua de nomeação		
<p>A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i>, de dois formantes: <i>timbó</i> e <i>rana</i>, pertencentes à LGA, de origem Tupinambá, aportuguesados em <i>timborana</i>, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.</p>		
Mudança fonética		
<p>Timbó + rana > timborana: 1) Justaposição de <i>timbó</i> e <i>rana</i> (<i>timborana</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: não houve.</p>		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Timborana (140)	(LGA) Timbó + rana	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 291)	<p>Timbo: s.m. Var.: 5-6 <i>timbo</i>, 5-9 <i>timbó</i>, 5 <i>tíbo</i>, 6 <i>timbó</i>, <i>timbom</i>, 7 <i>tymbó</i> [<T. ti'ɲo~VLB II. 145: uime, ou semelhante pera atar. Espécies: Timbó. Timborana. Timbopeba]. Designação comum a várias plantas das famílias das leguminosas e das sapindáceas, cuja seiva é tóxica para peixes e, por isso, usada para pescar.</p> <p>Timborana: s.m. [<T. timo'rana < ti'ɲo <i>timbó</i> + rana <i>semelhante</i>]. Planta da família das leguminosas; espécie de timbó.</p>	
Houaiss e Villar (2009, p. 1843)	<p>Timborana: substantivo feminino. Rubrica: angiospermas. 1 design. comum a plantas de diferentes gên. da fam. das leguminosas, subfam. Papilionóidea. [...] 1.3 árvore (<i>Machaerium macrophyllum</i>) nativa da Amazônia, com madeira us. em carpintaria e flores em panículas.</p>	
Stradelli (2014, p. 471, 500)	<p>Rana: sufixo com a significação de espúrio, adulterado, falso, não verdadeiro, imitado.</p> <p>Timbó: nome dado ao sumo de diversas plantas – <i>paulíneas</i>, <i>Cocculus</i> e afins – que têm a propriedade de atordoar e matar os peixes que o ingerem.</p> <p>Timborana: Falso timbó. Planta que se parece com as que dão o timbó, sem fornecê-lo.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade.</p> <p>Elemento Específico: referência ao igarapé de mesmo nome.</p> <p>Sentido original: comunidade timborana.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, com referência ao igarapé, mas sem a percepção de igarapé onde havia o falso timbó.</p>		
Classificação taxonômica		
<p>Poliotopônimo, porque o elemento específico <i>cuera</i> passa a relacionar-se com a ideia de aglomeração de pessoas</p>		
Morfologia e Língua de nomeação		
<p>A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i>, de dois formantes: <i>timbó</i> e <i>rana</i>, pertencentes à LGA, de origem Tupinambá, aportuguesados em <i>timborana</i>, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.</p>		
Mudança fonética		
<p>Timbó + rana > timborana: 1) Justaposição de <i>timbó</i> e <i>rana</i> (<i>timborana</i>).</p> <p>Mudanças fonéticas: não houve.</p>		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Tuberana (141)	(LGP+LGA) Tubi+rana ⁷²	Igarapé
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 296)	Tubi: s.f. Var.: 8 <i>tubim</i> [<T. ?]. Espécie de abelha da fam. dos meliponídeos.	
Sampaio (1978, p. 333)	Tubi: corr. Tub-i , a abelhazinha, a abelha-miúda. V. Tubiba . <i>Alt. Tubim</i> .	
Stradelli (2014, 471)	Rana: sufixo com a significação de espúrio, adulterado, falso, não verdadeiro, imitado.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: igarapé. Elemento Específico: presença de abelhas <i>tubi</i> . Sentido original: <i>Igarapé Tubi</i> . Sentido atual: composição híbrida <i>tubi</i> (LGP) e <i>rana</i> (LGA), em que o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de igarapé, sem referência às abelhas <i>tubes</i> .		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico <i>tuberana</i> revela filiação à fauna brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>composta</i> , de dois formantes: <i>tubi</i> e <i>rana</i> , pertencentes à LGA, de origem Tupinambá, aportuguesados em <i>tuberana</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Tubi + rana > tubirana > tuberana: 1) justaposição de <i>tubi</i> e <i>rana</i> (tubirana). 2) Substituição i>e por assimilação vocálica (tuberana). Metaplamos: assimilação vocálica parcial (i>e).		

Continua...

⁷² Não há registros do vocábulo *tubi*, nas referências estudadas em LGA, por isso foi considerado de origem paulista (LGP).

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Ubim (142)	(LGA) Umi	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 305)	Ubim: s.m. Var.: 6 <i>iubi</i> , 8-9 <i>ubim</i> [<T. ?]. Nome comum a às palmeiras dos gêneros <i>Geonoma</i> , <i>Bactris</i> e <i>Calyptrogyne</i> .	
Houaiss e Villar (2009, p. 1899)	Ubim: s.m. (1833 cf. SilCor) ANGIOS 1 design. comum a algumas palmeiras, esp. dos gên. <i>Bactris</i> e <i>Geonoma</i> . ETIM segundo Nasc., do tupi <i>u'bi</i> , com desenvolvimento nasal.	
Stradelli (2014, p. 517)	Umi: <i>umbi</i> , <i>ubim</i> , <i>ubi</i> , <i>palmeira</i> , casta de <i>Geonoma</i> , cuja folhas se utilizam para coberturas de casas, e mais especialmente para encher os japás, cobrir as toldas das canoas e forrar os paiós, onde se guarda o pirarucu.	
Estrutura toponímica		
Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: referência às palmeiras ubins (<i>umi</i>). Sentido original: <i>Comunidade Ubim</i> . Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia palmeiras ubins.		
Classificação taxonômica		
Fitotopônimo , porque o elemento específico <i>umi</i> revela filiação à flora brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> , de um formante: <i>umi</i> , pertencente à LGA, de origem Tupinambá, aportuguesado em <i>ubim</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
Umbi > ubi > ubim: 1) Substituição mb>b por desanalização (ubî). 2) Substituição i>ĩ por nasalização (ubim). Mudanças fonéticas: desanalização (mb>b), nasalização (i>ĩ).		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Uruçu (143)	(LGA) Urusu	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Houaiss e Villar (2009, p. 1912)	<p>Uruçu: s.f. (1817 cf. CasCorBr) ENT B 1 design. comum a diversas spp. maiores de abelhas sociais, da subfam. dos meliponídeos; iruçu [Estão neste grupo spp. que ger. medem mais de 10 mm de comprimento.] 1.1 abelha social (<i>Melipona scutellaris</i>), da subfam. dos meliponídeos, característica do Nordeste brasileiro, com cabeça e tórax fulvo vivo em contraste com o abdome preto com finas faixas brancas marginais; abelha-uruçu, uruçu-boi, uruçu-de-caboclo [É considerada uma das mais belas spp. brasileiras.]. ETIM tupi <i>eiru'su</i> 'abelha da família dos meliponídeos', cf. <i>e'ira</i> ou <i>'ira</i> 'mel, que tem mel', red. de <i>ei'ruwa</i> 'abelha' e <i>-uçu</i> (red. de <i>gwa'su</i> 'grande'); f.hist. 1817 <i>uruçu</i>, 1899 <i>uruçu</i>, 1946 <i>urussú</i>.</p>	
Stradelli (2014, p. 519)	Urusu: casta de belha amarelada.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: presença de abelhas <i>urusu</i>. Sentido original: <i>Comunidade Urusu</i>. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia abelhas <i>uruçus</i>.</p>		
Classificação taxonômica		
Zootopônimo , porque o elemento específico <i>urusu</i> revela filiação à fauna brasileira.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação <i>simples</i> , de um formante: <i>urusu</i> , pertencente à LGA, de origem Tupinambá, aportuguesado em <i>uruçu</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
<p>Urusu > uruçu: 1) Substituição s>ç, característica da ortografia em língua portuguesa (uruçu). Mudanças fonéticas: não houve mudança fonética no uso em LGA para o português.</p>		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Urumajó (144)	(LGA+LGP) Uarumã+yo	Rio
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 142)	Guarumã: s.f. [< T. iuaru'ma]. Planta da família das marantáceas.	
Stradelli (2014, p. 514)	Arumã: guarumã.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: rio. Elemento Específico: referência à planta. Sentido original: <i>Rio Urumajó</i>. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de rio, sem a percepção de lugar onde havia arumã (arimã).</p>		
Classificação taxonômica		
Fito-proeletsitopônimo , porque o elemento específico <i>arumãyo</i> revela filiação à flora brasileira e à procedência.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação composta, de dois formantes: <i>arumã</i> e <i>yo</i> , pertencente à LGA e à LGP, respectivamente, ambos de origem Tupinambá, aportuguesados em <i>urumajó</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
<p>Arumã + yó > arumãyo > arumayo > arumajó > urumajó: 1) justaposição de <i>arumã</i> e <i>yo</i> (<i>arumãyo</i>). 2) Substituição <i>ã>a</i> por desanalização (<i>arumayo</i>). 3) Substituição <i>i>j</i>, fenômeno muito comum em LGA, por consonantização da semivogal (<i>arumajó</i>). 4) Substituição <i>a>u</i> por assimilação vocálica (<i>arumajó</i>). Mudanças fonéticas: desanalização (<i>ã>a</i>), consonantização (<i>i>j</i>), assimilação vocálica (<i>a>u</i>).</p>		
Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Urumajozinho (145)	(LGA+LGP+LP) Uarumã+yo+zinho	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Cunha (1978, p. 142)	Guarumã: s.f. [< T. iuaru'ma]. Planta da família das marantáceas.	
Houaiss e Villar (2009, p. 1975)	Zinho: substantivo masculino, pouco usado. Uso: informal, pejorativo. Indivíduo sem expressão, sem importância; sujeito.	
Stradelli (2014, p. 514)	Arumã: guarumã.	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade. Elemento Específico: referência ao Rio Urumajó. Sentido original: <i>Comunidade Urumajozinho</i>. Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, com referência ao rio, mas sem a percepção de lugar onde havia arumã (arimã).</p>		
Classificação taxonômica		
Pólio-dimensiotopônimo , porque o elemento específico <i>urumajó</i> revela filiação a nome de comunidade. Sugere-se tal classificação porque <i>urumajó</i> não mais se refere à planta, mas sim à comunidade, que emprestou o nome do rio.		
Morfologia e Língua de nomeação		
A composição morfológica consiste em uma formação híbrida, de 3 formantes: <i>arumã</i> , <i>yo</i> e <i>zinho</i> , pertencente à LGA, à LGP e à LP, respectivamente, os dois primeiros de origem Tupinambá, aportuguesados em <i>urumajó</i> , caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.		
Mudança fonética		
<p>Urumajó + zinho > urumajozinho: 1) Justaposição de <i>urumajó</i> e <i>zinho</i> (<i>urumajozinho</i>). Mudanças fonéticas:</p>		

Continua...

Quadro 22: continuação.

Topônimo	Composição	Acidente geográfico
Urupiúna (146)	(LGA) Urupê + una	Comunidade
Fonte bibliográfica	Verbetes	
Stradelli (2014, 519, 517)	<p>Urupé: gurupé, cogumelo orelha-de-pau; nome comum a várias espécies de <i>Licana</i>.</p> <p>Una: sufixo com significação de preto, negro. <i>Uiraúna:</i> graúna, pássaro preto.</p>	
Estrutura toponímica		
<p>Elemento Genérico: comunidade.</p> <p>Elemento Específico: cogumelo (urupê) e coloração escura (uma).</p> <p>Sentido original: <i>comunidade urupeuna</i>.</p> <p>Sentido atual: o conjunto binômico, composto pelos elementos genérico e específico, não é mais percebido atualmente, isto é, o significante sinaliza apenas para o sentido genérico de comunidade, sem a percepção de lugar onde havia grande quantidade de <i>algodão</i>.</p>		
Classificação taxonômica		
<p>Fitotopônimo, porque o elemento específico <i>urupê</i> revela filiação à flora brasileira. No entanto, deve-se ressaltar a possibilidade de, também, ser classificado como Corotopônimo, pois o elemento específico <i>urupé</i> pode se referir a nome de comunidade.</p>		
Morfologia e Língua de nomeação		
<p>A composição morfológica consiste em uma formação híbrida, de três formantes: <i>arumã</i>, <i>yo</i> e <i>zinho</i>, pertencente à LGA, à LGP e à LP, respectivamente, os dois primeiros de origem Tupinambá, aportuguesados em <i>urumajó</i>, caracterizando uma nomeação em LP, por empréstimo à LGA.</p>		
Mudança fonética		
<p>Urupé + una > urupeuna > urupiuna: 1) Justaposição de <i>urupé</i> e <i>una</i> (urupeuna). 2) Elevação e>i por assimilação vocálica parcial (urupiuna).</p> <p>Mudanças fonéticas: assimilação vocálica parcial (i>e).</p>		